STEFAN PETRUCHA

JACK, O ESTRIPADOR EM NOVA YORK

1895, UM JOVEM DETETIVE NO ENCALÇO DO SERIAL KILLER MAIS FAMOSO DA HISTÓRIA

Para Shelby, porque ele sempre teve aquele olhar.

23 de maio de 1895

BIBLIOTECA LENOX

– Vou mostrar um segredo pra você.

Elizabeth B. Rowley gostou da confiança dele. Normalmente, ela andava às voltas com homens carecas e bigodudos ou com rapazes mais novos, tão desajeitados quanto os macacos do zoológico do Central Park. Mas aquele era diferente... Estava mais para um *lobo*. Ela gostou do modo como ele a havia tirado daquele grupo sem graça. Enquanto os filhinhos de papai e as damas da alta sociedade, com chapéus e vestidos enormes, se aglomeravam no salão principal de pé-direito altíssimo, ali estavam eles, cercados por prateleiras abarrotadas que continham sabe-se lá que segredos.

– Será que não sentirão nossa falta? – perguntou ela. – Eu não queria ser indelicada.

Ele sorriu.

– Absolutamente! Não permita que eu seja má influência. Tenho certeza de que a festa deve estar muito mais interessante.

Do outro lado das estantes, as famílias Astor, Guggenheim, Rockefeller e outros membros da alta sociedade falavam disso e daquilo. De cultura empresarial. Do clima de maio. Do novo comissário da polícia, Roosevelt – se conseguiria fazer algo de bom numa força policial tão corrupta que era difícil distingui-la das gangues de rua.

– Onde está seu segredo? Espero que esteja por aqui, senhor...?

– Assim que descermos as escadas, mas receio que esteja um pouco escuro...

– Então devo confiar no senhor pra me guiar – disse ela, pousando a mão sobre o braço dele, impressionada com seus músculos fortes. Ele também era bem alto.

O desconhecido a levou para mais longe do grupo enfadonho, passando por mais e mais estantes, até que chegaram a uma porta antiga, cujas dobradiças soltavam um gemido triste. Atrás dela, havia uma escadaria íngreme que, embora iluminada por uma lâmpada elétrica, mergulhava na escuridão.

Ele desceu na frente. A mão dela ainda pousava sobre seu braço quando chegaram ao fim da escada. O homem seguiu adiante, desaparecendo na

escuridão. Ela conseguiu dar mais dois passos sozinha e adentrou um amplo espaço tomado pelo cheiro de livros.

– Não conseguiram custear as instalações elétricas de todo o prédio – disse a voz sem corpo do homem.

– Uma pena – respondeu ela, encontrando a silhueta dele quando o viu torcer a válvula de uma velha e fraca lâmpada a gás colocada na parede. Com o leve silvo do gás, ele enfiou as mãos nos bolsos.

– Discordo – falou, tirando do bolso um palito de fósforo. – Sempre odiei as lâmpadas do senhor Edison. Fortes demais.

Riscou o fósforo na parede de gesso, gerando uma faísca, anéis de fumaça e, por fim, uma pequena e calorosa chama. Quando a encostou no lampião, uma chama amarela bruxuleou no bocal.

– Isso é muito mais suave.

Uma série de prateleiras sepulcrais apareceu sob a luz. Elas pareciam se estender infinitamente. Com o tremular da luz, as sombras pulsavam.

– Ela torna até a escuridão mais vívida. Como a batida de um coração.

Antes que ela pudesse pensar numa resposta inteligente, ele a conduziu até o corredor central. Parou depois de andar um quarto do caminho e passou o dedo pelas lombadas envelhecidas dos livros. Temendo estar quieta há tempo demais, ela se esforçou para dizer algo interessante.

– O senhor já foi publicado? É um escritor?

– Eu? Não, não. Escrevi algumas... cartas, mas só isso – disse ele, retirando um livro grosso da prateleira.

Ela se aproximou, sentindo o calor do casaco dele.

– É esse o seu segredo? Não vai me mostrar o que é?

– Que tolice a minha. Elizabeth Rowley, conheça *Os crimes de Jack, o Estripador*, publicado em 1891.

Ela conteve um riso nervoso.

– Nossa, parece literatura de horror barata! Esse não é aquele assassino de Whitechapel que matou aquelas pobres mulheres em Londres, sete anos atrás?

– Pobres em mais de um sentido – respondeu ele, folheando o livro. – Elas viviam em péssimas condições e mal conseguiam se alimentar à custa dos outros. Ele nunca tocou numa mulher rica.

– Claro que não. Ele não se atreveria.

Ele se voltou para ela.

– Nunca o pegaram, então é difícil saber *o que* ele se atreveria ou não a fazer, não acha?

– O que há nesse assassino terrível que interessa o senhor?

– É apenas este livro *em particular* – respondeu ele. – A edição é péssima,

cheia de erros factuais e com uma gramática que faria um colegial se envergonhar. É por isso que não existem muitas cópias. No entanto, tem o diferencial de ser o *único* livro sobre o insolente Jack com... isto.

Mostrou o livro aberto num fac-símile. Mesmo à luz da chama distante, ela pôde distinguir as palavras escritas numa caligrafia bruta.

– Li muito sobre isso, mas nunca tinha visto o bilhete em si – observou ela.

Ele pegou o livro de volta.

– Poucos aqui viram. Esta é a única cópia em que alguém em Nova York poderia pôr as mãos sem ter de entrar em contato com a Scotland Yard, em Londres.

Com um forte estalo, arrancou a página e a colocou no bolso.

– Agora... não há nenhuma.

Os olhos dela se arregalaram. A violação era ousada, porém ele deveria ter suas razões. Enquanto ele colocava o livro de volta no lugar, ela começou a pensar numa explicação.

– É um homem da lei, senhor...?

– Depende de a que lei a senhorita se refere. Eu sigo a minha própria.

Um lampejo a fez virar a cabeça para a mão dele, que agora segurava uma longa e afiada faca cuja lâmina refletia o brilho amarelado vindo da lamparina a gás. Quando Elizabeth B. Rowley voltou a levantar os olhos, a mão dele já estava em sua garganta. Qualquer som que ela pudesse ter emitido, qualquer objeção que pudesse ter feito, foram abafados pelo forte punho dele.

Ele a levantou com firmeza até que, a começar pelos calcanhares, os pés dela não mais tocassem o chão.

– E, por favor, não vamos nos deter com formalidades – pediu ele. – Você pode me chamar de Jack.

2

Cercado de sons perturbadores por todos os lados, Carver Young se esforçou para manter a mão firme. Ele precisava se concentrar. *Precisava*. Sabia que conseguiria fazer aquilo. Não era um menininho com medo do escuro. Na verdade, *adorava* o escuro. Mas as rachaduras nas paredes do sótão deixavam o vento correr solto. Papéis velhos esvoaçavam como pássaros assustados. Roupas bolorentas farfalhavam, como possuídas por espíritos. E então o cutelo, encravado no teto, bem acima dele, se mexeu.

Aquilo era demais. Carver deu um passo para trás, fazendo a tábua do assoalho ranger.

"Não! Se alguém lá embaixo me escutar..."

Praguejando, engatinhou de volta sob a lâmina. Ela não cairia. Estava lá havia anos. Não tinha por que cair naquele momento. Respirando fundo, voltou a examinar a tranca. O buraco da fechadura era estreito, e os pinos que prendiam o cilindro do miolo eram difíceis de alcançar. Claro que *logo essa* seria a única fechadura no Orfanato Ellis que lhe daria trabalho.

Aquela não era sua primeira infração, mas era a que poderia mudar sua vida. Invadir a cozinha ou afanar materiais escolares era perdoável e registrado como "indiscrição juvenil", nas palavras da senhorita Petty. Dessa vez, porém, ele poderia ir parar atrás das grades.

Certeza que Finn e sua gangue ficariam muito satisfeitos com isso. O magrelo Carver trancafiado nos calabouços, encurralado entre assassinos e assaltantes, enquanto Finn, um ladrão *de verdade*, permanecia livre. Mas Sherlock Holmes e Nick Neverseen não fariam o mesmo? Não burlariam a lei para chegar à verdade?

O cutelo voltou a ranger, como se estivesse ansioso para punir alguém. Antes de vê-lo com seus próprios olhos, Carver achava que se tratava de uma mentira que os pequenos contavam para assustar uns aos outros. A história contava que um garoto qualquer foi pego roubando biscoitos de Curly, o cozinheiro. Bêbado como um gambá e furioso como o diabo, Curly pegou o cutelo e seguiu o menino até o sótão, mas, quando levantou a faca para golpeá-lo, o pobrezinho se ajoelhou e começou a chorar. O cozinheiro ficou com dó e, em vez de atacar o garoto, jogou a faca para cima.

Talvez a lâmina tivesse sido deixada ali como um aviso, como uma caveira num tesouro de piratas. Não! Era mais como aquela antiga lenda grega da

Espada de Dâmocles. Dâmocles sentia muita inveja de um certo rei, o qual, então, se ofereceu para que trocassem de lugar. O "rei" Dâmocles ficou animadíssimo, até olhar para cima e ver uma espada pendendo sobre sua cabeça, presa por um barbante. Ele entendeu a questão. O preço do poder era o medo.

Era por isso que a mão de Carver não parava de tremer?

Do outro lado da porta estavam os arquivos secretos de todos os órfãos do Ellis, incluindo os que haviam ido embora e os que, assim como ele, estavam lá havia mais de uma década. Carver não sabia nada sobre os próprios pais, nem seus nomes, nem como eram, muito menos como viviam, ou se já tinham morrido. Seu sobrenome, Young, foi inventado pela senhorita Petty, pois ele ainda era um bebê quando chegou. Desde que começou a arrombar fechaduras, pensou em subir ali e descobrir o que a senhorita Petty *não* lhe contara. Ela sempre hesitava muito ao conversar sobre o passado dele. Agora que a diretora saíra, ele tinha a oportunidade que precisava.

Ao menos era o que achava. Depois de uma hora tentando, a fechadura não cedia à sua coleção de pregos curvados. Ou eles eram grossos demais ou tinham o formato errado, e ele não conseguiria curvá-los naquele instante.

Deu um passo para trás e olhou ao redor, em busca de alguma outra coisa que pudesse usar. O longo e vasto sótão estava abarrotado de caixas em desordem, cabides de roupas e baús – um cemitério de lembranças. Algo colorido no meio do breu chamou sua atenção. Entre uns blocos de alfabeto mordidos e gastos estava seu antigo brinquedo favorito, um velho caubói de corda, montado num cavalo.

Esse brinquedo, que era de uma criança rica, tinha vindo da Europa e fora doado porque estava velho e quebrado. A senhorita Petty ficou admirada quando Carver, com apenas cinco anos na época, consertou-o. O Homem Caubói, como ele o chamava. Agora, aos catorze anos, ele levantou o brinquedo. A chave de dar corda estava solta. Tinha quebrado de novo, mas talvez pudesse ajudá-lo uma última vez.

Usando seu prego mais grosso, Carver abriu o cavalo. Dava a impressão de que alguém tinha derrubado leite dentro dele anos atrás, mas as peças estavam intactas. Seria possível consertá-lo novamente, mas ele não precisava de um brinquedo. Em vez disso, retirou o arame que movimentava as patas do cavalo para a frente e para trás. Era fino o bastante, mas estava enferrujado. Provavelmente quebraria. Mesmo assim, valia a pena tentar.

Ele o dobrou com cuidado e, quando ficou satisfeito com o formato, deslizou-o para dentro do buraco da fechadura. Lentamente virou-o. Houve um estalo. O cilindro tinha girado. A porta se abriu para dentro. Tinha conseguido!

Dando um risinho de deboche para o cutelo, entrou numa sala acinzentada,

repleta de armários de arquivos. Estava muito escuro para ler as etiquetas, mas Carver imaginou que a gaveta do canto inferior direito contivesse os *X-Y-Z*. Quando a abriu, o metal seco rangeu alto. Aquilo não devia ser ilegal. Afinal de contas, a única coisa que ele queria era *seu próprio* arquivo.

Retirou todos os arquivos e os levou até um fraco raio de sol. Enquanto examinava a incômoda pilha, uma brisa derrubou um pedaço de papel que estava no final do monte. Com medo de derrubar a pilha toda caso se inclinasse para pegá-lo, colocou o pé em cima dele e o manteve assim, enquanto estudava os outros.

Nenhum na letra *X*, mas alguns na *W* – *Welles*, *Winfrey*, *Winters*. Lá estava ele, embaixo de todos: *Young, Carver*.

Colocou a pilha em cima de um velho baú e pousou uma gaiola em cima, para que os papéis não voassem. Ansioso, abriu seu arquivo. Nada. A única coisa que havia lá era um cartão anexado igual ao que ele vira no escritório da senhorita Petty, que listava o nome do órfão e todos os pertences que tinham chegado junto com ele. A linha dos nomes dos pais estava em branco. Sequer mencionava a mulher que, pelo que a senhorita Petty havia dito, o levara para o Ellis quando era um bebê.

O cartão tinha apenas um registro, na letra pequena e caprichada da senhorita Petty, datado de 1889. Uma carta havia sido recebida da Inglaterra. Dos pais dele? Não dizia.

Carver baixou os olhos. O papel ainda estava embaixo de seu pé. Depois de deixar a pasta de lado, pegou o pequeno papel dobrado num retângulo imperfeito. Era uma carta. O papel era grosso e escrito com uma caneta-tinteiro que borrava em grandes manchas. A caligrafia era grosseira, quase um garrancho.

18 de julho de 1889

Não hei de desistir, mas tenho de parar por enquanto, Chefe. Não pense que liquidei a fatura. Eu ainda não me curvei, e a faca ainda está boa para mais obras grandiosas. Mas é meu sangue desta vez, e ele ainda corre. Pensei que ela tivesse morrido cedo demais para ter o nosso único rebento, mas não. Ele deve ter oito anos agora, e ouvi dizer que tem uma marca no ombro no formato de uma orelha, pela qual posso encontrá-lo. Da mesma cor também. Aposto que gostaria do mesmo ofício, depois que começasse a participar de meus joguinhos. Mas isso terá de esperar. Tente não sentir a minha falta.

A seu dispor,

Carver leu e releu a carta. Na quarta vez, alguns pedaços começaram a fazer sentido.

"Pensei que ela tivesse morrido cedo demais para ter o nosso único rebento, mas não."

"...ouvi dizer que tem uma marca no ombro no formato de uma orelha..."

Quem escreveu pensou que seu filho tinha morrido no parto, assim como sua esposa. Carver tinha oito anos em 1889 *e* tinha uma marca de nascença no ombro. A carta havia sido escrita pelo *pai dele*!

Seu pai tentara vir atrás dele... E se ainda estivesse vivo? E se seu pai ainda estivesse por perto, procurando-o?

3

Depois de roubar umas maçãs da despensa, Carver sentou-se à sua minúscula cama no dormitório masculino. Antes da hora de dormir, o solitário salão ficava vazio, já que todo mundo estava trabalhando ou brincando, o que fazia de lá o lugar perfeito para ficar a sós com seu prêmio.

Estava tão absorto, estudando a carta linha por linha e memorizando todas as curvas da tinta, que quase não notou quando a senhorita Petty passou pela porta. Mal tinha enfiado a carta no bolso quando a alta e magra mulher curvou um dedo em sua direção e disse, aborrecida:

– Venha comigo.

Será que tinha descoberto? Mas já? Ele tinha tomado tanto cuidado!

Em silêncio, Carver seguiu a matriarca, que o levou escada abaixo para o estreito corredor em que ficava seu escritório, entre o refeitório e a cozinha. Era sempre muito rígida, mas não desse jeito. Devia estar furiosa. Devia ser isso, então: ele tinha ido longe demais.

Ele estava prestes a se desculpar e se explicar quando viu que já tinha gente no escritório. Finn Walker e Delia Stephens estavam sentados num banco para crianças, parecendo extremamente desconfortáveis.

Quando viu Carver, Finn estreitou os olhos e resmungou com sua voz, que já era grave:

– Se ele falou que eu fiz alguma coisa, mentiu de novo.

Por maior que ele fosse, a senhorita Petty o silenciou com um único olhar de relance.

Finn se metia em mais encrencas do que Carver, mas o que Delia estava fazendo ali? A jovem morena de rostinho redondo estava no Ellis havia quase tanto tempo quanto Finn e ele, mas o comportamento dela era impecável. O vestido de algodão que ela usava era leve demais para aquele clima, contudo, ela estava vermelha e suando como se tivesse sido arrancada da lavanderia no meio das tarefas.

O que estava acontecendo?

– Sente-se.

Para manter certa distância de Finn, Carver se apertou entre Delia e a parede.

Depois de fechar a porta, a senhorita Petty deu a volta em torno deles. No entanto, em vez de iniciar uma gritaria de estourar os tímpanos, pigarreou e

começou, numa voz trêmula:

– O prédio foi vendido. Vamos comprar um local mais ao norte, com um campo e um ginásio. O dinheiro que sobrar nos financiará durante muitos anos.

Finn deixou escapar exatamente o que Carver estava pensando:

– Mas eu não quero ir embora da cidade!

– Quieto! – disse Delia. – Não vê que ela ainda não terminou? Ela tem mais alguma coisa pra falar.

Uma expressão hesitante passou pelo rosto da diretora, mas ela a apagou como um erro no quadro-negro.

– O conselho também decidiu que não poderemos mais alojar residentes com mais de treze anos de idade. Eu fiz um último apelo pra que nossos residentes mais antigos, vocês três, tivessem permissão pra permanecer, mas ele foi sumariamente rejeitado. Lamento, mas creio que vocês três terão de tomar outras providências.

Ao ver as expressões perplexas dos jovens, a senhorita Petty se levantou, deu um passo em direção a eles e, num raro gesto de afeto, passou a mão no rosto de Delia:

– Eu adoraria oferecer um emprego pra você em nossa nova cozinha, mas, no seu caso, estou confiante de que isso não será necessário.

Uma expressão mais severa havia sido reservada para os garotos:

– Quanto a vocês dois, eu ainda lamento não ter conseguido representar tanto uma figura materna quanto paterna. Vocês dois precisam *muito* de um pai. No entanto, se é que a minha opinião vale alguma coisa pra vocês, sugiro enfaticamente que, caso não queiram parar no olho da rua, tirem todas as diabruras de suas cabeças e tentem causar a melhor impressão possível no Dia dos Possíveis Pais, na semana que vem.

– Mas – soltaram Finn e Carver ao mesmo tempo.

Ela os interrompeu:

– Não posso prometer nada, mas se vocês fizerem o que eu pedir é possível que aconteça uma surpresa pra vocês dois. Como o pai do novo comissário da polícia foi um grande benfeitor pro Ellis, consegui convencê-lo a participar, o que trará grande atenção ao evento. Se houver alguma chance de vocês evitarem a vida de trombadinhas de rua, essa chance estará lá.

Finn parecia confuso, mas Carver se animou.

– Roosevelt? Ele está trabalhando no assassinato da biblioteca! Dizem que o corpo foi...

A senhorita Petty fechou os olhos.

– Carver, por favor. Fico contente por você andar lendo, mas se você ampliasse um pouco seus horizontes, talvez tivesse um assunto menos

desagradável sobre o qual conversar.

– Desculpe.

Ela fez uma careta.

– Claro. Agora, saiam, por favor. Eu ainda preciso fazer alguns preparativos e todos vocês terão de pensar seriamente no que fazer.

Mas, ao saírem do escritório, a única coisa que Carver tinha em mente era que poderia conhecer um detetive de verdade que poderia ajudá-lo a encontrar seu pai.

4

Eles desceram pelo corredor. Delia e Finn estavam taciturnos, mas a cabeça de Carver estava a mil.

– Estão dizendo que ela foi assassinada sem piedade – disse, animado.

Delia revirou os olhos.

– Eu li no jornal.

– Todo mundo dançando e conversando enquanto ela gritava bem debaixo deles! E eles nem conseguiam ouvir.

De repente, Finn empurrou Carver contra a parede. Ele apertou seu braço forte contra o peito do menino menor e aproximou seu rosto do dele.

– Cale a boca!

Cansado dos anos de intimidação, Carver se recusou a ceder.

– Ou o quê? Vai me bater bem na frente do escritório da senhorita Petty? Nem você é tão idiota.

Mas Finn não o soltou.

– Não pense que eu esqueci o que você fez comigo.

– Eu fico admirado, Finn, sério. Eu ainda fico surpreso por uma besta que nem você saber *falar*.

Finn empurrou mais forte, tirando o ar dos pulmões de Carver.

– Eu *não* roubei aquele medalhão!

Delia olhou os dois com desprezo.

– Solte o Carver, Phineas. Nós já não estamos enrascados o bastante?

O brutamontes resmungou, mas logo baixou o braço. As costelas de Carver doíam. Ele queria estremecer de dor, mas se forçou a não demonstrar nada. Afinal, ele estava com a razão.

Na semana anterior, o medalhão de Madeline, uma menina de dez anos de idade, tinha sido roubado. Era a única coisa que lhe restara de sua mãe. A senhorita Petty anunciou que, se ele fosse parar na mesa dela até a manhã seguinte, não haveria perguntas. No entanto, isso não bastava para Carver. Ele se escondeu dentro do armário do lado da porta e esperou até que Finn, sem demonstrar muita culpa, apareceu e colocou o medalhão de Madeline sobre a mesa.

Já bastava Finn e sua gangue terem o domínio do lugar, e que seu rostinho bonito sempre o ajudasse a se safar de tudo. Mas roubar o medalhão de uma garotinha pobre por uma ninharia de ouro? Carver havia aguentado demais.

Afanou o medalhão de volta, levou-o até o dormitório masculino e esperou pelo ronco pesado, que assegurava que Finn tinha caído no sono. Então, se levantou sorrateiramente e pousou o medalhão sobre o peito estufado do valentão.

Na manhã seguinte, todos acordaram quando Tommy, um dos meninos mais novos, gritou:

– Finn está com o medalhão!

Enquanto os outros o cercaram, sonolentos, Finn arregalou os olhos para a corrente pendurada em seu indicador. Seria perfeito se Carver não tivesse arruinado tudo sorrindo demais. Quando Finn o viu de soslaio, mesmo sem ter como descobrir o que havia acontecido, soube que Carver tinha algo a ver com aquilo.

Rápido como uma locomotiva, avançou em direção a Carver, jogando a cama para trás ao se levantar. Porém, antes que o peso-pesado o alcançasse, a senhorita Petty chegou e arrastou Finn pela orelha, fazendo seu rosto ficar no mesmo tom vermelho-vivo de seu cabelo. O detetive Young havia solucionado mais um crime. Uma justa punição seria imposta.

Ou não. Sabe-se lá o que tinha acontecido atrás das portas do escritório, mas Finn não parecia em apuros. Carver mal podia imaginar o que havia acontecido ou por que Finn ainda teria a chance de se vingar. Tudo tinha sido muito confuso. Mesmo agora, quando Finn saiu pisando duro, em vez de agradecer, Delia olhou Carver com reprovação.

Carver se sentiu embaraçado.

– Ele roubou o medalhão da Madeline. Eu vi quando ele tentou devolver!

– O Phineas não é um ladrão – afirmou ela, estreitando os olhos.

– Ele tem feito *todas as outras* coisas de ruim, não é? Há *anos*!

– Exceto roubar – repetiu ela, com calma. – Não é do feitio dele. Ao contrário de alguém que eu conheço, que está sempre cheio de maçãs.

Carver se enfezou:

– Ah, entendi. Você tem uma quedinha por ele, que nem as outras garotas.

Ela pestanejou.

– Só porque não acho que ele seja um criminoso não significa que eu queira casar com ele. E mesmo se ele fosse o culpado, senhor grande detetive, essa era realmente sua melhor jogada? Ele poderia ter te partido ao meio – suspirou ela. – Você deve achar que está fazendo a coisa certa, e a senhorita Petty costuma dizer que, quando um burro voa, não devemos questionar a altura que ele voa, mas o simples fato de ele voar.

Carver se sentiu diminuído de repente.

– Você me acha burro?

– Não, eu acho você *diferente*. O simples fato de ter enfrentado o Finn já

mostra isso – comentou ela, examinando-o como se suspeitasse de algo. Em seguida, apontou para os bolsos salientes dele. – Não é um bom esconderijo pra maçãs. Posso comer uma?

Resmungando, ele tirou uma para cada um deles. Delia deu uma mordida.

– Talvez você devesse parar de roubar coisas da cozinha até o Dia dos Possíveis Pais.

– Perda de tempo – retrucou ele, dando de ombros. – Eu já estou com catorze anos, sou grande demais pra ser o filhinho de alguém... *magrelo* demais pra trabalhar em alguma coisa.

Ela não discordou:

– A senhorita Petty diz que eu nunca fui adotada porque sou inteligente demais. Os homens não querem ninguém colocando ideias na cabeça das mulheres deles. Esse também é o motivo por que ela nunca sugeriu que eu fosse pro Trem dos Órfãos. Acho que eu ficaria maluca trabalhando numa fazenda.

– Eu era *magrelo* demais pro Centro-Oeste – observou ele, repetindo a palavra ainda na esperança de que ela discordasse. – Tanto faz. Eu gosto daqui. O prédio mais alto, a maior ponte... Do que mais precisamos?

– É... É por isso que eu tratei de mexer meus pauzinhos. Eu tenho me correspondido com Jerrik e Anne Ribe. Eles trabalham no *New York Times*. Ele é repórter e ela trabalha no departamento de lazer. Eles virão me conhecer no Dia dos Possíveis Pais.

Carver soltou um assobio alto.

– O *New York Times*? É quase tão bom quanto o *Herald*, não é? Que bom pra você, Delia, sério.

Ela sorriu de viés.

– Já existiram algumas repórteres mulheres, mas eles dizem que o melhor que eu posso esperar é algum trabalho numa coisa chata, como a seção pras donas de casa.

– Eles seriam doidos se não dessem uma chance pra você. Seria ótimo, não? Cobrir assassinatos, desmascarar criminosos...

– Algo assim – respondeu ela, com um olhar maroto. – Na verdade, eu tenho praticado com você. Você encontrou alguma coisa no sótão hoje? – questionou ela, voltando a morder a maçã.

5

– Quê? – disse Carver. – Mas como...?

– É simples. Eu estava levando as roupas limpas e ouvi um rangido. Achei que fosse um rato, até que entrei e vi você mexendo naquela fechadura. Você estava tão compenetrado que, mesmo se eu fosse um elefante, não teria me notado. Acho que precisa admitir que você tem um senso estranho de justiça, entregando o Finn, mas quebrando as regras quando lhe convém.

Carver ficou tenso.

– Pelo menos você sabe onde sua mãe está; até a vê uma vez por mês. Ela só não pode sustentar você. Eu fui deixado na beirada da porta numa cesta, como num conto de fadas. Eu adoro histórias de mistérios, mas sou o maior mistério que conheço. O que há de errado em tentar descobrir quem são os meus pais?

– Nada – disse ela, abrandando a expressão –, mas eu realmente não acho que a senhorita Petty esconderia alguma coisa de você.

– Mas escondeu – respondeu sem pensar.

– Ah, então o que você descobriu? – inquiriu ela. Ao ver a hesitação de Carver, deu um soco no ombro dele. – Eu não vou contar pra ninguém, Carver. A gente se conhece a vida inteira. – Ela fez uma pausa antes de acrescentar: – Não se você me contar o que é...

Carver estava morrendo de vontade de contar para alguém. Por que não Delia?

– Tudo bem, mas não aqui.

Puxando-a pelo cotovelo, ele a levou escadaria acima até uma sala de aula vazia, no segundo andar. Já era tarde, e a única luz vinha de um poste na rua. Como sempre, a escuridão o confortava. Era mais frio ali também. Carver ficou um pouco preocupado que Delia ficasse com frio naquele vestidinho leve, mas, quando uma brisa fresca vinda da fresta da vidraça passou pelo rosto suado da garota, ela abriu um sorriso de satisfação.

Carver começou a pensar em como ela ficava bonita quando olhava para ele com aquele olhar penetrante.

– Então?

Com um suspiro exagerado, ele tirou a carta do bolso. Ela o fitou, espantada.

– Dos seus pais? Eles estão vivos? Por que a senhorita Petty esconderia isso de você?

Ele fez um sinal para que ela se aproximasse.

– Isso é tudo o que eu sei. Leia.

Juntos, examinaram a carta cerimoniosamente. Tendo decorado as palavras, Carver tentou ler alguma mensagem nas entrelinhas, para sentir a presença de seu pai, o homem que tinha segurado a caneta-tinteiro e pensado aquelas coisas. O esforço o deixou tenso e ele não sabia dizer por quê.

Ele apontou para o papel.

– Ele escreveu *cor* errado.[1]

– É assim que eles escrevem na Inglaterra – disse Delia, franzindo o cenho cada vez mais enquanto lia. – Parece... parece que foi escrita por um louco.

Estranhamente, Carver se sentiu na defensiva.

– Ou talvez não faça sentido de propósito, como uma pista. Fala sobre uma marca, não fala? É a minha marca de nascença.

Ela examinou o rosto e os braços dele.

– Onde?

Louco para provar sua teoria, ele tirou metade da sua camisa e virou de costas para ela.

– Você não está mais tão magrelo, hein. Está ganhando alguns músculos.

Carver tentou não corar.

– Vê? No meu ombro direito?

Delia se aproximou.

– Quando foi a última vez que você tomou um banho? Eu só estou vendo a sua imundície.

Ele sentiu os dedos dela na sua pele. A sensação era boa, até ela esfregar mais forte.

– Não sai! É uma marca de nascença.

– Desculpe. Realmente parece uma orelha. Carver... é *mesmo* uma carta do seu pai, não é?

Ele abotoou a camisa de volta.

– Então, o que eu faço? Não posso contar pra senhorita Petty.

Delia deu de ombros.

– Eu tentaria encontrar algum policial pra ajudar. Alguém que trabalhasse pra cidade e tivesse acesso aos arquivos, como...

– Roosevelt! – exclamou Carver, animado. – Se você pode escrever pro *Times*, por que eu não posso escrever pra ele?

– Eu estava pensando num oficial de cartório ou bibliotecário – falou ela, parecendo preocupada. – O comissário da polícia? Por que não escreve pro Sherlock Holmes também?

Carver não lhe deu atenção.

– Ele já foi caçador, caubói e xerife. Tenho certeza que vai querer ajudar. E, se nos conhecermos... Se eu causar uma boa impressão, talvez eu até consiga um emprego, como você no *Times*, não acha?

Delia olhou para ele boquiaberta.

– Ele deve estar muito ocupado, sabe, tentando eliminar toda a corrupção da cidade, trabalhando pra resolver aquele assassinato...

– Não custa tentar – disse, sorrindo. – O que você acha?

– Bem – respondeu ela, devagar. – Com certeza, acho que você pode *tentar*.

---

[1] *Colour* é a grafia britânica do vocábulo. Já os norte-americanos escrevem *color*. [N.T.]

6

Naquela noite, Carver não pregou os olhos. Em vez disso, sob a luz de um velho lampião, trabalhou em sua carta para Roosevelt, revisando-a dezenas de vezes até o raiar do dia. De manhã, colocou-a no correio e, naquela mesma tarde, passou a verificar a caixa, na esperança de uma resposta.

Dias se passaram sem que chegasse uma resposta. Após uma semana, Carver começou a temer que Delia estivesse certa: teria dado na mesma escrever para Sherlock Holmes. Quando chegou o Dia dos Possíveis Pais, ele havia concluído que Roosevelt era um almofadinha pretensioso, que falava demais, mas não dava a mínima para as coisas que realmente importavam.

Em vez de tentar conhecê-lo, Carver ficou num canto, apertado em sua camisa curta demais e se sentindo desolado. Além do colarinho sufocante, as calças coçavam muito, como se o forro estivesse revestido de areia. O pior era que o paletó não fechava o suficiente para cobrir as velhas manchas de comida da sua camisa.

Ao notar sua expressão, a senhorita Petty disse:

– Tenha fé, Young. Quem sabe? Pode haver uma surpresa esperando por você. Afinal, tudo pode mudar.

Ela estava certa quanto a isso. Finalmente tinha ficado claro para ele que sua infância, por mais triste que tivesse sido, estava indo embora. Desde que ele se conhecia por gente, placas de madeira compensada cobertas de personagens das histórias da Mamãe Ganso separavam o refeitório comunitário da entrada principal. Agora, elas haviam sido removidas, criando um vasto salão que cobria quase a quarta parte do primeiro andar.

As mesas de madeira lascada das crianças tinham sido substituídas por mesas de adultos, cobertas por toalhas impecáveis. As janelas, normalmente descobertas, ganharam cortinas cor de vinho. Havia luzes por toda parte, até demais, sem deixar um espaço onde Carver pudesse se esconder da multidão de estranhos.

Quando Delia se aproximou de seu canto solitário, ele ficou com medo de que ela fosse criticá-lo de novo. Em vez disso, porém, ela parecia bem-humorada demais para aquela ocasião.

– Você parece triste – disse ela, em tom jocoso.

Será que ela não percebia? Ele apontou com a cabeça em direção aos

órfãos, misturando-se a uma multidão vestida com uma elegância que ele só havia visto na Quinta Avenida nos domingos, depois da missa.

– É como se estivéssemos numa... numa... como se fala quando uma loja quer acabar com o estoque e todos os produtos têm de ser vendidos com preços bem baixos?

– Liquidação? – sugeriu Delia.

– Cem por cento de desconto! – falou Carver, levantando a mão no ar, como se indicasse um anúncio invisível.

Ignorando-o, Delia puxou seu colarinho apertado.

– Eu me ofereci pra alargar essa camisa pra você, mas a senhorita Petty achou que eu já tinha feito demais pelos outros, mesmo você achando que eu só tenha preparado as crianças pra algum tipo de mercado de escravos.

Isso era verdade. Ela fizera um excelente trabalho, separando as roupas adequadas para cada criança e, então, remendando e costurando todas.

– E eu? – perguntou ela, exibindo seu vestido. – Estou mal?

Não mesmo. Ele quase a confundira por uma das visitantes quando a viu pela primeira vez. O vestido era de um tom mais claro de azul-esverdeado, combinava com os olhos dela, e parecia novo.

– Acho que não – murmurou Carver.

– Vem – disse ela, puxando-o pelo braço –, você não conhecerá ninguém parado nesse canto, sozinho.

– Ninguém está aqui pelos órfãos. Eles só querem babar o ovo do Roosevelt.

Ao lado da mesa de bebidas, um grupo tinha se aglomerado em torno de um homem parrudo com bigode cerrado e óculos pincenê. Seus dentes eram grandes e brancos, seus olhos, pequenos e penetrantes, e sua voz áspera era ouvida em toda parte.

– Eu tenho o departamento mais importante *e* mais corrupto em minhas mãos – declarou Theodore Roosevelt Jr. – Sei muito bem como a minha tarefa será árdua...

– Não passa de um linguarudo – criticou Carver.

– Por quanto tempo você ficará bravo por ele não ter largado todas as investigações de assassinato pra responder à sua carta? – recriminou ela. – Você não adora detetives? Então, os detetives *trabalham* pra ele. Você deveria dizer oi.

Carver se recostou de volta à parede.

– Não se detenha por mim – disse ele.

Ela pigarreou.

– Eu tenho uma notícia. É oficial: eu serei adotada por Jerrik e Anne Ribe. Não exatamente adotada, na verdade. A senhora Ribe quer que eu a chame de

Anne. Enfim, serei mais como uma estagiária e assistente. O *New York Times*! Dá pra imaginar? Olhe, eles estão bem ali.

Delia apontou para um jovem casal no meio do grupo que cercava Roosevelt. Eles estavam bem-vestidos, mas não tão elegantes quanto os demais. O homem, magro, de óculos e com os cabelos bem rentes à cabeça, tinha um bloquinho na mão. Ele se esforçava para chamar a atenção de Roosevelt, esticando-se como uma fuinha. A mulher, de cabelos loiros e cacheados presos num coque aprumado, posicionava a mão sobre os lábios, como se tentasse evitar rir das patetices do marido. Carver gostou deles de imediato.

– Isso é ótimo, Delia – falou, forçando um sorriso.

– Então, coisas boas podem acontecer de vez em quando, não é?

– Pra você! Eu venderei os jornais que você escreverá – respondeu Carver. – Serei um moleque de rua.

– Pare de resmungar! – exclamou ela, voltando a apontar para Roosevelt. – O senhor Ribe diz que todos os repórteres criminais têm escritórios na frente da sede da polícia, na Mulberry Street. Sempre que algo interessante acontece, o comissário Roosevelt se debruça à janela e solta um grito de caubói bem alto: “Yi-yi-yi!”.

– E daí? – disse Carver, dando de ombros.

Ela deu um tapa nele.

– Sério, como você pode ficar bravo com um homem que se debruça à janela e grita “Yi-yi-yi!”? Vá falar com ele.

– E o que eu vou dizer?

Ela soltou um longo suspiro.

– Já passou pela sua cabeça que *ele* pode ser a surpresa que a senhorita Petty sugeriu?

– Mesmo? – indagou ele, franzindo a testa.

– Desculpe por não ter dado tanto apoio a você com aquela carta. Eu estava certa, porém errei no modo como disse aquilo pra você. Quero dizer... mesmo que ele não seja sua surpresa, às vezes você precisa fazer ser.

Ela deu meia-volta e saiu andando.

Seria possível que o comissário Roosevelt quisesse conhecê-lo? Carver poderia voltar a ter esperança?

Saindo de seu cantinho protegido, Carver caminhou ao longo da parede. O que diria? Como diria? Quando chegou a um ponto bem atrás da poncheira, Jerrik Ribe finalmente conseguiu fazer sua pergunta:

– E o assassinato de Elizabeth Rowley? Há rumores de que o corpo foi...

– Opa, opa! – respondeu Roosevelt, numa expressão gentil e educada, mas proferida com tamanha autoridade que soava mais como um “Cale a boca!”. –

Não é uma história pra crianças! – continuou ele, abrindo um largo sorriso para os órfãos aos seus pés e revelando os espaços entre seus dentes.

De súbito, o homem robusto franziu o cenho e se virou em direção a Carver, como se seus instintos de caçador lhe dissessem que estava sendo observado. Por um instante, os olhares se cruzaram.

Carver sentiu algo forte pulsar do homenzarrão. Roosevelt meneou a cabeça, curioso, e então se voltou para o repórter:

– Direi apenas isto: nos primeiros cinco meses de 1895, investigamos nada menos que oitenta assassinatos. Garanto a você que estamos trabalhando no caso em todas as instâncias possíveis!

– Ouvi dizer que...

Mais uma vez, Roosevelt o interrompeu:

– Já enfrentei rinocerontes, leões e até mesmo o antigo chefe da polícia de Nova York, e sempre me mantive firme. Não pense que não consigo fazer o mesmo com você. Peça uma entrevista pra minha assistente, a senhora Minnie Kelly, e eu vou concedê-la, mas só porque ela fala muito bem de sua esposa.

Satisfeito, ainda que um tanto desapontado, Ribe agradeceu.

A senhorita Petty serviu uma dose de ponche a Roosevelt. Ele deu um gole, estalou os lábios e exclamou:

– Delícia!

Sentindo-se incapaz de abordá-lo, Carver saiu despercebido. Trabalhar para a polícia... não passaria de um sonho. É claro que Delia poderia conseguir o que desejava, mas talvez os sonhos não fossem feitos para ele.

7

Com o desenrolar da festa, todos, menos Carver, pareciam estar se divertindo. Mulheres de aparência altiva arriscavam sujar seus vestidos ao se aproximar das crianças. Os homens se ajoelhavam em seus *smokings* caríssimos para uma conversa ou uma brincadeira.

Além de Carver, o único que se mantinha à margem era Finn.

Se o paletó de Carver já era pequeno, o de Finn parecia prestes a explodir. Ele lembrava um macaco adestrado, daqueles que trabalham com menestréis de rua, vendendo sacos de amendoim torrado.

Mas logo seu braço direito, Buldogue, correu em direção ao mentor, falando com euforia. Ele tinha doze anos, mas tinha os ombros tão largos quanto os de Finn. Sua cara achatada o fazia parecer com um buldogue, daí seu apelido. Sua aparência havia feito com que ele fosse desprezado pelos outros, até que Finn o tomasse sob sua proteção, o que lhe garantiu lealdade eterna.

Carver não conseguia ouvir o que ele falava, porém estava apontando para um homem alto e barbudo perto dos sanduíches. Quase todos os garotos da gangue de Finn estavam lá, até mesmo Peter Bishop, um recém-chegado que se sentia mais patriota fazendo parte da gangue de Finn, mas precisava ser incitado a quebrar as regras.

Enquanto Finn ouvia Buldogue, seu aspecto triste foi se transformando. Curioso, Carver se aproximou furtivamente.

– É sério! – esgoelava Buldogue. – Aquele é o coronel George E. Waring, o homem que projetou sozinho os esgotos do Central Park. Ele está procurando jovens como nós pra varrer o lixo no verão e tirar a neve no inverno. Ele paga com dinheiro de verdade! Cinquenta centavos por semana! Um cara como você provavelmente viraria capitão ou coisa do tipo!

– Você acha...? – perguntou o valentão ruivo, empertigando-se.

Um varredor de rua, hein? Era um trabalho braçal, mas seria algo que Finn gostaria de fazer. Mais que isso, ele adoraria ser dono do próprio nariz, livre nas ruas. Suspirando, Carver percebeu que até mesmo seu algoz tinha encontrado um lugar na vida.

Porém, antes que o forte jovem desse um passo à frente, a senhorita Petty apareceu e disse:

– Phineas, estas pessoas gostariam de conhecê-lo.

Ao lado dela, havia um casal vestido de maneira impecável. O homem era

magro como uma cartolina, de rosto fino e expressão grave. O vestido de sua leitoada esposa era tão largo que a barra arqueada impedia qualquer pessoa de se aproximar a menos de um metro dela.

Ela levantou os óculos com um longo cordão prateado e examinou Finn, como se estivesse pensando em transformá-lo num casaco de pele.

A senhorita Petty fez as apresentações:

– Este é o senhor Alexander Echols, promotor público, e sua esposa, Samantha. Falei muito de você pra eles, que estão interessados em talvez adotá-lo.

– Hum... – murmurou Finn, com seus olhos fixos alternando do coronel a seus amigos, do outro lado do salão.

– Ele fala? – perguntou a senhora Echols. – Eu preferia que não, mas de fato ele tem um rosto agradável.

Ao perceber que a mulher não estava brincando, a senhorita Petty respondeu:

– Sim, ele fala. Não é verdade, Phineas?

– É... – disse Finn.

Carver podia perceber que ele suava frio.

– Ah – falou a senhora Echols. – A senhora tem alguma criança bonita que não fale? Nós só precisamos de alguém que fique bem nas fotos.

– Não – respondeu a senhorita Petty, friamente.

Apesar de visivelmente não gostar deles, ela pegou na mão de Finn e o aproximou do casal. Eles eram ricos, o que ela claramente via como uma boa oportunidade para um de seus residentes. Então, *aquela* era a surpresa que esperava por Finn.

Do outro lado do salão, o coronel Waring tirou do bolso um bloquinho de papel. Ele estava lambendo a ponta do lápis, prestes a anotar alguns nomes. Buldogue acenou um tímido tchau para Finn e correu em direção aos outros.

Assim que a senhorita Petty pediu licença, os Echols começaram a falar, como se Finn não estivesse ali:

– Os braços dele estão gordos – observou a senhora Echols, com reprovação.

– Talvez sejam as roupas – respondeu o senhor Echols, dando de ombros. – Mas causará uma ótima impressão tê-lo conosco nos eventos de caridade.

– Parece muito trabalho – disse ela. – Nós não podíamos apenas pegar um emprestado?

– Creio que não – replicou ele. – E a adoção em si fará muito bem pra nossa imagem. Muito *caridosa*, realmente. – Ele se inclinou em direção a Finn e falou com ele, alto e devagar: – Gostaríamos de levá-lo pra casa conosco. Você será

alimentado, vestido e educado. O que me diz?

Carver podia ver a fumacinha saindo da cabeça de Finn. O musculoso garoto ruivo, acostumado a esbravejar ordens e a ser obedecido, de repente parecia triste e desnorteado.

Constrangido, Carver se afastou. Ele pensou em Delia: ela estava certa sobre fazer a própria sorte. Se Carver se importasse o mínimo que fosse quanto ao tipo de vida que queria levar, ele caminharia em direção a Roosevelt e daria seu melhor.

De cabeça baixa, ele deu um passo em direção à poncheira. Deveria mencionar sua carta ou simplesmente falar sobre o quanto queria se tornar detetive? Ele estava a meio caminho quando levantou os olhos. Roosevelt tinha desaparecido. Carver examinou a sala, olhando rapidamente de um lado para o outro. O comissário não estava em lugar algum.

Delia estava parada na entrada, perto de Anne Ribe e da senhorita Petty. Carver correu e parou ao lado dela.

– Cadê o Roosevelt?

O sorriso no rosto dela se esmaeceu.

– Ele foi embora. Você não chegou a *falar* com ele, não é? Ele estava aqui há um minuto; talvez você ainda consiga alcançá-lo.

Carver saltou porta afora. Ao sair, quase derrubou um senhor grisalho estranhamente curvado, que resmungou alguma coisa, mas Carver o ignorou. Ele pulou os três degraus e olhou freneticamente de um lado para o outro da rua. A brisa gélida atingiu o suor no seu pescoço.

Charretes puxadas por cavalos e carruagens particulares ressoavam pelos paralelepípedos. Pedestres seguiam ao largo, mas nenhum sinal da estatura baixa ou dos ombros largos de Roosevelt.

Carver ficara parado durante horas, sentindo pena de si mesmo, e, agora, perdera sua chance. Como encontraria seu pai sozinho? Desde que se conhecia por gente, sentia-se como se faltasse algo. Não apenas seu passado, não apenas saber quem ele era, mas alguém que pudesse lhe dizer e lhe mostrar isso. Um pai. Se não o seu próprio, alguém que se parecesse com um. Onde ele iria parar agora?

Ele virou de volta para a entrada e tentou abrir o colarinho com tanta força que o acabou rasgando. O ar que passou por seu peito o fez sentir como se estivesse no inverno.

– Eles não ensinam boas maneiras neste lugar? Eu disse pra olhar por onde anda, moleque!

Carver levantou os olhos. Era o velhote que se parecia com um gnomo, ainda no vão da porta, com um olhar enfezado.

– Você é surdo além de estúpido?

Carver meneou a cabeça, para olhar melhor. Ele parecia o tipo com que não se deveria brincar. Sua barba e seu cabelo estavam desgrenhados como um ninho de pássaros, mas seus olhos possuíam um brilho de inteligência. Sua mão esquerda, encostada à porta, parecia extremamente forte, mas a direita parecia ferida e mutilada. Ele segurava o cabo preto de uma bengala com cabeça prateada de lobo com apenas três dedos, como se o polegar e o indicador não funcionassem.

O que ele era? O velho manto que cobria seus ombros caídos pode ter sido formal no passado, mas, agora, estava puído e encarquilhado. O restante de suas roupas parecia não ser lavado havia séculos. Se não fosse tão desleixado, poderia passar como dono de alguma casa funerária.

Carver estava prestes a se desculpar, porém o homem voltou a gritar:

– *Moleque*, eu perguntei se você é surdo além de estúpido!

Havia algo no tenor anasalado que era realmente irritante, além do fato de que Carver não gostava nem um pouco de ser chamado de *moleque* ou de *estúpido*.

– Nenhum dos dois – retrucou Carver.

O senhor pareceu mais intrigado do que ofendido. Ainda segurando a porta, ele se aproximou.

– Nenhum dos dois *o quê*, moleque?

Carver se manteve firme.

– Eu não sou nem surdo nem estúpido. E não acho que eu ainda seja um moleque.

– Você é *caipira*?! – disse o estranho, revirando os olhos. – Ao se dirigir aos mais velhos, sendo sincero ou não, você sempre deve dizer *senhor*. E quando quase derrubar alguém, sendo sincero ou não, deve pedir desculpas.

– Eu peço desculpas, *senhor* – falou Carver, esperando que seu tom comunicasse o quão pouco sincero estava sendo.

Mas o homem não estava ofendido. Um leve sorriso passou pelo canto de seus lábios e seus olhos brilharam ainda mais.

– Sim. Você se sente mal realmente. Aonde estava indo com tanta pressa?

– Lugar algum – devolveu Carver, olhando mais uma vez de um lado a outro da rua.

O homem soltou uma gargalhada.

– Assim como todos os tolos nesta cidade, não? – disse ele, levantando a bengala e quase a tocando na ponta do nariz de Carver. – Ao menos você tem consciência disso. Já é alguma coisa, não é? – perguntou, apoiando a bengala. – Você é Carver Young?

– Como?

– Eu pensei que não fosse surdo. Você é Carver Young?

– Sim – falou Carver. – E você... o *senhor* é?

Sem dizer nada, o homem coxeou porta adentro, fazendo Carver se sentir um garoto estúpido, sem saber o que dizer ou fazer.

8

Carver ficou parado, olhando para a porta por um bom tempo. Essa era a surpresa da senhorita Petty? Ele seria adotado por um... gnomo?

O que ele poderia fazer? Fugir e nunca mais voltar. Seria expulso logo, de qualquer jeito. Ele tinha brincado com Delia a respeito disso, mas de fato ele *poderia* virar um entregador de jornais, passando as noites num alojamento. Seria melhor que trabalhar num escritório funerário.

Quanto tempo levaria para arrumar as malas?

Ele entrou novamente, bombardeado pelo calor humano e pelos sons da festa. Finn permanecia no mesmo lugar, fitando, com inveja, o bate-papo jovial entre o coronel Waring e Buldogue. A senhora Echols o puxou pelo queixo e o virou.

– Ei! – sussurrou Delia, acenando para ele.

Talvez ele pudesse visitá-la no *Times* quando fosse pegar os jornais a serem entregues. Ele deu um passo em direção a ela, mas Delia sinalizou para que ele ficasse parado e apontou, agitada, em direção ao corredor dos fundos, no qual ficava o escritório da senhorita Petty. Mas onde estava a senhorita Petty? E o agente funerário? Ah! Delia tentava lhe dizer que eles estavam no escritório dela.

Carver deveria simplesmente arrumar as malas, mas a ideia de abandonar o Ellis para sempre o deteve por um momento. Talvez ele devesse, pelo menos, tentar descobrir o que o gnomo tinha a dizer.

Ele entrou furtivamente no corredor e, devagar, fechou a porta atrás de si. A porta do escritório da senhorita Petty estava escancarada. A luz projetava as sombras alongadas de duas figuras conversando. Carver se inclinou contra a parede e avançou deslizando por ela. A menos de um metro da porta, ainda não podia ouvi-los. Mesmo assim, via-os refletidos no espelho com detalhes infantis. Ele arriscou dar mais um passo, a tempo de ouvir o estranho dizer, em tom de desprezo:

– Claro que ele sabe *escrever* uma ótima carta, mas, pessoalmente, o garoto não é tão impressionante quanto eu esperava.

“Carta”? Aquela que ele enviara para Roosevelt? Que *outra* carta seria? O coração de Carver se acelerou.

– Eu vou lhe dar meu cartão e deixar que a senhora volte pros seus convidados – disse o homem, levantando-se da cadeira e pousando o cartão

contra a luminária.

– Obrigada, senhor Hawking – agradeceu a senhorita Petty.

Hawking. Será que ele trabalhava para Roosevelt? Será que Carver tinha arruinado sua *segunda* chance, quase o derrubando e depois sendo presunçoso?

A qualquer momento eles entrariam no corredor. Ele duvidava que encontrá-lo espionando melhoraria a opinião de Hawking a seu respeito, mas nunca conseguiria sair dali a tempo. Por que tinha fechado a estúpida porta atrás de si? O almoxarifado, onde costumava se esconder, ficava do outro lado da porta. Não era longe, mas ele teria de atravessar na frente deles para alcançá-lo.

Quando Hawking se levantou e olhou de frente para a senhorita Petty, ficou de costas para a porta, cobrindo a visão dela e dando a Carver a chance perfeita. Ele se agachou, correu, passou pela porta e entrou furtivamente no almoxarifado. Ele chutou um esfregão, mas agarrou o cabo antes que fizesse um estardalhaço ao cair no chão.

– Sinto muito por fazê-lo perder seu tempo – disse a senhorita Petty, entrando pelo corredor.

Hawking resmungou:

– Se ele ganhar algum peso, pode virar segurança. Pelo menos assim a habilidade dele de empurrar pessoas pode valer alguma coisa.

Carver mordeu o lábio. Tinha arruinado tudo. E talvez nunca descobriria *o que* arruinara.

A porta do corredor foi aberta e a conversa dos dois se misturou aos barulhos da festa. Ele esperou, só para ter certeza, e então saiu do armário. Estava sozinho. Podia muito bem continuar com o plano de fuga, mas percebeu que não havia motivo para fugir.

Será que Hawking estava com Roosevelt? Carver precisava descobrir. Pegando seus pregos de confiança, aproximou-se da porta do escritório da senhorita Petty e a destrancou sem dificuldade. Aquela, afinal, não era nada perto da fechadura do sótão. Lembrando-se do cartão que o homem havia deixado, apanhou-o da mesa. Estava impresso num papel grosso e elegante, mas meio amarrotado, como se tivesse sido dobrado e, então, alisado novamente. Na frente, com letras em relevo, lia-se:

Albert Hawking – Agência Pinkerton

Pinkerton?! Carver rangeu os dentes. A agência de detetives mais famosa do mundo! Allan Pinkerton foi o *primeiro* detetive dos Estados Unidos. Durante cinquenta anos, ele e seus agentes lutaram contra sequestradores, ladrões, assassinos, gangues criminosas e muito mais. Ele tinha morrido, mas a agência

possuía escritórios em todo lugar. O logotipo deles, um único olho sobre o lema “Nós nunca dormimos”, ajudara em muito a disseminar a profissão ao longo dos anos.

Talvez Carver ainda pudesse se desculpar. Implorar. *Chorar*, se isso ajudasse.

Havia um endereço? Um número de telefone? A frente do cartão não continha nada além do nome e da agência com letras em relevo. Ele o virou. Existiam alguns números e letras do lado de trás:

40 42.8 (O)
74 .4 (N)

Pareciam ter sido pressionadas no papel, datilografadas. Por isso ele estava arqueado. Alguém o havia passado pelo rolo de uma máquina de escrever. A mão de Hawking tinha um ferimento, e ele provavelmente não conseguia segurar um lápis ou uma caneta. Mas por que se daria ao trabalho de datilografar esses números?

Depois de memorizar o conteúdo, Carver cuidadosamente recolocou o cartão sobre a mesa. Em vez de se deixar ver entrando na festa pelo escritório da senhorita Petty, pegou o caminho mais longo, pela área da lavanderia, e, então, de volta à entrada do prédio.

Chegando lá, o movimento se dissipava. Carver examinou a multidão, em busca de Hawking. Era inútil: assim como Roosevelt, ele tinha ido embora. Não conseguiu nem mesmo avistar a senhorita Petty. Ele tentou se lembrar de todos os nomes de que Finn o havia chamado para usá-los contra si mesmo.

Mas ainda havia os números no cartão. Eles deviam significar algo. Se ele descobrisse o que era, talvez ainda conseguisse impressionar o homem. Uma combinação de cofre? Não, combinações de cofre não têm decimais.

Enquanto ele tentava encontrar uma solução, Delia surgiu, enchendo-o de perguntas:

– Você conheceu aquele homem? Conversaram? Ele parecia... interessante, como se tivesse sido ferido numa guerra. Ele era importante? O que você fez?

Ao vê-lo sem resposta, percebeu sua expressão lúgubre.

– Ou eu deveria perguntar: o que você *não* fez? Carver, diga-me que você fez alguma coisa.

– Ah, eu fiz tudo certo. Eu estava com tanta pressa de encontrar Roosevelt que quase derrubei Albert Hawking, da Agência Pinkerton. Então, eu insultei o

velho a ponto de ele não querer saber mais de mim.

– Não!

Carver assentiu.

– Eu vi o cartão dele, mas ele nem tem uma cidade, ou um país, muito menos um... um...

Ele parou no meio da frase, olhou rapidamente para Delia e, então, correu pelo salão.

– Aonde você vai?

– Fazer minha própria sorte!

9

Carver subiu esbaforido as escadas que levavam às salas de aula. Ele ouviu Delia o seguindo, esforçando-se para alcançá-lo em seu vestido longo e sapatos incômodos, mas ele não poderia diminuir a velocidade naquele momento. Assim que entrou, correu para o mapa-múndi pendurado e, impaciente, passou os dedos pelas linhas.

Delia, com os sapatos numa mão e a ponta da saia do vestido segurada pela outra, entrou na sala, ofegante.

– Você podia, pelo menos, me contar.

Carver sorriu.

– Os números e as letras do lado de trás do cartão, coordenadas de latitude e longitude, graus, minutos, segundos. Os graus indicam um ponto exatamente aqui, na cidade de Nova York.

– Que *ponto*?

– Eu não faço *ideia*, mas é eletrizante, não é? – disse ele, olhando em volta. – Eu preciso de alguma coisa que mostre minutos e segundos, alguma coisa mais local, um mapa só da cidade... Mas onde eu posso... Já sei!

Ele correu passando por Delia. Correndo mais rápido agora que tinha tirado os sapatos, Delia conseguiu ficar logo atrás dele todo o caminho até a cozinha. Lá, abafou uma exclamação ao vê-lo remexendo nas receitas de Curly.

– Ele *matará* você se o vir mexendo nisso.

Carver deu de ombros.

– Depois que ele acabou de cozinhar, a senhorita Petty deu a noite de folga pra ele. Você não sabe que Curly vive se perdendo? É por isso que, no meio das receitas, ele também guarda... isto! – exclamou, erguendo um mapa de turismo dobrado.

Depois de afastar talheres sujos e migalhas de pão, Carver desdobrou o mapa e passou os dedos, primeiro horizontalmente a partir do topo, e, então, verticalmente até o centro da ilha de Manhattan.

– É a esquina da Broadway com a Warren Street, bem na frente do City Hall Park, perto da Travessa dos Jornais.

– O que tem lá? – questionou Delia.

– Uma loja de departamentos, acho – afirmou Carver, franzindo a sobrancelha. – É fácil descobrir. Dá menos de meia hora de caminhada.

– Então vamos! – exclamou Delia.

Ele a fitou por um momento.

– Desculpe, Delia, mas eu acho que devo ir sozinho.

Ele abriu uma janela e escalou o parapeito.

Ela correu até ele, furiosa.

– Não se atreva a pensar que eu atrasaria você!

– Não, não é isso – disse ele, estudando o salto de um metro e meio para o beco.

– O que é, então?

Ele pigarreou, constrangido.

– Está tarde. Tem uns tipos perigosos por aí, e você é... é...

– Fraca? Lerda?

– Não! – respondeu ele. – Bonita demais!

Ele pulou, aterrissou e começou a correr. Quando Delia pensou em fazê-lo prometer contar tudo a ela, ele já havia desaparecido. Enquanto fechava a janela, viu de relance seu reflexo no vidro. Bonita? Não era uma palavra que ela costumava associar a si própria. Mesmo assim, quando se olhava agora, sorriu. Apesar de algumas mechinhas de cabelo desarrumadas, ela tinha de admitir que estava bonita, sim.

O tempo se dissolvia pelos quarteirões por onde Carver passava. O ar estava empesteado pelo cheiro de cavalos e carvão queimado. Worth... Duane... Chambers... O City Hall e seu parque adjacente já estavam visíveis à esquerda dele. À sua direita, viu os toldos em cores vibrantes da loja de departamento Devlin’s.

Ele parou. A coceira do casaco se misturou aos arrepios causados pela brisa fria. Após mais alguns passos, chegou à esquina. A inscrição “Warren Street” estava esculpida na parede de pedras de um dos prédios. Ali estava ele. Mas aquela era uma zona de empresas e do governo. O escritório da Agência Pinkerton ficava a pelo menos dez quarteirões, descendo a rua. Será que ele tinha lido o mapa ou as coordenadas errado?

Ele atravessou a rua, analisando todos os cinco andares. Será que poderia haver algum escritório acima da Devlin’s? Não.

A única coisa digna de nota era uma porção de cimento de um tom que destoava do restante da calçada da Warren Street, com a largura e o comprimento de uma escadaria. Parecia que algo havia sido lacrado séculos antes. Quatro tubos de metal de mais ou menos um metro, curvados no topo, marcavam as quinas. Eram tipo canos, mas para quê?

Curioso, Carver estendeu o braço para tocar um. No momento em que sua mão o alcançou, uma voz aguda e anasalada fez com que ele se virasse: – Ali, senhorita Petty, eu falei que ele estaria aqui em menos de uma hora.

Carver deu meia-volta. Alguns metros atrás dele, a senhorita Petty e Albert Hawking estavam parados sob a luz de um poste sibilante. No meio-fio atrás deles, estava a pequena carruagem de aluguel que os havia trazido.

Hawking continuou falando com a senhorita Petty, mas seus olhos estavam fixos em Carver.

– Envie a papelada e as coisas dele pro endereço que lhe dei. Por ora, a senhora terá de nos dar licença. Eu gostaria de levar meu pupilo para um *tour*.

Pupilo?

Carver estava tão surpreso que a senhorita Petty teve de pigarrear várias vezes para chamar sua atenção.

– Senhor Young? – chamou ela. – Suponho que este seja um acordo aceitável, não?

Boquiaberto, Carver assentiu, em silêncio.

– O gato comeu sua língua, senhor Young? – provocou ela.

– Sem problemas, senhorita Petty – disse Hawking. – Eu sei que ele sabe falar. Conversei com ele mais cedo. E, francamente, foi mais que o suficiente por hoje.

Mas Carver ainda gaguejou:

– Sim, senhora. O... o acordo... é bem aceitável, obrigado.

Ela abriu o maior sorriso que ele já havia visto.

– Imaginei que fosse. Eu gostaria que você soubesse que, mesmo que eu tenha proibido certos tipos de leitura em sua infância, sempre pensei que sua mente e seu coração... bem... espero que você entenda...

Ainda surpreso, Carver demorou alguns instantes para perceber que a austera senhorita Petty estava embargada de emoção. Eles se conheciam desde que ele era um bebê. Agora, estavam dizendo adeus para sempre. Ele queria abraçá-la, mas isso parecia loucura.

Hawking a cutucou de leve.

– Senhora, por favor, o pássaro deixou o ninho. Hora de seguir em frente.

– Claro – disse a senhorita Petty, recompondo-se e entrando no cabriolé.

Hawking bateu com sua bengala perto do cocheiro.

– Leve a senhora de volta pro Ellis e me envie a conta. O senhor não deve aceitar um centavo desta mulher, entendeu?

Um estalido da língua do cocheiro pôs os cavalos em movimento. Carver podia ver o rosto da senhorita Petty pela janela e teve a impressão de notar uma lágrima correndo pelo rosto dela. Indagando-se se voltaria a vê-la algum dia, sentiu um aperto na garganta.

Quando o cabriolé se afastou meio quarteirão, a ternura foi substituída pela percepção súbita de que a pista havia sido algum tipo de teste e, agora, ele se

tornaria o pupilo de um detetive *de verdade*! Era como se ele tivesse entrado numa das histórias de mistério que tanto lia. E, até então, tudo que havia oferecido a seu benfeitor foram insultos.

– Senhor, sinto muito pelo tom de antes – disse Carver, expressando sua sinceridade. – E por tudo mais que eu tenha dito que possa ter ofendido o senhor.

Hawking deu uma risada parecida com um cacarejo.

– Claro que sente – respondeu Hawking, estreitando os olhos e apontando sua bengala para Carver. – Pelo menos, você tem consciência disso, meu rapaz. Pelo menos isso.

10

O homem encurvado apontou para um ponto atrás de Carver.

– Você fazia alguma coisa antes de ser interrompido. Volte a ela.

– Desculpe, senhor? – disse Carver, sem entender.

Hawking se entesou:

– Sua carta para Roosevelt dizia que você quer se tornar um detetive, não é?

– Sim, mas como o senhor...

– Não, não e não! – disse ele, mexendo a cabeça de um lado para o outro. – Se eu responder a essa pergunta, você vai querer saber mais e nós dois vamos ficar parados aqui a noite toda. Se você quiser virar um detetive, volte ao que estava fazendo. Investigue! – ordenou ele, apontando com a bengala para os quatro canos de latão que marcavam o quadrado de cimento escuro. – O que você estava olhando?

Confuso, Carver respondeu:

– Apenas que o concreto é diferente, como se alguma coisa tivesse sido lacrada debaixo dele, senhor.

– Em 1873, pra ser exato. Olhe de novo e me conte mais. E não fique me chamando de senhor de dois em dois segundos. Detesto repetição.

– Os tubos... não fazem parte? – indagou Carver, fitando-os.

Hawking encrespou os lábios; sua figura emanava grandes ondas de irritação.

– Claro que fazem parte. Tudo faz parte. Você só não sabe de que diabos eles fazem parte! Como descobrir?

Carver mal havia falado, mas já sentia como se estivesse fazendo tudo errado. Era como falar com Delia, só que pior.

– Perguntando?

– Perguntando? Pra quem?

– Pra você? Pra alguém na Devlin's?

– A Devlin's está fechada. E eu não falarei nada.

Era mais um teste, assim como o cartão. Carver se concentrou, contudo nada lhe veio à mente.

O olhar penetrante de Hawking não dava trégua, avaliando seu novo pupilo. Carver considerou se ele podia ler sua mente, pela maneira como se movia, ou dizer o que ele havia comido no café da manhã, como Sherlock Holmes faria.

– O acordo ainda não está fechado, rapaz. Se você não der o máximo de si,

mando-o direto pro Ellis. Pare de perder tempo! Use as habilidades que o trouxeram até aqui!

Sentindo-se mais intimidado do que nunca, até mesmo mais que na presença de Finn, Carver se ajoelhou perto do tubo mais próximo. Era um tubo, um simples tubo de latão. O que mais poderia ser? Ele enfiou a mão na abertura. Alguns centímetros dentro dela, seus dedos sentiram uma malha metálica. Um filtro.

Talvez estivesse conectado a algo abaixo dele. Seria parte do porão da loja? Hawking se apoiou no prédio, parecendo aliviado por não ter mais de sustentar seu próprio peso. Atrás de si, havia uma estranha porta que combinava com o estilo da loja. No entanto, parecia mais nova e um tanto diferente, assim como o concreto. Não existia maçaneta ou fechadura alguma. Uma moldura de metal dourada formava espirais intrincadas ao redor do seu centro de vidro. O vidro era fumê, e o que quer que estivesse por trás estava envolto em sombras.

O velhote mexeu no cabelo esbranquiçado que caía por sua têmpora.

– Não apenas pense, dê a si mesmo algo em que pensar. O cérebro é como um camundongo correndo numa roda na gaiola. Sem escapatória e sem nem mesmo saber disso. Tudo que ele sabe é o que os sentidos lhe dizem. Use seus sentidos.

Carver estava tenso e se sentindo idiota, mas resoluto a não desistir. Ele passou as mãos pelo tubo. Era grosso, limpo e polido. Em intervalos regulares, anéis decorativos e ordenados se tornavam salientes na superfície.

– Deve ser caro.

– Já é alguma coisa. Pra que deve ser?

Se fosse um ralo de água, estava de ponta-cabeça. Carver aproximou a orelha da abertura, mas não pôde ouvir nada, por causa dos sons ao seu redor. Um vento frio soprava pela Broadway, cavalos galopavam e rodas de charrete passavam pelos paralelepípedos. Cobrindo a orelha exposta, ele se concentrou, ouvindo e sentindo um movimento contínuo e quase mecânico de ar quente.

– É um respiradouro!

– Parabéns, você não é um idiota completo – anunciou Hawking. – Agora, como descobrirá o que tem lá embaixo?

A pequena vitória reanimou Carver. Ele se lembrou de uma história do detetive Nick Neverseen. Nick não era nenhum Holmes, mas, numa tentativa de encontrar alguns sequestradores que estavam se escondendo em uma mina, ele tinha encontrado a saída de ar e...

– Tampando a saída de ar – concluiu Carver. – Quem quer que esteja lá embaixo terá de sair.

A gargalhada de Hawking o surpreendeu. Era diferente de sua risadinha,

aguda e ressoante.

– Gostei da ideia! – exclamou o detetive. – Mas “quem quer que esteja lá embaixo” não apreciaria muito. Você não pensou em puxar ou mover o cano, pensou? Enfim, por que pensaria? Ele está preso em concreto sólido. Coloque a mão ao redor dele de novo e, dessa vez, vire-o pra direita.

Carver lançou um olhar confuso para Hawking e, então, fez o que ele mandou. A seção acima do anel superior girou com facilidade, movendo-se noventa graus e dando finalmente um estalo, como se se encaixasse. Ao ver sua expressão, Hawking disse:

– Se esse pequeno absurdo impressiona tanto você, dessa noite você não passa. Empurre pra baixo, vire pra esquerda, puxe pra cima e vire pra direita. Vamos lá.

Carver moveu o tubo na sequência, sem ter ideia do que esperar. Ele se recordou de outra história, na qual Allan Quatermain entrava num templo antigo pressionando pedras em determinada sequência. Mas aquilo era no meio de uma rua em Nova York, uma cidade que Carver pensava conhecer bem.

Depois da última volta, uma série de pequenos sons metálicos ecoou pelo tubo. Carver se levantou num salto, meio que esperando que a calçada se abrisse. Em vez disso, houve um leve último clique, não do tubo, mas da porta ornada atrás de Hawking.

Ela havia se aberto.

Carver sorriu como uma criança.

– Uma combinação secreta?

– Sim. O projetista adora essas engenhocas. Eu é que não suporto – respondeu ele, pousando a mão na porta. – Entremos?

Hawking coxeou por cerca de um metro e, então, voltou-se para a rua. Carver pensou que ele o estava esperando, mas, ao se aproximar, notou que não havia outro lugar para onde Hawking pudesse ir. O cômodo possuía pouco mais de um metro quadrado, um espaço que mal dava para quatro adultos em pé. Não havia outras portas. As três paredes eram cobertas por padrões metálicos semelhantes aos da porta.

Quando Carver passou pelo batente, Hawking puxou uma pequena maçaneta e a porta se fechou. Havia um cheiro de máquina a óleo, e o diminutíssimo cômodo se encheu de um som não muito distinto do último estalido do tubo: o suave chiado constante de engrenagens secretas. O mais estranho é que o vento não havia parado. Mas agora a brisa não vinha da esquerda para a direita, mas de cima para baixo.

Maravilhado, Carver olhava ao redor no cubículo apertado.

Hawking deu de ombros.

– Você nunca entrou num elevador?

11

O fraco indicador de Hawking pressionou um botão escondido na decoração da parede. O som metálico das engrenagens se acelerou e a brisa ficou mais forte. Carver *já havia estado* em elevadores antes, mas ele sempre ouvia o ruído e tinha a sensação de movimento. Ali, não havia nenhuma.

– É pneumático – explicou Hawking. – O fosso é praticamente hermético, e a cabine, levada pra cima e pra baixo por uma enorme ventarola. É uma adição posterior do sujeito que construiu este lugar – disse ele, com um leve sorriso de escárnio. – De fato, garante um trajeto mais suave, creio eu.

Em questão de segundos, o vento se desvaneceu e a porta se abriu com um estalido, revelando uma enorme sala, pouco iluminada por uma série de pequenas instalações a gás. Na outra extremidade do cômodo, havia um gigantesco cilindro de aço com uma roda dentada. Ele era tão alto que quase alcançava o pé-direito duplo. O metal era coberto por marcenaria com afrescos. Entre os vãos, ele pôde distinguir enormes pás que giravam.

– Aquilo é a ventarola? – indagou Carver.

– O topo – respondeu Hawking, distraído. – Você verá o restante logo. Sem mais perguntas ou você nos atrasará.

Eles passaram por uma placa metálica em que se lia “Passagem pneumática da Broadway Co.”. Fora isso, o lugar parecia abandonado. Entraram por um longo corredor vazio e, depois, desceram alguns degraus até uma minúscula sala. Carver pensou que fosse outro elevador, mas, ali, Hawking simplesmente abriu uma segunda porta e, com um leve aceno de mão, declarou:

– Bem-vindo ao futuro. Pelo menos ao que o senhor Alfred Beach *pensou* que seria o futuro há uns vinte e cinco anos.

Carver prendeu a respiração. Havia castiçais, divãs, cortinas, poltronas, canapés, um piano e, no centro, uma fonte ativa com peixinhos-dourados que nadavam em seu tanque raso. À direita, além de uma mureta baixa, engrenagens giravam lentamente e lá estava a haste da enorme ventarola que girava no andar de cima. Aquilo parecia fazer parte da mais elegante mansão da família Astor, ou de um romance de Júlio Verne, e não estar escondido embaixo da terra.

Contudo, o mais interessante era o vagão de trem estacionado sob a escadaria dupla. O alto cilindro metálico com janelas ovais dos dois lados da porta diferia de tudo o que Carver já vira ou lera a respeito. Havia apenas o vagão, nenhuma locomotiva. Adiante, existia um túnel cilíndrico, um tubo de

ferro perfeito para o formato do vagão, cuja entrada era circundada por chamas a gás coloridas, que brilhavam em vermelho, branco e azul.

Carver queria estudar cada centímetro daquele lugar estranho e maravilhoso, mas Hawking o empurrou adiante.

– Explico tudo quando entrarmos no vagão. Eu preciso me sentar!

Nas escadas, o motivo de sua petulância ficou claro. Depois de colocar a bengala no primeiro degrau e virar o quadril para descer o pé, seu rosto expressou uma dor intensa. Superando a hesitação de tocar o intimidador velhote, Carver segurou o braço de Hawking. O detetive murmurou algo que soou como um “obrigado” e continuou resmungando até entrarem no vagão.

O sombrio compartimento de uns cinco metros acomodava duas fileiras de assentos longos e acolchoados, separados por mesas com lâmpadas a gás. Parecia uma luxuosa, ainda que estreita, sala de estar.

Hawking caminhou com dificuldade até uma das lâmpadas e se acomodou entre as almofadas ao lado dela. Após um longo suspiro, inclinou-se e girou a válvula.

– A luz de zircônia – disse, com um gemido. – Dois pequenos cilindros, um com oxigênio, outro com hidrogênio, ficam sob os assentos, alimentando este bocal, que contém um pouco de zircônio.

Abaixando a cabeça para proteger os olhos, ele acendeu um fósforo e o aproximou da lâmpada, fazendo surgir uma fina e brilhante chama, que emitia um forte brilho.

Em vez da tradicional luz a gás, ela se parecia com a luz do sol. Carver adorou.

Hawking fez um sinal com a mão perto da luz, como se houvesse um mosquito.

– São brinquedos, meu rapaz, tudo brinquedos. Você verá cada vez mais geringonças quando ficar mais velho, mas, se eu puder lhe ensinar algo, aprenderá que essas coisas todas são apenas decorativas. O que importa é o que está dentro de você e o que você pode ver nas outras pessoas. Entende isso?

– Sim.

– Não, não entende. Quando nosso tempo juntos estiver prestes a acabar, talvez você comece a entender.

Ele se virou de costas para a chama e fez um sinal para que Carver se sentasse ao seu lado.

Com o calcanhar, Hawking chutou uma alavanca embaixo da mesa da lamparina. Na sequência, o vagão começou a se mover, mas de maneira tão suave e silenciosa que Carver só percebeu que se movimentavam quando a paisagem do lado de fora das janelas passou a mudar.

– Em 1870 – iniciou Hawking –, Alfred Beach trabalhou secretamente cavando este túnel pra demonstrar o que ele pensava ser uma maneira mais elegante de viajar do que os trens elevados que causam toda aquela poluição lá em cima. As pessoas andaram em seu pequeno *metrô* por curiosidade, mas ele nunca obteve o contrato pra expandi-lo. Ele foi lacrado e esquecido até eu ajudar a comprá-lo.

Aquela era apenas mais uma surpresa, num dia em que elas não paravam de se apresentar.

– O senhor é o dono disto tudo?

– Não vá imaginando uma grande herança. O dinheiro não era meu e está quase acabado. Ele pertencia a Allan Pinkerton. Eu sei que você já ouviu falar dele; caso contrário, meu cartão não teria despertado sua curiosidade.

Carver assentiu:

– Ele era demais.

O comportamento áspero de Hawking se abrandou um tanto.

– Sem dúvida que sim. Eu estava lá quando ele impediu um atentado contra o presidente Lincoln. Trabalhei secretamente pra ele durante a Guerra Civil. Depois disso, ajudei-o a perseguir alguns dos piores criminosos que o país já viu. Demais? Ele era mais uma força da natureza do que um homem. Ao menos era o que eu pensava. Em 1869, ele teve um derrame. Os médicos disseram que ele ficaria paralítico pra sempre. Pinkerton insistiu que eles estavam errados. Por mais doloroso que fosse, ele se forçou a ficar em pé, cambalear e, então, andar. Em menos de um ano, ele estava caminhando de novo; lento, mas ainda valia por dez homens com metade da idade dele. – Ele fez uma pausa. – Gostaria de poder dizer o mesmo de mim.

– O que... aconteceu com o senhor? – indagou Carver.

– Uma vida de cada vez, meu rapaz. Enquanto Allan Pinkerton se recuperava, seus filhos dirigiram a empresa e nunca a devolveram por completo. Ele passou o resto de sua vida lutando contra os próprios filhos pelo comando da empresa. Eles viam futuro na segurança privada, não exatamente o que ele queria deixar como legado. Por isso, em seu testamento, ele deixou a seus dois agentes de confiança, eu e Septimus Tudd, uma quantia considerável pra fundar uma nova agência, dedicada a perseguir criminosos. Tudd sempre adorou geringonças, então acabou me convencendo a usar este lugar como base.

– Por que eu nunca ouvi falar de vocês?

– A polícia de Nova York tem um orçamento anual de cinco milhões de dólares. Eles arrecadam mais *dez* milhões em subornos – explicou Hawking, indignado. – Pinkerton estipulou que nossa organização permanecesse em sigilo pra evitar a corrupção e, até mesmo, lutar contra a polícia, se necessário.

O pequeno vagão deslizou para uma vasta área aberta. Eles ainda se achavam no subsolo, mas esse lugar era tão arejado que a sensação era de estar novamente do lado de fora. No alto, Carver viu o forro arqueado de tijolos suportado por vigas de aço. O trilho acabava numa pequena plataforma à beira de um largo. Nas laterais, havia duas estruturas de três andares, estranhos edifícios. Um era todo aberto; o outro, um prédio maciço sem janelas.

No prédio aberto, Carver pôde distinguir salas. Eram escritórios repletos de armários de arquivos, cômodos que estocavam pistolas, rifles e curiosos aparelhos. Um vasto espaço repleto de fios e tubos parecia ser um laboratório. Ao contrário do elegante espaço abandonado sob o Devlin's, aquele lugar era muito iluminado e cheio de movimento. Das vinte pessoas que ele pôde distinguir, algumas trabalhavam de terno e chapéu-coco, e outras, em mangas de camisa. Havia, inclusive, várias mulheres. Um casal usando óculos de proteção e jalecos imundos se debruçava sobre um equipamento mecânico cuja função Carver sequer poderia imaginar.

Três homens esperavam na plataforma. Dois altos e razoavelmente jovens estavam ao lado de um senhor mais velho e corpulento de chapéu-coco. Com uma idade similar à de Hawking, ele parecia um amigável cão pastor.

– Funcionou bem por um tempo – retomou Hawking. – Até o dinheiro começar a acabar.

– O senhor está no comando disso tudo? – perguntou Carver, em êxtase.

A porta do vagão se abriu. O homem corpulento caminhou até a frente dele, bloqueando a passagem, com as mãos no quadril:

– Você deu a combinação a ele, Hawking! Não era isso o que tínhamos combinado! – exclamou.

– Não, eu não estou no comando – falou Hawking. – Ele está. Este é Septimus Tudd.

12

Hawking se preparou para levantar.

– Também não perguntei se poderia usar o banheiro, Septimus. Ele precisa entrar pra virar meu aprendiz, não?

– Por favor, Albert, chega de surpresas – respondeu Tudd.

– Vou tentar – garantiu Hawking, abrindo um leve sorriso –, mas não prometo nada.

Os dois homens mais jovens tentaram conter suas gargalhadas.

– Bem-vindo de volta, senhor Hawking – disse o mais magro, radiante. – Há quanto tempo!

– Nem tanto assim, Emeril e... Jackson, não é?

Os dois assentiram positivamente.

Carver se moveu para ajudar Hawking, porém o velho detetive o ignorou. Perto da porta, o corpulento Tudd passou a mão gorda ao redor do braço de Hawking. Ele o aproximou de si e sussurrou, alto o bastante para que Carver ouvisse.

– Por favor, não me diminua na frente dos agentes. Já é difícil o bastante não conseguir pagar os salários deles.

Evasivo, Hawking deu de ombros. Ao entrarem na plataforma de tijolos, Tudd deu a impressão de guiar o caminho, mas estava claro que Hawking sabia para onde seguiam. Enquanto caminhavam, todos os olhos se voltaram para eles. Carver pensou que poderiam estar olhando para ele, um estranho, mas percebeu que estavam muito mais interessados em Hawking.

Depois de passar uma vida sendo espezinhado, Carver mal podia imaginar como seria a sensação de ser tão respeitado. Hawking apenas sorria e apertava o passo torto, como se a admiração deles fosse um calvário.

Eles entraram num amplo corredor que acabava numa porta dupla de mogno. Duas placas estavam penduradas ao lado dela. Na primeira, lia-se “Escritório do diretor”; na segunda, “Septimus Tudd”. Um retângulo desbotado ao longo das bordas do nome de Tudd indicava que seu antecessor tinha recebido uma placa maior. Hawking?

Emeril e Jackson abriram a porta, mas permaneceram do lado de fora. Tudd, Hawking e Carver entraram num grande escritório, completamente desordenado, que tinha uma enorme escrivaninha e três grandes mesas de reunião, feitas de carvalho, sobre as quais estavam depositadas pilhas de

arquivos, fotografias e recortes de jornal. As paredes cobertas por painéis escuros se encontravam repletas de mapas, que marcavam ruas, linhas de balsa e ferrovias.

A única decoração que Carver viu foi um estranho espelho oval. Parecia quebrado: distorcia tudo que se refletia nele, como se tivesse vindo de uma Casa de Espelhos. Carver riu em silêncio ao se lembrar de como havia invejado Delia quando ela viu um na Coney Island, na ocasião em que fora ajudar a cuidar das crianças menores.

Ele mal podia esperar para contar a ela que tinha visitado um escritório secreto de detetives. Mas ele não podia contar, não é? Afinal, era tão secreto que tinha aquela estranha e estupenda fechadura.

Ele também se deu conta de mais um fato.

– Senhor Tudd? – disse Carver, falando pela primeira vez. – Posso perguntar como o senhor sabia que o senhor Hawking tinha me dado a combinação?

O homem robusto se voltou para ele com um brilho nos olhos.

– Porque eu vi – respondeu ele, apontando para o espelho. – É algo que o nosso departamento inventou. Vá em frente, dê uma olhada. Não é sempre que eu posso me gabar da operação.

Carver deu um passo adiante. As bordas do espelho continuavam borradas, entretanto, no centro, ele pôde ver a lateral da Devlin's, a porta do elevador, os tubos de latão que saíam do concreto e até mesmo parte de um cabriolé e de seu cavalo descendo pela Broadway.

– Mas como...?

Tudd apontou para um tubo prateado que saía de trás do vidro.

– Espelhos, posicionados em ângulos específicos dentro deste cano, que vai até a superfície. O nome disso é periscópio.

– Isso é demais! – exclamou Carver.

– *Caro* demais – resmungou Hawking. – E você ainda se pergunta pra onde foi todo o dinheiro.

Tudd franziu a testa.

– Pra sua informação, o exército está considerando comprar a patente.

– Quando você diz "considerando", quer dizer que eles não deram nenhum centavo a você.

Tudd se empertigou, parecendo, de repente, fortíssimo, apesar de sua circunferência.

– Não sou obrigado a me explicar a alguém que sequer veio aqui nos últimos meses! Eu transformei este lugar na instituição de combate ao crime que Allan Pinkerton visionava! Você mal pode imaginar o quanto avançamos. Em

algumas semanas, apresentaremos nossas primeiras carruagens elétricas.

– Carruagens elétricas? – Carver deixou escapar.

– Quieto, garoto! – vociferou Hawking. – E quanto elas custaram?

– O custo não é a questão! – exclamou Tudd, caminhando para a sua mesa.

Ele continuou falando, mas Carver percebeu que Hawking não prestava mais atenção. Seus olhos aguçados miravam a escrivaninha, estudando as fotografias e os jornais. Quando Carver seguiu o olhar atento de seu novo mentor, percebeu que o material dizia respeito ao assassinato na biblioteca. As fotografias mostravam a cena do crime. Os rumores eram verdadeiros: o corpo tinha sido mutilado. Como nunca tinha visto um cadáver de verdade, muito menos um tão mutilado, Carver se sentiu nauseado. Era exatamente o tipo de coisa que a senhorita Petty evitava que ele visse ou lesse a respeito.

Um alto assobio, como o de uma chaleira, surgiu dos dentes cerrados de Tudd, que fez um movimento para que Carver se afastasse de sua escrivaninha.

– Sinto muito, senhor Young, mas as informações coletadas pela agência não são pro desfrute público.

– Ainda caçando fantasmas? – questionou Hawking, bufando.

Seu gesto de desdém claramente irritou Tudd.

– É uma pena que nem todos tenhamos seus fortes instintos! – exclamou.

– Se você tivesse metade dos meus instintos – respondeu Hawking, rindo com escárnio –, não estaria perdendo seu tempo.

13

– É uma teoria – comentou Tudd. – A polícia está numa sinuca de bico. Se resolvermos o assassinato, será a oportunidade certa pra levar a Nova Pinkerton a público.

– Se esse é o objetivo, por que simplesmente não levar a público? Por que você precisa de uma vitória imaginária pra se proteger? – inquiriu Hawking.

– Além do fato de ser contra a vontade explícita de Allan – respondeu Tudd, com um dar de ombros –, precisamos estar na posição certa. E devo admitir que a ideia de capturar o assassino mais famoso do mundo é tentadora.

– É seu ego, então?

– Não! Eu quero dizer que...

Enquanto os dois discutiam, Carver se inclinou para dar outra olhada na escrivaninha. Chamou sua atenção um relatório da polícia que descrevia o agressor da senhora Buckley como um “homem de força inacreditável”, mas Tudd puxou o relatório e fez um sinal para que o mortificado Carver se sentasse numa das duas cadeiras de veludo, de frente para sua mesa.

– A sua ajuda seria muito útil, Albert – disse Tudd. – Se ao menos assim os homens...

– O meu envolvimento não está aberto pra discussão.

Tudd suspirou.

– É uma pena que um homem com sua capacidade prefira passar o tempo entre os loucos.

“Entre os loucos”? O que ele queria dizer com aquilo?

– O mesmo pode ser dito sobre você, de certa forma.

– Roosevelt? – perguntou Tudd. – Eu nunca conheci alguém de tamanha integridade desde o próprio Allan. Pessoalmente, é muito difícil mentir pra ele todas as manhãs, quando vou ao trabalho.

Carver não sabia o que perguntar primeiro.

– O senhor trabalha pro Roosevelt? Foi assim que viu a minha carta?

– Entregando seus segredos agora, hein, Tudd? – provocou Hawking. – *Interceptou* pode ser uma palavra melhor, meu rapaz. Prossiga, conte a ele. Você é o *escriturário* de Roosevelt.

Tudd apertou os olhos.

– Eu poderia citar alguns disfarces que *você* já usou dos quais eu não me gabaria – disse ele, e voltou-se para Carver. – Filho, quase todos os nossos

agentes detêm posições nos escritórios da polícia, de políticos e nas redações de jornais. Eu sou um dos assistentes de Roosevelt.

– Escriturário – corrigiu Hawking.

– Aham. A sua correspondência... me impressionou. O senhor Hawking precisava de um assistente. Eu também esperava que trazer você até aqui pudesse convencê-lo a não se aposentar. Só não imaginava que ele planejasse dar o *meu* trabalho a você na sua primeira visita.

Hawking falou:

– No momento, existe apenas *um* trabalho pro garoto em que tenho interesse.

– Mesmo? – perguntou Carver. – Qual?

– Encontrar seu pai.

O coração de Carver quase saiu pela boca.

– É uma excelente maneira de começar seu treinamento, um mistério cuja solução você está motivado a encontrar. Acho que você é capaz de cuidar disso. Você terá de fazer a maior parte do trabalho externo, mas terá acesso a estas instalações...

– Só até certo ponto – interrompeu Tudd. – É óbvio que quero ajudá-lo, porém estamos trabalhando em nossa capacidade máxima aqui. Creio que eu possa mandar alguém dar uma olhada na carta que você encontrou. Buscar impressões digitais, analisar a caligrafia.

Carver estava em êxtase. Utilizar aquele lugar para encontrar seu pai?

Hawking se inclinou.

– O senhor Tudd tem um novo analista forense de documentos especializado em grafologia. Você sabe a diferença?

Carver fez que sim.

– Um analista tenta confirmar a identidade do autor; um grafólogo tenta descobrir a personalidade dele.

– Muito bem, então – disse Tudd. – Talvez um dia *você* dirigirá este lugar. Hum... o senhor Hawking pediu que você trouxesse a carta?

– Isso não foi necessário. Presumi que ele traria algo tão precioso consigo. Não estou certo, meu rapaz?

– Sim – sorriu Carver.

Tudd colocou a mão sobre a mesa.

– Esse caso não será uma prioridade, mas não há motivo pra não colocá-lo na lista.

Ansioso, Carver estava colocando a mão no bolso quando a bengala de Hawking o deteve.

– Espere – disse Hawking. – Já que você *será* meu assistente, quero que

tenha total acesso às instalações. Você não poderá analisar a caligrafia sozinho, mas quero que faça todo o resto.

– Isso não é possível – vociferou Tudd.

– Muito pelo contrário.

Tudd respirou tão fundo que seu bigode estremeceu.

– Podemos discutir isso a sós?

Sem querer parecer uma criança que precisava de “babá”, Carver prontamente se levantou. Os dois senhores permaneceram em silêncio enquanto ele saía, com a cabeça prestes a explodir de tantas perguntas.

14

Os dois agentes mais jovens estavam de prontidão quando Carver saiu.

– Os velhos atiradores queriam umas palavrinhas em particular, não é? – adivinhou Emeril, oferecendo a mão para que Carver o cumprimentasse. – John Emeril. Na agência há três anos agora.

Jackson fez o mesmo, mas com um aperto de mão muito mais forte. Ele tinha o nariz curvado, como se o tivesse quebrado numa briga de socos, e uma ligeira cicatriz na bochecha direita.

– Josiah Jackson. Que lugar, não é?

– Na primeira vez que vi aquele metrô, pensei estar entrando num romance do Júlio Verne – acrescentou Emeril. Ele era impecável, embora mais pálido, e parecia sempre estrábico, como se estivesse lendo letrinhas minúsculas.

– Eu que o diga – respondeu Carver.

Depois do severo Hawking e do tempestuoso Tudd, aqueles dois eram um alívio.

– O metrô não é nem metade de tudo – comentou Jackson, desabotoando o paletó e se encostando à parede. – Eles estão criando coisas que pirariam a cabeça de Verne.

– Eu só gostaria que eles inventassem um pagamento estável – interveio Emeril.

– Então vocês dois são detetives? – indagou Carver.

– Isso mesmo – respondeu Emeril. – Não ficamos parados do lado de fora das portas o dia inteiro. Na verdade, pedimos esse serviço porque ouvimos dizer que o senhor Hawking estaria aqui.

– Em que tipo de casos vocês trabalham?

– Acho que não podemos contar – falou Jackson. – Mas nada tão interessante quanto o que você poderia ler num livro.

– Não diga isso! – exclamou Emeril. – Jackson e eu trabalhamos com casos de sequestros, chantagens e roubos a banco. Mas não temos permissão pra discutir os detalhes. E ele está certo numa coisa: nem tudo é correr por encanamentos com pistolas na mão e arruinar suas melhores roupas pra capturar ladrões.

Jackson se apressou a se gabar.

– Esse é o segredo, não é? Capturá-los antes ou durante. Depois, o mal já está feito. Há muito trabalho de pesquisa e conjecturas aqui, na tentativa de

perscrutar os mecanismos da mente criminosa.

– E é esse o trabalho que Jackson costuma deixar pra mim – emendou Emeril. – Claro que o senhor Hawking é o que mais conhece o cérebro criminoso. Ouvi dizer que ele tem um na mesa dele. Um grande sujeito, o velho Hawking.

– Você treinará com o melhor – concordou Jackson.

– Por que ele se aposentou? – inquiriu Carver.

– Ele não contou pra você? – perguntou Emeril. – Não sei bem como era o trabalho dele na Agência Pinkerton original, mas reza a lenda que, quando ele começou a trabalhar aqui, ele fazia mais o tipo cerebral, como eu.

– Ah, é? Pelo que eu ouvi, ele era mais o tipo musculoso – disse Jackson, flexionando os músculos. – Como... aham.

Emeril revirou os olhos.

– Há uns oito anos, ele ficou obcecado por uma gangue de rua especializada em sequestros.

– E extorsão também, não é? – interrompeu Jackson.

– Mas principalmente sequestro – retomou Emeril. – Por sorte, ou azar, eles sequestraram a mulher de um sujeito muito rico. Os pilantras jogaram a velha conversa pra que ele não avisasse a polícia. Por causa da corrupção, ele não tinha motivo pra duvidar de que a própria polícia estivesse envolvida, então, ele nos contratou.

– Contratou? – questionou Carver.

Emeril deu de ombros.

– Não somos contra aceitar dinheiro...

– Daqueles que podem pagar – corrigiu Jackson.

– Enfim – prosseguiu Emeril –, Hawking se dedicou ao caso. Sem indícios nem pistas. Sabe-se lá de onde ele tirava as soluções...

– Ora, Emeril, lógico que foi do rabo!

– Importa? Ele acertou tudo. Descobriu onde era o cativeiro.

– Um depósito. Ele foi até lá com ímpeto. Levou cinco agentes...

Depois de soarem tão empolgados, os dois ficaram subitamente silenciosos.

– E? – inquiriu Carver, por fim.

– Acabou que a polícia estava mesmo do lado dos sequestradores. Eles também tinham novas pistolas, que disparavam balas mais rápido que qualquer outra na época. Hawking não contava com tamanho poder de fogo. A refém foi morta, assim como todos os agentes. Hawking levou cinco tiros.

Carver respirou fundo. Ele imaginara que a operação havia sido dramática, mas não que tivesse sido um fracasso tão grande.

Jackson falou, com a voz suave:

– Ele foi fazer cirurgia no exterior, ficou fora por quase um ano. O máximo que conseguiram fazer foi devolver parte dos movimentos do seu braço. Você viu como ele está agora. Não queria ter mais nada a ver com o trabalho, entregou as rédeas pro Tudd... e o Tudd...

– Não é má pessoa... bem, eu não confiaria meu dinheiro a ele, mas ele é um bom detetive.

– Mas não é Albert Hawking.

Começava a fazer sentido para Carver por que seu novo mentor era tão amargo e mal-humorado. Quem *não* seria depois de uma tragédia como aquela?

A voz de Tudd, calma e pouco sonora, fez-se ouvir do nada.

– Mandem Carver entrar.

Carver olhou em volta, sem saber de onde vinha o som.

– Tubulação de voz – explicou Emeril. – Leva o som ao longo da tubulação. É usada em navios há uns cem anos. Os melhores escritórios têm uma.

Enquanto Jackson abria a porta, Emeril puxou um pequeno tubo de borracha e falou num funil de latão.

– Ele está a caminho, senhor Tudd.

Quando Carver entrou, Hawking apontou para Tudd com sua contorcida mão direita.

– Dê a carta a ele.

Carver fez uma pausa.

– Quê...?

– Já, já eu conto. Por enquanto, entregue sua preciosa carta pro senhor Tudd. Talvez em um ano, mais ou menos, quando você chegar à solução, descobrirá que é o príncipe de Gales ou coisa que o valha. Vai.

Carver puxou do bolso o papel dobrado. Muita coisa havia acontecido, e muito rápido. Até pouco antes, aquela era a coisa mais importante em sua vida. Hawking, Tudd, a Nova Pinkerton... tudo aquilo ainda não parecia de verdade. A carta era sólida, real. Ele não tinha certeza se deveria entregá-la, mas não conseguia pensar numa razão para não fazê-lo. Mesmo sendo capaz de fechar os olhos e ainda ver todas as manchas de tinta, ele sentiu uma pontada de angústia ao entregá-la para o senhor Tudd.

Ao pegá-la, Tudd, compreendendo a importância da carta, dirigiu a Carver um sorriso solidário e a tratou com o máximo cuidado enquanto a desdobrava e analisava.

– Um ano. Nem tanto – disse ele. – Mas demorará um pouco, filho.

– Eu fico... muito grato... – agradeceu Carver, hesitando nas palavras.

– Hum – disse Tudd.

Ele vasculhou a escrivaninha até encontrar um tubo de vidro de cerca de

oito centímetros, com tampas de borracha nas duas extremidades. Tirou uma das tampas e enrolou a carta com esmero, colocando-a dentro do tubo. A seguir, inseriu-a num tubo mais grosso, atrás de sua mesa. Com um som súbito, ela foi sugada.

– Um sistema pneumático de mensagens. Cortesia do mesmo cavalheiro que construiu o metrô – explicou Tudd, bem-humorado. – Um sistema semelhante é utilizado na Bolsa de Valores de Londres desde 1853, mas creio que nosso querido senhor Hawking pense que isso também seja um desperdício de dinheiro.

– Se eles estivessem falindo, sim, eu pensaria isso – retrucou Hawking, levantando-se. – O laboratório fica só a alguns metros daqui, não é? E eu achava que era o único com dificuldades pra andar – continuou, caminhando até a porta. Ele fez um sinal para que Carver o seguisse. – Até a vista, Septimus.

Quando entraram no corredor, Carver pensou que fosse seguro começar a fazer perguntas: – O que... – começou ele.

Hawking fez um sinal com sua mão boa.

– Não na frente dos agentes. Boa noite, Jackson, Emeril.

– É sempre um prazer vê-lo, senhor.

– Boa noite, senhor Hawking.

Em meio às tubulações de voz, aos metrôs pneumáticos e aos periscópios, Carver não queria ir embora nunca, mas Hawking o guiou de volta até o metrô. Ele só voltou a falar quando estavam deslizando pelo túnel: – Está decidido – disse ele. – Você tem permissão pro acesso completo.

Carver sorriu, maravilhado:

– Isso é ótimo! Mas o senhor Tudd parecia tão contra. O que o senhor fez pra ele concordar?

– Uma mentirinha inocente – respondeu Hawking, encolhendo os ombros. – Eu disse a ele que parte do motivo pelo qual eu gostaria que você tivesse acesso era porque, de tempos em tempos, eu o faria executar pequenas incumbências pra mim. Dar acesso a você seria o mesmo que dar acesso a mim.

– Mas... o senhor não tem interesse em solucionar outros crimes?

– Não desde o incidente sobre o qual tenho certeza que Jackson e Emeril lhe contaram em toda a sua glória desgastada pelo tempo. Existem outras coisas que eles mal poderiam imaginar, e você nem deve perder tempo perguntando. Meu principal interesse é passar pra frente tudo o que sei no pouco tempo que me resta. Quanto a você, meu rapaz, agora que já viu todas essas tolices extravagantes, vamos ver como realmente estudar a mente criminosa.

O estranho sorriso na face de Hawking fez Carver se lembrar da conversa no escritório.

– O senhor Tudd disse que você passa todo seu tempo entre os loucos.
Hawking meneou a cabeça de um lado para o outro.
– O que alguns chamam de manicômio, eu chamo de... lar.

15

– Pro embarcadouro da Blackwell Island – anunciou Hawking ao cocheiro. Voltando-se para Carver, alertou: – Não vá se acostumando. Está tarde e eu quero ir pra casa. A maior parte do trabalho, você fará a pé.

Carver não se importava. Exceto quando pegava carona nos bondes ou passava embaixo da catraca nos trens, sempre andava a pé. No entanto, duas questões o preocupavam: ter entregue a carta de seu pai e o fato de que Blackwell Island abrigava apenas uma prisão e um hospício. O curioso era que a carta o incomodava mais. Por mais que tentasse se deixar absorver pelo lento e hipnótico trote dos cavalos, ele não se livrava da sensação desagradável de que não deveria tê-la entregue.

No embarcadouro, o velho detetive insistiu em pular para o convés aberto. Eles tinham acabado de passar pelos estreitos degraus metálicos que levavam à proa quando o capitão disparou o motor. O movimento súbito quase derrubou Hawking. Carver fez menção de segurá-lo, mas o detetive se agarrou ao parapeito.

– É uma gracinha que ele gosta de fazer – comentou Hawking, olhando com desprezo para o capitão.

Detrás do leme, o sujeito grisalho sorriu. Se ele soubesse, pensou Carver, que insultava um grande detetive...

Um borrifo úmido acertou em cheio o rosto de Carver. O rastro de fumaça de carvão se retraiu, e subiu o cheiro de água salgada. Estava frio, mas era difícil se preocupar com o que quer que fosse olhando as luzes circundantes de Nova York e do Brooklyn se refletindo na água fluvial, ondulando na escuridão.

Depois de quase dois quilômetros, podia-se ver a ponta da Blackwell Island. De tão pequena e plana que era a ilha, as rochas sólidas e cinzentas do Hospital Penitenciário pareciam repousar sobre a água. O barco se aproximou do cais. Morar com uma equipe médica não deveria ser *tão* ruim. Mas, após todos os outros passageiros saírem, Hawking meneou a cabeça.

– Próxima parada.

O barco assobiou, deixando a vista vagamente agradável do jardim onde os prisioneiros cultivavam seu próprio alimento. Momentos depois, chegaram a um assombroso muro alto que cortava a ilha. Em seguida, surgiu um segundo muro, com torres de vigilância e guardas armados. O restante do terreno era dominado por um prédio sombrio e descomunal, em cujo centro ficava uma rotunda

octogonal abobadada de cinco andares que mais se parecia com um lugar de tortura do que de tratamento de doentes mentais.

O barco parou.

– Aqui – anunciou Hawking.

Carver tentou não botar o coração pela boca.

Enquanto caminhavam, seu mentor apontou para a água agitada no lado norte da ilha.

– O Portão do Inferno. Centenas de navios afundaram ali até que o exército usou mais de cem toneladas de explosivos pra detonar as rochas. A explosão fez a água voar a quase cem metros de altura. O tremor foi sentido até em Princeton, na New Jersey.

Estarrecido por notar que moraria num manicômio, Carver assentiu por educação.

Hawking parou e colocou as duas mãos sobre a bengala.

– O que foi, senhor? – perguntou Carver.

– Você espera que eu acredite que um garoto como você, que cresceu nesta cidade, não saberia sobre a maior explosão provocada pelo homem na História?

Confuso, Carver respondeu:

– Eu... não disse que não sabia.

– Não, mas assentiu como se não soubesse. Se eu dissesse a você que a Broadway tem esse nome porque é uma avenida muito larga, que, como você sabe, é *broad*, em inglês, você assentiria também?

– Sim? Quero dizer... não?

Hawking o estudou friamente.

– No futuro, você me dirá exatamente o que sabe e perguntará o que não sabe. Não posso perder tempo ensinando o que você já conhece e não quero deixar passar as suas deficiências.

Hawking pousou a mão deformada, que pesava como uma coisa morta, sobre o ombro do garoto. Amedrontado demais para olhá-la, Carver tentou se concentrar no rosto lúgubre de seu mentor.

– Pra termos algum sucesso, eu preciso ler a sua mente; preciso que ela esteja aberta e que você seja honesto comigo. Minta entredentes pra quem quer que queira, mas nenhuma palavra falsa, nenhum aceno ou piscadela mentirosa pra mim. Entendido?

– Sim.

Hawking estreitou os olhos.

– Em que ano aconteceu essa explosão de que falei?

– 1885 – respondeu Carver e, depois de uma breve pausa, acrescentou: – No dia 10 de outubro.

Um leve sorriso surgiu no rosto de Hawking, que, então, voltou-se para o prédio nefasto.

– O que você sabe sobre este lugar?

Carver encolheu os ombros.

– É o Hospício Blackwell – respondeu ele, vasculhando a mente em busca de outras informações, mas a mão medonha sobre o seu ombro o enervava. – Uma vez, uma mulher fingiu ser louca pra poder entrar aí e escrever uma história sobre como os pacientes sofriam.

– Nellie Bly – disse Hawking. – *Ten Days in a Madhouse*.[2] Já leu?

– Não, a Delia... uma amiga minha, falou-me dele uma vez.

Retirando a mão do ombro de Carver, Hawking o levou em direção às escadarias de pedra, em frente à torre central.

– Também chamam de Octógono. É o primeiro hospital psiquiátrico fundado com dinheiro público em Nova York. Duas alas foram completadas, superlotadas em poucos meses. Pra evitar gastos, os guardas são todos ocupantes da prisão, então, durante boa parte do dia, os pacientes ficam abandonados à mercê de ladrões e assassinos. O livrinho de Bly fez com que eles se comportassem melhor por um tempo, mas as coisas não mudaram tanto assim.

Hawking esperou que Carver abrisse a porta. Ao abri-la, ele deu de cara com uma espetacular escadaria curva, que subia do piso de blocos de vidro até a altura da torre, com um círculo de colunas alinhadas em cada andar.

Sobre a recepção, pendurado, o lema: “Enquanto respirar, terei esperanças”. Um guarda com a barba por fazer dormia no chão, perto das portas internas, roncando.

– Você acha que é um órfão? *Aqui* moram os verdadeiros órfãos.

Hawking abriu as portas, revelando um longo corredor esquálido, ao longo do qual se podia ver figuras indistintas. Algumas se sentavam tristes em bancos estreitos. Outras andavam como se estivessem embaixo d’água. Um homem caminhou de cabeça até uma parede, cambaleou para trás e repetiu o ato diversas vezes. A cada vez que batia, ouvia-se um baque surdo e abafado, como o de uma bola sendo quicada na calçada do lado de fora do Orfanato Ellis. *Tum, tum, tum.*

– Aquele é Simpson – disse Hawking. – Ele acredita, do fundo do coração, que pode atravessar paredes. Um atendente acabará levando-o contra a vontade, pra amarrá-lo à cama.

Na sequência, seguiram para as longas escadarias curvas. Por mais que Carver ajudasse Hawking, a subida era lenta e penosa, pontuada por estranhos lamentos e queixumes dos reclusos.

Para o assombro de Carver, Hawking era capaz de nomear cada paciente pelo som que faziam.

– Esse resmungo é do senhor Gilbert, que está aqui há dois anos, diagnosticado com “orgulho mortificado”. Essa lamúria? Grace Shelby, sete meses, por “paixão descontrolada”. O lamento agudo é de Reginald Cowyn, diagnosticado com “expectativas frustradas”. Expectativas frustradas, ah! O que Nellie Bly nunca entendeu é que os médicos são tão doidos quanto os pacientes.

Quando Carver pensou que aquilo nunca fosse acabar, eles chegaram ao topo, diante de uma porta de madeira lisa. Sem fôlego, enquanto tirava a chave do bolso, Hawking olhou para os muitos degraus atrás deles e declarou:

– É por *isso* que eu não viajo muito.

Empurrando a porta com o quadril, revelou um amplo quarto escuro, octogonal, como o restante do prédio, mas menor. Quatro das oito paredes eram repletas de prateleiras cheias de livros. Havia um sofá, uma mesa, algumas cadeiras e algo que lembrava uma cama.

Com um estalo nada gracioso, Hawking se sentou à mesa e acendeu um antigo lampião. Todos os cantos e recantos estavam apinhados de objetos, como pensamentos fora de ordem enfiados num cérebro pequeno demais. Existiam livros, planilhas, mapas, instrumentos, coisas grotescas e inomináveis imersas em potes de vidro e até mesmo um vaso com o que pareciam ser fragmentos de ossos, além de jornais, alguns rasgados e estirados ao chão.

Sobre a mesa, além do lampião a gás, tinha uma máquina de escrever, cercada por bolinhas de papel amassado e uma bandeja da instituição com os restos do café da manhã de Hawking. A comida parecia tão pouco saborosa quanto os ossos.

O homem curvado apontou para a cadeira do outro lado da mesa. Lentamente, Carver obedeceu, tentando não inspirar tão fundo perto da bandeja.

– O que você acha? – indagou Hawking.

Ele havia pedido honestidade, então Carver respondeu:

– Eu gostei mais da sede da Nova Pinkerton.

Hawking soltou um resmungo e, com a bengala, jogou tudo que estava sobre a mesa no chão. A bandeja, com o prato, os talheres e o copo, saiu voando, caindo no chão com estardalhaço. Carver ficou surpreso e assustado. Dos andares de baixo, puderam-se ouvir os lamentos aumentarem.

O lampião deixava parte do rosto de Hawking na penumbra.

– Ouça, e ouça bem: todas aquelas geringonças luxuosas são ouro de tolo! Aquela sede fica debaixo de um esgoto, e isso é muito apropriado. Aqui é o único lugar *honesto* que você encontrará em toda esta cidade, o único lugar em que as partes do cérebro, as coisas que fazem de nós aquilo que somos, não ficam mudas por medo do que pode ser escrito sobre elas na coluna social. É por isso que estou aqui, teoricamente como consultor dos criminalmente insanos,

mas eu tenho o domínio do lugar. É aqui que descobrimos o que cria um criminoso, o que cria um homem. Pense nisso... e limpe essa bagunça.

Hawking se levantou, caminhou ruidosamente até algo que lembrava uma cama e se deixou cair.

– Tire as almofadas das cadeiras e jogue-as no chão. Amanhã, daremos um jeito de arranjar uma cama melhor pra você.

Carver se esforçou para encontrar todos os cacos de vidro e os empilhou sobre a bandeja, torcendo para que a luz da manhã iluminasse alguma cesta de lixo. Em seguida, tentando fazer o mínimo de barulho possível, catou uma almofada, abriu espaço no chão e se deitou.

Apesar das lamentações aflitas, das risadas maníacas e de um ou outro eventual grito vindo dos andares de baixo, ele acabou adormecendo, pensando no que realmente significava ter um sonho realizado.

---

[2] *Dez dias em um hospício*, nunca publicado no Brasil. A autora, nascida Elizabeth Jane Cochran, também é conhecida como uma das primeiras jornalistas feministas e como a primeira mulher a dar a volta ao mundo sem a companhia de um homem. [N.T.]

16

O corpo de Carver estava dolorido, e seu rosto, inchado.

Clack, clack, clack. Hissssssss. Clack, clack, clack. Hisssssss.

O que era aquele som? Ao abrir os olhos, seu campo de visão estava caiado de branco pela luz do sol. Ele piscou várias vezes até se dar conta de que ainda estava no Hospício Blackwell. O lado bom era que a Nova Pinkerton também existia de verdade.

Olhando ao redor, viu que o chiado vinha do radiador de ferro. Os estalos vinham da mão direita e deformada de Hawking, batendo lenta e repetidamente nas teclas da máquina de escrever.

– Eu sei que você está acordado, rapaz – afirmou ele. – Tire um momento pra organizar as ideias, mas não demore. Você deve ter passado frio nessa noite. O aquecimento mal chega até aqui. Como um inverno fora de época.

Seu mentor parecia mais alegre, como se as jornadas do dia anterior tivessem sido responsáveis pela maior parte do seu péssimo humor. Mesmo assim, Carver permaneceu em silêncio enquanto vestia a calça e a camisa mal ajustadas que havia usado no Dia dos Possíveis Pais. Tinha se passado só um dia? Mesmo?

– Gosta de charadas? – perguntou Hawking. – Aqui vai uma. Olhe pras teclas na máquina de escrever: “QWERTY”. Já se perguntou por que elas estão organizadas assim?

Carver repetiu o que tinha ouvido falar:

– As letras mais comuns estão perto umas das outras pra acelerar a datilografia.

– Não. Isso é o que a maior parte das pessoas pensa, e a maior parte das pessoas é estúpida. Christopher Latham Sholes projetou a disposição em 1874 pra *reduzir* a velocidade do datilógrafo, a fim de evitar que as teclas emperrassem. Os pacientes estão tomando café da manhã. Você pode tomar banho em paz. Vá se lavar e passe na cafeteria pra pegar alguma comida pra nós.

Carver caminhou para as escadas, aliviado por se distanciar de Hawking, apesar da leve melhora no humor dele. Sob a luz do dia, o hospício não parecia tão abominável. Havia menos lamentos, e os chuveiros no andar inferior estavam, como dissera Hawking, vazios. Ele queria ter outras roupas para se trocar, mas as toalhas com que se enxugou estavam limpas.

O pequeno refeitório no segundo andar se encontrava lotado e cheio de movimento. Ele tentou não encarar as pessoas, porém as expressões salientes e os olhares apertados de alguns pacientes eram assustadores. Mesmo suas risadas pareciam doentes. A única paciente com quem conversou foi uma mulher que estava à sua frente na fila. Quando, sem querer, fitou-a por tempo demais, ela explicou que era a esposa de Grover Cleveland, presidente dos Estados Unidos. Carver não tinha ideia de como reagir, temendo que ela ficasse violenta se ele discordasse ou que pudesse inalar sua loucura, caso se aproximasse demais.

Será que algum dia ele se acostumaria com um lugar daqueles? Ele precisava. Hawking e a Nova Pinkerton iriam ajudá-lo a encontrar seu pai e, nesse processo, a transformá-lo num detetive de verdade. Isso valia o esforço, não?

De volta ao andar de cima, o chá morno, o mingau de aveia cinzento e o pão eram tão insípidos que ele sentiu falta da comida de Curly. Hawking não parecia se importar. Com uma tigela do lado da máquina de escrever, ele alternava entre a batida das teclas e as colheradas de mingau.

Quando a tigela esvaziou, Hawking disse:

– Pergunte no que estou trabalhando.

– É sobre meu pai?

– Não, esse é o seu trabalho. Estas são anotações sobre Hunter e Smellie, os pais da obstetrícia britânica. O trabalho deles, centenas de anos atrás, salvou a vida de inúmeras mulheres. Isso parece nobre pra você?

– Sim – respondeu Carver. – Claro.

– Não seja tão apático. Diga: “Graças a Deus, que santos eles eram!”. Ou: “Francamente, eu não ligo a mínima!”. Melhor ainda: pergunte por que um detetive deveria se interessar por isso.

– Certo. Por que...

– Porque eles eram assassinos – interrompeu Hawking. – Eles precisavam de novos cadáveres pra sua pesquisa, por isso mandaram matar dezenas de mulheres, algumas grávidas. Ainda parece nobre?

– Não – falou Carver. – Eles eram criminosos.

– Defina “criminosos” – disse Hawking.

– Alguém que infringe a lei.

– Os homens que fundaram os Estados Unidos infringiram a lei britânica. Benjamin Franklin disse: “Devemos nos unir, ou certamente seremos enforcados separados”. Ele era um criminoso?

– Não... quer dizer, sim, mas... aquelas eram leis injustas, que deveriam ser quebradas.

– Então, pra ser um homem como Franklin, às vezes você precisa infringir a

lei.

– Sim – respondeu Carver, depois de uma pausa.

Hawking limpou a boca e jogou o guardanapo na tigela.

– Fui muito duro na noite passada, meu rapaz. Eu tinha esquecido de que sua noção de certo e errado vem de romances baratos. As definições não são tão evidentes no mundo real.

– Eu não sou idiota – contestou Carver.

– Eu não disse que você era – replicou Hawking, estreitando os olhos. – Se você colocar palavras na minha boca de novo, arrancarei seus dedos com os dentes. Mesmo as melhores mentes podem se jogar num abismo quando suas expectativas são frustradas.

– Num o quê? Abismo? – questionou Carver.

– Abismo – repetiu Hawking, batendo na mesa. – Eu vou simplificar. Uma história real. Uma mulher estava num teatro assistindo a uma peça quando, de repente, um caminhão de bombeiros entrou no palco. Fazia parte da peça, mas, como ela não esperava por isso, soltou um grito. O problema foi que, depois que ela começou a gritar, não conseguiu mais parar. Eles a trouxeram pra cá à força, onde ela foi diagnosticada como uma doida incurável. Qualquer idiota saberia que ela não era louca, mas não havia idiotas na equipe, apenas médicos e alienistas. Isso foi há dois anos. Só na semana passada eu consegui que a liberassem.

– Mas... *por que* ela gritava tanto se não era louca?

– Ela achava que conhecia o mundo e, na ideia dela, caminhões de bombeiros de verdade *não* aparecem em peças. Ela não sabia viver num mundo em que isso pudesse acontecer. Esse foi o abismo dela. Sem dúvida, você também terá o seu algum dia. Mas agora é hora da faxina. Os seus pertences chegarão à tarde.

Carver não entendeu direito, mas a lição chegara ao fim. Nas horas seguintes, trabalhou empilhando livros e papéis nas prateleiras de uma parede, maquetes em outra, instrumentos numa terceira e assim por diante. Contente pelo fato de o quarto ter paredes de sobra, ele até separou um espaço para si, dividindo-o com o que, antes, parecia ser o tampo de alguma mesa, que, contudo, acabou se tornando uma divisória.

Ao voltar de uma pausa para o almoço, encontrou dois empregados armando uma cama. Os pertences de Carver também tinham chegado. Para sua surpresa, Hawking estava folheando sua pequena coleção de romances policiais.

– Allan Quartermain, Nick Neverseen e Holmes, Holmes e mais Holmes – comentou Hawking. – Fã de Doyle?

– Claro – assentiu Carver.

– Já conseguiu resolver alguns dos casos dele a partir das informações na história?

– Não, mas Holmes é o gênio.

– *Doyle* é o gênio. Na verdade, é um truque barato. O leitor nunca tem todas as informações necessárias, logo Holmes pode chegar à conclusão sozinho, no último minuto. Você aprenderia mais lendo outro Holmes, H. H. Holmes, o assassino em série. Ele foi pego no ano passado por um detetive da Pinkerton, Frank P. Geyer. Agora a confissão dele está sendo publicada em capítulos no *Philadelphia Inquirer*. Que tal isso, comparado a um caminhão de bombeiros atravessando o palco?

Carver sabia sobre aquele assassino, apesar dos esforços da senhorita Petty para mantê-lo longe dessas histórias. Holmes tinha sido acusado de vinte assassinatos, muitos dos quais cometidos durante a Feira Mundial de Chicago. Ele atraía suas vítimas até aquilo que os jornais chamavam de “calabouço da morte”. A ideia de que ele estava escrevendo artigos causava, ao mesmo tempo, repulsa e fascinação em Carver.

– Você acha que ele contará a verdade? Confessará?

– Não, mas sempre se pode entrever um pouco do mentiroso na mentira. Será uma boa maneira de entrar na mente dele, o método usado pelo *meu* detetive ficcional favorito.

Carver ficou surpreso ao ouvir que Hawking *gostava* de alguma coisa, mas o corcunda colocou o Sherlock Holmes de lado e vasculhou as próprias prateleiras. Ao encontrar um livro fino, atirou-o em direção a Carver.

O título era *Os assassinatos da Rua Morgue*.

– C. Auguste Dupin, de Edgar Allan Poe, o inventor das histórias policiais. Dupin usava o *raciocínio*, combinando lógica e imaginação pra conhecer tanto o criminoso a ponto de que o detetive, de certa maneira, torna-se o facínora. Acha que consegue fazer isso, meu rapaz? Tornar-se louco pra encontrar os loucos? Um ladrão pra capturar um ladrão? Ou pior?

Carver pensou sobre isso. Ele queria dizer roubar *de verdade*? O que ele queria dizer por “pior”? *Matar* pra capturar um assassino?

Hawking o observava, como se pudesse ler seus pensamentos pelos sulcos de sua fisionomia.

– Já assisti a você tentando pensar demais por hoje. Eu preciso visitar alguns pacientes. Deite em sua nova cama e leia este livro. Amanhã bem cedo você voltará à sua querida Nova Pinkerton e começará a busca por seu pai. Logo veremos o que está disposto a fazer.

17

O vento matinal ao longo do Rio East era bem gélido, mas, pelo menos, Carver estava livre do hospício e de Hawking. Chamar seu mentor de excêntrico não fazia jus. Ele era como uma armadilha de urso, prestes a arrancar seu pé caso você não olhasse por onde anda. Cada conversa era um teste. Ele chegou até a sublinhar o início de *Rua Morgue*:

> Assim como o homem forte se rejubila com sua aptidão física, deleitando-se com os exercícios que põem em atividade seus músculos, o analista exulta na atividade moral de destrinchar enredos. Ele extrai prazer até mesmo dos trabalhos mais triviais, desde que coloquem em jogo seu talento. Adora os enigmas, as adivinhas, os hieróglifos, exibindo nas soluções de todos um poder de acuidade, que, para o vulgar, toma o aspecto de sobrenatural.

Mesmo não fazendo ideia do que aquilo queria dizer, Carver gostou bastante da história. A reviravolta no final, com o orangotango, era engraçada. Mas, durante todo o café da manhã, tinha ficado com medo de ser arguido sobre ela. O detetive, no entanto, só parecia interessado em datilografar. Quando Carver estava quase saindo, Hawking arrancou a folha, colocou-a num envelope e falou para que ele não a lesse até chegar a seu destino "dourado". Carver colocou o envelope no mesmo bolso em que antes guardava a carta de seu pai.

Um assobio trinado o trouxe de volta à realidade. O barco entrava no estaleiro. Ele estava de volta, de volta à cidade que conhecia tão bem, apesar do que o seu preceptor falava sobre ela, e a caminho de uma grande aventura.

A pé, com dinheiro que mal daria para o almoço e para a viagem de volta, Carver caminhou contente pelas ruas, passando perto de todos os carrinhos de pipoca e cachorro-quente que surgiam pelo caminho para sentir o cheiro e o leve sopro cálido que emanavam deles. Realmente estava frio para aquela época do ano. Mas o dia estava claro, e a visão da Broadway se estendia ao longe.

Apesar da ansiedade para voltar à Nova Pinkerton, ele encontrou a esquina com a Warren Street coberta por um mar de chapéus em movimento. Pensando que seria uma ideia estúpida deixar que alguém o visse usar a entrada secreta,

Carver atravessou a rua até o City Hall Park, na esperança de que a multidão se dissipasse.

Passados uns vinte minutos, não conseguiu esperar mais. Depois de atravessar a rua novamente, girou o cano de latão na sequência, tentando parecer o mais inocente possível. Para seu alívio, quando a porta se abriu e ele entrou discretamente, ninguém sequer diminuiu o passo para observar.

Ele não teve dificuldades com o elevador, mas se esqueceu de como Hawking tinha dado partida no vagão. Após um pânico momentâneo, lembrou-se de uma alavanca sendo chutada. Ao encontrar o mesmo assento, deu um chute com o calcanhar. Nada pareceu acontecer, então chutou mais forte, várias e várias vezes. Ele ainda estava chutando quando olhou pela janela e percebeu que o vagão já estava em movimento.

Os dois jovens agentes se encontravam na plataforma. O pálido Emeril estava no meio de um bocejo, lendo uma cópia da *Judge's Quarterly*, uma revistinha de humor, enquanto o musculoso Jackson, sem o paletó e com as mangas da camisa dobradas, agachava-se e levantava-se, numa série de ginástica.

– Finalmente o jovem Sherlock – disse Emeril, ao ver Carver entrar. – Tudd viu você na rua.

– Estávamos nos perguntando por que demorou tanto – falou Jackson, pegando o paletó no balaústre.

– Eu não queria que ninguém me visse – explicou Carver.

Jackson lhe deu um tapinha no ombro.

– A ideia é boa, mas desnecessária. É só uma porta lateral de um prédio.

– E é conveniente que as pessoas não tenham o hábito de notar as coisas – emendou Emeril. – Ninguém sabe da nossa existência, logo ninguém nos procura.

– *Eu* encontrei vocês – disse Carver.

– Hawking *trouxe* você até nós – corrigiu Jackson.

– Vamos nos apressar – interveio Emeril, colocando a revistinha no bolso. – Nós vamos ser seus guias. Tudd queria estar aqui, mas está muito ocupado com o caso favorito dele. Hawking achou que você deveria começar pelo ateneu.

– Uma palavra chique pra *biblioteca* – acrescentou Jackson, com uma piscadela.

Partindo da plataforma, eles o guiaram pela direita, por uma pequena ponte que levava a um segundo prédio, que possuía a largura de meio quarteirão, mas era bem simples, com uma fachada de tijolos claros e uma porta dupla no centro longínquo.

– Como é viver com o Hawking naquele hospício? – perguntou Jackson.

– Hum... – hesitou Carver.

Por mais que gostasse deles, não se sentia à vontade para falar sobre o seu mentor.

– Tudd tem medo que ele tenha perdido um pouco a cabeça, além de parte do corpo – comentou Jackson. – Ele lhe parece bem? Com a cabeça no lugar?

– Ora – interrompeu Emeril –, ele conhece Hawking não faz nem três dias e nos conhece há menos de uma hora.

– Entendi – disse Jackson, antes de dar uma corridinha para abrir as portas. – Se antes você ficou impressionado, espere até ver isto.

Carver ficou impressionado sim, mas principalmente pelo cheiro. O odor bolorento atingiu em cheio suas narinas. Não havia segundo andar, nenhum outro cômodo, nenhum corredor. Candeeiros iluminavam as dezenas de mesas e escrivaninhas ocupadas, mas nenhuma se opunha à escuridão dominante. Era como uma enorme caverna, mas com livros.

Havia estantes por toda parte, quase todas abarrotadas até o teto. Escadas permaneciam encostadas a cada uma delas, como colunas que apoiam um templo de papel e madeira.

Emeril falou baixinho:

– Nós temos registros de imigração, arquivos indexados de todos os principais jornais de Nova York publicados na última década e, o orgulho da Agência Pinkerton, nova ou antiga, a maior galeria de bandidos do país: centenas de arquivos criminais, fotografias e...

– Shhhiu!

Logo à frente deles, atrás de uma enorme escrivaninha, sentava-se um senhor de óculos, com o dedo nos lábios e uma expressão severa.

– Beckley – sussurrou Jackson, ainda mais baixo. – Faça o cadastro com ele e poderá começar. Temos nosso próprio trabalho a fazer, mas ficaremos de olho em você.

Emeril empurrou Carver levemente em direção ao homenzinho magro e curvado.

Com os braços e as mãos rijos, sem dizer palavra, Beckley pegou uma caneta-tinteiro que repousava ao lado de uma pilha de papéis, examinou uma lista até chegar ao nome “Carver Young” e o riscou de leve. Então, levantou-se e caminhou pelas escrivaninhas. Andar com Hawking levava Carver a crer que tinha boa postura, mas o trote preciso de Beckley lhe dava agora a impressão de que seu caminhar era desleixado.

Enquanto caminhavam, Carver engasgou quando avistou uma gigantesca estrutura de metal escuro escondida pela luz tênue. Uma monstruosidade de engrenagens, fusos e sarrafos seguia por quase toda a extensão da parede. Ao se

aproximarem, Carver pôde ver dezenas de pequenos cartões de papelão, cada um com uma série de furos retangulares, posicionados em diferentes partes da máquina por finos arpões de metal, como insetos aprisionados numa rede de metal. Grossas engrenagens conectavam a coisa ao que parecia ser uma máquina a vapor.

– O que é... – Carver deixou escapar.

– Uma máquina analítica – elucidou Beckley – que só usamos em raras ocasiões, porque, assim como você, ela é *muito* barulhenta.

– Mas o que ela...

– Shhhiu!

Com a reprimenda, Carver ficou em silêncio. Na primeira escrivaninha, sobre a qual havia papel e caneta, Beckley acendeu a pequena lâmpada elétrica, puxou uma cadeira e deu um passo para trás. Carver se sentou, apreensivo pelo rangido da cadeira, e entrelaçou os dedos.

Então, ali estava ele, prestes a começar sua vida como detetive, pronto para procurar por seu pai. Em algum lugar entre aqueles milhares de livros, poderia estar listado o nome e, talvez, até o endereço de seu pai.

O único problema era que ele não sabia *o nome* de seu pai. Então... e agora?

Os minutos se passaram. Um pânico muito maior que o de não saber operar o metrô se apoderou dele. Ele se mexeu na cadeira e cada rangido soava como um estrondo de canhão no silêncio sepulcral. Carver ainda não tinha feito nada e já se sentia um fracasso completo.

Seu olhar alternava de pessoa para pessoa, todas lendo ou escrevendo, concentradas. Do outro lado da sala, avistou a minúscula forma de uma máquina de escrever. Ninguém se atreveria a usá-la: era ruidosa demais. Mas ela o lembrou de Hawking e, logo em seguida, da nota que seu mentor lhe havia dado.

Devia conter instruções! Teria sido ridículo simplesmente enfiá-lo na biblioteca, certo? Ele a tirou do bolso e rasgou o envelope. O barulho fez com que muitos olhares se voltassem contra ele, e Beckley voltou a pedir silêncio com um gesto. Trêmulo, tirou a anotação e a leu:

Coloque-se no lugar de seu pai.

Era só isso? Ele olhou dos dois lados da nota. Era só isso. Hawking demorou a manhã inteira para datilografar *aquilo*. Se Carver não estivesse numa biblioteca, teria soltado um grito de ódio.

Ele a leu de novo. Era mais um teste. Colocar-se no lugar de seu pai. Mas

como Carver poderia se colocar na pele de um homem que sequer conhecia?

A resposta lhe veio à mente: ele poderia escrever o que já sabia. Seria um bom começo. Ele pegou a caneta e fez uma lista.

1. Teve um filho, eu, por volta de 1881.
2. Enviou uma carta da Inglaterra pro orfanato em 1889.

Aquela carta era sua maior pista. O que *ela* lhe dizia?

3. A letra dele era feia.
4. Tenho a marca de nascença que ele menciona na carta.
5. A mulher dele está morta.
6. Ele trabalha com uma faca. Um embalador de carne? Um açougueiro?
7. Disse ao chefe que estava partindo porque descobriu que eu estava vivo.

Sua mente se estendeu nessa última. Largar o trabalho. Isso significava que seu filho era importante para ele, não?

8. Sabia que tinha de enviar a carta pro Orfanato Ellis.

Como Delia sugerira, isso criava outra possibilidade, que Carver não estava tão disposto a enfrentar.

9. Ele não pôde ou não quis me criar.

Talvez ele só fosse pobre, como a mãe de Delia. Mas se ele havia se dado ao trabalho de abandonar o emprego e cruzar o oceano, será que ao menos não queria conhecê-lo? Opa, espere aí.

10. Ele cruzou o oceano vindo de Londres.

O que Jackson tinha falado sobre registros de imigração? Será que não deveria existir um registro da chegada de seu pai? Carver não tinha um nome, mas tinha um ano. Talvez houvesse uma lista de imigrantes vindos da Inglaterra. Com essa ideia na cabeça, caminhou até a recepção.

– Sim, senhor Young? – perguntou Beckley, baixinho.

– O senhor pode me dizer onde ficam os registros de imigração de 1889?

– Manifestos dos passageiros sobre a chegada de navios. Seção I, prateleira quarenta – respondeu, apontando para uma área escura atrás dele. Em seguida, abriu uma gaveta silenciosa e retirou uma lâmpada com fio fixada a uma correia de cabeça. – Você precisará disto. Há tomadas nas extremidades de todas as prateleiras. Lembre-se de desplugá-la antes de subir ou descer. Esses equipamentos são caros.

Ele fez um sinal para que Carver abaixasse a cabeça e, em seguida, rapidamente fixou a tira ao redor de sua testa. Sentindo-se um minerador, Carver seguiu em direção às estantes.

A prateleira quarenta da seção I ficava a, pelo menos, uns seis metros de

altura, então, puxou uma escada e, com o fio em mãos, subiu. Quanto mais subia, mais escuro ficava. Quando chegou ao que imaginava ser a prateleira quarenta, já não conseguia ver absolutamente nada. Passando os dedos pelo friso de madeira, encontrou a tomada, arredondada e saliente, e pressionou o pino. A lâmpada zuniu e criou um cone de luz branca que apontava para onde quer que ele virasse a cabeça. Depois de se permitir uns instantes de divertimento com a geringonça, Carver arregaçou as mangas.

Os registros se seguiam por muitos volumes anuais, mas havia apenas um livro para 1889. Na esperança de que isso significasse que poderia existir apenas meia dúzia de nomes, ele o retirou da prateleira e começou a descer a escada. Após descer um pouco, um puxão na cabeça o lembrou de que ele não havia tirado o fio da tomada. A lâmpada se soltou. O livro quase caiu de sua mão. O bulbo bateu contra a prateleira, com a luz dançando pela escuridão. Todo mundo olhou.

Pelo menos, não tinha quebrado. Envergonhado, Carver recuperou o equilíbrio, voltou a subir e tirou o fio da tomada antes de descer novamente.

Ao chegar ao chão, abriu o livro e sentiu uma onda de adrenalina. Mas a página em que abriu estava em branco. Intrigado, abriu em outra página. Também em branco. Folheou o livro todo. Todas as páginas estavam vazias. Era alguma pegadinha?

Contrariado, voltou à recepção e mostrou o livro a Beckley.

Pela primeira vez, o bibliotecário demonstrou algum sentimento: perplexidade. Coçando o queixo, sussurrou:

– Ah, claro. Este livro é um marcador de posição. De 1855 a 1890, os imigrantes se registravam no Castle Clinton, em Battery Park. Com a abertura do porto da ilha Ellis, em 1892, eles planejaram transferir os registros, mas a maior parte foi destruída num incêndio.

Carver sentiu um aperto no coração.

– Um incêndio? Algum registro sobreviveu?

– Alguns, mas eles estão na ilha Ellis. Estão tentando recuperar o que é possível, mas, com o grande fluxo imigratório, essa não é uma prioridade.

Ilha Ellis. Uma longa viagem que poderia muito bem não dar em nada. Como ele conseguiria sequer reconhecer o nome de seu pai se o lesse? Ei! Havia uma maneira! A caligrafia. O garrancho do seu pai era inconfundível.

– Os registros têm as assinaturas dos passageiros?

– Normalmente, sim, ou, se a pessoa fosse iletrada, sua impressão digital.

Havia esperanças, então. Para a ilha Ellis. Ele usaria o dinheiro do almoço para o barco.

Deixando a lâmpada e o livro com Beckley, Carver apanhou as anotações e

rumou para a saída. Jackson e Emeril correram até ele e só falaram quando estavam do lado de fora.

– Já acabou? – perguntou Jackson.

– Você tem alguma ideia de como posso ver os registros na ilha Ellis?

– Ilha Ellis? – exclamou Emeril, com um sorriso no rosto.

Jackson checou seu relógio.

– Menos de uma hora. Tudd perdeu a aposta. Vou chamá-lo. Ele vai querer saber o que vem depois.

– O que está acontecendo? – perguntou Carver.

– Você verá – garantiu Jackson, disparando numa corrida. – E não comecem sem mim!

18

Enquanto Emeril corria para os escritórios, Jackson apressou o confuso Carver em direção ao prédio todo aberto, do outro lado da plataforma.
– Eu fiz algo errado? – perguntou Carver. – Pra onde estamos indo?
– Não – disse Jackson, aproximando-se de uma porta –, você fez *a coisa certa*. E nós estamos indo pro nosso setor técnico.
Uma empertigada ruiva de olhos intensamente verdes atendeu à porta. Ela parecia quase tão perplexa quanto Carver.
– Mas já?
Jackson se endireitou diante da mulher encantadora.
– Não falei, Emma? Hawking imaginou que ele levaria menos de uma hora.
A mulher assentiu e os conduziu a uma grande sala cheia de máquinas, fios, ferramentas e tubos estranhos. Carver não fazia ideia para que servia a maior parte daquelas coisas, mas pensou ter reconhecido o objeto sobre a mesa de centro: um grande cone partindo do centro de um cilindro preto conectado a uma caixa de madeira com manivela. Ele tinha ouvido falar dos salões em que clientes pagavam um níquel para ouvir a música vinda de aparelhos como aquele. Mesmo assim, precisava perguntar:
– Aquilo é um fonógrafo?
– Sim – respondeu ela –, mas foram feitas algumas ligeiras modificações pra melhorar a fidelidade da gravação.
Antes que Carver tivesse tempo de perguntar o que ela queria dizer com aquilo, o senhor Tudd entrou, eufórico. Ele se sentou à mesa e esperou Carver fazer o mesmo.
– Desculpe pelo mistério, mas todos andamos muito curiosos com essa coisa toda. Quando nosso excêntrico senhor Hawking nos visitou, algumas semanas atrás, pra conversarmos sobre sua carta, eu o convenci a experimentar nosso novo equipamento de gravação. Em vez de cantar uma música ou recitar um poema, ele insistiu em gravar uma mensagem... pra você.
– Mas nós ainda não nos conhecíamos – comentou Carver, franzindo a sobrancelha.
Tudd sorriu.

– Ele parecia ter certeza de que viriam a se conhecer. Além disso, a mensagem só deveria ser tocada depois que você perguntasse sobre a ilha Ellis. Ele afirmou categoricamente que isso levaria menos de uma hora. Eu pensei que esse seria o tempo pra você se familiarizar com o ateneu – disse, apontando para o fonógrafo. – Agora, o som é gravado pela vibração de uma minúscula agulha que produz marcas num cilindro de estanho. Edison pensou em usar um disco, mas o cilindro gerava uma velocidade mais constante. Depois de feitas as marcas, a mesma agulha corre pelos sulcos, recriando o som, que é amplificado pelo cone. Tudo o que *você* precisa fazer é girar a manivela.

Com uma ansiedade infantil, Tudd acenou para Carver, pedindo-lhe que seguisse em frente. Carver não tinha certeza se estavam animados pela máquina ou por finalmente ouvir o que Hawking havia gravado. Eufórico pelas duas ideias, Carver segurou a manivela de madeira e girou. O cilindro rodou, e a pequena agulha subiu e desceu. Uma voz estanífera e distante surgiu pelo cone.

“Você sabe que a carta veio de Londres e, por causa da data, vai querer saber se algo sobrou dos registros de passageiros de Castle Clinton daquele ano. Quando estiver em Ellis, procure pelo Contador. Esse é o nome dele: Contador. Ele é um amigo meu. Na verdade, um ex-interno do hospício, mas não se preocupe: não acredito que ele morda. Mencione meu nome e ele irá ajudá-lo a tentar conseguir o que precisa.”

O som chegou ao fim, mas Carver continuou girando, na esperança de que houvesse mais.

Depois de vários instantes de silêncio, Tudd disse:

– Acho que você já pode parar.

– Contador, hein? – disse Emeril.

– Provavelmente um doido varrido – palpitou Tudd, com uma gargalhada. – Como o próprio Hawking.

– É isso, então? – perguntou Carver.

Tudd deu de ombros.

– De que mais você precisa? Agora é a próxima charada. Vá, meu filho, vá. Se descobrir algo, entre em contato.

Com todos os olhares voltados para ele, Carver se levantou e seguiu para a porta. A ideia de buscar um ex-interno do Octógono não era muito animadora, no entanto, como Hawking havia feito a gravação semanas antes, ocorreu-lhe pela primeira vez que Hawking poderia ser, ao mesmo tempo, genial *e* insano.

19

Carver entrou no metrô e chutou a alavanca. Sua cabeça estava a mil. Como Hawking sabia que se conheceriam? Ele teve a estranha sensação de ser um peão no jogo de outra pessoa. “Agora é a próxima charada”, tinha dito Tudd. Eles o estavam testando, assim como Hawking.

Uma sombra fez com que desse um pulo. Seu pé chutou um cilindro de metal escuro, que saiu rolando pelo vagão. Curioso, pegou-o do chão. Parecia uma batuta, era frio ao toque, pesado, mas cabia no bolso, e tinha um único botão do lado. Sem nem pensar no que poderia ser, Carver o pressionou.

Schick!

O cilindro se expandiu tão rápido que ele deu um pulo de novo. Agora o objeto parecia um pequeno bastão preto, que terminava numa ponta afilada de cobre maciço. Carver o moveu de um lado para o outro. Era fácil movê-lo no ar, como se se equilibrasse sozinho.

Entretanto, no último movimento, o objeto atingiu a parede de metal, e uma terrível série de faíscas crepitou do bastão. Apavorado, Carver derrubou o objeto no chão. Finas ondas de fumaça subiam do ponto atingido na parede. Uma arma, definitivamente uma arma.

Com cautela, tocou-a com o dedo. Como nada aconteceu, apertou o botão novamente. *Schick!* E ela retornou à sua forma original.

Ele não fazia ideia de como usar aquela arma, mas seus instintos lhe diziam que encontrá-la não foi acidental. Os mesmos instintos lhe diziam para que ficasse com ela. Algo estava acontecendo. Ele não duvidava nada que, ainda agora, os Pinkertons o estivessem observando.

Sentindo-se um tanto paranoico, colocou o assombroso aparelho no bolso e seguiu em direção à Broadway. Logo estava num bonde em direção ao sul da cidade, chacoalhando a mais de trinta quilômetros por hora. Os bondes obtinham propulsão de um cabo enterrado, chamado de *subterrâneo elétrico*. Mas o que propulsionava o bastão?

Quando chegou ao porto da South Street, a visão dos veleiros de mastros altos ancorados ao lado de gigantescos cruzadores a vapor limpou as preocupações de sua cabeça. Mais relaxado, passou pelos estivadores, imigrantes recém-chegados e passageiros. A cidade era seu lar. *Ninguém* poderia segui-lo se ele não quisesse.

Ali, na ponta da Ilha de Manhattan, aproximava-se a balsa da ilha Ellis. O

rastro deixado na água por um navio fez com que a embarcação balançasse. Quando a proa mergulhou, dezenas de homens, mulheres e crianças recém-chegados, boquiabertos frente ao novo lar, cambalearam adiante. Quando voltou a subir, todos se inclinaram para trás. Pareciam num enorme estupor. Era possível que seu pai tivesse desembarcado do mesmo navio. Em que *ele* estaria pensando na época?

Carver já estava no barco quando este partiu. Depois de uma travessia revolta, guiou-se numa cisão na retangular ilha Ellis, ancorando praticamente em frente ao edifício de quatro pináculos do Posto Federal de Imigração. Quase um quilômetro adiante, viam-se um braço e uma cabeça gigantes, verde azulados, ascendendo-se sobre a água: a Estátua da Liberdade.

Dentro do prédio, a multidão seria impressionante se a área interna não fosse tão ampla. Dezenas de idiomas se misturavam num bramido constante. Seguranças estavam espalhados por toda parte, gritando repetidas vezes os mesmos comandos sobre em que filas aguardar. Por trás de um guichê, três homens uniformizados tentavam responder às perguntas. Após uma longa espera, Carver foi finalmente atendido por um homem forte e com uma cara de poucos amigos.

Quando ele explicou por que estava lá, o homem apontou para a outra extremidade do salão: – Você precisa ir às Escadas de Separação. – Vendo a expressão perplexa de Carver, o oficial voltou a apontar: – Escadas de Separação. A escadaria central significa que você foi aprovado pra ficar; à direita ou à esquerda significa que você será retido. Desça à direita. No primeiro patamar, há uma porta que leva ao porão. Não tenha receio de cortar a fila. Ninguém ali está com muita pressa.

Enquanto abria caminho, o salão, por mais impossível que parecesse, estava ainda mais cheio de gente. Ele virou à direita, recebendo olhares irritados ao passar à frente dos que aguardavam. A maioria não disse nada, porém, no meio do caminho, um homem corpulento, de barba curta e escura, segurou seu braço.

Quando o senhor abriu a boca, como se para falar, Carver torceu para que ele entendesse inglês, assim, poderia lhe explicar a situação. Em vez disso, porém, o gorducho soltou um bafo fétido e úmido, e começou a tossir. Carver prendeu a respiração e, revolto, soltou seu braço.

Espavorido, ele desceu rapidamente pela escadaria até encontrar a porta para o porão, entrando num corredor limpo e desolado, com a respiração pesada e o coração acelerado.

A primeira porta era grossa e metálica. Da fresta próxima ao chão emanava um cheiro tênue de carvão. A maçaneta estava emperrada, mas, com certo esforço, Carver conseguiu abri-la. A bagunça no quarto de Hawking não era

nada comparada ao que se apresentou aos seus olhos. A sala se encontrava tão abarrotada que não era possível divisar seu tamanho real. Era repleta de estantes e mesas, pilhas de papel por todo lado, todos pouco ou muito queimados – a razão daquele cheiro.

Mas as pilhas não eram a coisa mais estranha. Havia barbantes, incontáveis, de várias cores, desfiados e podres, indo das pilhas até um estranho montículo num canto escuro. Juntos, pareciam uma imunda teia de aranha multicolorida.

O montículo se moveu, fazendo os barbantes se agitarem. Por instinto, Carver estendeu o braço para pegar o bastão, esperando por uma chance de usá-lo. Ele se deteve quando percebeu que era uma pessoa. Com a barba por fazer, como Hawking, suas roupas estavam tão sujas que eram de um tom de cinza uniforme. Ele não usava óculos, mas tinha os olhos arregalados, como se tivesse problemas para enxergar.

– Quê? – disse ele, como se dissesse “olá”.

– O senhor é o Contador? – perguntou Carver.

O rosto do homem se franziu todo, fazendo suas rugas formarem uma segunda teia.

– Quantos anos você tem?

– Catorze. Eu fui mandado pelo...

– Aniversário? Altura? Peso?

– Como?

– São números, não são? Você deve continuar contando ou então tudo... – falou ele, movendo o braço rapidamente, fazendo os barbantes se remexerem. – *Tudo* se perde.

– Certo – disse Carver.

Ele repetiu de memória sua altura, seu peso e seu aniversário, mas outras perguntas vieram em seguida: Tamanho dos sapatos? Quantos dentes? Carver fez o melhor que pôde até que, por fim, o senhor ficou satisfeito o bastante para que ele explicasse por que estava lá e quem o mandara.

– Hawking – falou o Contador. – Número 1 no meu livro. De que ano é esse registro?

– Hum... 1889.

– Imigrante novo.

Seus longos dedos percorreram os barbantes. Ele segurava alguns com os dedos dobrados e soltava outros.

– Novo? – perguntou Carver.

– Até 1870, a maioria dos imigrantes era anglo-saxã, protestante, exceto pelos irlandeses, assim como as pessoas que já moravam aqui. Depois disso, começaram a vir povos da Europa Oriental e Meridional, católicos, judeus

russos, asiáticos, ideias diferentes, *novos* imigrantes.

– Quantas pessoas o senhor acha que vieram pra cá em 1889?

– 333.207 – respondeu o Contador, sem pestanejar.

Ao ouvir o número astronômico, Carver murchou. O Contador riu.

– Parece muito, não é? Esse número é um leão. Vamos ver se conseguimos domar essa besta-fera. País de origem?

– Inglaterra. Londres.

O Contador soltou vários barbantes.

– 60.552. Não tão grande. Só uma jaguatirica. Mês?

– Hum... novembro – respondeu Carver, lembrando-se da data da carta.

– 5.046. Um bichano. Homem ou mulher?

– Homem.

Mais barbantes caíram.

– 3.279. Viajou sozinho ou com a família?

Carver duvidava que seu pai tivesse uma família.

– Sozinho.

– Ótimo. Isso é raro. 522. Um filhotinho agora. Com ou sem instrução profissional?

A carta mencionava facas. Ele podia ser um açougueiro. E tinha um chefe, então definitivamente tinha um emprego.

– Com.

– 316. Ele tinha dinheiro? Você sabe a idade dele? – indagou o Contador, puxando suavemente a linha, como se provocasse um peixe com a isca.

Carver encolheu os ombros.

– Isso é tudo, tudo o que eu sei.

O homem apontou com a cabeça para os seis barbantes em sua mão.

– Siga os barbantes.

Eufórico, ele venceu a repulsa e segurou os barbantes. Era difícil seguir os fios, mas, sempre que Carver se perdia, o Contador dava um pequeno puxão em cada fio para mostrar o caminho. Os barbantes levavam a uma pilhinha de registros dos navios, alguns frágeis demais para mexer, outros enegrecidos demais para ler.

Apreensivo, Carver ficou olhando para a pilha.

– Quantos registros daquele ano sobreviveram?

– 108 – disse o Contador –, o que diminui suas chances pra um terço.

Com cautela, Carver os examinou um a um, pulando as caligrafias caprichadas e os analfabetos, em busca do garrancho pesado e inconfundível de seu pai. Ele já estava ali havia mais ou menos uma hora e estava prestes a desistir quando uma assinatura rude fez seu coração pular pela garganta. A letra

era inconfundível. Numa folha carbonizada pela metade, com a tinta brilhando sob a luz, encontrava-se a assinatura do pai, o *nome* de seu pai... Jay Cusack.

Não parecia inglês. Será que era irlandês? Jay Cusack. Seria muito difícil encontrá-lo agora?

A voz do Contador o trouxe de volta à realidade.

– Conseguiu o que precisa?

– Sim! Obrigado!

O Contador acenou com a cabeça, fazendo os barbantes ondularem.

– Boa sorte, então. Mande lembranças ao senhor Hawking. Sem ele, eu ainda estaria no hospício. E, garoto, qualquer que seja seu trabalho, faça as contas.

20

Jay Cusack. *Jay Cusack.* Isso faria dele... *Carver Cusack*?

Ao voltar ao South Street Pier, Carver ficou repetindo o nome mentalmente. Não era um nome bonito, mas isso não importava. Ele ainda sabia tão pouco. Será que Carver tinha nascido na Inglaterra? *Por que* seu pai pensou que ele estava morto?

Dando-se conta de que estava com fome, Carver voltou-se, distraído, na direção de uma barraca de frutas, quando pensou ver um vulto escuro virar a esquina furtivamente. Será que estava sendo seguido? Toda essa busca seria uma brincadeira dos Pinkertons? Poderia ter sido a sombra de um toldo se movendo ao vento, mas...

Ele caminhou até a esquina e perscrutou o quarteirão. O sol vespertino estava quase se escondendo atrás dos prédios. No entanto, exceto pelas grandes sombras projetadas sobre os vendedores, operários e executivos, não havia nada.

Verdadeira ou não, a visão deixou Carver com um pé atrás, mas não o suficiente para impedi-lo de passar o restante do caminho de volta pensando em qual seria seu próximo passo. Nova York era gigantesca; mesmo assim, quantos Jay Cusacks poderiam existir?

Ele voltou à Warren Street e seguiu caminho até a sede. Se alguém da Nova Pinkerton o tinha seguido, ele não viu nenhum sinal. Na verdade, quando o metrô chegou à plataforma e Carver saiu, mal pareceram notar sua presença. Ao abrir a porta curva, ouviu os sons de uma grave discussão entre Tudd e alguns agentes.

– *Ainda* não encontraram? – dizia Tudd. – Aquele protótipo é inestimável! Levou um ano inteiro pra desenvolver aquela arma!

Eles estavam falando do bastão. Será que Carver deveria contar que o encontrara? Antes que tivesse a chance, Tudd viu o garoto. Seu rosto se iluminou e ele começou a fazer perguntas:

– E então, conte como foi – falou ele. – Conte *tudo*.

Tudd estava tão cordial que a sensação de culpa de Carver aumentou. Quando terminou de contar o que havia descoberto, estava prestes a entregar o bastão quando Tudd logo pediu: – A folha, a folha com a assinatura, você trouxe?

Ele parecia *extremamente* eufórico. A desconfiança de Carver voltou a apertar, mas, em vez de perguntar por que, entregou o envelope.

Tudd retirou a página carbonizada e examinou a assinatura.

– É, parece. Parece *mesmo*.

Vendo a maneira como ele agarrou o papel escurecido, Carver se sentiu subitamente protetor.

– Ela é frágil. Você não pode colocar num tubo, como a outra. Eu levo pro especialista, se você quiser.

– Não, não – declinou Tudd. – Eu mesmo a levo, com todo o cuidado.

Carver o encarou.

– Posso ir com você? Eu gostaria de ver as duas lado a lado.

– Não, filho, desculpe. Tenha paciência. Só se passou um dia. E você fez um excelente trabalho.

Sem outra palavra, Tudd saiu às pressas, deixando Carver incomodado por ser chamado de "filho". Por mais que Tudd parecesse cordial, ele havia levado agora a *segunda* pista sobre a identidade de seu pai. Tudd sempre tinha sido gentil com ele, sempre lhe dando oportunidades. Ainda assim, Carver não estava mais com tanta vontade de devolver o bastão.

Mesmo sem a folha, ainda poderia pesquisar pelo nome. A caminho do ateneu, Jackson e Emeril correram em sua direção. Aparentemente, já sabiam de seu sucesso.

– Que maravilha!

– Quanta sorte! Bem que precisamos de um pouco de sorte por aqui também.

– Cusack? Isso não é polonês? – arriscou Jackson.

– Normando – corrigiu Emeril. – Ainda é utilizado na Inglaterra, mas principalmente na Irlanda, antes na França. – Voltando-se para Carver, acrescentou: – Sobrenomes fazem parte da minha pesquisa.

– Isso e tudo mais – disse Jackson, revirando os olhos.

Apesar de gostar da companhia deles, Carver também não confiava mais neles. Acenando para a porta, declarou:

– Tenho só mais uma hora antes de voltar pra Blackwell. Queria encontrar um endereço até lá.

Eles riram tanto que ele teve de perguntar:

– Qual é a graça?

Jackson respondeu:

– É que você não pode usar a máquina analítica. E, mesmo se...

Lembrando-se do aparelho gigantesco, Carver questionou:

– *O que* é aquilo? O que ele faz?

– Não muito, já que Beckley não suporta o barulho – respondeu Jackson, rindo. – Ele quase pediu demissão por causa dela. Tudd conhece todos os

detalhes da máquina. Ele foi o primeiro a ter uma em funcionamento.

– Mas, respondendo à sua pergunta – interrompeu Emeril –, ela foi inventada por Charles Babbage, o mesmo que criou a máquina diferencial, uma calculadora mecânica. A máquina analítica tem fins mais gerais. Usando dados codificados em cartões perfurados, ela consegue classificá-los e responder a perguntas. Digamos que você precise de uma lista de todas as pessoas relacionadas a quem está morando atualmente na Park Avenue, 375. Coloque a pergunta num cartão perfurado, ligue a máquina e, em menos de uma hora, ela jogará a resposta pra você.

– Sério? – exclamou Carver, arregalando os olhos. – Eu posso usá-la pra encontrar meu pai?

– Não – respondeu Jackson. – Primeiro porque Beckley odeia aquilo. Segundo porque ela vive quebrando. Terceiro, os cartões só abrangem a classe alta. É mais provável que seu pai seja da classe trabalhadora, não? Suponho que, se você eliminar *todas* as suas outras opções e *implorar*, talvez Beckley ceda. Até lá, terá de ser à moda antiga. Pra ser sincero, terá sorte se conseguir juntar todos os diretórios em sua mesa até a hora que tiver de ir embora.

Acontece que Jackson estava errado. Carver não só empilhou todos os diretórios da cidade de 1889 como também folheou quatro, listando os endereços de todos com o nome Jay Cusack.

Quando chegou a hora de sair, tinha acumulado cinquenta e sete Jay Cusacks. *Cinquenta e sete*. Pior, no meio do quinto livro, ele se deu conta de que deveria ter listado *todos* os Cusacks, para o caso de algum parente saber como chegar até ele.

Ao sair, paquerou a máquina analítica. Como se lesse sua mente, Beckley fez que não com a cabeça e, em seguida, sugeriu não apenas mais dez diretórios como também que checasse os arquivos dos principais jornais, relatórios da polícia e registros hospitalares.

Intimidado, Carver sentiu seu ânimo se esvair enquanto ia embora. Repassando mentalmente todas as listas que teria de verificar, mal ouviu uma voz conhecida gritar seu nome ao sair do elevador na Warren Street:

– Carver!

Ele levantou os olhos. Um cabriolé de aluguel estava no meio-fio, com uma linda e eufórica garota debruçada à janela. As elegantes roupas novas eram totalmente estranhas, mas o cabelo preto e o rosto sardento eram inconfundíveis.

– Delia! – gritou ele, apertando o passo.

– Que maravilha! – disse ela. – Eu estava agorinha no New York Times Building. É o lugar mais legal do *mundo*! Eu vi os arquivos, a redação, *tudo*!

Claro. O *Times* ficava na Park Row, parte da Travessa dos Jornais, somente

a alguns quarteirões dali.

– Que ótimo! – falou Carver.

– Estamos indo pra casa. West Franklin Street, número 27. O tio do Jerrik aluga uma casa vitoriana linda, com um enorme carvalho bem em frente à minha janela. Ainda não tive a chance, mas parece fácil de subir. E você? Comprando roupas novas na Devlin’s, imagino?

Certo. Ali estava Delia, toda emperiquitada, e ele ainda nas suas roupas puídas do Orfanato Ellis. Por mais embaraçado que estivesse, *não podia* contar o que estava fazendo. Ele tinha acabado de sair de uma sede secreta, e ela agora era a pupila de *repórteres*.

– Só... indo pra casa – comentou ele.

– Então você encontrou alguém pra adotar você! Foi aquele detetive velho?

“Sim, e eu estou morando num hospício com ele”, quase respondeu. Em vez disso, murmurou:

– Não, ele não.

– Ah... – lamentou Delia, parecendo não acreditar nele. – Quem, então?

– Outras... pessoas – balbuciou Carver.

– Eles têm nome? – perguntou Delia, paciente.

O silêncio constrangedor durou até que a mulher ao lado de Delia no cabriolé se debruçasse à janela. Era Anne Ribe. Ele a reconheceu da Noite dos Possíveis Pais. Ela tinha um brilho arguto nos olhos que, apesar de elas não terem parentesco, lembrava o brilho dos olhos de Delia.

Ela estendeu a mão, envolta numa luva branca.

– O misterioso Carver Young! Delia nos falou muito de você... e, ao mesmo tempo, o conhecemos tão pouco.

Sério? Aquilo era inesperado, e Delia pareceu constrangida ao ouvir. Carver foi pego de surpresa, mas se lembrou de cumprimentá-la.

– Não há muito o que contar, na verdade.

– Podemos lhe oferecer uma carona? Tenho certeza que Delia adoraria saber as novidades.

– Não! – exclamou Carver, alto o bastante para fazer Anne Ribe piscar e torcer os lábios num sorriso desconfiado. – Obrigado, mas eu realmente preciso ir andando.

– Pra onde? – perguntou Delia, aproximando-se, antes de murmurar: – O que está acontecendo?

– Nada! – respondeu ele, enfático, enquanto o rosto dela se enfurecia. – Não é tão simples assim – acrescentou.

– Parece simples o bastante – disse ela, voltando para dentro do cabriolé. Ela se sentou rígida, quase sumindo do seu campo de visão.

– Foi um prazer conhecê-lo – disse Anne Ribe, antes de o cabriolé partir.

Carver o observou indo embora, confuso e agoniado. Delia sempre foi difícil, provocando-o, mas ela era parte de sua vida desde sempre. Ele pensou em gritar, perseguir o cabriolé e lhe contar tudo, mas não podia. Ele tinha toda uma vida nova à qual se dedicar agora.

Além de cinquenta e sete Jay Cusacks. No mínimo.

21

Assim como a proa do barco subia e se esboroava nas águas agitadas e cinzentas, ver Delia havia levantado o ânimo de Carver alto o bastante para fazê-lo cair feio. Retornar à amedrontadora ilha não melhorou seu humor, tampouco ver Simpson bater de cara com a parede. *Tum, tum, tum*. Carver quase sentiu vontade de fazer o mesmo.

Enquanto se arrastava pelas longas escadarias circulares, torceu para que seu mentor o ignorasse, assim, ele poderia se jogar na sua cama nova e cair no sono.

A máquina de escrever se achava em silêncio, mas a pilha de papéis ao lado dela havia crescido. Hawking estava à mesa, examinando algo numa lupa montada em um suporte ajustável. Intrincados objetos de latão tinham sido espalhados sobre um tecido plastificado. Um estava preso num torno de bancada, e o detetive aposentado trabalhava arduamente com a sua mão esquerda, a boa, para poli-lo.

Ele não se deu ao trabalho de levantar os olhos.

– O seu trabalho me inspirou, rapaz.

– O que é isso? – perguntou Carver.

– Uma peça. Pode me chamar de hipócrita, porém eu gosto de trens. Não do tipo silencioso, mas dos velhos trens a vapor. Esta é uma peça de um velho equipamento ferroviário, usado antigamente pra desengatar vagões e mudar de trilhos. Ainda deve funcionar em nossos sistemas elevados. Eu acho a mecânica fantástica. Quase relaxante – declarou ele, voltando a cabeça e revelando seus olhos fixos e intensos. – Você parece ter tido um dia e tanto.

Carver soltou um murmúrio evasivo.

Hawking jogou o pano para o centro da mesa.

– Quer que eu dê uma de Holmes e tente adivinhar?

– Eu pensei que você não gostasse de Holmes – comentou Carver.

– Não, não gosto – disse ele, pousando o braço saudável sobre o joelho –, mas, pra falar com você, preciso usar a linguagem simplista que você entende melhor. Poderia ser pior, poderiam ser cantigas de ninar – ironizou. Suas pupilas negras examinaram Carver, que sentiu como se sua mente estivesse sendo cutucada por algo físico. – Ombros cabisbaixos, rosto lânguido, expressão inquieta. Você está triste demais pra ter fracassado por completo. Imagino que tenha obtido algum sucesso, mas que isso não significou tanto quanto pensou

que significaria.

Ser facilmente analisado só aumentou o desconforto de Carver.

– É.

Hawking franziu o cenho, como se estendesse o olhar mais profundamente, numa bola de cristal invisível.

– Você ouviu minha mensagem, foi pra ilha Ellis. O Contador ajudou você. E você encontrou um nome.

– Uau. Como você sabe disso tudo? – perguntou Carver, surpreso.

Hawking soltou uma gargalhada.

– É tão fácil enganar você! Tem um telefone no escritório daqui. Falei com Tudd há meia hora. O que você encontrou no ateneu que o deprimiu tanto?

– Cinquenta e sete Jay Cusacks – explicou Carver. – E só olhei *quatro* diretórios.

– Pensei que você tivesse aprendido alguma coisa sobre números com o Contador – disse Hawking, coçando o queixo. – Talvez não tenha prestado atenção. Sabe quantas pessoas moram nesta cidade agora?

– Não exatamente. Muitas.

– Um milhão e meio, mais ou menos. Em um dia, *um dia*, você diminuiu seu raio de um milhão e meio pra menos de cem, e ainda está reclamando? Você é do tipo que vê uma luz no fim do túnel e pensa que é um trem, não é? Anime-se, o pior ainda está por vir! – exclamou Hawking, colocando outra peça de latão no torno. – Seus romances policiais só mostram uma minúscula fração do trabalho de detetive, o crime genial, as pistas perturbadoras, a perseguição dramática, a batalha final sobre o cume de uma montanha, com ondas violentas quebrando vários metros abaixo... a justiça sendo feita! Se eles escrevessem sobre o mundo real, quatro quintos da história consistiriam no herói sentado numa biblioteca por meses seguindo pistas falsas. Mas ninguém pagaria um centavo nessas histórias. – Ele fez uma pausa para olhar a nova peça, examinando-a com a mesma minúcia que examinara Carver. – Pensar, ler, andar, esperar. Essa é a maior parte do trabalho. *Existem* as perseguições, o trabalho secreto e... os tiroteios, mas eles não são nada fabulosos e são muito raros. Ainda quer ser detetive?

– Sim – afirmou Carver.

– Mas não tanto quanto na semana passada? – perguntou Hawking, arreganhando os dentes.

Carver deu de ombros.

– Eu não ligo pro trabalho. Só fiquei... surpreso.

– Espere os meses passarem e sua lista aumentar, em vez de diminuir – disse ele, antes de fazer uma pausa e voltar a examinar Carver. – Existe mais

alguma coisa, não existe? Uma garota?

Aquilo era demais. Como ele poderia saber sobre Delia?

– Então, *tinha* alguém me seguindo?

– Hã? – disse Hawking, dando de ombros. – Não que Tudd tenha mencionado, mas não duvido que ele fosse capaz disso. Isso, na verdade, está escrito em sua testa. As mulheres são difíceis. Eu não posso ajudar muito nesse assunto, exceto, talvez, pra dizer se elas são ou não culpadas. E *todo mundo* é culpado de alguma coisa, então, a resposta é sim.

Mas Carver precisava contar a alguém sobre Delia. Ele não confiava mais tanto na Nova Pinkerton, logo, restava Hawking.

– Não é nesse sentido. Eu encontrei uma amiga do orfanato. Eu queria contar a ela o que estava acontecendo, mas não podia.

– Você estava *envergonhado* por morar num hospício – assentiu Hawking –, então, deve ter murmurado alguma mentira esfarrapada besta. Um desperdício de criatividade. Fale o que quiser de mim, meu rapaz. Não ligo pro que o resto abominável da humanidade pensa a meu respeito.

– Não é só isso. Tem os Pinkertons. Eu não devia contar nada sobre eles pra ninguém – falou Carver.

– Ah. Você não precisa *mentir* sobre isso. “Uma verdade dita com má intenção derrota todas as mentiras que possamos inventar”, dizia Blake. Ele também disse: “Antes matar uma criança no berço do que acalentar desejos insatisfeitos”, mas vamos deixar isso pra outro dia. Quanto ao Tudd, o louco das bugigangas, e os Pinkertons, diga que lhe pediram que não falasse do trabalho que está fazendo pra mim. Isso soa misterioso e romântico, não? Algumas mulheres gostam disso. Se você quiser conquistar o amor dela, diga que eu espanquei você, coisa, aliás, que eu farei se você não descer até a cozinha e trouxer o jantar.

Por algum motivo, Carver não achava que isso impressionaria Delia.

Ele deu meia-volta e seguiu para a cozinha.

22

Nas semanas seguintes, a lista chegou a quase cem nomes. Os dias de Carver estavam tão cheios de tarefas cansativas e mundanas que mesmo as maravilhas do quartel-general foram perdendo a graça. Ainda assim, diligente e perseverante, ele percorria a longa e difícil jornada de Blackwell até Manhattan, visitando endereço por endereço e finalmente compreendendo a real vastidão de uma cidade que pensava conhecer tão bem.

A maioria dos endereços levava a cortiços, onde ele conversava com pedintes cegos e catadoras de lixo. Uma sugeriu que Carver tentasse o Potter's Field, local em que os indigentes eram enterrados com números em vez de nomes. Ele visitou famílias de seis ou sete pessoas que moravam em dois cômodos, apinhadas ao redor de uma mesa e fazendo flores artificiais para vender em troca de comida.

Dois Cusacks eram fabricantes de charutos, um supervisor numa fábrica de gravatas; três açougueiros, o que aumentou suas expectativas, mas nenhum tinha enviado carta alguma para um tal Orfanato Ellis. Alguns poucos Cusacks detinham empregos de mais prestígio: um banqueiro, um advogado. Mas, toda vez que ia para o norte, onde ficavam as casas da classe alta, ele quase era preso por vagabundagem. Suas roupas gastas, cada vez mais mal-ajambradas, agora eram lavadas com detergente pelos funcionários do Octógono, e soltavam um cheiro desagradável que o caracterizava como pé-rapado. Pior, cada visita ao ateneu lhe dava mais dois Cusacks para cada um que ele tinha riscado da lista. Beckley não estava nem perto de considerar o uso da máquina analítica, apesar de o menino ter visto um agente a lubrificando certa vez.

– É assim mesmo – diziam Jackson e Emeril.

Tudd estava ocupado demais para falar qualquer coisa. Sempre que Carver lhe perguntava sobre a análise grafológica, ele só meneava a cabeça.

À noite, o jovem aspirante a detetive estava tão cansado que quase conseguia ignorar os discursos irritantes de Hawking. Mas ainda não conseguia ignorar os lamentos dos pacientes.

A única coisa vagamente interessante aconteceu numa tarde em que voltou cedo para Blackwell. Ao entrar no Octógono, viu Hawking saindo de uma porta estreita num dos andares de pacientes. A porta se ajustava tão perfeitamente à parede que era praticamente invisível quando fechada. Onde ela poderia dar?

Ao avistar Carver, Hawking fechou a porta rápido, dizendo:

– Não é da sua conta.

Curioso como era, Carver não se atreveu a perguntar, mas ficou com a porta na cabeça, imaginando que abrigava algum mistério, um que fosse mais fácil de solucionar que a identidade de seu pai... Ao menos se ele tivesse a pachorra de desobedecer seu mentor.

Em outubro, o tempo esfriou. O céu, as árvores e até mesmo os prédios ficaram mais cinzentos. Quando Carver descobriu que um vendedor de rua chamado Jim Cusack trabalhava na Travessa dos Jornais, uma breve caminhada o levou da Devlin’s até a frente do New York Times Building. Ele ficou olhando para aquele que era o primeiro prédio na cidade devotado unicamente a um jornal, na esperança de avistar Delia em uma das janelas.

Em certos dias, a única coisa que o fazia seguir em frente era a ideia de que todo esse trabalho era mais um teste de Hawking, e que, se durasse tempo o bastante, o detetive lhe daria alguma grande sacada que aceleraria sua jornada. Entretanto, além das citações sarcásticas, das conversas enfadonhas que não faziam muito sentido e de um ou outro livro estranho jogado com força do outro lado do quarto, Hawking não lhe dava nenhuma orientação em particular. O único comentário sobre a busca por seu pai foi:

– Mais cedo ou mais tarde, rapaz, ou você desistirá ou encontrará alguma coisa. Eu não faço ideia de qual será.

Carver também não.

23

Certa manhã, a temperatura despencou abaixo de zero, o que fez Hawking forçar Carver a usar um sobretudo comido por traças.

– Não quero que você traga doenças pra cá, rapaz. Se quiser me ver morto, é melhor me matar com as próprias mãos.

Todas as objeções que Carver tinha desapareceram na viagem de barco. O vento era de congelar os ossos. Pela primeira vez, saiu do convés superior e se apertou com os outros passageiros embaixo.

No dia anterior, Beckley o havia presenteado com um adendo de um diretório de 1889, em que Carver encontrou um J. Cusack listado na Edgar Street. Ele examinou o mapa por uma hora até localizar uma minúscula linha que conectava a Trinity Place a Greenwich.

Estava tão frio que Carver decidiu esbanjar e pegar o trem elevado pela Greenwich. Apesar das ondas de vapor da locomotiva compacta e do rosto vermelho e suado do maquinista, os vagões estavam gélidos.

A Edgar Street parecia menor do que no mapa. Tinha, no máximo, uns vinte metros. Também não havia portas, só muros de prédios cujas entradas ficavam em outra rua. Mais um beco sem saída.

De volta a Greenwich, perguntou a um policial:

– Já existiram apartamentos na Edgar Street?

– Derrubaram e venderam há uns cinco anos.

Carver fez seu apelo de sempre.

– Meu pai pode ter morado lá. Jay Cusack?

– Cusack, Cusack. Não me é estranho... mas não lembro.

Entendendo, Carver enfiou a mão no bolso e tirou as poucas moedas que tinha. Vendo o suborno irrisório, o oficial revirou os olhos.

– Guarde suas moedas. Você deve falar com Katie Miller. Dois quarteirões ao sul, vire à esquerda, segunda porta à direita. Siga o barulho dos gatos.

Ignorando o comentário esquisito, Carver seguiu as instruções. Ao virar a esquina, um cheiro acre de animal se misturou aos odores mais constantes de cavalo, carvão e asfalto.

O cheiro ficou mais forte na segunda porta, onde um coro amortecido de miados atingiu seus ouvidos. Não é estranho ter alguns animaizinhos de estimação, disse a si mesmo. Ele levantou a aldrava de bronze e deu umas pancadas secas. Além dos miados, pôde ouvir o som de chinelas se arrastando.

A porta se abriu com um rangido, emanando um forte odor felino misturado a um cheiro químico cáustico. A mulher de rosto enrugado o fitou com olhos azuis esbugalhados. Se o nariz dela fosse mais aquilino, lembraria uma bruxa.

– Katie Miller?

Em resposta, a velhinha piscou. Carver tomou aquilo como um sim.

– A senhora era dona dos apartamentos que ficavam na Edgar Street?

– Que tem eles?

– A senhora já teve um inquilino chamado Jay Cusack?

– Ele? – disse ela, com os olhos irascíveis. – Há muito, muito tempo. Deve fazer uns seis anos. – Os miados foram ficando mais fortes. – Calma, queridinhos! Já, já vocês descansarão em paz, juro. – Então, voltando a olhar para Carver: – Eu devia ter dado conta deles ontem à noite, mas estava cansada demais. O que você quer com o Cusack? Se ele deve dinheiro a você, é melhor esquecer. Você não vai querer se meter com ele.

– Acho que ele pode ser meu pai.

Ele dissera aquilo tantas vezes que as palavras não o enchiam mais de expectativa.

A surpresa, porém, foi que ela se espantou.

– Filho daquele demônio? Você... realmente se parece com ele, o queixo, o formato do rosto, mas tem algo mais suave em você. Sua mãe?

Demônio? O que ela queria dizer? Será que ela realmente conhecia o pai dele? Carver tentou ficar calmo.

– Não conheci. Fui criado como órfão.

– Eu sei tudo sobre órfãos. Eu coleciono órfãos – disse ela, abrindo a porta e, pela primeira vez, sorrindo em direção a Carver. – Entre.

Dentro da casa, o cheiro era tão forte que ele teve de prender a respiração. Havia gatos por toda parte, gatões machos, malhados, filhotinhos, até gatos de becos ferozes que arqueavam as costas e chiavam ao vê-lo. Alguns tinham coleirinhas com o nome e o endereço dos donos.

Como poderiam ser órfãos?

Um sofá perto de duas janelas fechadas estava abarrotado de gatos, mas a mulher os atirou ao chão como se fossem almofadas. Enquanto Carver se sentava, apontou para as janelas.

– Podemos abrir uma, por favor? Está um pouco... abafado.

– Ah, não, não, não! Eles sairiam todos correndo! Eles sabem quando está chegando a hora.

– Que hora?

– A hora do *descanso* – explicou Katie, sentando-se numa cadeira em frente a ele. – Toda criatura teme seu fim.

– A senhora... mata os gatos?

– Por compaixão – disse ela, com calma. – Milhares perambulam pelas ruas, sem teto e morrendo de fome – declarou, puxando uma grande gata branca, colocando-a no colo e esfregando as mãos nas costas do animal para aquecer seus dedos. – Nós tínhamos um grupo, o Midnight Band of Mercy, mas faz quase dois anos que eles condenaram a pobre senhora Edwards por causa daquela ASPCA[3] ridícula – explicou ela, antes de pausar um instante para examiná-lo novamente, cruzando os dedos. – Você realmente se parece com ele.

Tentando ignorar os gatos, Carver perguntou:

– A senhora sabe onde posso encontrá-lo?

– Não. Ele não ficou muito tempo. Homenzarrão. Sinistro, como se uma nuvem vivesse o seguindo. Perseguindo alguém, sendo perseguido; não faço ideia – disse, arregalando os olhos azuis. – Já vi o olhar dele em animais. Mais em cachorros do que em gatos. E o que são os cachorros senão lobos achincalhados? Ele tinha um quê de lobo. Um predador, sabe? Eu me lembro dele principalmente por causa do piano.

– Ele tocava?

– Não. Ele... arremessou um. Era de um professor de piano que faleceu. Duas das rodinhas tinham saído, então ele ficou abandonado no saguão, bloqueando as escadas, de modo que todo mundo tinha de passar se apertando. O senhor Cusack não suportava isso. Ele estava sempre com pressa. Ele se ofereceu pra mudá-lo de lugar, mas eu disse que precisaria de pelo menos mais dois homens pra levantar aquilo. Mas ele... empurrou o piano sozinho. Jogou de uns seis metros de altura, pela varanda, espatifou-o e depois juntou os cacos. Fiquei com medo dele depois disso.

Aquele poderia ser seu pai? Espantado, recostou-se à cadeira, apoiando a cabeça em algo quente e peludo que se contorceu e saiu num pulo. Ele se sentiu meio tonto, sem saber se era pela falta de ar puro ou pela notícia de que seu pai poderia ser um homem violento e irascível.

Ele quase se esqueceu de perguntar:

– A senhora se lembra de mais alguma coisa?

– Bem, teve um pacote que ele recebeu uma vez. Eu digo *ele*, mas não estava escrito o nome dele. Ele o arrancou da minha mão, dizendo que era de algum instituto.

– Orfanato Ellis? – deduziu Carver, sem saber que resposta queria ouvir.

– Talvez – falou ela. – Não me lembro. Mas eu me lembro do nome no pacote. Raphael Trone. Anotei pro caso de a polícia vir atrás do senhor Cusack por roubo e quererem uma testemunha. Sem ofensas, mas ele me parecia esse tipo.

– Criminoso?

– Não – negou ela –, mais o tipo de homem que não se importa. Um trapaceiro, se conveniente, um herói, se quisesse. Funileiro, alfaiate, soldado, marinheiro, rico, pobre, pedinte, ladrão...

O som de vidro se quebrando no fundo da casa interrompeu a enumeração. Katie se levantou, derrubando a gata branca do colo.

– O clorofórmio de novo não! Na última vez que derrubaram aquilo, eu fiquei no frio por três dias lá fora! Só um minutinho.

– Tudo bem, eu conheço a saída – disse Carver.

Mas ela não estava ouvindo. Ela gritou do corredor:

– Hora de descansar em paz, bonitinhos.

Quando ela estava fora de seu campo de visão, Carver se levantou rápido, louco para sair, encontrar um lugar onde pudesse pensar e respirar longe da velha louca e de suas dezenas de animais condenados.

O pai dele, um homem violento? Ele pensou na referência da carta sobre facas e, então, veio-lhe à mente o aviso de Hawking sobre o "abismo". Ele não sabia quem era seu pai. O que estava esperando?

Ao menos uma coisa era simples. Antes de ir embora, escancarou as duas janelas. Já na calçada, deleitando-se com o ar puro e frio, olhou para trás, vendo a chuva de gatos que saltavam pela janela.

Assim como eles, ele correu, e continuou correndo.

---

[3] American Society for the Prevention of Cruelty to Animals. Em português: Sociedade Norte-Americana de Prevenção da Crueldade Contra Animais. [N.T.]

24

Hawking levantou os olhos de seu livro grosso e empoeirado com a palavra *Ferrovia* no título e disse: – Continue correndo assim e eu vou transferi-lo pra uma das celas de baixo!

Nem essa ameaça evitou que Carver continuasse andando de um lado para o outro enquanto falava desembestadamente sobre os detalhes de seu encontro com Katie Miller. Ele mudava de direção a cada sentença, ora olhando para o Rio East e para os prédios e estrelas distantes, ora para uma parede cheia de livros.

Por fim, Hawking pegou sua bengala e a passou pelas pernas de Carver, fazendo-o cair esparramado no chão. Ele apontou a ponta da bengala para o nariz de Carver e ordenou secamente: – Sente.

– Eu *estou* sentado... agora – replicou Carver.

– À mesa. Deixarei passar sua insolência desta vez, mas olhe o tom quando voltar a falar comigo. Agora, resuma o que está fervilhando em seu cerebrozinho juvenil em algumas poucas perguntas e voltaremos a conversar quando você achar que estiver pronto.

Dizendo isso, voltou à sua leitura.

Com o coração a mil, Carver se levantou. Aquele homem podia ser genial, mas era igualmente irritante.

– E se eu não conseguir pôr em ordem? E se for coisa demais?

Hawking virou uma página com a mão boa.

– Finja que *não* é sobre seu pai. Finja que não é sobre você. Finja que você é o rei, o presidente, Nick Neverseen, Roosevelt, não importa. Diga a si mesmo que está ajudando um velho camarada caubói das terras áridas de Dakota a encontrar o pai *dele*. Você gosta do sujeito, mas nem tanto, e, sem dúvida, não o bastante pra enlouquecer.

Apesar do tom nasal e afetado, a voz de Hawking tinha uma intensidade semelhante à de seu olhar. O efeito não foi imediato, mas Carver se esforçou. Em pouco tempo, o redemoinho de seus sentimentos se acalmou.

– Certo – disse Carver, pronto, ao que Hawking colocou um marcador de página no livro que estava lendo. – O meu pa... esse homem... ele pode ser um criminoso violento?

– Tudo é possível. Por que você acha isso?

Carver fez um gesto com as mãos, como se dissesse que era óbvio.

– A descrição que a velha dos gatos fez. Um quê de lobo, sinistro, forte, violento. Ele jogou um piano de cima de um prédio.

– Não faz umas poucas semanas que você estava deprimido por causa da quantidade de nomes que tinha? – perguntou Hawking, com um sorriso malicioso. – Aquilo não lhe ensinou nada? Primeiro, como você pode ter *certeza* de que esse homem é seu pai?

– Ela disse que eu parecia com ele.

– Você acredita em tudo que uma mulher cercada por gatos e clorofórmio diz? É uma pista que vale a pena seguir, assim como as outras de sua lista. Mas meio lobo, violento e forte? Preciso enviar você pro estaleiro amanhã pra mostrar quantos homens se encaixam *nessa* descrição? Que mais?

Mesmo repreendido, Carver não se convenceu.

– A carta do meu pai dizia que ele trabalhava com facas.

– Então você conclui que ele corta *gente*?

– Não, mas... – hesitou Carver, encolhendo os ombros – alguns cortam. Aquele assassino, H. H. Holmes, cortava. E quem quer que tenha matado aquela mulher na biblioteca.

– Isso que você ganha por bisbilhotar as fotos do Tudd. De cabeça, consigo citar oito profissões que exigem certa habilidade com facas: embalador de carne, açougueiro, pescador, alfaiate, fabricante de charuto, padeiro, cozinheiro, barbeiro. Se você quiser subir na escala social, pode incluir médicos e cirurgiões; com isso, dá dez – explanou Hawking. – Tanto seu pai como H. H. Holmes respiravam e, provavelmente, tinham dois olhos, dois braços e duas pernas.

Talvez Hawking estivesse certo.

– Mas é a *primeira* coisa que eu descubro sobre ele.

– Então, é óbvio que precisa descobrir outras.

– Mas...

– Sabe o que o seu amigo Sherlock diria sobre isso? – inquiriu Hawking. – “É um erro capital teorizar antes de ter todas as evidências, pois isso influencia o julgamento.” Reconhece?

– Sim, é de *Um estudo em vermelho*.

– Sua memória lhe serve mais que sua inteligência. Você entende o que isso significa?

Como de costume durante as conversas, Carver se sentiu meio bobo.

– Sim, você acaba tentando encaixar os fatos na teoria – disse ele, recordando-se de algo. – Tudd tem uma teoria sobre o assassino da biblioteca, não é? Qual era?

Hawking bateu na mesa com força.

– Tudd! Acho que aquela velha dos gatos administraria a agência melhor do que ele! Tudo o que ele quer é uma solução simples e mágica. Capturar o assassino da biblioteca e a Nova Pinkerton poder ascender com os anjos às alturas, ganhando fama, admiração e uma série de casos numa cajadada só. As teorias dele são maluquice! Eu nunca deveria ter... – disse, antes de se acalmar, coçar as mãos e soltar um suspiro. – Eu tenho meu próprio plano pra salvar a agência, meu rapaz, devagar, com calma e sem mágica. Bem, pode *parecer* mágica...

Momentaneamente arrancado de seus próprios problemas, Carver perguntou: – Que plano?

– Ah. Você.

– Eu?

Hawking levantou a mão boa.

– Dê-me aquela lista com os nomes que você vive carregando.

Lembrando-se do que aconteceu com a carta e a assinatura de seu pai, Carver hesitou, mas acabou obedecendo.

Hawking a colocou sobre a mesa.

– A letra deixa um pouco a desejar, mas quem sou eu pra falar isso? Ah, aqui está. Um Cusack que tinha os olhos e o cabelo da mesma cor que você foi riscado porque já tinha uma família grande, mas aqui tem outro na mesma situação com um ponto de interrogação. Por quê?

Hawking virou o papel para que Carver pudesse ver. Ele encolheu os ombros.

– A primeira família estava quase morrendo de fome. Eu não poderia imaginar que ele teria largado o emprego e colocado todos em risco ao atravessar o oceano buscando um garotinho perdido. A segunda estava um pouco melhor de vida e a mulher vivia gritando com ele. Isso me levou a pensar que, se ele havia perdido a primeira mulher, poderia correr o risco de buscar o filho deles.

Hawking fez que sim.

– Já se perguntou por que está trabalhando há tanto tempo sem nenhuma orientação?

– Sim.

– Porque você não está fazendo nada de errado. Não sei se julguei mal os seus livros ou se existe alguma coisa correndo em seu sangue, mas você é um diamante bruto. Meu objetivo é lapidar você. Você nunca será melhor que eu, mas farei você se tornar melhor que Tudd e aquelas geringonças bestas dele.

Carver e Hawking se encararam por um instante. Detectando um quê de admiração naquelas pupilas negras, Carver percebeu que já não tinha mais tanto medo de seu excêntrico mentor.

Hawking bateu na mesa de novo.

– Mas voltemos à questão premente. Apesar de toda sua diligência, sua intuição, seu raciocínio brilhante e sua esplêndida inteligência, você acabou de saber de um fato gritante que leva a uma conclusão simples. É algo que até mesmo Tudd teria notado num segundo, mas você ainda não percebeu.

– A encomenda? – questionou Carver, franzindo o cenho.

Hawking meneou a cabeça.

– Não. O homem a quem ela estava endereçada. – Raphael Trone? Meu pai conheceu esse homem, então ele deve conhecer meu pai?

O velho detetive soltou um suspiro.

– Talvez, mas não é a isso que estou querendo chegar. Acho que você precisa de uma dicazinha. Ouça com atenção, porque, quanto menos eu tiver de falar, menos desapontado ficarei com você. Raphael é obviamente italiano. Trone... espanhol, talvez francês. Combinação estranha, não é? Não impossível, mas muitíssimo improvável.

– Ele é de um casamento misto?

– Não seja tão banal. O que o inquilino da senhora Miller disse sobre a encomenda?

Carver vasculhou sua memória.

– Só disse que era dele.

Hawking não disse nada. Carver o fitou até que ele revirou os olhos.

– Não me faça reconsiderar meus planos pra você, rapaz – advertiu Hawking, voltando a pegar o livro.

A resposta veio num clarão.

– Poderia ser um pseudônimo! Jay Cusack poderia *ser* Raphael Trone. A encomenda *era* dele.

– E – acrescentou Hawking – imagino que rastrear um nome como Raphael Trone será muito mais fácil do que Jay Cusack.

25

Na manhã seguinte, o céu sobre Blackwell, cinza e intumescido, abafava a luz do sol e ameaçava uma nevasca terrível. Carver correu para pegar o primeiro barco, feliz agora por estar vestindo o casaco de Hawking. Não apenas por causa do clima, mas também porque, depois de ouvir os planos de seu mentor para ele, aquele trapo roído por traças parecia uma medalha de honra. O excêntrico detetive tinha até lhe dado um pequeno espelho sujo para ele usar, caso achasse que estava sendo seguido novamente.

Quando Carver desembarcou na cidade, o capitão lhe avisou que poderia não haver uma viagem de volta até o dia seguinte, por causa da tempestade. Ele estava a um quarteirão da Devlin's quando os flocos brancos e rígidos começaram a cair. A maioria era tão pesada que caía com força, em vez de flutuar. Sem a multidão de sempre, apenas os mais valentes estavam determinados a se aventurar sob a neve. Mesmo o quartel-general da Nova Pinkerton estava vazio. Uma agente desconhecida trabalhava solitária no laboratório aberto, estudando um guia de montagem de vagões elétricos.

– Cadê todo mundo? – perguntou Carver.

– Recolhidos por causa da tempestade – falou ela. – Está dois graus abaixo de zero. O segundo inverno mais frio já registrado.

– O senhor Beckley está?

– Sempre – disse ela.

Ela estava tão absorta em seu manual que Carver achou melhor deixá-la sozinha e seguir para o ateneu, ansioso para investigar o novo nome.

Ele começou com o mesmo adendo de 1889 que havia lhe dado o endereço na Edgar Street. Mais uma vez, a sorte se achava ao seu lado. Existia uma entrada, só uma, para Raphael Trone, no número 27 da Leonard Street, a apenas sete quarteirões dali. Pensando que essa seria sua única chance de viagem naquele dia, Carver se dirigiu à saída.

Ele deve ter ficado dentro da sede por menos de meia hora, mas a diferença era inacreditável. Uma camada branca forrava tudo ao redor dele. Cercas e galhos de árvores estavam cobertos de neve. Os cocheiros tinham estacionado as carruagens na segurança das ruas secundárias e não havia nenhum bonde à vista.

Carver tinha sete anos de idade quando a nevasca de 1888 derrubou linhas elétricas, cobriu as ruas e paralisou Nova York, mas ele ainda se lembrava de como ficara fascinado com fato de a cidade grande poder ser imobilizada

daquela maneira. Hoje, a cidade estava com o mesmo ar mágico. O vento da tempestade tinha até levado consigo o cheiro de cavalo e carvão, algo que nunca acontecia.

Depois de alguns quarteirões, as coisas foram ficando menos fascinantes e mais exaustivas. Ele não sentia mais os dedos dos pés e passava mais tempo tirando os flocos de neve dos cílios do que propriamente caminhando. No entanto, continuou andando, até que uma sensação estranha o deteve.

No começo, pensou que fosse um calafrio causado pelo vento, porém, depois de olhar em volta, a sensação permaneceu. Ainda havia algumas pessoas na Broadway, mas, ali, o único rastro deixado na neve era o dele. À sua frente, nenhuma única pegada marcava a branquidão.

Ele estava sozinho, contudo sentia, como na sua jornada à ilha Ellis, que estava sendo *observado*. Era ridículo. Nem mesmo os agentes da Nova Pinkerton estavam trabalhando naquele dia. Mesmo assim, examinou os batentes vazios, olhou as fileiras de janelas desertas, levantando a cabeça cada vez mais alto, até seu campo de visão ser banhado pela brancura e pelo céu.

Nada.

Nada com que se preocupar, afinal. Após mais alguns quarteirões, bateria numa porta e, então, caminharia de volta ao ateneu. Mas a sensação não o deixou em paz. Seria a adrenalina por causa do nome novo? Medo do homem violento que a velha louca dos gatos tinha descrito? Então, por que não tinha sentido aquilo antes?

Ele seguiu seu caminho pela Leonard Street, às vezes pisando forte para recuperar o tato. Existiam lojas à frente, com apartamentos sobre elas. A menos que o número 27 tivesse sido demolido, seu destino estava entre eles.

Uma mudança súbita do vento trouxe consigo um leve cheiro sulfúrico. Passadas as lojas, viu o que pareciam ser colunas de um templo antigo. Eram as Tumbas, a maior prisão da cidade, assim chamada porque seu projeto se baseava no estilo de um mausoléu egípcio. Construída sobre um pântano drenado, o odor pútrido permaneceu.

Depois da lição de Hawking, ele queria evitar tirar conclusões precipitadas, mas, com uma prisão tão perto, a possibilidade de seu pai ser um criminoso violento voltou à mesa. Então, Carver repetiu para si mesmo que ele poderia ter conseguido um trabalho como guarda. Faria sentido para um homem forte e violento. De certa forma, isso os colocava, pai e filho, no mesmo ramo de trabalho.

O nevoeiro era tão forte que até de perto Carver tinha de estreitar os olhos para ler os números dos edifícios, diminuindo ainda mais o passo. Por fim, encontrou uma porta com o número 27. Era de uma loja. Podia-se ver, entre

outras coisas, uma série de garrafas de vidro grosso pelas janelas: tinturas e pós, embalagens de medicamentos, como o tônico de cereja, “bom para o sistema nervoso”. Era uma botica, escura e fechada.

Para chegar a qualquer um dos apartamentos acima, ele precisaria passar pela loja. Aproximou o rosto do vidro e identificou uma escadaria ao fundo do corredor. Sem a mínima vontade de desistir tão cedo, bateu no vidro. Com a mão pesada por causa do frio, ficou com medo de quebrá-lo e passou a bater no batente de madeira da porta.

Depois de alguns instantes, uma luz desceu da escadaria. Um homem corpulento, com o cabelo pegajoso e de óculos, vestindo um roupão desbotado, surgiu do alto da escada.

– Fechada! Por causa da nevasca! O farmacêutico não está!

– Eu só quero fazer uma pergunta! – gritou Carver.

O gorducho desceu mais um degrau.

– Você está doente?

– Não – disse Carver. – Eu só...

– Volte amanhã! – interrompeu o homem, voltando a subir a escada.

Carver bateu mais três vezes, mas o homem não queria voltar. Que seja. Ele teria mais chances de descobrir alguma coisa sobre os inquilinos se não amolasse tanto. Apesar do casaco, já tremia de frio. Era hora de seguir o caminho de volta.

Ele deu meia-volta, formando um arco na neve, e então parou de súbito. Havia uma coisa estranha na calçada. Seus instintos já o tinham avisado.

Descendo o quarteirão, as pegadas dele não eram as únicas. Havia uma segunda série, maior e mais forte, correndo paralela à dele, que, porém, no meio do quarteirão, virava num beco.

Ele *estava* sendo seguido.

26

Carver se encostou de volta à loja, sem fôlego. Sem tirar os olhos do beco para onde se direcionavam as pegadas, esforçou-se para ouvir qualquer movimento. Um minuto se passou sem nada além do som do vento batendo em suas orelhas e do sussurro contínuo da neve que caía.

Avermelhando-se, prendeu a respiração e espirou, soltando nuvens de vapor.

Risadas vindas do outro lado fizeram-no olhar para a prisão. À frente do gigantesco e sinistro prédio, um grupo maltrapilho, com pás, brincava de guerra de bolas de neve. A Leonard ainda estava vazia, mas, perto das Tumbas, várias carruagens se moviam com dificuldade pela neve.

Pelo menos, ele não estava sozinho. Se gritasse por ajuda, seria ouvido.

A sensação de formigamento nas costas o fez voltar a cabeça em direção ao beco. Uma sombra alta e forte fez um aceno de cabeça antes de voltar furtivamente para dentro dele. Sentindo-se um pouco mais seguro com a ideia de que havia pessoas por perto e se lembrando de que o bastão de atordoamento permanecia em seu bolso, a questão passou a ser: quem o estaria seguindo se não a Nova Pinkerton?

Carver duvidava que pudesse simplesmente andar até lá e perguntar. Por outro lado, tampouco aguentaria ficar ali, congelando, para sempre. Pensou no espelho que Hawking lhe havia dado e teve uma ideia. Certa vez, quando Nick Neverseen percebeu que estava sendo seguido, sem que seu perseguidor se desse conta, ele deu a volta e apareceu atrás dele.

A maioria dos becos, em determinados quarteirões, estava conectada. Ele poderia simplesmente seguir até a esquina, esperar que sua sombra o seguisse e, então, entrar furtivamente em outro beco, voltar à Leonard Street e chegar por trás. Ele poderia dar uma olhada melhor e até segui-lo também, para descobrir de onde diabos ele vinha.

Ele seguiu em direção às Tumbas, virando na esquina. Lá, rapidamente se escondeu perto do muro, tirou do bolso o pequeno espelho e o segurou de modo a ter uma boa visão da Leonard Street. Ficou com medo que o frio cortante congelasse seus dedos, mas não precisou esperar muito.

Enquanto olhava pelo reflexo, um homem surgiu do beco. Era alto e usava uma cartola. Uma capa preta formal se ondulava atrás dele. Parecia quase cômico, como se um vilão nefasto tivesse saído das páginas de um gibi de

detetive. Seu cabelo parecia escuro, mas, antes que Carver pudesse ter uma boa visão do seu rosto, flocos de neve cobriram o espelho.

Era hora de sair dali. Carver correu para a extremidade do prédio, levantando neve atrás de si. Como tinha imaginado, aquele beco parecia voltar para a Leonard Street, mas era tão estreito que nem mesmo a neve conseguia se acumular. Tendo poucas opções, virou na lateral e se apertou pelas paredes de tijolos ensebados e cobertos de fuligem. Seu avanço lento, aliado ao fato de que mal podia ver um palmo à sua frente, fazia-o se sentir em perigo.

Ele continuou avançando, até que um silvo o fez abaixar os olhos. Um rato, quase da largura do beco, levantou nas patas traseiras logo à sua frente. Carver chutou neve em direção à criatura, que, assustada pelo frio úmido, retorceu-se como um contorcionista de circo e correu para longe.

Após alguns metros, chegou a uma cerca instável, depois da qual ficava o mesmo beco em que seu perseguidor havia se escondido. Se saísse pela rua ali, estaria *atrás* do homem de cartola.

Com a adrenalina a mil pela ideia de virar o jogo, agarrou-se à beira da cerca com suas mãos e pegou impulso. Carver tinha braços até que fortes, mas nunca foi tão bom na barra como Finn. Sem conseguir flexionar as pernas, forçou os pés congelados pelas bordas da grade e tentou puxar e tomar impulso ao mesmo tempo. Depois de passar um ombro, esforçou-se para puxar o restante do corpo para o outro lado. A madeira era pontuda e cheia de lascas, mas o casaco de Hawking absorveu a maior parte do dano.

Sem a graciosidade do rato, seus pés caíram de calcanhar, fazendo-o deslizar e despencar de costas no chão. Ele se ergueu com esforço, pensando que teria de correr para alcançar o homem de cartola.

Mas, ao levantar os olhos, percebeu que seu plano engenhoso não funcionara. Assim como Carver tinha visto as pegadas dele, seu espreitador de cartola devia ter visto as suas. Sacando seu plano, ele teria voltado.

E ali estava ele.

Como uma estátua no meio do beco, ele assustava, parecendo muito maior do que no espelho. Seu rosto ainda se encontrava obscurecido pela sombra e pela neve, mas o cabelo era definitivamente preto e ele tinha costeletas, como as de um cavalheiro rico.

Sem saber se estava constrangido ou em pânico, Carver se esforçou para ficar em pé. A cerca tinha rasgado seu casaco velho. Com o vento e a neve entrando pelo buraco, tentou fechá-lo com a mão.

– Então, você me pegou – disse Carver.

Não houve resposta. Os ombros largos do grandalhão sequer se mexiam para indicar se ele respirava.

– Você é um agente? – perguntou Carver.

Nada.

Seria uma pegadinha como as de Hawking? Será que aquele homem queria que Carver descobrisse tudo sozinho?

– O senhor Tudd mandou você me seguir?

A única reação veio do corpo do próprio Carver, na forma de uma sensação abrupta e avassaladora, a sensação de que estava na presença de um predador feroz.

Parecia ter começado a nevar de novo. O medo se espalhava por Carver como os flocos de neve que pungiam sobre seu rosto. Se a temperatura exercia algum efeito sobre aquele homem, ele não demonstrava.

Carver colocou a mão no bolso em que estava seu bastão de atordoamento. Ele não tinha ideia de como usá-lo, entretanto, se havia algum momento certo para descobrir, era agora.

O bolso estava vazio. Ele devia ter caído quando a cerca rasgou seu casaco.

De repente, o homem soltou uma rajada de ar pelo nariz. Os lábios grandes sob seu bigode grosso se abriram. Nenhuma palavra saiu, apenas um grunhido grave e animalesco.

Carver pensou em gritar para os operários em frente às Tumbas, mas eles nunca o alcançariam antes de seu perseguidor. Ele precisava correr, mas não havia espaço suficiente para desviar daquele gigante e chegar à rua. Sem ter como ir em frente, Carver deu meia-volta, segurou-se no topo da cerca, mal notando as lascas de madeira que cortavam sua mão, e tomou impulso para subir. O que antes era difícil ficou fácil, movido pela adrenalina. Um terror insano o ajudou a se arrastar por sobre o buraco estreito. Ao aterrissar, sentiu algo sob seus pés. O bastão.

Apanhou-o, mas não havia espaço suficiente para abri-lo. Virou-se correndo, dando de cara com duas paredes, raspando-se de um lado e se cortando de outro.

Carver não ouviu ninguém vindo atrás dele, porém não teve coragem de olhar para trás. A rua à frente parecia uma fina linha vertical de neve caindo em sombras imprecisas. Achou que nunca chegaria vivo até lá, mas, depois de acelerar o passo e dar um impulso final, estava de volta à calçada.

Agora, com o bastão em mãos, teve coragem de olhar para trás. Por um segundo, o trecho do beco parecia vazio. Então, as mãos fortes e grossas do homem alto se agarraram à cerca. Num movimento rápido, ele, que antes parecia grande demais para aquele lugar, saltou sobre as tábuas de madeira e deslizou pelo beco como um vulto. O perseguidor serpenteou em direção a Carver numa velocidade demente.

Com o peito doendo e sem ar, Carver encontrou o botão no cilindro e o apertou.

Schick!

Ele apontou a ponta de cobre em direção ao beco. Com os flocos de neve caindo sobre ele, o cobre soltava faíscas e chiava.

Ao ver aquilo, o vulto hesitou e, então, recuou.

Carver se ergueu, sem soltar o bastão. Os operários, ainda jogando bolas de neve uns nos outros, pareciam infinitamente distantes.

– Socorro! – gritou ele.

Ele cambaleou para trás, sem tirar os olhos do vulto, que recuava, ou mesmo pensar que poderia gritar mais alto, pois ninguém parecia ouvir.

– Socorro!

Por fim, quando já estava no meio do quarteirão, alguns dos operários correram em sua direção. Sem ver mais o perseguidor, ele pressionou o botão, fazendo o bastão se retrair, e o colocou no bolso.

Quando já estava muito perto dos operários, eles se agruparam olhando e apontando para ele. Carver estava um pouco surpreso por como eles pareciam jovens, da idade de trombadinhas. Um garoto gorducho e baixinho, com uma cara achatada de cachorro, deu um passo à frente do grupo para cumprimentar Carver antes dos outros.

Eles se reconheceram de imediato.

– Carver? – falou a voz esganiçada.

– Buldogue? – exclamou Carver, asperamente.

27

– É um reee-en-cooon-tro! – esganiçou Buldogue, parecendo ter dificuldades com uma palavra tão grande.

Os garotos atrás dele apertaram o passo. Entre eles, Carver reconheceu outros membros da antiga gangue de Finn no Orfanato Ellis. Passada a surpresa, lembrou-se de como eles tinham se candidatado, contentes, ao trabalho de garis.

A rivalidade entre eles parecia tão antiga e infantil que não havia motivo para não o ajudarem.

– Buldogue – disse ele, tentando recuperar o fôlego. – Tem alguém atrás de mim; preciso de ajuda.

– Pode crer que sim – respondeu Buldogue, rindo e levantando sua pá de aço. – Estamos esperando por isso há muito tempo.

Seguindo seu exemplo, os outros brandiram e avaliaram o peso de suas pás.

Carver estava surpreso.

– Você ainda quer me bater por que o Finn roubou um medalhão?

– Acha que a gente esqueceu como você armou pra ele? – inquiriu Buldogue.

– Isso é sério – exclamou Carver, dando um passo à frente, mas quase sendo nocauteado pela lâmina de uma das pás.

– Não, *isso* é sério – afirmou Buldogue.

Parte de Carver se deu conta da grande desvantagem numérica em que estava, mas outra parte, recém-saída de seu encontro com um perigo muito maior, estava enfurecida. Ele pensou em tirar o bastão do bolso e acabar com a raça daquele Buldogue.

– Você é *realmente* tão idiota...? – começou Carver.

Fuuush! Ele teve de dar um pulo para trás para não ser atingido.

– Você *realmente* quer me chamar de idiota? – perguntou Buldogue.

Os outros riram.

– Isso é loucura! Eu...

Fuuush!

– Loucura? – bramiu Buldogue.

– Tire isso...

Paf!

O último movimento atingiu a barriga de Carver, fazendo-o cair de costas. Buldogue apontou, segurando no cabo da pá. A lâmina deslizou pela neve e

afundou na calçada, ao lado da cabeça de Carver. Tendo aguentado demais, Carver levantou os olhos, furiosos, em direção a Buldogue e tensionou os músculos, preparando-se para chutar.

Uma figura mais alta surgiu, tão mais alta que Buldogue não precisava se agachar para que Carver visse seu rosto.

– Oi, Carver – cumprimentou uma voz mais grossa, porém familiar.

Seu cabelo, ruivíssimo, estava bem cortado, penteado para o lado, e sua pele sardenta parecia ter acabado de sair do banho. O elegante sobretudo preto que vestia estava desabotoado, revelando um terno e uma gravata por baixo. Seu rosto era o de sempre, talvez mais limpo, mas tão vistoso quanto sempre foi.

– Finn – disse Carver. – Qual é a do terninho de macaco? Alguém abriu as jaulas do zoológico, foi?

– Eu gosto de curtir com os meus amigos quando posso – falou Finn.

– E a senhorita Petty não está por perto pra salvá-lo agora, huh? – exclamou Buldogue, acotovelando Finn.

Carver tentou se levantar e tirar o bastão do bolso, mas teve seus braços segurados por Buldogue e Peter Bishop. Eles o levantaram, seguraram os braços dele nas costas e apontaram seu rosto em direção a Finn.

Finn examinou o casaco roto de Carver.

– Você, um moleque de rua? Pra isso que sua inteligência serviu?

– Prefiro meu casaco a seu terno de macaco gordo – respondeu Carver. – Seus donos dão comida pra você na jaula?

Os olhos de Finn se enfureceram. Ele arrancou seu casaco e afrouxou a gravata.

– Valeu por facilitar as coisas.

– Precisa ser tão fácil assim? Você realmente precisa de tanta ajuda? – provocou Carver.

– Não – disse Finn. – Mas assim é mais divertido.

Buldogue riu enquanto Finn levantava seu punho gordo. Carver fechou os olhos, mas nada aconteceu. Havia uma estranha hesitação no rosto do brutamontes. Seria possível que Finn achasse injusto esmurrar alguém que não pudesse revidar?

Os outros começaram a gritar em coro:

– Finn! Finn! Finn!

– Vá em frente – provocou Carver –, ladrãozinho escroto.

Isso fez efeito. Finn preparou o soco, mas, no instante seguinte, o coro parou e o valentão disse:

– Ai!

– Phineas! Que diabos você pensa que está fazendo?

Carver demorou um pouco para reconhecer Samantha Echols, a nova mãe de Finn. Ela estava usando um chapéu de penas de pavão e agasalhada por uma pele de raposa branca que lhe fazia parecer uma criatura das neves. Sua mão gorducha torceu a orelha de Finn com tanta força que Carver tremeu de piedade.

– Vamos embora! – estrebuchou ela, puxando-o pela orelha. – O senhor Echols encontrará o comissário e terá fotógrafos! Olhe só o que você fez com as suas roupas! Você mesmo irá passá-las de novo!

Surpresos, Buldogue e Peter soltaram Carver, enquanto a mulher corpulenta arrastava Finn neve afora. Mesmo depois de desaparecerem pelo vão da porta, os garotos continuaram olhando fixamente.

– Passar? – murmurou Buldogue. – Passar roupa?

Aproveitando que a gangue estava distraída, Carver deu uns passos para trás e, então, saiu correndo. Com a neve entrando pelos rasgos do casaco, pensou nas roupas novas e quentinhas de Finn, e em como o fortão tinha decaído, apesar de todo o conforto. Por que Finn não o tinha socado quando Carver estava na pior? Além disso, o que os Echols estavam fazendo nas Tumbas, naquele tempo?

Ele foi para o leste, em direção à Center Street. Era longe da Nova Pinkerton, mas estava desesperado para evitar cruzar o caminho do vulto funesto.

Por mais que parecesse impossível, a nevasca piorava. Quando chegou à metade do quarteirão, carreiras de neve haviam varrido a gangue por completo. Mesmo as enormes Tumbas estavam anuviadas e indistintas, e o cheiro de pântano se esvanecia.

À sua frente, via ainda menos. A linha entre a rua e os prédios era distinguível, mas não a divisão entre a rua e a calçada. Antes que se desse conta, deu de cara com um cabriolé que se achava desnivelado e sem nenhum cavalo no meio da neve. Parecia que o cocheiro não avistara o meio-fio. Não havia sinal dele, também.

Carver estava pensando em subir só para recuperar o fôlego, quando a porta da cabine se abriu. Borrões cinza e marrons surgiram do interior sombrio.

Seria o perseguidor? Carver cambaleou para trás. Quando esse novo vulto se levantou, porém, Carver pôde ver que sua forma e suas roupas eram diferentes. O vulto era mais velho e corcunda...

– Senhor Hawking? – perguntou Carver.

O gelo cobria o chapéu-coco do velhote. Flocos de neve pingavam de seu bigode grisalho. Ele parecia especialmente vulnerável naquela tempestade. Carver ficou eletrizado ao vê-lo.

– Aquela anta do cocheiro disse que voltaria depois que encontrasse os cavalos – resmungou Hawking. Ele olhou para Carver, vagamente interessado na

coincidência de encontrá-lo por acaso. – Ocorreu outro homicídio.

Com o corpo tremendo pelo frio, Hawking apontou sua bengala em direção às Tumbas.

– E o assassino foi bonzinho o bastante pra deixar o corpo ali.

28

– Eu estava sendo seguido – declarou Carver.

Ignorando-o, Hawking tentou dar alguns passos pela neve, antes de fazer um sinal para que ele o ajudasse.

– Depois que você saiu, Tudd ligou da Mulberry Street, tagarelando que nem uma velha louca. Acho que ele ainda tem esperança de me envolver na investigação. Foi estúpido da minha parte dizer que viria dar uma olhada.

– Eu fui seguido! – repetiu Carver, sem pensar.

Hawking riu.

Enquanto lhe contava a história, Carver colocou o braço em torno das costas largas do seu mentor e levantou o braço deformado sobre seus próprios ombros. Deixando uma série de pegadas, eles seguiram na diagonal pela Leonard, em direção à Center Street. Parte dele queria que Hawking revirasse os olhos e lhe desse uma explicação banal que o fizesse se sentir estúpido, contudo, mais seguro. Em vez disso, Hawking parou tão repentinamente que Carver quase escorregou e levou um tombo.

O detetive virou a cabeça de um lado para o outro, examinando o pouco que estava visível na rua.

– Duvido que alguém estivesse aqui à toa. Você pode muito bem ter ficado cara a cara com o assassino.

– Por quê? – questionou Carver, assustado. – Por que ele me seguiria?

– Preciso explicar o óbvio? – ironizou Hawking, fazendo uma careta. – Você nunca ouviu como alguns assassinos gostam de voltar à cena do crime? Um homem que desova o cadáver nas Tumbas está procurando o mínimo de atenção. Vendo você espreitando por aí, iria querer ter certeza que não o tinha visto com o corpo. É provável que estivesse com mais medo de você do que você dele. – Ao ver a expressão apavorada de Carver, suspirou. – Admito que essa última parte foi exagero meu. É melhor irmos andando. Ele ainda pode estar por aqui, e ficaremos mais seguros em maior número, mesmo se for só o Tudd e nossa adorável e corrupta força policial.

Aproximando-se com dificuldade, a fachada das enormes Tumbas brilhava através das gotas gélidas da nevasca, como uma miragem numa tempestade de areia. Ao virarem a esquina, Carver foi surpreendido pela confusão. Holofotes montados em carruagens, cuja energia vinha de geradores à manivela, derretiam a neve que caía, criando um trecho surreal em que se parecia estar numa manhã

ensolarada. Várias carroças e carruagens estavam mal estacionadas na rua e na calçada. Isso explicava Buldogue e os outros limpadores de neve. Limpar as ruas perto das Tumbas era uma prioridade, por causa do assassinato.

Hawking recuou com o arco iluminado, mas Carver, fascinado por toda e qualquer máquina, estava contente por poder distinguir as fisionomias dos cerca de quinze homens agasalhados que formavam um semicírculo na escadaria.

– Eu não quero ser visto – disse o mentor, indicando um relógio de rua no quarteirão oposto.

Os dois logo se encostaram ao pedestal de ferro, observando a cena.

Hawking pigarreou.

– Não faça perguntas idiotas antes de eu terminar. É o único jeito de você conseguir as respostas que quer. Algumas noites atrás, após passar uma tarde na cidade com os amigos dela, a senhora Jane Hanbury Ingraham, que mora na Park Avenue, desapareceu. O corpo dela foi encontrado aqui, hoje de manhã. Apesar das fortes objeções do senhor Ingraham, que está extremamente aflito, Roosevelt, que parece não ser um completo idiota, manteve a cena do crime intocada até que pudesse ser examinada minuciosamente, uma tarefa árdua até pros mais competentes nesse clima – falou, apontando para um homem conhecido no centro do grupo, que estava batendo o pé e gesticulando freneticamente. – Eu tinha esperanças de que nosso caubói engomadinho não estivesse por aqui, mas não tive sorte.

Hawking apoiou o braço sobre os ombros de Carver.

– Vamos ter de olhar mais de perto pra descobrir alguma coisa. Será fácil continuarmos fora do campo de visão deles, se ficarmos longe daquelas luzes.

Andando com o maior cuidado que aquela formação bizarra permitia, eles se aproximaram. Os estranhos holofotes faziam a cena do crime parecer uma espécie de teatro fantástico ao ar livre. Roosevelt, de cara quadrada, bigode cerrado e pincenê, ficava no centro do palco, com seu sobretudo aberto sacudido pelo vento.

– Debaixo do nosso nariz! – vociferou ele. – Aquele covarde pusilânime está dizendo que pode fazer o que quiser, onde quiser e quando quiser! Mas será possível que *ninguém* sabe de nada ainda?

Pela primeira vez, Carver avistou Tudd, o chefe da Nova Pinkerton, parecendo pálido e cansado. Ele se aproximou do comissário, mas falou tão baixo que Carver não ouviu.

Para Roosevelt, o volume não era um problema.

– Mais tempo? O legista tinha uma hora! O senhor Ingraham está fora de si! Ele não nos deixa levá-la nem pro necrotério da prisão. Já sabem pelo menos se ela foi morta aqui ou em outro lugar? Desembucha! Não?

Hawking sussurrou para Carver, aumentando a impressão de que estavam assistindo a uma peça.

– Bem dramático ele, não? Agora... olhe quem mais está aqui.

Um homem sozinho e magricela tinha saído da enorme porta do prédio.

– Alexander Echols – disse Carver. Então era por isso que Finn estava ali.

– Anda lendo a coluna social pelas minhas costas, é?

– Não, eles... ele... adotou... uma pessoa. Ele não é promotor público?

Hawking fez que sim.

– Aquela víbora. Se Echols adotou, foi fachada. Seu amigo terá dinheiro, mas só terá o carinho de um bando de cobras. Mas é certeza que aparecerá em um monte de fotos.

Carver queria dizer que Finn não era seu amigo, mas o momento não parecia bom.

Echols empurrou os patrulheiros e olhou para baixo. Imediatamente, seu rosto magrelo se retorceu como uma rosquinha podre. Ele cobriu a boca e cambaleou para trás.

– Ah! Um lagarto de estômago fraco. E você? – perguntou Hawking. – Já viu um cadáver na vida? Quer chegar mais perto?

Notando a hesitação de Carver, Hawking se eriçou.

– Não é por diversão; faz parte do seu treinamento. Você verá um horror de verdade cedo ou tarde. É melhor vomitar aqui, no meio da neve, do que na frente de algum agente que chame você de fracote. Além do mais, eu preciso contar ao Septimus o que a polícia entendeu errado. Seja rápido e fique quieto!

Eles andaram mais uns dez metros. Todos os pensamentos de Carver se paralisaram quando ele viu o corpo. A princípio, parecia uma pilha de roupas chiques amontoadas. Mas, então, seu cérebro distinguiu as dobras do vestido e do capote do rosto da mulher.

A luz forte fazia a pele de Jane Ingraham parecer quase tão branca quanto a neve. Ela lembrava uma estátua esculpida numa pose ridiculamente retorcida. Fitando por mais tempo, Carver distinguiu uma fina linha preta ao redor do pescoço, além de manchas escuras no vestido e no chão. Talvez fosse a distância, a neve ou a luz, mas, por mais que Carver soubesse que estava olhando para um corpo humano, não conseguia se convencer de que aquilo era real.

– Tudd terá um dia e tanto – sussurrou Hawking.

– Como assim? – perguntou Carver.

– A menos que meus olhos estejam me enganando, e eles são os únicos órgãos que ainda não me desapontaram, aqueles ferimentos são vagamente parecidos com os encontrados em Elizabeth Rowley, em maio. *Vagamente* é tudo o que Tudd precisará pra conectá-las.

29

– Nada ainda? – berrou Roosevelt. – Por que a demora?

– Amadores – sussurrou Hawking para si mesmo. – É *óbvio* que ela não foi morta aqui; não tem sangue suficiente.

Roosevelt levantou a cabeça e, por um instante, pareceu olhar em direção a eles. Hawking agarrou o braço de Carver e o puxou para trás de uma carruagem inclinada. Seu ombro bateu na lateral dela, fazendo cair um pouco de neve.

Não havia indício se Roosevelt realmente tinha chegado a vê-los. Ele estava muito ocupado, exigindo saber quando conseguiriam liberar a carruagem do médico-legista.

– Não podemos levá-la pra dentro das Tumbas. O marido acha que seria um escândalo!

– Late que nem um cachorro, mas ainda se preocupa com reputação – cismou Hawking, enquanto os dois se escondiam atrás da carruagem.

Para Carver, parecia simplesmente que Roosevelt estava preocupado com o sofrimento do marido. Os lábios de seu mentor se retorceram.

– Vamos ficar ótimos aqui; certeza que ninguém viu...

– Carver! – gritou uma voz.

Hawking deu um salto. Um rosto corado, emoldurado por um capuz de lã, apareceu à janela do cabriolé.

– Delia! – exclamou Carver, esforçando-se para manter a voz baixa.

– Você conhece *todo mundo* aqui, moleque? – grunhiu Hawking. – Por que não distribuímos copos de ponche e damos uma festa?

– Essa é Delia Stephens, minha amiga do Ellis – apresentou Carver.

Hawking franziu o cenho.

– A criança que os Echols compraram pra combinar com o tapete novo?

Delia empinou o nariz.

– Nada a ver. Estou aqui com o senhor Jerrik Ribe, do *New York Times*.

Sem dizer nada, Hawking puxou Carver para longe do cabriolé.

– Você não vai fugir *de novo*, vai? – gritou Delia.

– Eu... não sei – respondeu Carver. Ele esperava que não. Desde que Hawking tinha lhe dado uma ideia do que dizer a ela, ele vinha querendo vê-la para tentar dizer a verdade.

Seu mentor, por sua vez, parecia inquieto.

– *Times*? – sussurrou ele. – Você não tinha mencionado isso. Bem, pode ser

uma boa. Fique e bata um papo, veja o que consegue descobrir. Faça anotações. Roosevelt vai protegê-lo de qualquer bicho-papão que ainda estiver por aí. Mas lembre-se: *não* volte à Leonard Street antes que possamos conversar de novo.

Ele acenou para Delia e, então, seguiu em direção à Center Street, conseguindo atravessar a neve muito melhor do que Carver pensou que conseguiria.

– Quem é ele? – perguntou Delia, da janela do cabriolé.

– Senhor Albert Hawking – disse Carver. – É um detetive aposentado.

Ela abriu um sorriso na hora. – Ah, que *ótimo* pra você! – disse, antes de abrir a porta e sinalizar para que ele entrasse. – Está terrível aí fora! – convidou, movendo-se para o lado, para dar espaço.

Carver só percebeu como estava frio quando se sentou ao lado dela e viu que tremia.

– Por que não disse da última vez? E o que você está fazendo *aqui*, afinal de contas?

Por ter praticado essa conversa várias vezes em sua cabeça, Carver logo disse:

– Não posso contar. Prometi ao senhor Hawking que não falaria do trabalho dele. Da última vez que encontrei você, eu achava que não poderia dizer absolutamente nada, mas acabei entendendo que podia dizer um pouco.

– Nem tão aposentado assim, hein? – concluiu ela, com aquele brilho nos olhos que mostrava como ela pensava rápido. – Mas, sabe, foi exatamente isso que Jerrik falou pra Anne sobre a matéria em que *ele* está trabalhando. Ela disse pra eu não me preocupar, porque conhecia o marido dela. Ele acabaria contando, cedo ou tarde. E ele acabou contando mesmo e agora eu também sei. Se eu gostasse de apostar, apostaria que você acabará me contando também.

Contrariado pela calma autoconfiança dela, mas aliviado por não ter de discutir, Carver decidiu fazer algumas perguntas também:

– O que *você* está fazendo aqui?

– Você acha que eu vou contar o que você não pode contar pra mim? – provocou ela, rindo. – Ah, claro que eu conto. Ando sozinha demais pra me segurar! Tenho tão poucos amigos da minha idade.

Ela falou a mil por hora:

– Estou trabalhando num artigo agora, ajudando a Anne no quinto andar, onde todas as mulheres cuidam da coluna social e das matérias mais leves. Passamos o dia todo nas palavras cruzadas, sabe? Tem até umas minhas lá. Enfim, o grande segredo do Jerrik era que ele estava cobrindo o assassino da biblioteca e tentando convencer os editores a fazer reportagens criminais mais puxadas. O *Times* é conhecido por não ser *sensacionalista*, então essa é uma

tarefa árdua, mas eles *estão* perdendo dinheiro nos últimos tempos, e, por isso, tiveram de reconsiderar. Hoje de manhã, Anne ficou em casa por causa da nevasca, e Jerrik e eu estávamos só pegando algumas coisas no escritório quando chegou a ligação. Ele era o único repórter por lá, então deram essa oportunidade. Ele não podia simplesmente me deixar lá, no meio da nevasca, e depois que eu pedi e implorei pra ele não me mandar pra casa, aqui estamos nós. Não é demais? Digo... é terrível, mas não é demais? Então, o que você é? Tipo um detetive em treinamento?

Percebendo que, do nada, o tema da conversa voltara a ser ele, Carver respondeu:

– Tipo isso.

– E como é? Onde você mora?

Antes que pudesse dar sua resposta ensaiada, ela se virou para a janela.

– Espere. Outra carruagem está estacionando. Vem ver! – chamou ela, puxando-o para a janela. – Podemos nos apertar. Será como ouvir nos tubos de ventilação do Ellis.

Logo os rostos deles estavam pressionados contra a janela. A bochecha dela não estava tão mais quente que a carruagem, parecendo gélida contra a dele, mas ele percebeu que gostava da sensação.

– Está vendo o homem com o chapéu de caubói? – apontou ela. – Aquele é Jerrik. E a carruagem... deve ser do gabinete do legista. Eles estão com uma maca. Ah. Finalmente moverão o corpo.

Um cobertor rústico foi colocado sobre Jane Ingraham. Dois homens se prepararam para colocá-la na maca. Antes, Roosevelt vociferou alguma ordem, abafada pela porta fechada do cabriolé. De repente, todos na escadaria tiraram seus chapéus, seguraram as mãos e abaixaram a cabeça para um minuto de silêncio.

Delia, que havia tirado sua touca de lã, cutucou Carver e apontou com o olhar para o gorro encharcado dele. Ele o tirou e olhou para baixo, solenemente.

Passado o minuto, os dois homens levantaram a maca e a levaram para a carruagem, em que se lia "Necrotério Municipal".

Agora, os rostos deles tinham embaçado um pouco o vidro. Delia puxou a manga do suéter de modo que cobrisse as costas da sua mão e desembaçou a janela.

– É horrível, não é? A coisa mais horrível que eu já vi.

– Pois é.

– Mas eu não sinto nada, sabe? Talvez depois, quando cair em mim. Jerrik estava com medo que eu me debulhasse em lágrimas ou ficasse histérica, mas não. Acho que eu ficaria pior se ela *parecesse* uma pessoa. Mas, com toda a neve

e a luz, ela não parece, não é? Você acha que isso faz de mim uma pessoa sem coração?

Delia e Carver voltaram-se um para o outro no mesmo instante, ficando frente a frente.

– Não – conseguiu dizer ele. – Não acho você sem coração.

“Nem um pouco”, acrescentou mentalmente.

30

Carver acordou na escuridão profunda, com a mente palpitando pelos vestígios de sonhos repletos de luzes, neve e sangue. Quando finalmente tinha chegado ao quartel-general da Nova Pinkerton, até mesmo Beckley estava voltando para casa. O bibliotecário tinha até ficado por mais tempo para ajudar Carver a encontrar uma cama encostada no canto de um almoxarifado sem janelas e abarrotado de caixas. Exausto, Carver caiu na cama e logo adormeceu.

Ele sentiu um leve cheiro putrefato. Hawking tinha mencionado que o lugar ficava embaixo de um esgoto. Provavelmente aquele cômodo ficava exatamente sob ele. O esgoto lembrou a ratazana do beco; a ratazana lembrou o assassino. Por um segundo, sentiu como se o perseguidor de capa estivesse pairando sobre ele, fervilhando de ódio, escuro como a noite.

Ele meneou a cabeça e rolou para o lado, levantando-se da cama com cuidado para não derrubar a frágil estrutura. Então, tateou em busca de suas roupas. Torcendo para tê-las vestido do jeito certo, encontrou a maçaneta e saiu. No corredor externo, a luz do sol era filtrada por claraboias que não podiam ser vistas no alto forro tijolado.

Beckley tinha avisado que todos estariam trabalhando disfarçados, coletando detalhes sobre o assassinato. Por isso, Carver não ficou surpreso ao encontrar o lugar vazio, embora quisesse saber onde guardavam a comida. Seu estômago roncava. Distraído, vasculhou a área, checando as portas. A maioria se encontrava trancada, mas isso não era realmente um problema. Ele ainda tinha sua coleção de pregos.

E estava sozinho.

Isso abria um leque interessante de possibilidades. Ele poderia entrar escondido no escritório de Tudd, ler todos os documentos na mesa dele, talvez até descobrir se – e por que – estavam-no seguindo. Poderia até descobrir qual era a teoria dele sobre o assassino e entender por que Hawking a desprezava tanto.

Ao passar pela área do laboratório, Carver não pôde resistir a olhar. Todos os equipamentos que havia visto de dia tinham sido guardados. Foi muito fácil arrombar um dos gabinetes de metal. A porta, pesada pelos rifles pendurados, abriu-se, revelando um estoque de armas.

Algumas ele conhecia, mas muitas, não. Duas prateleiras abrigavam cerca de dez pistolas inusitadas, cada uma acoplada a suportes de metal ainda mais

estrambólicos. Os conjuntos tinham seis pernas articuladas, várias engrenagens e um motor de mola. As pistolas poderiam estar carregadas, então Carver achou melhor não encostar nelas. Mas seus olhos logo repousaram sobre o que parecia ser uma faca dobrável.

Achando que seria menos perigosa, apanhou-a. Quando a abriu, pensando que sairia a lâmina, saiu, no lugar, um intrincado conjunto de peças metálicas projetadas da parte de cima, na forma de uma chave. Ao apertar um botão no cabo, a "chave" mudou de forma e de tamanho.

Seria algum tipo de ferramenta para abrir fechaduras?

Ele resolveu experimentar. Fechou a porta do gabinete e, então, inseriu a estranha ferramenta na fechadura. Girou o botão até ouvir um estalo e ficou fascinado ao perceber que tinha trancado a porta com um simples giro. Empolgado, pegou a ferramenta e tentou novamente.

Dessa vez, a fechadura não se mexeu. Pior, o acessório pareceu ter emperrado na porta. Carver sacudiu e puxou, chacoalhando o gabinete, até se tocar de que tudo o que precisava fazer era girar o botão um pouco para o outro lado. Ele deslizou facilmente, abrindo a porta de novo.

Que engenhoca fantástica! Muito melhor que os pregos. Com aquilo, ele poderia entrar em qualquer lugar. No entanto, será que poderia simplesmente... pegar, sem que ninguém visse? Era diferente do bastão de atordoamento, que ele só tinha achado. Sabendo que havia salvado sua vida, ficou feliz por não tê-lo devolvido. Mas... e isso? Parecia algo tão pequeno entre as maravilhas daquele lugar. Não foi Hawking quem falou alguma coisa sobre Benjamin Franklin infringir as leis e se tornar parecido com um ladrão para capturar um? Seu mentor era um grande detetive, afinal.

Ele colocou o objeto no bolso, junto do bastão. Uma pontada de culpa se apoderou dele e ele ouviu a própria voz, cheia de ódio, chamando Finn de "ladrão".

Mas aquilo não era um medalhão de ouro ou a única posse de uma criança. Além do mais, só estava pegando emprestado por tempo suficiente para entrar no escritório de Tudd e descobrir o que se passava.

Tomada a decisão, fechou a porta do gabinete com força demais. De repente, houve um estrondo sonoro e uma bala saiu voando pela porta metálica, seguida por um som de engrenagens. Carver pulou para trás enquanto as pistolas montadas, movendo-se por conta própria, rastejavam pela prateleira como aranhas gigantes. Ao saltarem ao chão, outro tiro foi disparado.

Carver se escondeu atrás de uma mesa pesada. Ouvindo ainda o som metálico, esticou a cabeça, observando, espantado, as pistolas se aprumarem e começarem a rastejar pelo laboratório. Ele se escondeu mais uma vez, temendo

que, de alguma forma, elas pudessem vê-lo.

Por muitos segundos ofegantes, o som metálico continuou, mas nenhum outro tiro foi disparado. O que era aquilo? Algum tipo de pistola mecânica que dava para mandar atrás dos bandidos? Como saberiam a hora de disparar?

Glup. Ele estava prestes a descobrir. Uma rodeou a mesa e se moveu lentamente em sua direção, com as patinhas se mexendo em sequência, como as de um inseto. Carver se encolheu, mas tampouco queria ficar no campo de visão das outras pistolas. Quantas havia, no total? Oito?

Ela se aproximava cada vez mais, até que... parou.

Em segundos, o som metálico dos outros motores rotativos também se extinguiu. Ele se aproximou por trás da arma mais próxima dele e a examinou. Havia um cronômetro atrás dela, fixado no zero agora. Concluiu que seria possível ajustar o cronômetro, girar o motor rotativo, enviar a pistola para algum lugar perigoso e que ela disparasse quando o cronômetro chegasse ao zero.

Isso significava, ao menos, que elas não podiam ver. Devagar, verificou todas. Nenhum dos cronômetros estava ajustado. Talvez, chacoalhar o gabinete fizera com que o primeiro tiro disparasse; cair no chão fizera disparar outro. Com cuidado, ele as devolveu para o gabinete, mas deixou a porta entreaberta. Torcendo para que pensassem que a arma tinha disparado sozinha (foi quase o que aconteceu, não foi?), Carver concluiu que qualquer outra excursão pelo quartel-general possivelmente *não* era a coisa mais esperta a se fazer.

A menos que ele quisesse levar um tiro.

31

Do lado de fora, o sol estava fulgurante. O ar estava mais quente; as cores tinham voltado. As calçadas estavam limpas, apesar de haver um monte de neve em cada esquina. O cinza puro dos paralelepípedos sobrepujava o branco na Broadway. Pessoas, carroças, carruagens e bondes, todos se moviam como se nunca tivesse havido uma nevasca.

– Assassinato hediondo! – gritou uma voz jovial. – Mutilações bárbaras! Cadáver nas Tumbas!

As pessoas se reuniram ao redor do jornaleiro, que segurava uma cópia nova do *Daily Herald*, cuja manchete era **ASSASSINATO NAS TUMBAS**. O satisfeito rapaz mal conseguia lidar com tantas vendas.

Carver verificou quanto dinheiro possuía. Ele tinha mais do que o suficiente para alguma coisa decente para comer e a viagem de barca de volta a Blackwell. Pensou em comprar um jornal, mas sentiu que devia certa lealdade a Delia e achou melhor procurar uma cópia do *Times*.

Antes, porém, comprou uma batata assada em uma das banquinhas ao lado do City Hall Park. Sentindo o vapor da comida aquecer seu rosto, escutou as conversas dos transeuntes, que, sem exceção, comentavam sobre o segundo homicídio.

Perto da fonte de mármore no centro do parque, encontrou um jornaleiro vendendo o *Times*. Chegando a um banco vazio, passou a mão para tirar a neve empapada e se sentou, a fim de terminar o café da manhã e ler o jornal.

Como não costumava ler o *Times*, ficou surpreso por não ter a mesma manchete berrante que o *Herald*. O assassinato sequer estava no topo da primeira página, mas no canto direito, ao lado de uma matéria maior sobre a nevasca, com uma manchete tímida – **CORPO DE SOCIALITE É ENCONTRADO** – seguida, em letras menores, por “Polícia fica perplexa com a ousadia do assassino”, e, então, em letras ainda menores, a assinatura do artigo: *Jerrik Ribe*.

Havia uma fotografia dos Echols posando ao lado de Finn, com uma legenda sobre o robusto promotor, conhecido por sua mão forte em lidar contra o crime e sua compaixão para com os órfãos da cidade. Finn ficava bem naquele terno, porém não parecia exatamente feliz.

Carver já sabia a maior parte dos detalhes do assassinato, já que estivera lá. O guarda que havia encontrado o corpo viu uma série de pegadas, mas a nevasca

as tinha coberto quando a investigação começou. Isso e a falta de sangue levaram a polícia a concluir que o assassino havia cometido o crime em outro lugar e, depois, carregado o corpo até as Tumbas, exatamente como Hawking dissera.

Também supunham que ele era “um homem de força singular”.

O homem de capa que perseguira Carver se encaixava nessa descrição, sem dúvida. Mas sempre era bom lembrar que tanto o pai dele como milhares de outros homens também se encaixavam nela.

O pai dele. Ele queria voltar à Leonard Street para seguir a pista, mas Hawking o tinha proibido. Será que aquele tal Raphael Trone era realmente seu pai ou, ao menos, poderia lhe dizer como encontrá-lo? Um homem forte e violento. Como um lobo, dissera a velha louca dos gatos. Carver se recordou da sensação predatória que sentiu na presença do perseguidor.

Seu cérebro parou. Ele tinha se perdido em devaneios por tanto tempo que a batata já estava fria. Não importava, ele não estava mais com fome. Levantou os olhos. O New York Times Building ficava do outro lado da rua. Depois que foi construído, houve uma competição: o *Tribune* tinha construído um prédio maior. Então, em 1889, o *Times* resolveu superá-lo. Com oito anos na época, Carver costumava sair do Ellis às escondidas para observar a construção. As máquinas gigantes de impressão foram mantidas no lugar, e o novo prédio de treze andares foi construído ao mesmo tempo em que o velho era demolido.

Ele contou as janelas até o quinto andar, onde Delia trabalhava. Ele estava morrendo de vontade de visitá-la, mas estava imundo, com as roupas amarrotadas, e ainda morria de medo de conhecer o pai adotivo dela, sabendo que teria de mentir sobre a agência secreta, sem saber se conseguiria.

O que deveria fazer, então? Poderia voltar ao quartel-general, torcer para ninguém notar o estrago que fizera e tentar descobrir outros Raphael Trone. Mesmo se o pegassem, Carver suspeitava que Hawking não fosse ficar bravo. Quanto a Tudd, percebeu que estava pouco se lixando para o que ele pensaria. Talvez devesse resgatar a carta e a assinatura de seu pai.

Ele amassou a embalagem da batata assada, jogou o resto numa lata de lixo e saiu andando. Já estava quase na fonte quando voltou a ter a sensação de estar sendo seguido. Não era tão forte e opressiva como durante a nevasca, mas foi o bastante para fazê-lo parar e dar uma boa olhada ao redor.

Mulheres com vestidos e cachecóis de lã e homens de casaco com colarinho de pele e chapéus-cocos caminhavam distraídos, aproveitando o cenário antecipado de inverno. Crianças atiravam bolas de neve. Vendedores ambulantes anunciavam comidas, jornaleiros vendiam seus jornais. Nada suspeito. Entretanto, depois do dia anterior, ele realmente deveria prestar mais atenção aos

seus instintos.

Carver atravessou a Broadway de costas, vasculhando o parque em busca de qualquer um que pudesse estar observando-o. Após quase ser atropelado por uma carruagem, achou melhor olhar por onde andava.

Ao chegar ao cano de latão que destravava o elevador, hesitou, pausando por um tempo, à espera de que, se alguém o estivesse observando, poderia se atrever a se aproximar. Se esperasse o momento certo e virasse rápido, poderia ver quem era. O frio na barriga aumentou, mais real do que nunca.

Ele contou mentalmente, um... dois...

E se virou.

Ele estava certo! Tinha alguém ali.

– Delia?

Ela usava a mesma touca da noite anterior, mas o grosso vestido de lã agora era verde. Em seu pescoço, tinha enrolado firme um cachecol, que não combinava.

– Oi! – respondeu ela, espantada.

– Você estava me seguindo? – indagou Carver, dando um passo em direção a ela.

– *Investigando* é a palavra certa. Se você pode treinar pra virar um detetive, por que eu não posso treinar pra virar repórter?

Carver estreitou os olhos.

– Brincadeira – falou ela, aproximando-se. – Eu vi você sentado no banco em frente à minha janela, mas, na hora em que cheguei lá, você já estava saindo do parque.

– Você poderia ter me chamado – disse Carver.

– Pra ser sincera, não sei se queria chamar muito a sua atenção.

Carver se sentiu estranhamente magoado.

– Por quê?

Ela respirou fundo.

– Eu descobri uma coisa... quer dizer, *Jerrik* descobriu uma coisa e contou pra Anne, que contou pra mim. Teoricamente, eu não deveria contar pra ninguém. Mas realmente achei que você era a pessoa que mais merecia saber.

– Delia, do que você está falando?

A expressão dela era de quem tomava uma decisão.

– Tudo bem, então, é isso: hoje de manhã, enviaram uma carta pro comissário Roosevelt pelo *Times*. Eles estão achando que é do assassino.

Os olhos dele se arregalaram.

– O que dizia a carta?

– Por isso que achei que você merecia saber. Era uma carta breve. Meia

dúzia de palavras, mas me lembrou da... bem, lembrou-me da carta que você encontrou no sótão.

Ele franziu a testa. Não podia ser. Ela não estava falando coisa com coisa.

– Lembrou? Como assim? O que ela dizia?

Ela engoliu em seco antes de responder:

– “Caro Chefe, eu de novo.”

– “Caro Chefe”? Como na carta do meu pai?

Ela fez que sim.

Um torpor se apoderou de Carver, como se ele estivesse encurralado, com um cutelo pairando sobre sua cabeça, prestes a cair.

Só que isso era muito, muito pior.

32

Carver estava caindo, caindo tanto que parecia uma queda eterna. Seria esse o abismo de que Hawking tinha advertido?

Ele mal tinha notado suas pernas se curvando ou Delia segurando seu cotovelo, tentando impedir que ele caísse de cara na calçada.

– Carver! Carver! – repetia ela.

Ele piscou e olhou para ela.

– O *meu pai* é o assassino da biblioteca.

Ela ajeitou a saia verde de lã ao sentar no concreto ao lado dele, com a expressão de quem tinha acabado de esfaqueá-lo sem querer.

– Não! A carta pode nem ser do assassino. Pode ser uma gozação. Semana passada, recebemos uma carta muito simpática do Abraham Lincoln, só dizendo oi. E, na verdade, só porque a carta do seu pai tinha a palavra “Chefe”... bem, isso não significa nada por si só. Muitas pessoas usam essa palavra. Quase todo mundo *tem* um chefe, sabe? Só achei que... por causa da coincidência... eu deveria lhe contar.

– Não é só uma palavra – comentou Carver. – A velha louca dos gatos disse que ele era violento como um lobo. E ele fala de facas. O trabalho dele é... matar gente. E eu que pensei que ele fosse um açougueiro...

Ele a pôs a par de tudo o que tinha descoberto.

– Ainda assim, pode não ser verdade. Entendo que você esteja com medo, mas você está tirando conclusões precipitadas – disse ela, buscando os olhos dele.

Ele franziu o cenho e deu um tapa na testa.

“Não teorize antes de ter todos os fatos.” Mas de quantos fatos ele precisava?

– Você ficará se martirizando? – perguntou ela. – Em que está pensando? Carver?

– Em alguma maneira de descobrir, de provar seja lá o que for – declarou ele, angustiado. – Delia, a carta era escrita à mão?

– Sim.

– Você chegou a ver?

– Não, ela está trancada no escritório do senhor Overton. Ele é o chefe da redação. Está rolando uma brigona agora pra decidir se publicam ou não. Roosevelt está pressionando pra que não publiquem, achando que causará um

pânico desnecessário. Viu? Nem ele acha que é verdade.

– Eu preciso dar uma olhada nela. Preciso ver se a caligrafia bate.

– Por que não leva a carta pro Jerrik? Tenho certeza de que *ele* viu a carta – propôs ela.

Carver soltou um suspiro.

– Eu... não estou mais com ela.

Foi a vez de Delia franzir a sobrancelha.

– Você nunca largaria aquela carta.

Ele quase explicou, mas se conteve antes de deixar escapar que, a seis metros abaixo da terra, ficava o laboratório criminal mais sofisticado do mundo. Se ao menos *eles* pudessem pôr as mãos na carta nova.

Espere. Tudd trabalhava com Roosevelt. Ele poderia já ter posto os olhos nela. A resposta de Carver já podia estar esperando por ele lá embaixo.

– Desculpe. Eu não posso dizer onde está.

Ela respirou fundo, aborrecida.

– Um dos muitos segredos que você guarda pro senhor Hawking?

– Sim. Não. Mais ou menos. Eu falaria, se pudesse.

Ela se aproximou.

– Carver, eu juro que nunca contaria pra ninguém, nem mesmo pro Jerrik ou pra Anne.

Considerando, olhou ao redor. As pessoas estavam começando a notar os dois jovens estatelados no meio da calçada. Carver se levantou, esfregou a calça e ofereceu a mão trêmula para ajudar Delia a se levantar.

– Eu *vou* contar tudo – sussurrou ele. – Juro. Mas primeiro preciso ver essa carta. Você confia em mim? Pode me ajudar?

– Um acordo, como no Ellis, com você fazendo a proposta? – indagou ela, pensando. – Haverá uma reunião hoje no *Times*, mas, na verdade, é só uma desculpa pro editor falar com Roosevelt informalmente. Um monte de gente estará no prédio. Eu posso ajudar você a entrar. Mesmo se formos pegos, poderíamos dizer que nos perdemos. Mas o escritório estará trancado.

Pensando no abridor de fechaduras no bolso, Carver sorriu pela primeira vez desde que ela tinha lhe dado a notícia.

– Nunca conheci uma porta que não conseguisse abrir.

– Então torça pra essa não ser a primeira e me encontre na entrada lateral às sete da noite.

– Obrigado, Delia – agradeceu ele, resistindo à forte vontade de abraçá-la. – Agora, por favor. Eu preciso fazer uma coisa... sozinho. Vejo você à noite.

Ela parecia prestes a se opor, mas franziu a testa e caminhou de volta ao parque. No meio do caminho, parou e se voltou para ele.

– Tem mais uma coisa que você precisa saber – gritou ela.

– O quê?

– Aconteça o que acontecer, você ainda será Carver Young – disse ela.

Carver queria que o comentário dela tivesse melhorado seu humor, mas, em vez disso, só fez com que se perguntasse: afinal de contas, quem diabos era Carver Young?

33

Quando chegou ao quartel-general, deserto algumas horas antes, Carver ficou surpreso ao se deparar com dezenas de pessoas andando apressadas pelo pátio. Mesas estavam dispostas, cobertas pelos jornais do dia, documentos e fotos. O mapa gigante do escritório de Tudd tinha sido levado para lá, montado em dois cavaletes, com círculos de diferentes cores traçados nas ruas da cidade.

Tudd, com a aparência exausta, estava no centro, segurando uma prancheta e fazendo sinais com os braços, como se direcionasse o tráfego. O metrô era tão bem projetado que Carver não conseguia ouvir o que ele gritava, mas, a julgar pelo movimento dos lábios, parecia algo como: “Encontrem o garoto!”.

Sentindo o pânico deles se misturar ao seu, correu pela porta oval. A primeira palavra que ouviu da boca de Tudd foi um triunfante:

– Ali!

Ele estava apontando para Carver.

Bom. Devia significar que Tudd havia feito a ligação entre a carta de seu pai e o bilhete do assassino. Pensando que conseguiria algumas respostas, Carver correu pela plataforma até o pátio. Com o coração a mil, gritou:

– Senhor Tudd! Senhor Tudd!

– É uma pena que acabe assim, filho – lamentou Tudd, antes de levantar a mão e estalar os dedos. – Jackson! Emeril!

Então, saiu batendo o pé na direção oposta.

– Espere! – gritou Carver.

Carver tentou segui-lo, mas foi detido pelo musculoso Jackson. Emeril correu atrás dele.

– Pera lá! – disse Jackson.

Irritado, Carver tentou continuar, mas Jackson pôs a mão em seu peitoral.

– Eu preciso falar com o senhor Tudd – falou Carver. – O meu pai...

– Agora não – interrompeu Jackson.

– Ele está muito ocupado – acrescentou Emeril. – E não tem tempo pra falar com um ladrãozinho.

A palavra o atingiu em cheio. Eles sabiam.

– Olhem, desculpem por isso, mas é *muitíssimo* importante – assegurou Carver. – Eles receberam uma carta no *Times*.

– Já sabemos – disse Jackson, guiando-o para um corredor à esquerda do pátio.

– Ela diz “Chefe” como na carta do meu pai – deixou escapar.

– Já sabemos também – falou Emeril.

Enganchando os braços de Carver, arrastaram-no pelo caminho.

Carver olhou para trás por cima do ombro, vendo as costas de Tudd passarem de relance e então sumirem.

– Por favor, só me digam se ele viu a letra na carta pro *Times*. Alguém viu?

– Ainda não – respondeu Jackson. – Esta manhã foi muito corrida, com metade de nós vasculhando todos os quarteirões perto da cena do crime, procurando por você.

– Eu? Por quê?

– Porque o senhor Hawking contou ao Tudd sobre quem você encontrou ontem à noite – esclareceu Emeril. – Tudd tem certeza que você deu de cara com o assassino e, pela primeira vez, Hawking não discordou. Quando Tudd descobriu que você tinha sumido hoje de manhã, viu os buracos de bala no laboratório e percebeu que certo equipamento tinha desaparecido, achou que você tinha fugido em busca do seu pai. E agora todos sabemos quem ele pode ser.

– Eu não tinha fugido! Eu só estava tomando café.

– Independentemente de ele ser seu pai ou não, se morar por perto e vir você de novo, pode tentar se livrar das testemunhas.

Ele estendeu a mão, como se estivesse esperando alguma coisa. Carver colocou a mão no bolso e tirou o abridor de fechaduras.

Jackson pigarreou. Com um suspiro, Carver estava quase devolvendo o bastão de atordoamento, mas Jackson disse:

– Tem também a questão delicada da sua amiga do *Times*. A garota bonitinha que você praticamente trouxe pra cá.

– Nós somos amigos do orfanato. Foi ela que me contou da carta.

– O sigilo é uma coisa importante pro Tudd. E aquela conversa com a garotinha não pareceu muito boa. Ele está se sentindo um pouco... traído.

Carver percebeu que estavam levando-o para o corredor em que ficava o almoxarifado cheio de caixas, no qual tinha passado a noite.

– Somando isso à preocupação de manter você vivo... – concluiu Emeril, direcionando Carver para dentro.

Tremendo com um misto de culpa e desolação, ele entrou, franzindo o nariz para o leve cheiro séptico. Pelo menos, alguém tinha posto uma lâmpada lá dentro, para que não ficasse tão escuro.

Os agentes continuavam na porta. A mão de Emeril estava na maçaneta, e uma chave, na fechadura.

– Vocês me manterão prisioneiro?

Jackson deu de ombros.
– Você ficará em custódia protetiva até avançarmos na investigação.
– Eu não posso ficar aqui! Eu tenho de... – disse, com a voz diminuindo.
Eles já estavam cismados com Delia. Não poderia mencionar seu encontro com ela.
– Um encontro? – sugeriu Jackson. – Nós pediremos pra sua secretária esvaziar sua agenda social.
O comentário desaforado enfureceu Carver.
– Preciso usar o telefone. Quero ligar pra Blackwell.
Jackson olhou para Emeril.
– Tudd não disse que o senhor Hawking já sabe de tudo?
– Tenho *quase* certeza que sim – respondeu Emeril. – Mesmo assim, os telefones estão bloqueados. Você terá de ficar sentadinho.
– Não! – exclamou Carver, avançando para a porta. Sua velocidade repentina surpreendeu Emeril, mas Jackson o agarrou pelo ombro e olhou firme em seus olhos.
– Nós não somos o inimigo. Nós entendemos você e sentimos muito. Mas é assim que deve ser. Tentaremos arrumar uma escrivaninha, um lanche e alguma coisa pra você ler, mas você *ficará* aqui até segunda ordem do senhor Tudd. Entendido?
Rangendo os dentes, Carver fez que sim e caminhou de volta para a cama estreita.
– Voltaremos assim que tivermos um tempinho, juro – prometeu Emeril, ao fechar a porta.
O som da fechadura ecoou no peito de Carver, mas ele sabia que não precisava do aparelhinho para dar o fora dali. Ele esperou até o som de passos esvaecer e tirou seus fiéis pregos do bolso. Destrancou a fechadura num piscar de olhos, mas, quando girou a maçaneta e empurrou, a porta não se mexeu.
Eles tinham feito uma *barricada* do lado de fora.
Carver se deixou cair na cama. Despreparado para o peso repentino, o estrado despencou. Carver se espatifou no chão. Estava frio, mas pelo menos o cheiro de esgoto estava um pouco mais fraco.
Como sabiam sobre Delia? *Idiota*! Eles tinham ficado bem na frente do elevador, exatamente onde estava o espelho de observação de Tudd. Ele os vira conversando e observou o transtorno de Carver.
E agora ele era um prisioneiro. Um criminoso.

34

Carver andou de um lado para o outro, tentando planejar sua fuga, se não do almoxarifado, pelo menos de suas próprias preocupações. Precisava ver aquela carta, *precisava*. Passados dez minutos, sua única revelação nova foi que o cheiro de esgoto ficava mais forte num canto. Mais especificamente, do forro.

Sem mais nada para fazer, empilhou algumas caixas que pareciam mais resistentes, para olhar melhor. Depois de subir nelas, pressionou o reboco liso e bem-acabado, que parecia frio e levemente umedecido. Certamente, o esgoto ficava bem em cima daquele ponto. A vida dele estava agora, literalmente, debaixo do ralo.

Seria possível entrar na tubulação?

Ele empurrou. O reboco úmido cedeu levemente e um fino pozinho garuou em volta dele. Estava frágil. Por quê? Ao levantar a mão no ar, sentiu uma onda de calor vinda do radiador sibilante. O esgoto acima dele resfriava o reboco. O radiador o aquecia. Entre os dois, ele ficava se contraindo e expandindo constantemente, ficando mais frágil.

Ele poderia conseguir abrir caminho, ao menos para passar até o forro. Mas os agentes da Pinkerton queriam que ficasse onde estava. Hawking também, disseram. Fugir seria pior que "pegar emprestado". Será que ele estava tão desesperado assim? Hawking tinha lhe prometido um futuro incrível. Ele estava disposto a arriscar esse futuro em troca de algumas respostas? Sim.

Ele socou o reboco. O primeiro golpe fez cair algumas lascas grossas. O segundo fez cair mais. Se continuasse assim, iriam ouvi-lo. Seria mais rápido e silencioso se tivesse uma ferramenta, mas não possuía nenhuma à mão. Não exatamente, pelo menos. Ele ficaria sem unhas se tentasse abrir o reboco com elas.

Será que ele poderia fabricar alguma outra coisa?

Saltou para o chão e pegou uma tábua afiada do estrado em pedaços. Começou a trabalhar com ela, golpeando, cavoucando e extraindo pedaços cada vez mais grossos, até que a brancura do reboco se misturasse a uma terra preta. Ao empurrar a ponta afiada da tábua pela terra, metade de seu comprimento desapareceu, até chegar a uma superfície sólida.

Trocando a tábua pelas mãos, Carver puxou terra e reboco suficientes para revelar uns sessenta centímetros quadrados de tijolos úmidos e gélidos, levemente curvados. Era a parte inferior do encanamento de esgoto. Todo seu

trabalho tinha sido ridículo. Ele precisaria de um martelo e um cinzel para passar por ali.

Mas, afinal, ele estava num almoxarifado. Sabe-se lá o que poderiam conter as caixas. Vasculhando-as, encontrou quase que só materiais de escritório. Porém, entre eles, havia uma dúzia de tesouras e uma guilhotina de papel desmontada, com uma pesada alavanca de ferro. Não eram exatamente um martelo e um cinzel, mas talvez dessem para o gasto.

Carver colocou a lâmina da tesoura numa rachadura entre os tijolos e deu um golpe forte com o cabo de ferro. A lâmina desbastou um pouco, mas uns pedaços de argamassa caíram no chão.

Após dar mais algumas pancadas, começaram a vazar algumas gotas d'água. Claro que haveria água no encanamento, provavelmente muita. Se ela cobrisse o piso e passasse debaixo da porta antes que o buraco estivesse grande o bastante para ele escapar, pegariam-no no flagra.

Ele enrolou o lençol da cama, colocou embaixo da soleira da porta e empilhou umas caixas para que não saísse do lugar. Voltando aos tijolos, trabalhou arduamente, tirando lascas de argamassa. Carver transferiu seus esforços de tijolo a tijolo, na esperança de que um deles se revelasse um ponto fraco.

Em pouco tempo, quase todas as tesouras tinham quebrado e a alavanca de ferro estava com tantos entalhes que ameaçava se romper ao meio. As roupas e a pele de Carver estavam encharcadas de suor, terra e flocos de argamassa, mas os tijolos não se moviam.

Ele pôs a última tesoura na rachadura mais funda e deu um golpe. A alavanca errou o alvo, acertando a tesoura de lado e quebrando-a em duas.

Não!

A única coisa que o impediu de gritar ao ver sua última esperança cair no chão foi que alguém poderia ouvir. Furioso, tacou a alavanca contra o tijolo, golpeando-o, até que a rachadura no ferro aumentasse e, assim como a tesoura, quebrasse ao meio.

Carver quase não teve tempo de desviar para não ser atingido na cabeça. Com a mão nos joelhos e a cabeça baixa, arfava ininterruptamente. Já não aguentava mais. Ele rangeu os dentes, fechou os olhos e praguejou o dia em que nasceu.

Algo correu por sua bochecha. Estava chorando? Imaginou Jackson e Emeril voltando com algumas revistas e encontrando o agente "júnior" chorando no meio da bagunça que tinha feito, como um bebezinho mal-humorado.

Ele sentiu outra gota, grossa e gelada, e, então, um fiozinho de água. Uma linha reluzente apareceu na extremidade de um dos tijolos. A água que vinha de

cima estava pingando aos montes.

Carver empurrou o tijolo. O fiozinho d’água engrossou. Eufórico, catou a alavanca quebrada e usou a ponta denteada para puxar o tijolo solto, que deu um solavanco brusco e se inclinou. Uma água gélida correu do buraco, como se viesse de uma torneira. Carver esperou, achando que ela pararia. Mas não parou. Ela continuava caindo, cada vez mais rápida e grossa, cobrindo as caixas numa série de cascatinhas e levando a argamassa para o chão.

Um pouco de água. Ele estava esperando *um pouco de água*, entretanto...

Já que havia começado, Carver tinha de terminar o serviço. Ele empurrou a alavanca pelo fio d’água, enganchou a ponta do tijolo solto e puxou. Seis tijolos, afrouxados pelo esforço de Carver, caíram com estrépito, seguidos de uma torrente d’água.

Por causa da sensação gélida, ele inalou fundo. A força da água o fez cair para trás. Quando conseguiu se levantar, a água já estava em seus tornozelos e subindo cada vez mais. Se não saísse rápido dali, acabaria se afogando. Seus pés e pernas já estavam dormentes.

Apesar do raciocínio arguto, não lhe ocorreu que todos os encanamentos da cidade, inclusive o que se encontrava acima dele, estariam cheios de neve derretida.

35

A água subia ferozmente, chegando aos joelhos de Carver, e a sensação gélida parecia queimar sua pele.

Será que conseguiria atravessar o buraco? O fluxo do forro não estava mais tão grande como no início. Além disso, direcionava-se para a porta. Havia uma discrepância ligeira num dos lados, onde os tijolos pareciam frouxos e prestes a cair.

Carver chapinhou em direção à cascata, sem sentir nada abaixo dos joelhos. Controlar suas pernas era como controlar um peso morto. Batendo os dentes, empurrou as caixas encharcadas que conseguiu encontrar, formando uma nova pilha. Nisso, percebeu seus dedos ficarem azuis.

Essa foi a última coisa que viu.

Com um estalo, a luz se apagou. A água tinha provocado um curto-circuito na lâmpada.

Tateando no escuro, subiu pelo papelão encharcado. As caixas se rasgavam enquanto ele subia. Quando conseguiu tocar o teto, a enchente ainda cobria seus pés. Ele se segurou nos tijolos, na esperança de tomar impulso para subir, mas, em vez disso, acabou arrancando mais tijolos. O buraco maior fez cair ainda mais água.

Um desespero animal tomou posse dele. Aumentar o buraco era sua única esperança. Ele puxou o máximo de tijolos que pôde. Um arranhou suas costas, outro o atingiu na cabeça, mas ele não se deixou abater. Quanto maior ficava o buraco, mais aumentava o desnível, porém, sempre que tocava a corrente gélida, ela parecia tão cortante como a faca de um assassino. A água estava chegando ao topo das caixas empilhadas. Não restava muito tempo.

Forçando as mãos no desnível, Carver sentiu as pedras lisas e úmidas acima dele. Tateando com cuidado, segurou-se na ponta dos dedos na primeira cavidade estreita que sentiu, ficou de costas para a corrente de água e tomou impulso.

A espessa corrente glacial do encanamento atingiu sua espinha. Um forte calafrio subiu-lhe à cabeça. O machucado onde o tijolo o tinha cortado latejava, mas ele não podia desistir agora. Com o gemido abafado pela corrente de água, puxou-se cada vez mais alto, até, por fim, sentir o peso morto de suas pernas se elevar.

Devagar, avançou com a mão esquerda, procurando ansiosamente outra

cavidade em que se segurar. Quando encontrou, tomou mais impulso, conseguindo alçar metade do corpo para o encanamento, onde uma umidade pungente encharcou seu peito.

Ele estava quase conseguindo, mas algo o puxou de volta. Ao baixar os olhos, viu que suas pernas estavam sob a torrente, sendo puxadas com força pela água. Elas continuavam tão dormentes que ele nem tinha notado. Ele estava muito perto; não desistiria agora. Aquilo já não tinha mais nada a ver com seu pai, com seu passado ou com seu futuro. Ele precisava simplesmente sobreviver.

Por fim, o arraste da água não bastou para impedi-lo de chegar inteiro ao encanamento. Deitando-se, com o rosto semissubmerso, quis descansar, mas a sensação mortífera que subia por suas pernas lhe dizia que aquela ainda não era a hora. Engatinhou pelo piso curvado até chegar a um ponto seco, acima do nível da água, e sentou-se lá para tomar ar.

Com o tempo, seus olhos se ajustaram à escuridão, que não era completa. Uma luz bruxuleava das grades acima dele.

O esgoto lembrava as seções entijoladas do túnel do metrô, mas era mais alto. Uma corrente de água descia pelo centro, umedecendo as margens. O cheiro, embora nada agradável, não era pior que no almoxarifado, provavelmente porque a maior parte da água era neve derretida.

Na escuridão, avistou uma grade de madeira sobre a água corrente. Deveria ser uma ponte usada por operários que desciam para checar vazamentos. Com certo esforço, Carver se arrastou e conseguiu puxá-la para cima do buraco que tinha feito. A água se precipitou sobre o estrado, mantendo-o fixo no lugar. Talvez nem *todo* o QG se inundasse agora.

Uma imagem passou por sua cabeça: o olhar de Emeril e Jackson quando abrissem a porta para ver o que estava causando o vazamento. Eles não demorariam a vir atrás dele. Com esforço, levantou-se e começou a caminhar. Voltando a sentir as pernas, mancou.

Encontrou uma escada, subiu por ela e, ao chegar ao topo, empurrou a boca de lobo. Nisso, um pouco de neve caiu em seu rosto. Como já estava congelando, nem ligou. Ensopado, tomou impulso para sair à luz vespertina e, então, cobriu o bueiro.

Ele estava na Travessa dos Jornais, não tão longe quanto queria da sede da Nova Pinkerton, mas também não tão longe do *Times*. Além disso, achava-se encharcado, com frio e viu no relógio da rua que ainda não eram nem quatro horas. Cedo demais para o encontro com Delia. Por perto, avistou um alojamento de jornaleiros. Um dos lugares pobres no qual considerara morar.

Algum tempo depois, ofegante, chegou à porta aberta do alojamento, observando o fogão de ferro encostado à parede. Os garotos mais novos estavam

jogando cartas e dados. Um dos mais velhos estava sentado em cima de um monte de roupas, lendo um romance barato que Carver não conhecia.

Todos levantaram os olhos para Carver, a princípio furiosos com a intrusão. Quando viram como ele estava digno de pena, ensopado e tremendo de frio, os olhares zangados se desfizeram. Sem querer parecer fraco, o garoto mais velho voltou a fazer cara feia.

– O que você quer?

– Só quero me aquecer por algumas horas, secar minhas roupas.

– *Onde* você estava? No esgoto? – zombou uma voz mais nova.

– Pra dizer a verdade, sim – respondeu Carver. – Eu estava fugindo de uns sequestradores. Eles me mantinham em cativeiro num porão e eu consegui cavar pra fugir.

"Uma verdade dita com má intenção derrota todas as mentiras que possamos inventar."

Tentando parecer desinteressado, o garoto mais velho disse:

– Sinta-se em casa, então.

36

Talvez por ter ficado tão perto da morte horas antes, quando Delia desceu para encontrá-lo na entrada lateral do New York Times Building, Carver a achou mais espetacular do que nunca. Seu vestido preto de festa, com elegantes mangas longas, estava enlaçado na cintura por uma cinta escura e justa que salientava as curvas de seu corpo. Ele sempre tinha achado Delia bonita. Agora, ela estava linda.

Ele estava prestes a dizer isso quando ela torceu o nariz.

– Que cheiro é esse? Você não podia pelo menos ter trocado de roupa?

Ele tinha conseguido secar suas roupas, mas não teve como lavá-las ou tomar banho.

– Depois eu explico – disse Carver, deslizando para dentro, tentando não tocá-la.

Ela o empurrou contra o balaústre.

– Você vive falando "depois". Quero que você conte o que aconteceu, agora!

– Tudo bem – concordou ele. – Eu fui sequestrado e tive de sair rastejando pelo esgoto.

– Caramba, Carver, eu ficaria com pena de você se fosse idiota pra acreditar nessa história! – replicou ela, subindo violentamente os degraus.

A história parecia melhor quando contou para os jornaleiros.

Em cada andar, as escadas acabavam em um amplo patamar com uma arcada que dava para os escritórios, deixando-os expostos enquanto passavam ao lance de escada seguinte. Os primeiros andares estavam quase vazios, e os zeladores que lavavam o chão mal levantavam os olhos quando eles passavam.

Quando chegaram ao quarto andar, ouviram o som de conversas e música. Delia fez um sinal para que Carver esperasse e subiu o último lance de escada sozinha. Escondendo-se por trás de uma coluna na arcada, observou atentamente antes de fazer um sinal para que Carver a seguisse.

Diferentemente dos outros, o quarto andar era todo aberto e estava cheio de homens de bigode e terno, mulheres em vestidos extravagantes e chapéus exagerados, comendo canapés esmerados servidos em bandejas e bebendo coisas servidas no bar. Alexander e Samantha Echols estavam entre eles. Felizmente, Finn não estava por ali.

– Não dá pra notar pelo jeito deles – sussurrou Delia –, mas metade da

cidade está em pânico por causa do assassinato nas Tumbas. A metade *rica*, é claro, já que agora foram duas as vítimas ricas.

Roosevelt também estava lá, não exatamente no centro das atenções, para variar. A nova família de Delia, Jerrik e Anne Ribe, encontrava-se no meio de um grupinho profundamente fascinado pela conversa abafada que teciam com um velhinho gentil, cuja camisa branca com suspensórios destoava fortemente da multidão vestida elegantemente. Roosevelt, por sua vez, parecia prestes a tirar o terno e voar no pescoço do velhinho.

Com o movimento das pessoas, Carver ficou alarmado ao avistar o senhor Tudd, quieto e de aparência nervosa ao lado de Roosevelt. O líder da Nova Pinkerton já deveria estar sabendo de sua fuga. Seria por isso que não parava de olhar o relógio? Será que estava ansioso para sair da festa e ir procurá-lo?

– Não sei como você pode ter achado que isso estava aberto à discussão, Gerald – disse Roosevelt, sem conseguir falar baixo. – Você *precisa* entregar a carta!

Ao perceber que quase gritava, colocou a mão sobre o ombro do editor e o levou em busca de um lugar menos visível. Para sua contrariedade, porém, o grupo os seguiu.

– Roosevelt está tentando convencer seu editor a não publicar a carta? – questionou Carver.

– Ah, ele conseguiu. Não sei o que eles estão discutindo agora. O senhor Overton é tão sossegado que alguns dos repórteres acham que ele já se aposentou faz muito tempo. Jerrik também não quer incitar o pânico, mas Anne diz que eles têm a obrigação de informar o público. Shh! Eles estão vindo pra cá!

Carver e Delia se esconderam, enquanto Roosevelt e Overton passaram pela arcada.

– O senhor sabe que eu sempre respeitei a imprensa, mas isso é intolerável! – exclamou Roosevelt.

A voz de Overton era grave e respeitosa.

– Como já lhe expliquei, senhor comissário, eu simplesmente não acredito que nosso departamento de polícia seja um lugar seguro pra manter algo de tamanho valor.

Roosevelt estava cada vez mais agitado.

– Eu sei melhor que ninguém sobre o problema da corrupção, mas nem mesmo um policial que faça vista grossa a um ladrão por suborno ajudaria esse assassino!

– Não, mas esse mesmo policial poderia ficar tentado a vender a carta, por exemplo, ao *Journal*, do senhor Hearst, ou a algum outro concorrente, por uma boa grana. *Eles* não hesitariam em publicar o conteúdo da carta. Como já

mencionei, qualquer especialista de confiança que o senhor escolher pode examinar a carta, mas ela deve permanecer aqui.

– Mas isso é um disparate! – disparou Roosevelt, exasperado. – O senhor tem até amanhã de manhã pra entregar essa carta ou eu mando fechar seu jornal!

Overton continuou inexpressivo.

– Como o senhor preferir. Mas, se fechar nosso jornal, creio que não preciso avisá-lo de que as informações que o senhor quer manter longe do público se tornarão questão de registro público.

Roosevelt abriu a boca, como se fosse esbravejar. Em vez disso, abriu um sorriso.

– Boa jogada, Overton. Acho que este é mesmo um bom lugar pra examinar a carta. Vou precisar de acesso durante vinte e quatro horas.

– Eu mesmo lhe darei as chaves do prédio – respondeu Overton.

De braços dados, caminharam em direção ao bar.

– Não tem como não admirar um homem que perde com graça – elogiou Delia.

– Ele realmente tem estilo – murmurou Carver. – Mas isso significa que precisamos ver a carta logo, porque Roosevelt pode querer vê-la ainda hoje.

Ela fez que sim e o levou à escadaria oposta. Ao subirem ainda mais, os patamares não eram mais abertos. Cada andar era fechado por uma porta sem janela.

Depois de três lances de escada, Delia parou e tentou abrir a maçaneta.

– Trancada – disse ela.

Carver tirou um prego dobrado e abriu. Provavelmente, teria levado mais tempo com aquela outra invenção.

– Por que você está rindo? – perguntou Delia.

– Ah, er... As fechaduras do Ellis eram mais difíceis – disse ele, segurando a porta para ela passar.

– Só porque a senhorita Petty estava de olho em você.

Eles entraram numa grande sala escura, cheia de escrivaninhas de tampo corrediço, máquinas de escrever e escaninhos. Havia papéis pendurados em todo tipo de aparato metálico, verticalmente, horizontalmente, enrolados em cilindros. Mesmo sem repórteres, o lugar parecia cheio de vida. Carver quase podia ver os jornalistas correndo de um lado para o outro, propondo novas matérias, datilografando furiosamente para cumprir prazos.

– Incrível, não é? – comentou Delia, orgulhosa.

Ele engoliu em seco e indagou:

– Cadê a carta?

Ela apontou para uma sala com janelas.

– Na sala do senhor Overton. Num cofre de parede.

Carver empalideceu.

– Num cofre? Como eu conseguirei...?

– Ah, não se preocupe. Não tem porta. Há meses que ela está no concerto. O senhor Overton tem certeza que a porta de mogno maciço é suficiente pra mantê-la segura. Claro que ele ainda não conheceu Carver Young, o Mestre dos Ladrões.

Carver pestanejou com a definição, mas não tinha tempo para se incomodar com isso naquele momento. Esquivando-se do cortador de papel, alcançaram a porta. Ladrão ou não, arrombar fechaduras era um talento seu. Confiante, ajoelhou-se, tirou o prego do bolso e...

... fitou espantado.

Ele nunca tinha visto uma fechadura como aquela. Ela era minúscula, quase como se só pudesse ser aberta com uma vareta em vez de uma chave. Ele achava que nem mesmo o aparelho da Pinkerton funcionaria. Com um nó no peito, percebeu que seria inútil tentar. Para ter certeza, colocou seu prego mais fino no buraco da fechadura. Grosso demais.

– Qual é o problema? – perguntou Delia.

Carver soltou um suspiro.

– Tem alguma ideia de onde guardam a chave?

– Não – respondeu Delia. – Achei que essa seria a parte fácil.

Perto demais para desistir agora, Carver empurrou com força a porta de madeira sólida, que mal se moveu. Ele empurrou de novo, com mais força.

– Espere! O que está fazendo? – questionou Delia, levantando a voz.

Em vez de responder, Carver se jogou contra a porta mais uma vez.

– Pare! – exclamou ela. – Pare já! Não posso deixar você derrubar a porta do editor!

Ele olhou para ela.

– *Você* quebrou uma janela no Ellis.

– Era outra coisa... ela precisava ser trocada e... e... ah, tudo bem!

Ele empurrou várias e várias vezes com o ombro, até finalmente ouvir um estalo. O som, porém, não vinha da porta ou do batente, mas de seu próprio ombro.

– Ai! Esse troço deve estar reforçado com aço!

– Esqueça, Carver. Precisamos dar o fora. Ainda consigo levar você pra baixo sem que ninguém perceba.

– Não, me dá mais um minuto pra pensar! – pediu ele.

Pensar. Mas em quê?

E, então, ouviu um som constante que vinha sendo abafado por suas

pancadas: o som de passos na escada. Os olhos de Carver se voltaram para a porta que dava para a escada. Sem pensar, tinham deixado a porta escancarada.

– Ah, não; ah, não; ah, não – lamentou Delia.

– Esconda-se – sussurrou Carver, mas era tarde demais.

Uma silhueta masculina entrou pela porta. A luz que vinha da rua e atravessava a janela iluminou seus cachos ruivos e fez os contornos do seu terno caro reluzirem.

– Ah, você não! – resmungou Carver.

A expressão de Delia passou do medo à confusão. Ela poderia jurar que não reconhecia o recém-chegado, até ele começar a falar.

– Você não é muito bom em se esconder, hein, Carver?

– Oi de novo, Finn.

37

– Desta vez você não me escapa!

Finn avançou como um touro, sem se importar com quantas escrivaninhas esbarrava no caminho.

Com o coração ainda acelerado pelas tentativas de arrombar a porta e a mente em chamas por tudo que havia acontecido, Carver avançou para enfrentá-lo.

– Pode vir, então. Vamos dar um fim nisso.

Finn foi pego de surpresa, mas logo abaixou a cabeça e tomou velocidade.

– Ah, vamos.

Correndo pela redação mal iluminada, desviando de cestas de lixo e escrivaninhas, Carver grunhiu não só contra Finn, mas contra toda sua vida. Finn, tirando o terno ao avançar, fazia o mesmo.

Com violência, avançaram um em direção ao outro, fazendo o assoalho tremer. Finn preparou o punho, pronto para dar um soco. Carver colocou a mão no bolso, disposto a usar o bastão.

Eles estavam a menos de um metro um do outro quando um esvoaçar de tecido surgiu entre eles. Delia havia saltado do topo de uma escrivaninha, com o vestido ondulando ao pousar.

– Parem, os dois! Vocês estão doidos? – recriminou ela.

De súbito, Carver se deteve. Finn fez o mesmo, reconhecendo-a pela primeira vez.

– Delia?

– Vocês parecem *crianças* – exclamou entredentes –, o comissário da *polícia* está alguns andares abaixo de nós. Vocês querem parar na cadeia?

– Eu não ligaria – respondeu Finn.

– Pois *eu* ligaria, Phineas! – disse Delia. – Então, abaixe essa mão e dê um passo pra trás... *por favor*.

Os olhos de Finn se fixaram no cilindro metálico na mão de Carver.

– Carver, seja lá o que for isso, guarde – exigiu Delia.

Quando ele guardou o bastão no bolso, Finn abaixou o punho.

O valentão olhou de um para o outro e franziu a sobrancelha.

– Vocês dois estão... *juntos*?

– Sim – respondeu Carver.

– Não – disse Delia, disparando um olhar reprovador contra ele e, em

seguida, voltando-se para Finn. – É bom ver você de novo. Vi várias fotos suas no jornal. Você está muito elegante. Está com seus pais?

– Os riquíssimos Echols – ironizou Carver.

Finn fez uma careta.

– Eles não são meus pais.

– Seus pais adotivos, então – consertou Delia. – Você está com a vida feita. Que sorte a sua!

– É o que eles vivem me dizendo – respondeu Finn. – Eu vi vocês dois na escada. O que *você* está fazendo aqui com esse ladrãozinho, Delia?

– Ladrão, *eu*?

Finn olhou com ódio. Delia levantou as mãos.

– Parem, vocês dois! Finn é um velho amigo. Eu não ligo de dizer pra ele por que *eu* chamei *você* aqui.

– Hã? – deixou escapar Carver, sem pensar.

Um olhar de soslaio de Delia foi o bastante para ele se calar.

Ela deu um passo em direção a Finn e ficou tão perto dele que Carver, sem saber por que, rangeu os dentes.

– Tem uma coisa nesse escritório – disse ela, apontando para a porta sólida – que eu queria muito ver.

– Você? Roubando? – perguntou Finn, desconfiado.

– Eu não quero *pegar*, só quero olhar – respondeu ela. – Eu trouxe o velho Carver pra cá pra ele me ajudar a arrombar a porta, mas, bem, ele não consegue. É demais pra ele.

Finn arreganhou os dentes.

– Esse bocó esquelético? Por que você se deu ao trabalho de pedir?

Carver olhou zangado, mas, ao perceber o que Delia tinha em mente, segurou a língua.

– Porque eu não sabia que você estava aqui, Phineas. Talvez vocês pudessem trabalhar *juntos*... – sugeriu ela.

Finn olhou por cima do ombro dela, atrás de Carver.

– Aquela porta? Eu consigo sozinho.

Delia concordou.

– Talvez, a menos que você esteja com pressa...

– Sem "talvez" – disse Finn. – Eu consigo.

Ele caminhou para a porta. Carver sorriu para Delia, porém ela o ignorou.

– Seja o mais silencioso possível, Phineas – pediu Delia, correndo atrás dele.

O forte rapazola encostou o ombro à porta, testando-a.

– Tudo bem – começou ele –, mas você terá de me fazer uma coisa em

troca.

Delia encolheu os ombros.

– O quê?

“Tomara que ele não peça um beijo”, pensou Carver.

Mas o valentão pareceu envergonhado.

– Só... pare de me chamar de Phineas. É Finn.

Ela sorriu, com ternura.

– Tudo bem, Finn.

Finn assentiu, fixou os pés no chão e investiu contra a porta. Por muito tempo, tudo o que se pôde ouvir eram a respiração pesada e o movimento de seus pés, quando os ajustava para conseguir melhor impulso. Logo seu rosto enrubesceu, suas veias saltaram nas têmporas e manchas de suor apareceram sob as mangas de sua camisa de seda.

Carver achou que poderia ajudar simplesmente lembrando Finn de que estava lá.

– Esse orangotango não consegue. Ele só é bom em roubar medalhão de criancinha.

– Eu não roubei aquele medalhão! – grunhiu Finn.

Ele cerrou a mandíbula e empurrou a porta com tanta força que Carver e Delia acharam que ou a porta ou o ombro de Finn tinha quebrado.

A madeira sofisticada estremeceu e soltou um único e sonoro estalo.

Pingando de suor, Finn deu um passo para trás, ofegante.

– Não tem como.

– Espere – exclamou Carver. – Esse som *significou* alguma coisa.

Finn estava tão exausto que acabou deixando Carver puxá-lo para trás. Carver correu os dedos pela porta e, em seguida, pela placa metálica que cercava a fechadura. Eufórico, tirou um prego do bolso, enfiou-o sob a placa e o torceu. A placa e a fechadura caíram. Colocando o dedo dentro da fenda, puxou com força. Com um som de algo se quebrando, um pedaço de mogno se soltou, revelando uma barra metálica por trás. O pedaço quebrado era tão grande que Carver conseguiu retirar toda a maçaneta da armação.

Carver se virou para Finn e abriu um largo sorriso.

– Você conseguiu!

Sem saber como responder a essa reação, Finn respondeu: – Você não seria nada sem mim.

– Pronto – disse Delia, empurrando a porta com a mão. – Veem o que acontece quando vocês trabalham em equipe?

Carver entrou. O único som que se ouvia era o tique-taque do relógio de parede. O escritório parecia uma miniatura da redação, com todos os seus papéis

e arquivos. De frente para a porta, existia uma enorme escrivaninha, atrás da qual havia uma imponente cadeira de couro. À direita, uma gaiola coberta. Um ventilador elétrico desligado ficava no centro da escrivaninha, e no inverno era usado como peso de papel.

– O que é tão importante? – inquiriu Finn, olhando curioso ao redor.

– Uma carta – respondeu Delia.

Ela se aproximou de um croqui do arquiteto do New York Times Building original pendurado na parede, ao lado da gaiola. Quando o puxou, suas dobradiças se abriram, revelando várias prateleiras.

O coração de Carver batia tão forte que ele mal podia ouvir as palavras de Delia.

– O cofre do Overton não é tão secreto assim – explicou ela. – A fechadura foi mandada pro conserto há séculos e ainda não voltou. Mas agora entendo por que ele confia naquela porta.

Carver correu para ficar ao lado dela. Enquanto tiravam vários arquivos e os examinavam, Finn, recusando-se a ser ignorado, ficou no meio deles.

Delia parou e olhou para Carver. Em sua mão, estava o arquivo com o título “Assassinato nas Tumbas”.

– Você tem certeza que quer fazer isso?

– Sim, eu preciso saber.

– Espere um minuto. Por que *ele* precisa ter certeza de alguma coisa? – perguntou Finn, irritado.

Delia entregou o arquivo para Carver e, então, pousou a mão sobre o ombro de Finn.

– É uma longa história, Finn. Eu conto pra você quando a gente sair pra tomar uma Coca, se você quiser sair comigo.

De tão interessado com o que tinha em mãos, Carver nem pensou em ficar com ciúmes. Ele colocou o arquivo sobre a mesa e o abriu. Dentro dele, havia uma folha de anotações e uma carta, endereçada ao *New York Times*. Ele apanhou a carta.

No segundo em que viu o endereço, escrito com aquele garrancho pesado, soube. Mesmo assim, abriu o envelope para se certificar. Cinco palavras, como Delia tinha descrito, “Caro Chefe, eu de novo”, estavam escritas numa única folha de papel. A caligrafia era idêntica ao garrancho bruto de seu pai.

Carver sentiu um calafrio. Colocou as mãos sobre a mesa para se apoiar. Não, não. Não.

– Ai, Carver – disse Delia.

Ela tentou envolvê-lo nos braços, mas ele a evitou e se afundou na cadeira de Overton.

– É verdade – murmurou ele.

Delia se ajoelhou a seu lado, pousou as mãos sobre as dele e as acariciou.

– Sinto muito, mesmo.

– Ei! O que está acontecendo? – perguntou Finn.

Delia explicou.

– O *Times* recebeu uma carta do assassino das Tumbas hoje de manhã. A letra é igual à de uma carta que Carver recebeu do pai dele.

O rosto do valentão se contorceu numa variedade de expressões.

– O... pai dele... é...

Delia se voltou para Carver.

– Você precisa contar pro comissário Roosevelt. Não importam as promessas que você fez. Sua carta é uma evidência. Você precisa contar pra ele agora.

Carver olhou no fundo dos olhos azuis de Delia, surpreso com o quão triste ela estava por ele. Ele estava quase concordando, quase contando para ela sobre a Nova Pinkerton, quando seus olhos recaíram sobre a folha de anotações ao lado da carta. Um nome chamou sua atenção: Septimus Tudd.

Parecia que Roosevelt tinha informado alguns detalhes da investigação, mencionando que Tudd havia escrito para a Scotland Yard, de Londres, em agosto, sobre assassinatos parecidos, mas que ainda não havia obtido resposta. Mesmo assim, Roosevelt considerou a conexão com as mortes de Londres uma possibilidade, no mínimo, remota.

Londres? *Agosto*? Isso foi uma semana após Carver ter escrito à polícia. Tudd *sabia* da conexão com o seu pai. Ele sabia desde o princípio!

38

– Ei, pra onde você está indo? – perguntou Finn.

– Carver? – chamou Delia.

Tomado por uma sensação de vergonha e profunda traição, ele os ignorou. Hawking estava certo: o mundo é um hospício. Desde o começo, vinha fazendo papel de bobo, de tão deslumbrado que estava com todas as engenhocas. Como poderia ter pensado que Tudd escolheria um órfão para ajudar Hawking só porque ele tinha escrito uma boa carta? Naquele momento, sabia exatamente o que Tudd via nele: uma pista, um avanço no caso, uma maneira de encontrar o assassino e salvar a agência falida.

Quando chegou à porta, Finn bloqueou seu caminho.

– Carver, espere! – gritou Delia.

Finn levantou a mão firme e alertou:

– Não.

Sem dizer nada, Carver puxou o tecido brilhante da camisa de Finn e o jogou de lado. Finn, exausto pelas investidas contra a porta ou, pior, com pena de Carver, não ofereceu resistência.

Carver correu escada abaixo, com a visão turva, fitando somente seus próprios pés.

Delia correu para alcançá-lo.

– Carver Young, você prometeu que me contaria o que está acontecendo se eu ajudasse você. Eu ajudei, agora me conte.

– Esse nem é meu verdadeiro sobrenome – resmungou Carver.

– Você prometeu. Eu me arrisquei muito... – disse ela, exasperada.

Ele parou.

– Septimus Tudd? O nome que está na folha? Ele só finge que trabalha pro Roosevelt. Na verdade, ele é diretor de um grupo secreto de detetives. Tudd roubou minha carta da polícia e então me convidou como agente júnior só pra conseguir o bilhete do meu pai – narrou, levantando os olhos em busca do céu, mas se deparando apenas com a escadaria de aço acima dele. – Ele *deve* ter feito a conexão com meu pai. Ele me *usou*. E agora está no andar de baixo, naquela festa.

– Você acha que a gente vai acreditar nessa maluquice? – começou Finn.

O rosto de Delia se contorceu do jeito que ela sempre fazia quando quebrava a cabeça para resolver algum problema. Ela parecia estar pensando

muito, engalfinhando-se contra ideias impossíveis num dia repleto delas.

Ao sair da confusão, ela o interrompeu:

– Não, Finn. Ele não está mentindo. Faz sentido.

No quarto andar, os sons da festa chiavam como a torrente de um rio. Carver diminuiu o passo para avisar seus amigos órfãos. Ele olhou para os dois.

– Não me sigam, ouviram? Voltem pra festa de outro jeito. Direi que *eu* invadi o escritório sozinho.

– O que você vai fazer? – perguntou Delia.

Em vez de responder, Carver entrou na festa a passos largos.

Quando o garoto imundo e malcheiroso invadiu a *soirée*, todas as conversas cessaram. Ele sentiu os olhares dos ricos e famosos, mas manteve o olhar fixo, movendo-se tão rapidamente que, quando alguém pensou em fazer alguma coisa, ele já havia alcançado Tudd.

Tudd ainda estava de costas para o jovem e conversava com Roosevelt. Foi o olhar dardejante do comissário que avistou Carver primeiro. Sem saber o que fazer com o garoto, Roosevelt ajustou seu pincenê e estreitou o olhar.

Pouco ligando, Carver agarrou o ombro do corpulento líder da Nova Pinkerton e o fez se virar. Pego totalmente de surpresa, Tudd quase caiu. Rapidamente, retomou o equilíbrio, ancorando-se como se estivesse pronto para lutar.

– Você *sabia* de tudo – acusou Carver, perfurando o gorducho com os olhos. – Você me usou.

Se Tudd estava surpreso, não demonstrou. Ele falou com cuidado e baixo, como se quisesse evitar que os outros presentes curiosos, especialmente Roosevelt, ouvissem o ele tinha a dizer.

– Se você liga *o mínimo* que seja pro seu futuro – disse ele –, pra todo o trabalho que fez e todo o progresso que alcançou, sairá desta festa comigo imediatamente.

Essas palavras o desnortearam. Carver não pensava que tinha futuro *algum*. Antes que pudesse responder, Roosevelt impeliu seu corpo bem nutrido entre eles.

– Quem é o mendigo intransigente, Tudd? Se ele está com fome, dê um pouco de comida e mande-o pra casa. Nós não terminamos nossa conversa.

Tudd não tirou os olhos de Carver.

– Ele é... meu sobrinho, comissário. Está com... alguns problemas pessoais com o pai, mas sabe muito bem que não devia vir até aqui pra reclamar disso comigo. Peço desculpas pela interrupção. Vou levá-lo embora agora mesmo.

– Sobrinho? – perguntou Roosevelt. – E você o deixa sair maltrapilho assim? Não me surpreende ele estar tão irritado. Você deveria se envergonhar,

Septimus, e você também, meu rapaz, por não demonstrar respeito a...

Rapidamente, Tudd puxou Carver de volta à escada. Carver queria resistir, mas estava confuso. O que Tudd quis dizer?

Todo o andar estava olhando e cochichando. Roosevelt gritou alto:

– Normalmente, eu não apoio nenhum tipo de castigo corporal contra os jovens, Tudd. Contudo, no caso desse garoto, pode abrir uma exceção!

Várias pessoas na festa riram. Algumas chegaram a aplaudir.

Na arcada, Tudd apertou o punho. Eles passaram por Finn e Delia, embasbacada, e desceram os degraus sem dizer uma palavra, até chegarem a um saguão vazio.

Lá, Carver soltou seu braço.

– Eu vi a carta pro *Times*. Eu li as anotações sobre o pedido pra Scotland Yard em agosto, logo depois que você leu a carta do meu pai.

Tudd endireitou o terno.

– O erro foi meu. Hawking tinha razão. Agora ficou claro que subestimei você. A inundação é prova disso. Você devia ter ouvido a gargalhada do Hawking.

Carver ignorou o comentário.

– Você sabia desde o começo.

– Eu *suspeitava* – corrigiu Tudd, com um claro tom de remorso na voz. – Desde que sua carta chegou à Mulberry Street. E como posso dizer isso a você? Sete anos atrás, um assassino em Londres escreveu pra polícia. O tom, a gramática, tudo era igual à carta do seu pai. Os ferimentos do assassinato da biblioteca coincidiam com a maneira como ele agia. Porém, quando pedi o apoio do meu amigo, o brilhante senhor Hawking, ele me chamou de idiota na frente de todos os meus agentes! O que eu poderia fazer, então? Convidar você e dizer que eu suspeitava que seu pai era um monstro? Eu não diria isso nem pro meu pior inimigo, sem ter provas. O que você teria feito? Fugido? Entregado a agência pra polícia? Eu estava de mãos atadas.

– E quando você *viu* a carta do meu pai?

Tudd deu de ombros, arrependido. Por um momento, o atarracado gorducho pareceu menor do que era.

– Eu deveria ter ido direto pra polícia? Admito: a ideia de capturar o assassino sem a ajuda deles pode ter me cegado, mas eu tinha outras preocupações. *Eu* tinha certeza. Hawking não. Então, decidi esperar pela Scotland Yard. Quando a carta chegou ao *Times*, claro que fiquei sabendo. Mas, então, como eu poderia explicar pro Roosevelt que encontrei uma evidência tão explosiva sem entregar a Nova Pinkerton? Quanto a você, eu tinha a esperança de que Hawking chegasse enquanto você estava sob custódia e dissesse tudo

pessoalmente.

– Hawking – repetiu Carver, percebendo pela primeira vez. – Ele também sabia?

– Só que eu fui idiota – respondeu Tudd, ainda mais mole. – Quando ele leu sua carta... ele *sim* ficou interessado em você. Nós fizemos um acordo. Ele tomaria conta de você enquanto eu aguardava a resposta da Scotland Yard. Eu pensei que sua investigaçãozinha fosse só um jeito de manter você ocupado. Eu nunca pensei que você fosse avançar tanto.

– Mas você ficou feliz em usar o que descobri – provocou Carver.

Tudd enrijeceu.

– Eu queria que as coisas pudessem ser diferentes, mas aqui estamos nós. Você nem imagina com o que estamos lidando. Um assassino selvagem como seu pai não controla seus demônios, é *movido* por eles. Por isso e pelo ódio que sente por si próprio. Ao mesmo tempo, é óbvio que ele está interessado em você. Senão, não teria mandado aquela carta. Na verdade, eu suspeito que *você* não estaria progredindo tanto sem a ajuda dele. Ele está fazendo uma espécie de jogo, e você é o que nos liga a ele.

– Por que *eu* não posso ir à polícia? – questionou Carver.

A gentileza de Tudd foi dando lugar ao nervosismo. Ele estava perdendo a paciência.

– À parte minhas esperanças pro meu futuro e o da agência, a história vazaria. O circo midiático poderia afastar seu pai de você e fazê-lo matar mais. Você *precisa* confiar em mim. Eu consigo capturá-lo, eu preciso dessa chance, eu *mereço*.

– Confiar em você? Como? – perguntou Carver.

Tudd começou a esbravejar.

– Você me deve mais que confiança! Eu impedi que você virasse um trombadinha e lhe dei o melhor professor do mundo. Em troca, você inundou o quartel-general e quase arruinou o trabalho de uma vida inteira, tudo porque tem vergonhinha do papai!

Se Tudd percebeu que tinha ido longe demais, não teve a chance de se desculpar.

Schick! Carver segurava o bastão, com a ponta de cobre zunindo de eletricidade.

– Então, você é um criminoso – acusou Tudd, enrijecendo. – Roubando de nós. Eu julguei mal seu coração também. O que mais corre em seu sangue? Em que mais você puxou a seu pai?

Carver apontou o bastão, que, porém, molhado pela água do esgoto, soltou um estalo e se desligou.

Furioso ao ver seu protótipo quebrado, Tudd meneou a cabeça.

– Moleque idiota! Você não tem ideia...

Sua expressão furiosa se desfez com o soco de Carver. Enquanto a cabeça de Tudd voava para a direita, Carver continuou com um gancho de esquerda na barriga.

O velhote caiu no chão. Nessa hora, era difícil saber quem estava mais surpreso. A mão de Carver que tinha socado a mandíbula de Tudd estava trêmula. Sua respiração vinha em arfadas irregulares, sua visão estava anuviada de fúria. De repente, envergonhou-se e ficou profundamente perturbado.

E o pior: uma voz conhecida o chamou de lado.

– Ca... Carver?

Era Delia, fitando-o com olhos cheios de repulsa. Ela assistira a seu ataque animalesco.

Um gemido de Tudd a fez se voltar para a figura arqueada.

– É melhor você ir – declarou Delia, segurando uma lágrima.

– Delia, eu...

– Vá embora! – gritou ela, com os olhos vermelhos.

Carver obedeceu. Desnorteado, desceu cambaleante até a rua e correu.

Logo sua cabeça doía tanto quanto suas mãos. O que ele tinha acabado de fazer? Por quê? Ele nunca havia atacado alguém daquele jeito antes. Tudd não era mau. De certa forma, estava tentando protegê-lo. Mas, quando tinha dito “papai”, Carver se viu cheio de uma estranha fúria assassina. E a maneira como Delia olhou para ele...

Será que ele era... igual ao pai?

39

– Você mentiu – acusou Carver.

Ele estava no centro do quarto octogonal, com o velho sobretudo de Hawking, muito mais surrado e imundo que dois dias antes, pendurado no braço.

– Pendure o casaco e puxe uma cadeira – disse Hawking. – Você sabe onde é a porta, rapaz. Eu não vou trancar você aqui dentro.

Carver hesitou em se acalmar, mas, pelo que Tudd havia dito, Hawking *via* algum talento nele. Ele pousou o casaco num gancho e se sentou à frente de seu mentor. Sobre a mesa, os tubos de latão, todos polidos agora, espalhavam-se como um quebra-cabeça gigante. Um copo de uísque guardava dezenas de parafusos minúsculos.

– Eu só não lhe disse tudo. Não queria que você fosse distraído por tolices. Eu não escondi minha opinião sobre a teoria de Tudd, escondi? Também não menti sobre meus planos pra você.

Não era o que Carver esperava.

– Você não pode achar *ainda* que Tudd esteja errado! Você não pode achar que o assassino não *é* o meu pai.

Hawking respirou fundo e mordeu os lábios.

– Não, mas foi mais um tiro no escuro do que uma teoria, e nem todos os fatos estão encaixados ainda. Imagino que, se houvesse chegado uma resposta da Scotland Yard, Tudd não a guardaria pra si. Se você não fosse tão egoísta, já teria visto isso.

– Mas meu pai...

Hawking levantou a mão deformada.

– Eu não disse que era insensato de sua parte ser egoísta – disse ele, antes de rir de repente. – *E* você jogou todo o esgoto em cima deles! Ah! Todo o esgoto! – Como Carver se recusou a rir com ele, Hawking parou, mas seu sorriso não se desvaneceu. – Poderia ter sido pior, sabe?

Carver bateu com tanta força na mesa que os parafusos voaram do copo direto para o chão.

– Como? – gritou ele. – Como poderia ter sido *pior*?

Hawking não se moveu, mas o sorriso se apagou.

– Eu vou ignorar isso, mas cuidado com o tom. Você diz que quer ser detetive. Se seu pai for o assassino, você está numa posição única pra capturá-lo. Quem melhor que um filho pra entrar na cabeça do pai?

– Você está dizendo que sou igual a ele? – interrogou Carver.

– Claro que você é igual a ele, rapaz! Ele é seu pai! – vociferou Hawking. – Possivelmente, tem a mesma cor de cabelo, de olhos, a mesma maneira de andar... a menos que tenha puxado à mãe.

As mãos de Carver tremiam visivelmente. Ao perceber isso, Hawking as apertou com as suas, pressionando-as com a mão boa e cobrindo com a deformada, mantendo-as firmes.

– Os jovens são muito bons em se consumir por dentro – declarou seu mentor, calmamente. – Eu gostaria de dizer que os velhos são mais sábios, mas a verdade é que nos falta energia pra nos revirar em vincos tão profundos. Eu não disse que você era *exatamente* igual a ele.

– Eu não quero ser *nada* parecido com ele – resmungou Carver.

– Você não quer respirar, ter dois braços, duas pernas? A primeira regra do livro dos detetives: seja específico. Em *que* você não quer ser igual a ele? Imagino que não esteja preocupado em herdar a gramática dele. Você sabe falar até que bem.

Carver declarou dolorosamente o óbvio:

– Eu não quero ser um assassino.

Mas, claro, isso não bastava para Hawking.

– Soldados matam, policiais matam. Detetives matam às vezes, por legítima defesa ou pra proteger outras pessoas. Um homem que mata um assassino é um herói. Você não mataria alguém que ameaçasse matar uma criança?

– Sim, mas... eu soquei Tudd...

– Socou? Ah! Bem, tenho certeza que ele mereceu. Ele mentiu pra você, usou você, trancou você e tenho certeza absoluta que falou algo que o provocou. Até onde sabemos, as vítimas do assassino são pessoas que o usaram ou machucaram?

– Não. Ele simplesmente... atacou-as. Elas eram inocentes, pelo que sabemos.

– *Você* quer matar mulheres inocentes?

– Não!

Hawking bufou, como se não acreditasse nele.

– Mesmo? Nunca pensou nisso em seu tempo livre? Conversando com sua namoradinha repórter, essa ideia nunca passou pela sua cabeça?

Carver estava com nojo da ideia.

– Não! Nunca!

Hawking soltou as mãos de Carver e abriu a palma de sua mão boa, triunfante.

– Então, por que diabos você acha que faria uma coisa dessas?

– E se eu não conseguisse evitar? Tudd disse que o assassino não consegue se controlar, que é movido pelos demônios e pelo ódio de si mesmo.

– Repita comigo: Tudd é um imbecil! – escarneceu Hawking. – Você leu as cartas. Acha que o autor tem nojo de si mesmo?

Carver franziu o cenho, relembrando o estilo conciso, a energia por trás do traço.

– Não. Acho que ele gosta. Gosta muito.

Hawking esfregou o polegar e o indicador de sua mão boa, como se apresentasse entre os dedos um minúsculo cerne de verdade.

– Esse é o segredo pra entender a diferença entre vocês dois. Ele gosta, você não. Ele se diverte muito, em todos os aspectos, desde os assassinatos até as cartas e as pistas. Ele não está se escondendo por trás de um fino verniz de civilização. Ele está vivendo os impulsos ao máximo, sem adornos ou receios. "Antes matar uma criança no berço do que acalentar desejos insatisfeitos." Lembra? Isso é William Blake, garoto, *Provérbios do inferno*. Dê uma estudada nisso, senão não pegará nem resfriado. – Os olhos normalmente firmes de Hawking se voltaram de um lado para o outro, perdendo foco. – Seu pai não é um simples animal movido por impulsos. Ele jogou o segundo corpo exatamente onde causaria o maior burburinho, pra se certificar de que todo mundo, inclusive *você*, ficasse sabendo. É uma espécie de jogo intrincado. Ele é muito inteligente – afirmou Hawking, com ar de admiração. – Talvez brilhante, forte, dedicado, todas as qualidades que uma pessoa pode se *orgulhar* de ter.

– Ma... mas – gaguejou Carver – ele também é mau.

Hawking voltou o olhar fixo para Carver.

– E ninguém gosta de ouvir elogios ao diabo, hein?

40

No começo, Carver pensou que o grito era seu, resquício de um pesadelo de que não conseguia lembrar, mas o lamento abafado e triste vinha dos andares de baixo. Simpson resistia a seu tratamento novamente.

Carver tomou banhou, comeu e remendou o sobretudo; mas, mesmo assim, não conseguiu clarear a mente. Muitos pensamentos ruins lhe passavam pela cabeça. Ele precisava se tranquilizar.

– O senhor se envolverá no caso? – perguntou Carver a seu mentor.

– Não.

– Mas...

– Não. Não faço mais essas coisas.

– O que eu...?

– A vida é sua, não minha. Você terá de descobrir sozinho o que precisa fazer agora.

Carver não tinha a mínima ideia. Com Hawking praguejando a todo instante enquanto mexia com os parafusinhos, sentia como se estivesse prestes a explodir. Desesperado, pediu permissão para ir à cidade.

– Por quê?

– Eu preciso sair daqui. Acho que vou enlouquecer.

– Existe lugar melhor pra isso do que aqui? Mas eu entendo – disse Hawking, entre uma imprecação e outra. – Se seu pai quisesse encontrá-lo, poderia ter feito isso há anos. Desde que você não esteja procurando por ele, não há o que temer. E fique longe de Tudd, também. Por enquanto, pelo menos. Mas você terá de lidar com os dois um dia.

– Eu sei – respondeu Carver.

No meio da tarde, ele estava na esquina da 14ª com a Broadway, olhando para seu antigo lar, o Orfanato Ellis. Na época, sua vida lá parecia terrível, principalmente por culpa do Finn. Mas, em comparação, ele não tinha preocupações. Agora, as janelas e portas estavam fechadas com tábuas. Um aviso anunciava, com orgulho, que os novos proprietários pretendiam demolir aquele prédio feio e substituí-lo por um novo e extraordinário. Ele queria poder fazer o mesmo com sua vida. O olhar no rosto de Delia quando se viram pela última vez ainda pairava sobre ele, como uma assombração.

Delia. Finn. O que tinha acontecido com eles? Será que tinham sido descobertos? A culpa era dele, mesmo que aquilo se referisse a seu antigo algoz.

Tentar compensar o tornaria uma pessoa diferente de seu pai, não tornaria?

Era sábado. Se não estivessem presos, deveriam estar em casa. Delia só tinha mencionado o endereço dela uma vez, mas ele se lembrava: West Franklin Street, número 27. Era uma longa caminhada do Ellis, mas gastar energia faria bem para ele.

No caminho, passou por vários jornaleiros que berravam manchetes. No entanto, ninguém tinha uma palavra a dizer sobre um tal arrombamento no *Times*. Era um bom sinal. Os novos pais de Finn eram ricos e influentes; os de Delia, empregados. Roosevelt não queria que a existência da carta se tornasse pública. Era do interesse de muita gente manter as coisas em sigilo.

Quando chegou à Franklin Street, suas esperanças foram perdendo a força. O quarteirão era repleto de casas residenciais, mais novas e em melhor estado que as da Morris Street. Nenhuma chamava mais atenção do que aquela em estilo vitoriano no número 27, com seus tijolos cor de cenoura e suas arestas marrons e cinzas. Carver teria gostado do lugar, não fosse pela carruagem estacionada à frente, em que se lia “Polícia Metropolitana”.

Quando pensou que as coisas não poderiam piorar, pioraram. Será que Delia tinha sido presa?

Ele queria saber, mas, se continuasse andando, o motorista o veria. Delia mencionara um carvalho à janela do quarto dela. Não havia nenhum em frente à casa. Será que ficava atrás?

Ele deu meia-volta até a Varrick Street e entrou escondido pelo quintal da propriedade contígua à casa vitoriana dos Ribes, em que um enorme e majestoso carvalho se erguia ao longo da alvenaria. Sobre o telhado, nuvens brancas brilhavam no céu, que escurecia em um tom de laranja semelhante ao dos tijolos. Parecia tanto com um... lar. Essa ideia lhe causou uma dor que ele não sabia de onde vinha.

Ignorando a sensação, correu até perto da árvore e examinou a janela do primeiro andar. Ele praticamente só via um corredor vazio, mas deu pra ver um pedaço da sala de visitas, assim como algumas pessoas nela. Os Ribes estavam sentados, ouvindo um homem gorducho que andava de um lado para o outro, gesticulando com um vigor familiar. Roosevelt. Aquilo não era nada bom.

Ao ver uma luz acesa na janela do terceiro andar, Carver trepou no tronco da árvore. Enquanto subia, fios soltos do sobretudo se prendiam na casca dura da árvore, forçando-o a arrancá-los e desfazer o remendo. Após subir nos galhos, quase escorregou na neve derretida.

Delia não tinha dito que era fácil subir? Quando chegou à janela dela, estava sem fôlego. A luz da lâmpada bruxuleava por trás de uma cortina fina que fazia tudo dentro parecer turvo. Só Delia estava fácil de reconhecer, sentada ao

lado do que parecia um monte de lençóis brancos.

Carver bateu no vidro. Curiosamente, Delia olhou rapidamente para os lençóis antes de ir à janela. Ao abrir a fina cortina e reconhecê-lo, o alívio que perpassou seu rosto lhe trouxe um sorriso nos lábios.

Ela abriu a janela.

– Carver! – disse ela, num murmúrio tenso. Ela recuou, como se tivesse medo dele, mas logo se recompôs. – Eu estava preocupada. Você está bem?

– Eu... estou aqui – falou ele. – E... Delia, quando você me viu... eu...

Ele achava estar sussurrando, mas ela colocou um dedo sobre os lábios.

– Shh! Roosevelt está aqui e...

– Sim, eu sei. Ele está atrás de você?

– De mim? Claro que não.

Carver suspirou, aliviado.

– O que aconteceu depois que eu fugi?

– Então, eu tentei ajudar o pobre homem a se levantar, porém ele me empurrou e correu em direção à rua. Acho que estava tentando encontrar você.

– Então, por que...?

Ele estava prestes a perguntar por que Roosevelt estava lá quando aquele montinho branco que parecia uma pilha de lençóis surgiu atrás de Delia, revelando ser uma garota.

Ela vestia um casaco branco e um chapéu emplumado maior que os ombros. Apesar do traje formal, adequado a uma mulher, ela parecia mais jovem que Delia.

– Você costuma falar com janelas? – perguntou a menina, com calma e muito desembaraçada. Ao ver Carver, seu rosto aveludado se encheu de uma graça evidente. – Ah, um garoto! Não deveríamos convidá-lo para entrar?

41

– Eu simplesmente *a-do-ro* encontros secretos – disse a garota. – Apesar de ser nova demais pra ter tido algum.

Algo entre criança e jovem dama, ela falava e se movia como se fosse da realeza. Carver não conseguia tirar os olhos dela de tanto que o jeito radiante da menina diferia de seu próprio desânimo.

Ainda hesitante, Delia segurou o braço de Carver, enquanto ele se esforçava para passar uma perna pelo parapeito.

– Onde você esteve esse tempo todo?

– Em casa – respondeu ele.

– Você quer dizer na... – disse ela, parando no meio da frase.

– Na? Onde fica Na? É legal morar em Na? – perguntou a garota, prazenteira. – É perto de Ne, Ni, No e Nu?

Quem era ela? Uma vizinha? A filha de um membro rico da família? Para responder a Delia, disse rápido: – Não, lá não.

– Onde então? – inquiriu Delia.

Ela olhou em direção à garota de branco, que pigarreou e disse: – Está claro que vocês dois têm muito a conversar, então, se me derem licença, vou ficar ouvindo a conversa dali – disse a menina, planando até a cama de Delia e esticando a parte de trás de seu elegante casaco branco a seu redor enquanto se sentava. – Finjam que não estou aqui.

Delia o puxou com mais força, como se tentasse recuperar sua atenção.

– No Hospício Blackwell – declarou ele, num sussurro quase inaudível.

– Hospício? – repetiu ela.

– É, onde o senhor Hawking mora.

Ele ia continuar explicando que seu mentor estudava criminosos insanos quando cambaleou pela janela aberta e caiu de pé no chão, fazendo barulho.

– Quieto! – sussurrou Delia. – Eles ouvirão lá embaixo.

A garota voltou a falar, sorrindo abertamente para Carver.

– Desculpem a intromissão, mas creio que alguém tão intrépido e que escala árvores com tamanha habilidade não teria medo algum de fugir de meros policiais.

Ele não sabia como reagir. Querendo dar uma resposta rápida, mas tendo apenas Hawking para imitar, Carver arreganhou os dentes e disse: – Roosevelt? Aquele caubói engomadinho?

– Carver... – alertou Delia, num sussurro.

– Ele provavelmente deve estar tão ocupado ouvindo a *si mesmo*...

– *Carver* – murmurou Delia, furiosa.

– ...que não ouviria nem um *elefante* rosa pulando atrás dele.

Delia soltou um suspiro e acenou para a garota.

– Carver Young, esta é Alice Roosevelt, *filha* mais velha do comissário.

– Ah. Hum... – gaguejou Carver. – Eu...

O sorriso precoce dela se manteve.

– Ah, não se preocupe. Pode se sentar ao meu lado, se você também não gosta de ninguém – disse, batendo de leve no lugar ao lado dela na cama.

Carver estava sem ter o que dizer. A seus olhos, ela não parecia nada ofendida, mas sim se divertindo horrores com seu constrangimento.

– Eu *sei* que papai é um fanfarrão – disse Alice, em tom conspiratório. – No entanto, se você vai fazer qualquer coisa, por que não fazer com obstinação? Porém, está errado na história do elefante. *Qualquer* criatura que tente passar despercebida por ele será abatida num único tiro, mesmo se ele estiver falando alto, como sempre fala. Eu juro que não repetirei uma única palavra do que ouvi ou venha a ouvir, desde que continue divertido.

Um “ah” foi tudo o que Carver conseguiu dizer.

Delia pigarreou intencionalmente.

– Eles estão falando sobre os assassinatos. Quando o *Times* concordou em não publicar a carta, Jerrik ganhou direito a uma entrevista exclusiva e...

Alice interrompeu:

– Ele me trouxe junto, pra fazer parecer uma visita social. Afinal, não falariam de coisas tão horríveis na frente de uma *criança* – declarou ela, enfatizando a palavra com um desprezo óbvio. – Como pode ver, fui relegada ao andar superior.

Agora era Delia quem fitava Alice, mas com uma expressão mais próxima de antipatia. Ela se voltou para Carver e tentou de novo.

– O relatório do médico-legista confirmou que os ferimentos no novo corpo são iguais aos infligidos no assassinato da biblioteca e em...

– Londres? – acrescentou Carver.

Delia encolheu os ombros, taciturna.

– Desculpe, isso é tudo que eu ouvi antes de me mandarem pra cima, pra ficar de olho na...

– Pode me chamar de Alice!

– A gente pode descer? – perguntou Carver. – Pra ouvir?

Alice respondeu por ela:

– Não precisa. Quando meu pai começar a gritar, vamos ouvi-lo com

bastante clareza.

Um grito abafado veio da sala de estar:

– Vou montar um *exército*!

– Vê? Começou – afirmou Alice, contente com a sincronia. – Onde podemos nos sentar?

Delia suspirou e caminhou para o corredor.

– Tem um tubo de ventilação no piso que pode ser útil.

Enquanto Carver seguia as duas, Delia tentou ficar à frente de Alice, que, porém, não parecia nada disposta a ficar para trás. Por fim, Delia a puxou pelas costas, dizendo: – A casa é *minha*.

Delia os guiou até um grande quarto com uma enorme cama de dossel e amplas janelas aprazíveis. Alice deu um giro no centro, fazendo seu casaco branco rodopiar.

– Pequeno pra um quarto de hóspedes, não?

Afastando uma cadeira almofadada da ventilação do aquecedor, Delia respondeu friamente: – Este é o quarto principal.

– Ah, Delia – retorquiu Alice, sorrindo. – Só estou brincando. Não me odeie por isso.

– Não odeio – declarou Delia, retribuindo o sorriso. – Não por isso.

Com o tubo de ventilação exposto, os três se reuniram em volta dele. Alice, quase de joelhos, ofereceu a mão pra que Carver a ajudasse. Sem pensar, ele a segurou, fazendo Delia soltar um resmungo exasperado enquanto segurava a barra do vestido de algodão e se ajoelhava sozinha.

A primeira voz que ouviram foi a de Jerrik Ribe.

– O senhor estava em Londres na época dos assassinatos, comissário?

– Não – respondeu Roosevelt. – Estive dois anos antes, em 1886, pro meu casamento. Mas, desde então, li tudo o que pude sobre aquele diabo. Digo a vocês com toda a clareza que, se ele estiver aqui, não terá pra onde escapar. Eu montarei uma teia tão cerrada que até as sombras vão delatá-lo. Todos os policiais estão alertas; nossas patrulhas foram duplicadas. Só o que falta é uma testemunha.

Pela maneira como ele falava, o assassino parecia famoso. Carver ficou pensando se já tinha ouvido falar dele.

– Você não acha – interrompeu uma voz feminina – que o público poderia cooperar mais se soubesse *exatamente* o que está acontecendo? Que publicar a carta não levaria alguém a se apresentar?

– Essa é a Anne – exclamou Delia, orgulhosa.

– *Dela* eu gosto – comentou Alice.

Mas parecia que o pai de Alice não.

– Já falamos sobre isso! Só sugerir que ele está em Manhattan já criaria um pandemônio. Todos os loucos farão fila pra dar testemunhos falsos ou até confessar os crimes! E o pânico?! Encurralados, os pobres podem se revoltar, mas os ricos podem começar uma guerra – vociferou Roosevelt, antes de abaixar o tom de voz. – Detesto subterfúgios. O fato de alguém ter invadido aquele escritório enquanto eu estava presente já mostra como nossa situação é frágil.

– Overton está convencido de que foi o *Tribune* ou o *Herald* – comentou Jerrik.

– Se fossem, eles já não teriam publicado a carta a esta altura? – retorquiu Anne.

– Vamos nos ater ao tema em questão. Quanto mais operarmos sem a atenção do público, melhor. Antes de a situação desabar por conta própria, os que se apresentarem serão mais confiáveis.

– *Se* alguém se apresentar, comissário – observou Anne.

Delia lançou um olhar expressivo para Carver.

– Você precisa contar pra ele.

– Não sei – respondeu Carver. – Não sei em quem posso confiar.

Alice examinou suas expressões. Quando abriu a boca, seu humor sarcástico deu lugar a uma sinceridade igualmente eloquente.

– Eu não sei o que meu pai fez contra você pra merecer uma opinião tão negativa, mas ele é um homem de princípios fortes. Eu acho entediante. Por exemplo, nunca falou comigo sobre minha mãe, a primeira mulher dele, que eu nunca conheci, e tenho certeza que é por causa de algum *princípio*. Mas esse é um problema meu, como filha dele. Como confidente ou amigo, não existe ninguém mais confiável. Se há alguma coisa que você pode fazer pra ajudá-lo a capturar esse assassino, claro que deve fazer.

Carver olhou a segurança calma de Alice e a expressão preocupada de Delia.

As palavras de Hawking ecoaram em sua cabeça: “A vida é sua, não minha. Você terá de descobrir sozinho o que precisa fazer agora”. Esse era o jeito dele de dar permissão? Talvez fosse sua única chance de provar a Delia e a si mesmo que não tinha puxado nada ao pai.

– Tudo bem, vou contar a ele – concordou Carver. – Vou contar agora.

42

Delia levou Carver até a porta.

– É melhor que alguém que eles conheçam explique quem você é.

– Eu ficarei aqui, então – disse Alice. – Mas *mal* posso esperar pra saber o que você dirá.

Na escada, Delia entrelaçou seu braço ao dele.

– Fale em termos simples e claros. Tenha em mente que você não soa muito são quando começa a falar sobre uma base secreta de detetives.

– Como vou soar quando disser que sou filho do assassino?

Ela franziu o cenho.

– Comece do começo, de quando encontrou a carta.

Quando chegaram ao hall de entrada, Jerrik foi a primeira pessoa que viram. Com o cabelo curto e perfeitamente penteado, e um bloco de anotações no colo, ele estava no meio de uma frase quando os viu.

– ... Delia?

Roosevelt voltou a cabeça quadrada, mirando os olhos em Carver.

– Tudd! Seu sobrinho tem o costume muito incômodo de aparecer em lugares inusitados.

Tudd? Carver virou o rosto. Sozinho numa namoradeira acolchoada estava o senhor Tudd, com um forte hematoma no rosto. Carver ficou paralisado.

O quinquagenário líder da Nova Pinkerton se levantou.

– Fico feliz que ele esteja aqui.

– Por que ele está aqui, Delia? – perguntou Jerrik. – Quem ele é?

– Carver Young – respondeu Anne. – Amigo da Delia dos tempos do orfanato.

– Eu deixei claro que esta seria uma entrevista privada! – vociferou Roosevelt, mexendo-se desconfortável na poltrona.

A essa altura, Tudd estava na entrada, fitando Carver.

– Eu tenho uma coisa de grave importância pra lhe contar. É sobre o senhor Hawking – murmurou.

– Quê? – exclamou Carver. – Ele está bem?

– Não.

A negativa atingiu Carver como uma tonelada de tijolos. A força de sua preocupação com o velhinho encrespado o surpreendeu.

– Não aqui – retomou Tudd. – Vamos dar uma volta. – Então, voltando-se

para os adultos na sala: – Minhas mais sinceras apologias, comissário, senhor e senhora Ribe. Os senhores poderiam nos dar licença por um minuto?

– Se você quer pedir licença pra sair com seu sobrinho, a resposta é sim – respondeu Roosevelt. – Se está pedindo desculpas por uma segunda cena, suspenderei o julgamento até uma explicação completa.

– Claro – assentiu Tudd, antes de seguir em direção à porta com Carver.

Enquanto a abria, Roosevelt olhou em volta.

– Como ele entrou? Nós estávamos aqui o tempo todo, de cara pra porta da frente. Existe outra entrada? – Enquanto esquadrinhava a sala, levantou os olhos para o respiradouro bem acima da sua cabeça. Seus olhos se estreitaram e ele gritou: – Alice, saia da ventilação agora!

O que ele disse para a filha em seguida foi abafado pela porta que se fechava.

Na varanda, Carver perguntou de imediato:

– O que aconteceu?

Tudd acenou para o motorista da carruagem, que os observava, curioso.

– Vamos pra esquina. Graças a você, já não desfruto mais da confiança plena do comissário e prefiro que nenhuma outra situação agrave isso ainda mais.

Eles subiram pela Franklin, em direção à Varrick Street.

– O que aconteceu com o senhor Hawking? – voltou a perguntar Carver.

– Nenhum pedido de desculpas por me socar e me deixar sangrando no saguão? Você imagina que eu tive de rastejar até a rua e *fingir* que fui atingido por um cabriolé? Graças a Deus sua amiga não disse nada, embora eu desconfie que ela esteja mais interessada em proteger *você*.

Parte de Carver achou que deveria pedir desculpas, mas algo o detinha, um mal-estar que pairava. Tudd olhou para trás, por cima do ombro. O motorista havia descido da carruagem e agora estava na calçada, observando-os. Mas eles estavam longe o bastante para Tudd poder falar.

– Independentemente da opinião que você e Hawking tenham sobre mim e minhas invenções, eu não sou um completo idiota. O único motivo pra você entrar naquela sala era contar tudo pro Roosevelt.

Carver se eriçou, dando um passo para trás, a fim de aumentar a distância entre ele e Tudd.

– A carta do meu pai é uma evidência importante. Eles *precisam* saber.

– Você iria contar pra ele sobre a Nova Pinkerton também? – inquiriu Tudd.

– Eu... – começou Carver, antes de menear a cabeça, percebendo só agora que não seria necessário. – Não, eles só precisam saber da carta. Agora me conte o que aconteceu com o senhor Hawking!

Eles deram a volta na esquina.

– Eu estou cem por cento disposto a dizer tudo o que sei à polícia – afirmou ele.

Os pelos de Carver se eriçaram, como sempre acontecia quando ele se sentia observado.

– Mas e o senhor Hawking? – insistiu Carver. – O senhor ainda não me contou...

Contudo Tudd não estava mais olhando para ele. Olhava por cima dos ombros, dando a alguém um rápido aceno de cabeça.

Carver se virou, mas, antes que pudesse ver quem era, foi puxado com força por trás. Seus braços foram rapidamente imobilizados. Alguma coisa áspera e lanosa foi enfiada em sua boca, jogando sua língua para o fundo da garganta e o fazendo sentir vontade de vomitar.

Ele se contorceu e fez força para resistir, até que um chute súbito o fez cair no chão. O mundo girou. Ele tinha caído de costas, com Tudd se assombrando sobre ele. Seu hematoma no rosto, escurecido pela luz do poste, não escondia um olhar triunfante.

– Eu contarei a eles sobre você e aquela carta assim que *eu* tiver capturado seu pai.

43

Com as mãos e os pés amarrados, e a mordaça fixada por uma corda grossa, Carver foi jogado dentro de uma carruagem de dois lugares. Um vulto atlético de bigode grosso subiu ao seu lado e o empurrou para abrir espaço e, então, puxou uma tampa articulada de metal sobre suas pernas. O ajuste apertado forçou o vulto a se inclinar para encaixá-lo no lugar, expondo-o à luz do poste.

Era Jackson. Furioso, Carver forçou seu corpo ainda mais contra as cordas, debatendo-se com tamanha violência que a pequena carruagem chacoalhou.

– Não faça isso – alertou Jackson. – Emeril usou dois nós de algema entrelaçados. Quanto mais você puxa, mais apertado fica. Continue assim e você interromperá o fluxo sanguíneo. Você pode perder uma mão ou um pé.

Ele não estava mentindo. A pressão em torno dos punhos de Carver era opressiva.

Jackson gritou para um motorista atrás deles:

– Vamos chegar lá hoje à noite!

Carver olhou para a frente. Não havia cavalos. Como planejavam ir a algum lugar?

Um zumbido elétrico constante surgiu de trás dele. A carruagem deu um solavanco e avançou pelos paralelepípedos, manobrando para o centro da rua. Os olhos de Carver se arregalaram.

– Isso mesmo, finalmente conseguimos as carruagens elétricas da Filadélfia – disse Jackson.

Eles seguiram para o norte. Enquanto passavam, os pedestres paravam boquiabertos para vê-los subindo a rua como que por mágica.

Tinha um bonde lotado na Hudson Street. Alguns passageiros praticamente empurraram os outros para fora, pressionando-se contra as portas e janelas para olhar. Uma senhora gritou, lembrando Carver da mulher da história de Hawking que viu um caminhão de bombeiros no palco.

Carver se debateu e bafejou na mordaça, tentando chamar atenção ao fato de que estava sendo sequestrado. Jackson jogou um lençol sobre ele.

– Belos sequestradores somos nós – murmurou Jackson. – Por que não colocamos uma lâmpada portátil em cima da cabeça do moleque pra todo mundo ver? – Então, gritou para o motorista: – Emeril, não dá pra ir mais rápido?

– Dá – respondeu a voz fina. – Mais de cinquenta quilômetros por hora, desde que Tudd fez os ajustes. Porém, quando tentamos isso ontem, todos os

cavalos pelos quais passávamos empinaram assustados!

Jackson soltou um suspiro.

– É mesmo uma surpresa a agência continuar secreta por tanto tempo.

Emeril gritou de novo:

– Você disse pro Carver que a culpa não é nossa? Que a ideia de nós mesmos capturarmos o assassino é do Tudd?

– Fale por você – respondeu Jackson, soando estranhamente presunçoso. – Eu estou tranquilo. Nós somos melhores que a polícia e já passou da hora de ganharmos crédito por isso. E o Carver aqui estava prestes a abrir o bico e mandar todos nós pra cadeia.

Emeril estacionou a carruagem numa pequena garagem na Warren Street, onde os dois removeram Carver, cobriram o veículo com mantas velhas de cavalo e guiaram o garoto rapidamente para a lateral da Devlin’s.

Enquanto o elevador descia silenciosamente, Emeril tirou a mordaça.

Carver cuspiu e tossiu algumas vezes. Com toda a fúria que conseguiu reunir, disse:

– E se alguém *morrer* por causa do que vocês estão fazendo?

Jackson deu de ombros.

– E se alguém morrer por causa do que *você* está fazendo?

44

Pouco restava do sentimento amistoso que Carver nutria pelos dois agentes. Eles o puxaram pelo braço e o empurraram sede adentro. Todos viravam a cabeça para olhar. Alguns pareciam horrorizados; outros miravam Carver com desprezo. Ali estava ele, o filho do assassino, o ladrão que inundara o QG. Pior: o moleque que atacou Septimus Tudd.

Eles o levaram a um cômodo vazio, que Emeril afirmou não estar perto de nenhum encanamento do esgoto. Lá, trocaram as cordas por algemas e tornozeleiras, e, em seguida, revistaram seus bolsos.

– Onde está? – perguntou Jackson. – O bastão de atordoamento quebrado?

Carver o fitou.

– Deve ter caído quando você me atacou.

– Certo – respondeu Jackson.

Eles o revistaram novamente, mas não encontraram nada.

Relutantes em repetir os mesmos erros, nunca deixavam Carver sozinho, dividindo-se em turnos para vigiá-lo. Emeril se ocupava estudando arquivos e jornais, enquanto Jackson se contentava em folhear algumas revistas.

Quando Carver perguntou o que estavam esperando, a resposta foi: – Tudd.

Quando lhes pediu comida, a resposta foi:

– Quando Tudd voltar.

Quando perguntou se podia deitar e descansar um pouco, a resposta foi: – Vamos ver o que Tudd diz.

Tudo o que ele podia fazer era sentar e ser ignorado. Logo, seus olhos se fecharam e ele começou a cochilar, até um ruído o acordar, sobressaltado.

Carver estava tão cansado que a chegada de Tudd foi anticlimática. O homem estava em pé à porta, com as roupas amarrotadas e o rosto de cão pastor, normalmente barbeado, exibindo um restolho grisalho.

– Que horas são? – indagou Carver.

Tudd tirou seu relógio do bolso.

– Quase dez da manhã. Roosevelt nos fez seguir todas as pistas que apareceram, uma mais ridícula que a outra. Mal tive tempo de tomar banho e trocar de roupa antes de dar a hora de voltar à Mulberry Street. Depois de sua aparição na casa dos Ribes, ele deixou claro que, se a situação não fosse tão atroz, teria me demitido na hora.

Encontrando um fiapo de rebeldia dentro de si, Carver disse: – Você não

acha ainda que pedirei desculpas, acha?

Tudd suspirou.

– Não. Do mesmo modo, tenho certeza que você não espera que eu deixe o filho de um maníaco destruir tudo o que eu construí na vida.

Carver pensou por um instante antes de responder: – Não.

O gorducho entrelaçou as mãos atrás das costas.

– Desta vez, você me obrigou a atar mais que suas mãos. Mesmo que, de algum modo, você consiga sair mais uma vez, o comissário não acreditará em uma palavra que você disser. Deixei claro que você é um indivíduo com problemas sérios, carregado por uma curiosidade mórbida e afligido por uma incapacidade de distinguir a realidade dos romances baratos. Seu próprio pai jogou você na rua por causa de seus delírios incontroláveis e, desde então, você recusa minhas ofertas de procurar ajuda profissional.

– Você não sairá livre dessa. Eu tenho provas – afirmou Carver.

– A carta que você me deu?

– Delia... – começou ele.

Ele estava prestes a mencionar que ela também tinha visto a carta, mas se conteve.

Interpretando mal a intenção dele, Tudd meneou a cabeça.

– O ataque histérico dela só ajudou a convencer Roosevelt e os Ribes de que você a tinha manipulado.

Carver deu de ombros.

– Meu pai atacará de novo. Eu deveria estar ajudando.

– Concordo. Você pode ajudar. Aquele endereço que você estava investigando antes de chegar às Tumbas, qual é?

Carver não podia acreditar no que ouvia.

– Você acha que eu vou simplesmente dizer pra você?

– Você quer que ele seja pego, não quer?

Claro que queria, mas ele tinha a sensação de que esse seria um passo em falso.

– E se ele mandou aquela carta pro Ellis porque queria que *eu* o encontrasse? E se estiver traçando todas essas pistas *só pra mim*? Quem melhor que seu próprio filho pra pensar como ele?

Tudd soltou um suspiro, fazendo pouco-caso.

– Ele pode ser ardiloso, mas, no fundo, não passa de um animalzinho atormentado.

– Não – retorquiu Carver. – Ele gosta do que está fazendo e é muito bom no que faz.

– Gosta? É bom no que faz? – ironizou Tudd, com a expressão contorcida.

– Isso é repugnante.

Hawking estava certo; ele sequer conseguia aceitar a possibilidade. “Ninguém gosta de ouvir elogios ao diabo.”

– Dê-me o endereço. Senão a próxima morte será culpa sua.

– Roosevelt poderia dizer o mesmo sobre você, não é?

– O comissário não está aqui. Só eu e você. E, por mais que você seja filho dele, Carver, acredite, você não sabe nada sobre o assassino. Isso é coisa de gente grande.

Ele não tinha muita escolha, tinha? Ele mesmo havia dado o argumento de que esconder a informação de Tudd era tão ruim quanto Tudd a esconder da polícia.

– Tudo bem, o endereço é...

– Tuudd! – vociferou uma voz conhecida vinda do pátio, seguida pela pancada de uma bengala contra o piso. – Tudd! Apareça! Eu me arrastei de Blackwell até aqui! É bom você sair do ninho de rato em que está se escondendo!

Tudd coçou a testa.

– Hawking.

Carver sorriu.

– Você estava mentindo sobre ele também.

45

Sem dizer uma palavra, Tudd caminhou em direção à porta. Carver tentou segui-lo, mas Jackson bloqueou o caminho. A porta continuou aberta, permitindo que Carver ouvisse os brados.

– Você tem algo que me pertence, Septimus. Eu quero de volta! – gritou Hawking. – Cadê o garoto?

– Ele está bem, está seguro – disse Tudd.

– Eu não perguntei *como* ele está, seu balofo imbecil! – berrou ele em sua voz que, apesar de anasalada, era autoritária e impostada para chamar a atenção. Hawking bateu sua bengala mais uma vez, com um estrondo. – Traga ele pra cá agora!

Tudd se inflou.

– Você não dá ordens aqui. Quem disse que estamos com ele?

– Agora! – exigiu Hawking, num tom que ecoou pelas arcadas tijoladas do pé-direito.

Depois de um breve silêncio, Tudd se contorceu de fúria.

– Jackson, Emeril, tragam o garoto.

Jackson deu um passo para trás, para deixar Carver entrar no saguão. Ele meneou a cabeça, desanimado.

– Eu não entendo como Hawking farejou isso tão rápido. Ele deve ter um informante.

Quando Jackson se virou de costas, Emeril piscou para Carver.

– Deve mesmo.

Surpreso, Carver sorriu de volta. Talvez ele tivesse *um* amigo ali. Ao sair, Carver olhou ao redor. Ele nunca tinha visto tantos agentes. Toda a organização havia se reunido em volta do pátio para observar.

Ao ver Carver, Hawking berrou:

– Algemas, Tudd? Que titica de galinha você tem na cabeça? Não aprendeu a lição da primeira vez? Você tem sorte de este lugar ainda estar de pé.

– Ele ia nos trair, delatando pro Roosevelt – retorquiu Tudd.

– Trair? – exclamou Hawking. – Esta não é uma ordem religiosa ou uma nação soberana. Deixe o garoto ir agora, Septimus, ou *eu* é que terei uma conversinha com o Roosevelt! – bradou, antes de apontar a bengala em direção aos agentes curiosos. – A menos, claro, que você planeje dar ordens pra eles *me* prenderem!

Tudd pestanejou. Sua expressão se tornou mais suplicante.

– O garoto roubou de nós. Ele *me atacou*!

Hawking não parava de gritar.

– O garoto foi enganado e manipulado! E você vai realmente ficar repetindo aos quatro ventos que levou uma surra de um moleque de catorze anos?

Apesar de tentarem esconder, cobrindo a boca com as mãos, alguns agentes riram.

Tudd disparou um olhar feroz contra eles.

– Silêncio! Quem está no comando aqui sou eu!

Todos, com a exceção de Hawking, endireitaram-se feito soldados, porém Carver percebeu que um dano tinha sido causado.

Tentando parecer no comando, Tudd disse:

– Se eu soltar o garoto, você promete mantê-lo sobre vigilância?

– Isso não é uma negociação – respondeu Hawking, friamente. – Mas do que você tem medo? Você já tomou providências pra que ninguém acredite nele. “Curiosidade mórbida”? Tsc, tsc.

Pela reação de Tudd, isso era algo que Hawking não teria como saber.

– O endereço que ele investigava perto das Tumbas. Eu quero.

Hawking escrutinou a multidão.

– O diretor da maior agência de detetives do mundo não consegue uma pista e recorre à extorsão. Allan Pinkerton deve estar se revirando na cova! Era só me pedir. Eu estava lá naquela noite, lembra? Bell Street, número 42. Satisfeito?

Tudd fez sinal para que Emeril e Jackson soltassem Carver.

– Sou eu mesmo quem está fazendo papel de bobo aqui, Albert? – provocou Tudd. – Foi *você* quem nunca acreditou que a minha teoria era possível. Mesmo agora, em vez de me ajudar, fica me julgando. Você nunca se recuperou daquele tiroteio. Admita, você ficou pra trás.

– Belas palavras de alguém que *nunca* esteve num tiroteio. Você não tem ideia do que eu perdi naquela noite, Tudd, porque não tem ideia do que significa *ter* alguma coisa a perder! – retorquiu Hawking.

Esfregando os punhos, Carver se empertigou diante de Tudd.

– O senhor Hawking é melhor que você, e você sabe disso.

– Veremos quem é melhor do que quem quando eu capturar seu papaizinho – voltou a provocar Tudd, cuspindo as palavras. – É melhor você voltar pro hospício, rapaz.

– É o que faremos, Septimus – respondeu Hawking. – Ao menos as pessoas de lá têm cérebro.

Enquanto Carver abria a porta do metrô, ouviu Tudd gritar: – Por que vocês

estão parados? Estão achando que isso é circo? Temos uma pista! Bell Street! Voltem ao trabalho!

Carver e Hawking continuaram em silêncio por vários quarteirões ao longo da Broadway.

– O senhor deu o endereço errado – comentou Carver, com um sorriso maroto.

– Claro – respondeu Hawking. – Não que eu não soubesse a resposta certa. Você mencionou a Leonard Street pra mim, mas o número, 27, eu descobri passando o lápis na folha de papel que estava debaixo da que você escreveu quando estava no ateneu. É um truque útil. Olhe.

Ele jogou a folha amassada para Carver, que a desdobrou e viu como os rabiscos deixavam suas anotações visíveis.

– Tudd não pensaria num jeito de fazer isso sem usar uma *máquina* – continuou Hawking. – Eu é que fiquei pra trás? Ah! E tente tirar aquela geringonça quebrada do forro do casaco. Ela deve estar caída aí há um tempo. Você pode danificar o treco ainda mais ou acabar tomando um choque.

Ser afrontado parecia ter enchido Hawking de energia.

– Você *estava* indo falar com o Roosevelt? – perguntou ele.

– Sim.

– Eu não culpo você por isso, rapaz. Como eu disse, é tudo ninharia. O caso é que é importante.

Ao levantar a bainha do casaco e tirar o bastão quebrado, Carver declarou:
– Eu não preciso revelar a agência, só a carta, a evidência. A Nova Pinkerton pode sobreviver. Por que o senhor não assume o comando? Os agentes o apoiariam. Nós poderíamos ir falar com o Roosevelt juntos.

Hawking o interrompeu:

– Não é a minha ideia preferida, mas, pra que ainda exista uma agência quando você estiver pronto pra assumir, pode ser a única solução. O problema é que Tudd teria de ser afastado.

– Afastado?

– A posição dele com Roosevelt já é bastante precária, não deve precisar de muito pra degringolar a situação de vez. Talvez até mesmo usar uma das maquininhas preciosas dele contra ele mesmo.

Carver fitou seu mentor até Hawking bufar e indagar:

– Então?

– Você vai assumir e nós vamos escancarar a agência pro público?

Hawking deu de ombros.

– Primeiro, vamos dar um jeito no Tudd. Mas você pode levar a carta e o que mais quiser pro Roosevelt. Alguma ideia?

– Eu?

– Pense nisso como um teste pra ver o quanto já aprendeu. Você está disposto? Gosta de umas maquininhas, não gosta? – disse Hawking, traquinas.

46

Numa segunda-feira fria e úmida, Carver estava diante de uma barraca de flores em um dos piores bairros residenciais da cidade, olhando pro número 300 da Mulberry Street. Apesar de abrigar a Junta de Comissários de Polícia, o gabinete do detetive e todos os capitães e inspetores da cidade, o prédio de quatro andares e fachada de mármore era bastante simples. Lembrava mais o Orfanato Ellis do que, digamos, a sede da Nova Pinkerton ou as exóticas Tumbas. As grades de ferro no porão, contudo, impressionaram-no. Seria nas celas detrás daquelas grades que ele pararia caso não passasse no "teste" do senhor Hawking.

Pontadas de incerteza e culpa o atormentaram. Aquela seria mesmo a melhor maneira de capturar seu pai ou ele estava fazendo isso por vingança? Ele nem sabia direito se o plano tinha sido dele, do Hawking ou de uma velha história de detetive que havia lido muito tempo antes. O velho agente sem dúvida tinha rido à socapa quando Carver dava alguma ideia e, com seu ódio por "dispositivos", nunca teria pensado em estudar o manual de instruções do painel de comando telefônico.

Não tinha como desistir agora, mas havia muito pra lembrar. "Roosevelt é chamado de presidente, não comissário", lembrou a si mesmo. Na verdade, existiam outros três comissários, que tinham eleito Roosevelt unanimemente como diretor.

Ele verificou o reloginho que Hawking lhe havia emprestado.

Não tinha sido a única demonstração recente da generosidade de seu mentor. Carver também estava vestindo roupas novas em folha, calças cáqui com um paletó combinando e sapatos pretos do tamanho certo (finalmente). O corte de cabelo, feito por um funcionário gorducho do Octógono, estava tosco, mas o chapéu de caça, igual ao que Sherlock Holmes usava, cobria as falhas.

Ele não parecia rico, como Finn, mas também não lembrava mais um moleque de rua. Ele se sentia, se não bem, pelo menos com maior controle.

Era chegada a hora.

Segurando o buquê com cuidado à sua frente, atravessou os paralelepípedos e entrou no prédio. O sargento era um homem forte e quase careca, com um pega-rapaz pendendo sobre a testa. Com o gibão aberto e a mão por baixo, sua pose era quase napoleônica, mas Carver duvidava que o ditador francês tivesse algum dia coçado a barriga com tamanho entusiasmo.

Com um movimento brusco com o queixo, o sargento perguntou a Carver qual era a dele.

– Entrega pra senhora Tabitha Lupton.

O sargento estalou a língua.

– A senhorita Lupton está na sala de telefone, no primeiro *andarrr*, última *porrrta* à direita – disse, com um forte sotaque do Brooklyn. – É *aniverrrsário* dela?

Carver encolheu os ombros.

– Acho que sim.

– Ela não comentou nadinha.

Então, acenou para que Carver passasse pelo portão.

Até aqui, tudo bem. No entanto, ao seguir para a sala de telefone, Carver sentia como se todas as pessoas pelas quais passava, policiais e funcionários, pudessem ouvir seu coração disparado.

Com a porta aberta, entrou sem bater. Só havia uma pessoa sentada à frente do painel de controle telefônico, o qual Carver reconhecia do manual. Ela era baixa, com cachos dourados e olhos que lhe davam a aparência inocente de uma menina muito mais jovem.

Ele apontou as flores para ela.

– Senhorita Lupton? Essas flores são pra você.

– Ah! – exclamou ela, sem tirar os olhos delas.

O buquê era grande e vistoso, segundo as instruções de Hawking. Quando a florista de olhos esbugalhados lhe disse o preço, Carver tentou não engasgar, mas poderia ter vivido semanas só com aquele dinheiro.

Ele quase esqueceu sua fala seguinte:

– São de um... admirador secreto.

Ela abriu um largo sorriso, pegando-as nas mãos.

– Ah! Ah!

Carver pigarreou antes de continuar.

– Acho que o ar lá de fora não fez bem pra elas. A senhorita deveria colocá-las na água imediatamente, pra que durem mais.

– Ah, ah, ah! – exclamou a senhorita Lupton, levantando-se e seguindo em direção à porta.

Carver colocou a cabeça para fora e observou. Enquanto ela descia pelo corredor, um patrulheiro assobiou em admiração.

– Olha só o que a Tab ganhou!

Ruborizada, Tabitha Lupton foi cercada por seus colegas de trabalho, insistindo que não fazia ideia de quem eram as flores.

Ele e Hawking tinham imaginado que isso lhe daria uns dez minutos

sozinho na sala. Ele não precisaria de todo esse tempo, se tudo ocorresse como o planejado. Sem fazer barulho, fechou a porta atrás de si e se sentou diante do painel de controle. O equipamento era construído sobre uma mesa de madeira simples, de uns sessenta centímetros de largura, com um painel alto repleto de furos dispostos numa rede com várias etiquetas. Uma base com conexões igualmente rotuladas ficava abaixo, com cabos, cada um conectado a um plugue, pendendo sob a mesa.

A maioria das grandes empresas e dos prédios do governo tinha seus próprios painéis telefônicos. Desde que a patente de Alexander Bell tinha expirado, no ano anterior, novas empresas telefônicas haviam brotado pelo país, recusando-se a se conectar umas às outras. Isso obrigava a polícia a se inscrever em várias, para ter o alcance mais amplo possível.

Carver puxou um cabo conectado ao painel e girou o botão para ligar à operadora externa. Da caixa acústica, surgiu uma voz de mulher.

– Destinatário, por favor?

– Ilha Blackwell – respondeu Carver.

– Um momento, por favor.

Pareceu ter passado uma eternidade até que a voz de Hawking flutuasse pelo ar.

– Estou aqui, rapaz.

– Eu vou passar sua ligação.

– Fale mais fino. Você tem de soar no mínimo como uma mulher.

Carver puxou outro plugue e girou o botão novamente.

Ele cerrou os dentes ao ouvir Tudd dizer:

– Sim, senhorita Lupton?

Carver afinou a voz uma oitava:

– Senhor Hawking, da Ilha Blackwell.

Ele pensou ter soado ridículo. Após um instante de silêncio, Tudd respondeu: – Pode passar.

– Um momento, por favor – falou Carver, posicionando o cabo com a ligação de Hawking.

– Senhor Hawking, aqui é Septimus Tudd, como posso ajudá-lo?

– Tão formal, Tudd? – disparou Hawking, com o tom sarcástico de sempre.

Mesmo pelo fone, Carver ouviu o suspiro exasperado de Tudd.

– Senhorita Lupton, ainda está na linha?... Senhorita Lupton?

Com o silêncio de Carver, Tudd acreditou que a ligação era segura.

– Você está *louco* de ligar aqui? Alguém morreu? Espero que tenha sido o moleque.

– Só estou fazendo um favor – respondeu Hawking. – Tenho motivos pra

crer que Roosevelt esteja suspeitando de você.

Carver ficou surpreso com a facilidade com que Hawking mentia. *Todos* os adultos eram tão bons assim em mentir? Enfim, aquela era a deixa para Carver agir rápido. Ele conectou outro cabo e acionou o botão com tanta força que temeu que ele pudesse quebrar.

– Sim, Tabitha? – respondeu uma mulher.

Era a secretária de Roosevelt, mas, por um instante, Carver não conseguia se lembrar do nome dela. Como era? Como era? Ele encontrou no fundo do cérebro, no último instante.

– Senhorita Kelly, prefeito Strong para o presidente Roosevelt.

Enquanto aguardava, o suor escorria por sua testa. Segundos se passaram sem que tirasse os olhos da porta, pensando em quanto tempo ainda tinha.

– Roosevelt falando – anunciou o comissário, cuja voz potente não era nada suavizada pelo pequeno auscultador metálico.

– Ele está aguardando, vou conectá-lo – respondeu Carver, esquecendo-se de afinar a voz.

Ele conectou a linha do comissário à de Tudd.

As primeiras palavras que ouviu de seu assistente foram: – Roosevelt não tem motivo algum pra suspeitar de mim. Estou tomando cuidado. Ele acha que sou completamente leal. Não existe um laivo de evidência que me ligue...

– Tudd?! – vociferou Roosevelt.

– Comissário...?

– Não precisa nem vir até o meu escritório, Tudd. Mandei instalar uma longa extensão na semana passada pra poder andar enquanto falo ao telefone. Agora, estou bem em frente à sua porta. Abra agora!

Pronto.

Um gosto estranho passou pelos lábios de Carver e seu corpo tremia de ansiedade. Ele soltou os fios, deixando-os como estavam antes. O grupo que ainda admirava as flores da senhorita Lupton era tão grande que ele teve de se apertar para passar.

Enquanto passava, ela o reconheceu. Com mais um “Ah!”, colocou uma moeda em sua mão, uma gorjeta, e abriu um sorriso tão largo que ele achou que tinha feito ao menos uma boa ação naquele dia.

Torcendo para que ninguém tivesse visto o suor escorrendo por sua testa, ele passou pelo sargento que coçava a barriga na entrada, desceu pelos degraus de pedra e saiu para o ar frio da cidade, mais contente do que nunca em desaparecer na multidão.

47

Correndo pelas ruas nevoentas, Carver sabia que estava sonhando. O formato dos prédios era muito estranho, e a névoa, espessa demais. Ele esticou o braço para tocá-la e pegou um pouco com a mão. Ela se entrançava em torvelinho como fumaça na palma de sua mão.

Os gritos ainda o perturbavam, finos e doloridos. Sabendo que nada daquilo era real, não correu, mas cruzou devagar o beco estreito. Por algum motivo misterioso, o beco não acabava num imundo terreno baldio, mas, sim, na cabine telefônica da Mulberry Street. O painel telefônico ficava no centro, cercado por flores. Havia um corpo no chão, aos pés de um vulto de cartola. Por um instante, o corpo era o de Delia, todavia, de súbito, passou a ser o corpo de Tudd.

Sua barriga, coberta de sangue, tiritava com o arfar de seu peito dando o último suspiro.

Carver não estava mais observando, mas participando. Era aos pés *dele* que jazia Tudd. Ele podia sentir a cartola em sua cabeça, as dobras da capa preta sobre seus ombros, a faca gélida em sua mão. O sangue quente em seus dedos era tanto que chegava a pingar.

O que tornava aquilo um pesadelo não era a morte ou o corpo, mas o fato de que Carver estava feliz com o que tinha feito. Era *tão* melhor, tão mais aprazível que simplesmente socá-lo com os punhos.

Ele acordou num salto e sentou na cama, pingando suor. Sua mão direita, a que, no sonho, segurava a arma do crime, havia escapado da proteção do lençol e ficado fria.

Quanto mais sua mente retrocedia, mais seu estômago se revirava. Uma voz sussurrava em sua cabeça, misturando-se à lamentação dos pacientes, espicaçando-o como um inseto insistente: “A ideia foi sua. Você é filho de um assassino”.

Ele olhou ao redor na sala octogonal. Luzes distantes estocavam a escuridão, porém as sombras eram dominantes, espessas como a névoa do sonho. Ele *tinha* feito a coisa certa. Não tinha?

Carver se confortou um pouco com a proximidade de Hawking. *Ele* sabia que era a coisa certa a ser feita. Por mais tormentoso que fosse, havia uma força na convicção de seu mentor, em sua certeza. Aquilo apaziguava Carver.

Mas... onde estava o som do ronco dele? Carver ouviu um baque surdo no andar de baixo e pensou que fosse Simpson. Mais lamúrias se seguiram. Os

internos se encontravam especialmente ativos para a calada da noite. Mas, se conseguia ouvi-los, por que não ouvia a respiração de Hawking?

Um medo infantil tomou conta dele, provavelmente por ter acabado de sair do sonho. E se Hawking estivesse morto? E se tivesse um coração fraco? Ou se seus velhos ferimentos tivessem lhe tirado a vida durante o sono?

Carver se levantou, cambaleante, e tentou escrutinar o monte de lençóis do outro lado da sala, onde seu benfeitor dormia. Era difícil distinguir os lençóis do que poderia ser o corpo de Hawking, mas o conjunto parecia imóvel.

– Senhor Hawking? – murmurou.

Não houve resposta, mas Carver sabia que estava sendo idiota. Era como quando tinha cinco anos e entrava em pânico sempre que a senhorita Petty demorava para voltar, com medo de que ela tivesse morrido em algum acidente. Mas ela sempre voltava. Ele ficou surpreso por seu mentor evocar o mesmo tipo de reação.

Mas... e se ele morresse? Como Carver poderia ter certeza de qualquer coisa?

Outras lamúrias e pancadas vieram dos andares de baixo. O medo crepitava por sua pele. Ele se aproximou.

– Senhor Hawking?

Ele estava sendo ridículo. O velhinho ficaria furioso se ele o acordasse. Contudo, por algum motivo, até mesmo uns berros o confortariam naquela hora.

Carver caminhou até a cama de Hawking. Ainda não conseguia distinguir a silhueta dele. O monte de lençóis parecia achatado demais. Caminhou para a janela, puxou uma cortina semipendurada, mirando a luminosidade que vinha de fora. A luz exígua clareou os lençóis abarrotados.

Não havia ninguém. Hawking não estava lá.

O som que vinha de baixo se repetiu. Não era Simpson. Eram passos.

48

Carver abriu a porta e perscrutou as escadas em espiral que desciam da torre do hospício. A luz diminuta cortava a escuridão, mas o piso ladrilhado continuava coberto em treva.

As pancadas se repetiram, assim como as lamúrias, e outros sons mais. Ruídos de algo sendo raspado e então moído alcançaram seus ouvidos, ecoando de outros corredores. Carver prendeu a respiração, tensionando-se para ouvir o barulho da porta de entrada se abrindo, seguido por um assobio de vento.

E, então, lá embaixo, um dos vultos se moveu.

Atravessou o saguão e chegou à base das escadas.

Alguém estava lá embaixo. Mas quem? As possibilidades inundaram sua mente. Seria Tudd, vindo atrás dele em busca de vingança? Algum agente da Nova Pinkerton, furioso com a traição? Mas como teriam ficado sabendo? Hawking tinha certeza de que Tudd nunca... *Onde estava Hawking?*

O rangido distante de um degrau de madeira. Uma mancha acinzentada com um lampejo prateado deslizou pelo balaústre, uma mão. Carver se arrepiou. Seu pai? Será que o tinha encontrado? Os fatos turbilhonavam por sua mente. Seu pai sabia que ele esteve no Ellis; ele tinha enviado a carta para lá. Eles tinham *se encontrado* na Leonard Street. Não seria difícil seguir Carver, vê-lo entrando com seu mentor na barca e fazer algumas perguntas ao capitão quando retornasse, a fim de saber onde estava o filho.

Os degraus voltaram a ranger, mas a mão não estava mais visível. Carver não tinha como saber a que andar o vulto tinha chegado. Ainda descalço, desceu os degraus, na esperança de ver antes de ser visto. Pensou no bastão de atordoamento, lembrando-se de como Tudd parecia triste quando percebeu que ele estava quebrado. Sentindo-se desprotegido, olhou ao redor, em busca de algo com que se defender. Pelas janelas, um traço róseo o fez notar que a aurora se aproximava. A luz tênue refletiu num carrinho metálico no andar de baixo, sobre o qual pousava uma lâmina. Um bisturi. Já era alguma coisa.

Respaldando-se na parede curva, chegou ao patamar, segurou a lâmina e esperou. Ele tentou escutar algo, porém as batidas de seu coração eram tudo que ele ouvia. Depois de certo tempo sem que nada acontecesse, seu coração se acalmou, e Carver começou a pensar se não estava imaginando coisas, ou talvez sonhando ainda.

Reunindo toda sua coragem, olhou para baixo, para o último corredor.

Parecia vazio, nada fora do lugar.

Espere. Tinha alguma coisa. A estreita porta “misteriosa” da qual vira Hawking sair certa vez. Normalmente, ela ficava tão alinhada à parede que era quase invisível. Agora, parecia se projetar entreaberta.

Um certo alívio reconfortou Carver. Seu mentor poderia estar lá e, pelo menos, seu medo lhe dava uma desculpa para olhar lá dentro. Ele seguiu em direção à porta, quase encostando nela, mas um vento frio veio da fresta aberta e a fechou. Com um estalo, as bordas desapareceram.

Pior, ele percebeu que não estava sozinho. O vulto estava ali com ele, no mesmo andar. Ao menos, ele se achava de costas para Carver enquanto avançava pelo corredor. A direção dele o confundiu. Se fosse seu pai, não teria seguido direto para as escadas? Não. Sem saber onde seu filho dormia, teria de vasculhar o prédio inteiro.

Carver se escondeu contra a porta, até que o vulto entrasse numa sala. Ele ouviu o som de papéis voarem, de um armário de metal sendo aberto. O intruso estava em uma das enfermarias, provavelmente tentando encontrar algum documento que o levasse a Carver. Ele precisava encontrar Hawking.

Torcendo para que estivesse certo sobre a localização de seu mentor, passou o bisturi pela fechadura da porta estreita. O bisturi era de difícil manejo, fino, porém comprido; mais fácil seria usar os pregos, mas ele teria de se virar com aquilo. Com muito esforço, o trinco se torceu e a porta se abriu, rangendo. Atrás dela, havia um estreito lance de escada, com degraus tão minúsculos que pareciam ter sido feitos para uma criança.

Com medo de que o ranger da porta alertasse o perseguidor, Carver a deixou aberta enquanto subia pelos degraus, esforçando-se para não escorregar. Ao chegar ao topo, deparou-se com um amplo saguão que dava para uma série de salas de pacientes. De um lado, havia um conjunto de janelas angulares, cada uma revelando um paciente distinto. Devia ser algum tipo de área de observação para que os médicos espionassem os internos em segredo.

Parecia vazio àquela hora, mas havia um lugar aberto adiante, um tipo de escritório. Talvez Hawking estivesse lá? Com menos medo de ser visto ou ouvido por ali, apressou-se, mas ficou paralisado ao passar pela janela que dava para a enfermaria.

O vidro refletia a luz do amanhecer, dificultando a visão, mas era certo que o perseguidor estava lá, curvado sobre um armário de arquivos. Aquilo não era um sonho, tampouco uma alucinação induzida pelo medo.

Agachado, Carver passou pela janela e, então, entrou no escritório. A desordem, que muitos veriam como uma bagunça comum, tinha uma personalidade própria, o que, na hora, deixou-lhe claro que o lugar pertencia a

seu preceptor. Havia uma escrivaninha, abarrotada de anotações datilografadas. Uma olhadela confirmou que eram de Hawking. Tudo, pelo que pôde ver, era ou sobre os vários pacientes ou sobre a estupidez de médicos em particular, sendo “idiota” a palavra mais recorrente.

Havia alguns horários recentes de trem na pilha de papéis, no entanto, antes que começasse a pensar por que eles estavam ali, outra coisa chamou sua atenção, uma *segunda* máquina de escrever. Pelo que podia ver, era igual à que ficava no sótão. Havia uma explicação bem razoável para isso. Hawking certamente a mantinha lá para não ter de carregar a outra para cima e para baixo. Mas algo ainda parecia estranho para Carver, mesmo não sabendo exatamente por quê. Talvez só estivesse desapontado com a total *falta* de mistério. Fora isso, o lugar parecia vazio.

E agora? O intruso ainda estava lá embaixo e ele estava sozinho. Antes que Carver pudesse decidir o que fazer, uma pancada súbita, a menos de um metro atrás dele, quase o fez gritar.

– Preciso passar! – disse uma voz masculina. – Preciso passar!

Carver se virou. Simpson. De algum jeito, ele tinha saído do quarto e estava perambulando por ali. Naquela hora, estava batendo a testa na parede de vidro. *Tum! Tum! Tum!*

– Shhh! – pediu Carver.

Ele precisava acalmá-lo.

Subitamente alerta à presença de Carver, Simpson bateu a cabeça mais forte e mais rápido.

Tum! Tum! Tum!

– Preciso passar! Preciso passar! – gritava ele.

Tum! Tum! Tum!

Se o vulto lá embaixo não o tivesse ouvido antes, devia ter ouvido àquela hora. Empurrando Simpson de lado, Carver olhou pela janela, a tempo de ver o vulto indistinto sair correndo da enfermaria.

Som de passos correndo pelo saguão. O rangido da porta. Ele estaria ali a qualquer momento. Não havia outra saída, nenhum lugar para se esconder. Carver sacou o bisturi, para se proteger.

Escuro e aterrorizante, o vulto apareceu do outro lado do saguão e avançou.

– Volte pro inferno! – gritou Carver.

– Huh? – disse o vulto.

Enquanto se aproximava, Carver viu que não tinha a altura ou a silhueta de seu pai. Por debaixo de um casaco pesado, via-se um uniforme branco. Um enfermeiro!

– Que coisa! – exclamou ele. – O menino do Hawking? O que você está

fazendo aqui, gritando feito um louco?

– Era o Simpson. Parecia que ele tinha invadido – justificou Carver. – Desculpe.

– Preciso passar! – repetiu Simpson. – Preciso!

O enfermeiro franziu a testa.

– Alguns dos pacientes estão num regime novo de medicamentos a cada quatro horas, e eu sou o imbecil azarado que está dando os remédios. Estou com tanto sono que devo ter me esquecido de trancar a cela do Simpson. Eles poderiam me demitir por isso. Você se importa de manter isso em segredo? Mal nenhum, não é?

– Claro – respondeu Carver. – Mal nenhum.

Saindo rápido, Carver pôde ver a aurora se expandir. A luz tênue que atravessava as janelas não tornava o hospício menos sombrio, mas o fazia parecer menos perigoso. Quando chegou ao quarto no sótão, havia luz suficiente para que visse algo que não tinha visto antes.

Ler as palavras de Hawking, como sempre, fez Carver se sentir ainda mais estúpido:

Precisei ir à NP. Nenhuma novidade.
Venha também depois do café.

– Claro – repetiu Carver. – Mal nenhum.

49

– É lo-loucura, Carver – gaguejou John Emeril, pálido, na plataforma do metrô. – De algum jeito, Tudd foi descoberto e Roosevelt o mandou pra cadeia!

– Cadeia? – exclamou Carver, boquiaberto.

Emeril jogou as mãos para cima.

– Acha que ele faz parte de uma gangue de rua! Quer fazer dele um exemplo pros outros!

Seguindo as instruções de Hawking, Carver voltou à sede da Nova Pinkerton no final do longo dia. Claro que não deveria dizer nada sobre o que tinham feito. Para evitar olhar Emeril nos olhos, fitou ao redor, surpreso por como as coisas tinham mudado tão rápido. Muitos lugares estavam vazios.

Emeril continuou:

– Estamos perdendo gente a torto e a direito. Jackson foi um dos primeiros a pedir demissão. Ele era leal a Tudd, mas os outros estão com medo de que, se ele revelar nossa existência, também seremos presos.

– Todo mundo? – perguntou Carver.

Emeril lhe deu um tapinha no ombro.

– Relaxe. Eu conheço o senhor Tudd. Ele não falará. Ele passou anos construindo este lugar. Não desistirá agora.

Carver sentiu um nó na garganta.

– O... o senhor Hawking está aqui?

Emeril apontou para um canto escuro onde o velho detetive estava sentado a uma escrivaninha com uma máquina de escrever, falando com um agente em tom sério.

– Ele interveio pra evitar que as coisas virassem um caos completo. Tecnicamente, quem está no comando sou eu, mas é ele quem está dando as ordens. Pra ser franco, estou aliviado por tê-lo por aqui.

Sentindo-se culpado demais para dizer alguma palavra a Emeril, Carver seguiu em direção a Hawking.

– Não se preocupe – gritou Emeril, atrás dele. – Tudo vai se resolver.

Apertando uma tecla de cada vez, o detetive corcunda praguejava com grande inventividade: – Geringonça maldita do quinto dos piores infernos! – murmurou, enquanto Carver se aproximava. – Não estou acostumado com isso.

– Senhor Hawking, o lugar está...

– Caindo aos pedaços – completou ele. – Você acredita que Tudd

encomendou *três* daquelas carruagens elétricas? Ainda bem que consegui cancelar as outras duas – resmungou, antes de levantar os olhos e estudar a expressão de Carver. – Que foi?

Carver abaixou a voz e sussurrou:

– O senhor Tudd foi preso. Parece que eu arruinei este lugar.

– Não seja ridículo. Nós salvamos a agência, por enquanto. E agora você está livre pra contar a Roosevelt sobre a carta e sobre seu pai. Não era isso que queria?

– Sim, mas...

– A vida não é feita de escolhas fáceis. Até mesmo aqueles que tentam fazer o bem fazem o mal. Aprenda a viver com isso ou não sobreviverá à semana.

– Sim – aquiesceu Carver. – O senhor sabe onde Tudd guardava a carta do meu pai e o documento de imigração?

Hawking fez que não.

– Outro mistério. O senhor Tudd se acha esperto e deve ter preferido escondê-los.

– Mas Roosevelt acha que sou o sobrinho louco dele ou, pior, um espião igual à Tudd.

– E você é, não é?

– Sem aquela carta...

– A única maneira de convencer Roosevelt seria trazê-lo aqui – interrompeu Hawking. – Bem, se for isso que você decidir, não vou impedi-lo. Mas preciso avisar os agentes. Alguns, pelo menos – disse, dando uma gargalhada.

– Eu preciso deter meu pai – declarou Carver.

– Sim, sim. Detesto ter de me repetir, mas direi de novo: a vida não é feita de escolhas fáceis. Quais são as outras opções?

– Procurar a carta.

– Comece procurando no escritório do Tudd. Como tenho certeza de que viraremos a noite aqui, mandei arrumarem uma cama pra você lá. Que mais?

Carver vasculhou o cérebro, mas nada lhe veio à cabeça.

– Sem essa, rapaz! Queime um pouco as pestanas.

– Não sei! – retorquiu Carver. – Foi um longo dia.

– Ah, as noites ficarão ainda maiores, mesmo com o inverno indo embora, pode acreditar. A culpa está deixando você mais devagar. Livre-se dela. Use os Pinkertons...

– Seguir pistas – disse Carver. – Leonard Street, número 27.

Hawking bateu as palmas, devagar.

– Sim. Falando nisso, mandei Emeril ligar pra dona do prédio, uma tal senhora Rowena Parker. Ela lembra muito bem de Raphael Trone. A mulher é

notívaga, mas concordou em nos encontrar amanhã de manhã, no que chamou de "dez horas da madrugada". Emeril planejava ir com alguns agentes. Você e eu vamos acompanhá-los, detetive Young.

– Detetive?

– Ah, sim – disse Hawking. – Agora podemos fazer isso também.

Ele abriu uma gaveta de sua minúscula escrivaninha, tirou uma pasta de couro e a jogou para Carver. Dentro dela, havia um distintivo dourado com um número e seu nome. Os olhos de Carver se arregalaram.

– Completamente inútil – falou Hawking. – Exceto pra se identificar pros outros agentes, mas eu sei o quanto você gosta de coisas que brilham. Está bem assim, detetive Young?

Detetive Young.

– Sim – respondeu Carver, antes de acrescentar: – Obrigado.

– De nada – resmungou Hawking.

Ele voltou a teclar, batendo uma letra de cada vez. Carver o mirou por um instante, percebendo que, apesar da aparência espinhosa de seu mentor, ele estava realmente se afeiçoando ao velhote.

50

As horas de busca se provaram infrutíferas. O escritório de Tudd continha milhares de arquivos e documentos. Tudo o que precisava ter feito para esconder a carta para sempre seria colocá-la no meio de uma pilha específica de papéis. Carver até encontrou o aparelho de abrir fechaduras que tinha roubado e ficou com ele. Dessa vez, com a aprovação de Hawking.

– Mais fácil que fazer um novo molho de chaves pra você – ironizou seu mentor.

Carver o usou para entrar na seção dedicada à grafologia, mas o lugar era ainda maior que o escritório de Tudd e ainda mais abarrotado de papéis. Sem encontrar o especialista em lugar nenhum, viu-se num beco sem saída.

Durante o almoço, Carver teve seu único sucesso. Ele tinha levado o bastão de atordoamento consigo, achando que poderia consertá-lo de algum jeito. Embora não fizesse a mínima ideia de como o troço funcionasse e morresse de medo de ser eletrocutado ao desmontá-lo, percebeu que a extremidade grossa possuía um pequeno trinco e um buraquinho num formato estranhamente familiar.

Seguindo sua intuição, colocou o abridor de fechaduras no trinco, pensando que poderia abrir o negócio com segurança. Em vez disso, o aparelho deslizou com um clique sonoro. Segundos depois, o bastão zuniu. Carver não fazia ideia de como ou por que, talvez só tenha mexido num fio solto, mas, de algum modo, o abridor de fechaduras tinha consertado a geringonça. Quem sabe o que mais poderia fazer com aquilo?

Às nove da noite, o lugar se achava completamente vazio. Seu mentor dormia numa caminha no pátio, para aprontar a saída matinal. Carver foi deixado sozinho na escuridão do escritório de Tudd, cercado por lembranças do homem que havia traído. Às vezes, pensando no distintivo em seu bolso, sentia como se tivesse ganhado algo, às vezes se sentia culpado, imaginando em que tipo de cela o ex-chefe da agência estaria dormindo. Com a luz apagada, Carver percebeu que sentia falta de sua cama no hospício. As lamúrias eram desagradáveis, mas o completo silêncio aqui era sufocante. Pior, as trevas mudavam ininterruptamente de forma: primeiro numa sombra que lembrava Tudd e, depois, na figura de um homem de capa e cartola. E pensar que um dia ele tinha considerado a escuridão uma aliada.

Carver estava exausto. Dormitava involuntariamente, mas, sempre que

despertava, seus sentidos estavam deturpados, vendo ou ouvindo coisas que alimentavam sua imaginação atormentada. Mesmo um vago tremor no colchão sob ele o fez abrir os olhos e se perguntar: “O que foi isso?”.

Era inútil. Carver estava agitado demais para dormir. Pensando que poderia acender a luz e procurar a carta, pulou da cama e sentiu com os pés o gélido encerado que cobria o piso.

O tremor se repetiu.

Era tênue, mas real. Lembrou-se do despropósito estúpido em Blackwell, mas aquilo não era um hospital psiquiátrico. Era uma base secreta, teoricamente vazia. Prendendo a respiração, distinguiu um zunido leve e constante. Era a ventarola, a máquina gigante que gerava a energia do elevador e do metrô.

Alguém estava usando o metrô?

Vestindo-se rapidamente, saiu para o saguão. A tênue luz da lua rebrilhava do alto das claraboias, permitindo ver a plataforma, o trilho e a distinta curva do vagão. Ele permanecia lá, porém o zunido estava mais alto. A ventarola definitivamente estava ligada, e não deveria estar.

Avançando pelo saguão, pôde ver a cama de Hawking. Vazia. Subitamente preocupado, apertou o passo, entretanto, no instante em que chegou à plataforma, o vagão recuava em silêncio para dentro do túnel.

Aonde seu mentor estava indo àquela hora?

Ele pulou para os trilhos e seguiu até o túnel circular. Comparado ao esgoto, a lisa alvenaria e o vento constante eram bem mais agradáveis. À sua frente, a luz do vagão em movimento foi se apagando. Caminhando na escuridão, topava o pé a cada metro e quase caiu sobre os trilhos algumas vezes. Quando chegou às paredes afrescadas e à fonte do peixinho-dourado, o vagão estava vazio.

Carver correu até o elevador, que, porém, não respondia ao aperto do botão. O ar estava parado. O zunido constante tinha sumido. Hawking havia desligado a ventarola. Ele não queria ser seguido.

Carver nunca teve de ligá-la diretamente antes. Os canos da rua a acionavam automaticamente, assim como a alavanca no metrô. Se voltasse ao vagão para ligá-la, a porta o trancaria para dentro, levando-o de volta.

Ele estava perdendo um tempo precioso. Hawking já se adiantava. Ele atravessou o saguão e examinou a ventarola gigante. Uma alavanca manual se localizava na parte de cima da cobertura metálica do eixo, mas puxá-la e empurrá-la não causava efeito algum. Ele continuou procurando, até encontrar diversas chaves e botões. Dos dois maiores, o vermelho, que ficava acima de um verde, estava pressionado. Crendo ser a escolha óbvia, Carver apertou o botão verde.

Após um clique, a ventarola gigante começou a se mover com um rangido,

jogando o cabelo de Carver para trás. Do outro lado do saguão, a porta do elevador se abriu. Ele tinha conseguido!

Minutos depois estava na Broadway, vasculhando a extensão das ruas, em busca do contorno coxeante de seu mentor. Ele precisava relaxar. Repetiu para si mesmo que o senhor Hawking sabia o que estava fazendo. Quando voltou a se perguntar aonde o detetive estaria indo, uma resposta inquietante lhe veio à mente: Leonard Street, número 27.

Será que ele poderia estar a caminho de encontrar a “notívaga” que se recordava de Raphael Trone? Tudd queria capturar o assassino sozinho. Será que o velho detetive mentira pelo mesmo motivo? Não. Na pior das hipóteses, tentaria proteger Carver, caso o assassino estivesse à espreita. Mas quem protegeria Hawking?

Ignorando o frio, Carver correu seis quarteirões pela Broadway, fez uma curva e subiu o quarteirão. Uma luz intensa vinda das janelas do segundo andar da farmácia lhe mostrou que ele estava certo. Ele escancarou a porta entreaberta, fazendo com que um sininho acima do batente tocasse um som estranhamente jovial.

– Olá? – gritou ele. – Senhor Hawking?

Nenhuma resposta. Carver caminhou pela coxia abarrotada de tinturas e pós medicinais até a escada estreita que dava para os fundos. Subiu acelerado pelos degraus em direção à luz, que era mais intensa no andar de cima.

– Senhor Hawking?

A porta no topo da escada se encontrava aberta. Chegando ao patamar, deu uma olhada do lado de dentro. O que viu o fez se perguntar se ainda estava numa espécie de pesadelo.

Hawking jazia no chão, como um velho leão abatido com um único disparo. Sua cabeça estava torta. Um ponto escuro começava em sua testa, estendendo-se para o topo da cabeça. As pontas de seus dedos se encostavam à poça de sangue a seu lado. Nem todo o sangue era de Hawking. A maior parte pertencia à mulher que jazia sem vida no centro de um tapete oval, cujas feridas em torno do pescoço e do abdômen eram horrivelmente familiares a Carver.

Seu chapéu extravagante, antes um delicado acessório com penas de avestruz, havia caído ao seu lado, parecendo ter sido pisoteado numa briga. Uma das penas gigantescas tinha se soltado e boiava numa poça de sangue.

Ao contrário das Tumbas, as cores não eram dissimuladas à irrealidade por lâmpadas de arco voltaico. As feridas da mulher não eram anuviadas pela nevasca. Não se parecia em nada com uma peça de teatro.

– Socorro – disse Carver, quase num sussurro.

Ele cambaleou para fora, descendo as escadas e debatendo-se nas

prateleiras. Vidros de tintura se espatifaram no chão; frascos de pó voaram por todo lado.

– Socorro – repetiu ele, mais alto, mas não o bastante para que alguém o ouvisse.

Ele se jogou contra a porta, quase estilhaçando o vidro, e saiu para a rua, sorvendo o ar, que encheu cada torção sinuosa de seus pulmões com um ardor gélido.

Agora, por fim, tinha o fôlego de que precisava para gritar, ininterruptamente.

51

Enquanto Carver gritava no meio da Leonard Street, as pessoas que acordavam gritavam das janelas: – Que bagunça é essa?

– Cala a boca, moleque!

Uma mulher forte, com o cabelo preso numa redinha e os olhos entreabertos, atirou uma garrafa de leite. Por sorte, a mira dela era tão ruim que nenhum caco de vidro chegou perto de atingi-lo.

Um policial firme e sério desceu correndo das Tumbas. Ao ver o suor escorrendo no rosto de Carver, sua expressão furiosa se desanuviou.

– Está passando mal, moleque? – perguntou ele, com um forte sotaque irlandês.

Carver apontou para a farmácia.

– Lá dentro.

– Fechado, rapaz – falou o patrulheiro. – Por que não entra comigo agora?

Carver meneou a cabeça, esforçando-se para fazer as palavras saírem da sua boca.

– Em cima. A-a-assassinato.

O policial fez um movimento com a cabeça, como se não tivesse ouvido direito. Ele levantou os olhos e viu a luz que descia do andar de cima até a calçada. Sacou seu cassetete, embora Carver se perguntasse se a arma não seria uma opção melhor.

– Fique aqui – instruiu ele, caminhando para a porta.

– Que diabos está acontecendo, Mike? – gritou a mulher musculosa.

– Ainda não sei não, Annie, mas não deixe este aqui ir embora.

Ela deu um aceno de soldado e, então, disparou um olhar intimidador para Carver.

– Só errei porque quis.

Instantes depois, o policial voltou voando pela porta da frente, pálido. O som de seu apito lembrava o grito de agonia de alguma ave gigante. Um falcão.

Hawking. Carver foi louco de deixá-lo sozinho lá em cima. Se ele não estava morto, poderia estar quase. Tremendo, ele deu alguns passos mecânicos em direção à loja. “Mike” parou de apitar e bloqueou seu caminho.

– Meu... pai... – disse Carver. – O senhor Hawking precisa da minha ajuda.

– Eu vou cuidar disso, mas ninguém entra lá por enquanto, garoto.

– Meu pai – repetiu Carver.

– Sim, a ajuda está vindo socorrer seu pai.

– Não, meu *verdadeiro* pai... ele fez isso.

Verdadeiro pai. Ele usou essas palavras, mas corresponderiam mesmo à realidade, se foi Hawking quem tanto fez por ele, quem acreditou nele?

O policial olhou para Carver, julgou que seja lá o que estivesse acontecendo não era da sua conta resolver, e voltou a soprar violentamente o apito. Outros policiais surgiram das Tumbas. Logo chegaram algumas carruagens. Os curiosos das janelas desceram às ruas, vestidos com roupões. Carver ainda não tinha saído do lugar.

Quando os paramédicos da ambulância trouxeram Hawking numa maca, ele estava pálido e imóvel, com a face terrivelmente inchada. Seu cabelo irregular estava manchado de sangue. Carver não fazia ideia se Hawking estava vivo ou morto.

– Pra onde o estão levando?

– Pro Hospital Saint Vincent – respondeu o patrulheiro Mike, segurando Carver. – Mas você ficará aqui, garoto. Um monte de gente quer falar com você.

– Não! – exclamou Carver, ofegante.

Ele não conseguiria falar com ninguém agora. Ele teria de mentir para preservar os segredos da Nova Pinkerton, e achava que não conseguiria. No entanto, se Hawking estivesse morto, de que adiantaria?

A um quarteirão da cena do crime, um cabriolé de aluguel estacionou com alarde e Jerrik Ribe, com o rosto exausto, desceu com dificuldades. Ainda meio dormindo, o homem de rosto magro estava com dificuldade para ficar em pé. Ao ver Carver, endireitou-se. Mesmo à distância, Carver notou seu rosto de repórter se encrespar numa série de diferentes emoções: confusão, preocupação, oportunidade.

Ribe caminhou em direção a ele, com suas olhadelas a torto e a direito lembrando os movimentos de um furão. Sentindo que preferia falar com Jerrik Ribe a falar com a polícia, Carver correu em direção a ele. Uma mão firme o segurou para trás.

– As ordens são pra manter você longe da imprensa – informou o patrulheiro Mike.

– Eu conheço aquele homem – protestou Carver.

– Ele também é teu pai, então?

Antes que Ribe chegasse a ele, vários policiais entraram no caminho.

– Saiam da frente – exclamou Ribe. – Eu conheço o menino. Ele está preso? É uma testemunha?

Um rapaz mais jovem, de gabardina, saiu do grupo e se moveu em direção a Carver, bloqueando sua visão de Ribe. Carver se afligiu, até reconhecer o bigode

fino de Emeril. Ele estava prestes a gritar o nome dele quando um rápido aceno de cabeça do rapaz lhe indicou que deveria ficar quieto.

Emeril puxou Carver pelo ombro.

– Eu cuido dele agora... Jennings, não é?

O patrulheiro Mike franziu o cenho.

– Sim, senhor. Encontrei o moleque gritando no meio da rua. Diz que foi o pai dele que fez isso. *E* que foi o pai dele que foi atacado e levado ao hospital. Daqui a pouco, irá *me* chamar de pai também. O moleque não está fazendo sentido nenhum.

Emeril assentiu.

– Realmente não. Bom trabalho. Coloque isso em seu relatório e mande pra mim em menos de uma hora. Eu cuido das coisas a partir de agora.

Os olhos de Mike Jennings se estreitaram ainda mais.

– O senhor não é detetive júnior na equipe?

Emeril fez que sim.

– Sou também o único acordado. Tenho certeza que alguém da importância adequada terá chegado quando tudo estiver resolvido. Mas, por enquanto, quem está no comando sou eu.

Satisfeito, Jennings concordou.

– Finja que estou sendo durão com você – sussurrou Emeril, antes de puxar Carver até um ponto mais silencioso.

Quando estavam a uma distância razoável, Emeril falou rápido: – Ele levou um forte golpe na cabeça, uma concussão. Os paramédicos da ambulância disseram que não há outros ferimentos.

– Mas o sangue...

– Nada era dele – respondeu Emeril, visivelmente aliviado também. – Sorte a dele, mas não da senhora Parker. O velho Hawking deve ter pegado o assassino no flagra. Mas a única coisa clara é que Hawking estava escondendo informações de mim. Pra começo de conversa, que diabos ele estava fazendo aqui?

O queixo de Carver caiu.

– Você não sabia? Este era o último endereço que eu encontrei do meu pai. O senhor Hawking disse que tinha falado com você, que nós todos viríamos de manhã.

Emeril franziu o cenho.

– Certeza que ele não mencionou isso pra mim. Tudd sempre achou que ele estava meio maluco. Deus do céu. Talvez o velho falcão quisesse fazer uma última caçada sozinho.

Ao ver a reação de Carver à palavra “última”, Emeril lhe deu um soquinho

no ombro.

– Não se preocupe. Um homem com uma cabeça tão dura como aquela aguenta fácil uma dessas.

Alguém no meio da multidão gritou “detetive”. Emeril acenou, indicando que logo iria para lá e, então, voltou-se para Carver.

– Eles querem que você vá pra Mulberry Street, mas vou levá-lo ao hospital. Posso argumentar que seria desumano tirar você do lado de seu pai adotivo. Mas eu terei de pegar seu depoimento.

– Quero contar tudo pra eles – respondeu Carver, enfático.

Emeril pestanejou.

– Não posso culpar você por isso, mas a situação está caótica. Pense numa coisa: se Roosevelt vir você, vai lhe querer na cadeia, como fez com o senhor Tudd. Pode levar dias até alguém ouvi-lo. Por que não esperar pelo menos pra ver como o senhor Hawking reage?

Carver sentiu um nó na garganta. Emeril parecia ter razão, mas outro atraso não parecia a coisa mais sensata a fazer.

Emeril leu sua mente.

– Carver, seu depoimento vai conter a verdade, ou quase toda ela. Você foi adotado por um agente aposentado da Pinkerton que estudava o caso como um exercício. O senhor Hawking se incumbiu de visitar um endereço no qual achava que o assassino tinha morado. Você o seguiu e viu o que viu. A decisão é sua.

Com isso, empurrou Carver para uma carruagem da polícia. As palavras de Hawking ecoaram em sua mente na melodia das rodas tilintantes: “Uma verdade dita com má intenção derrota todas as mentiras que possamos inventar”.

52

Na manhã seguinte, no Hospital Saint Vincent, os jornais repousavam numa pilha vacilante sobre uma mesinha metálica, ao lado da cama de Hawking. As manchetes eram visíveis numa olhadela rápida.

O *New York Times* se permitiu a uma manchete excepcionalmente sensacionalista:

ASSASSINO ATACA NOVAMENTE

O *Sun* tinha a mais poética:

MEDO ESPREITA EM NOSSAS RUAS

O *Tribune*, a misteriosa:

QUEM É O ASSASSINO DA BIBLIOTECA?

Mas o *Journal* superou todos os outros com apenas três palavras que ocupavam a primeira página inteira:

DEMÔNIO EM MANHATTAN

As roupas de Hawking pendiam de um gancho na porta, cinzas como a pele dele. O escuro relógio de parede assinalava que o meio-dia se aproximava. A única cor que Carver viu era de uma pétala de rosa caída no chão, parecendo uma mancha de sangue.

O buquê de onde veio aquela pétala pertencia a uma senhora que estava entre os seis pacientes transferidos quando Emeril ordenou que o quarto fosse tornado particular. A fama súbita de Hawking como única testemunha da obra do assassino também lhe rendeu guardas policiais e uma multidão de repórteres. Além disso, Emeril explicou que estava profundamente preocupado em não expor Hawking à cólera e à febre tifoide, comuns ali. Em geral, os hospitais eram locais de caridade que atendiam aos pobres. Os ricos tinham médicos que

os atendiam em casa.

No entanto, a privacidade e a proteção acabariam logo. Os médicos deixaram claro que Hawking poderia acordar a qualquer momento nas próximas vinte e quatro horas. Desde então, os detetives mais velhos começaram a discutir quem questionaria Carver primeiro. Emeril voltaria logo para dizer quem tinha ganhado.

Enquanto aguardava, Carver fitou seu mentor inconsciente e a grossa bandagem que envolvia sua testa. Relembrou seu primeiro encontro com o rude velhote, como sua personalidade parecia tão deformada quanto seu corpo. Um gnomo, pensara Carver. Mas *pai*?

Hawking dava a impressão de fazer com que o que eles deviam um ao outro parecesse lançamentos numa contabilidade. Mesmo assim, Carver ficou desolado só de pensar que Hawking estivesse ferido. Aquele homem o havia mudado, dado-lhe coisas sólidas nas quais confiar, algo para substituir suas fantasias de romances policiais baratos. Quase como um...

Como um pai de verdade.

A ideia de não tê-lo por perto pareceu subitamente insuportável.

A porta se abriu e Emeril entrou.

– Nada bom, acho – disse ele, fechando a porta e deixando para trás o corredor, que parecia lotado. – Dois detetives levarão você pra Mulberry Street numa carruagem. O comissário insistiu em estar presente no interrogatório. Eles estão tentando manter a imprensa no saguão, mas seu amigo, o senhor Ribe, já tentou subir escondido pela escada de incêndio umas duas vezes.

– O Roosevelt irá me prender? – questionou Carver. – A menos que eu mostre a agência pra ele?

– Sem a carta, é bem provável – declarou Emeril. – Alguma hora ele somará dois mais dois e concluirá que Tudd sabia mais sobre os assassinatos do que revelou, mas não faço ideia de quanto tempo isso demorará. De qualquer forma, acho que será o fim da Nova Pinkerton, não é? – disse ele, antes de dar um soquinho no ombro de Carver. – Mas a culpa não é sua. Temos três vítimas até agora. Guardar segredo sempre me pareceu uma coisa estúpida; e agora é extremamente perigoso. Se alguém é culpado, é o Tudd, que arruinou tudo, escondendo a carta do seu pai, para início de conversa. Todos os agentes a estão procurando agora, mas ainda não encontramos nadinha.

Carver balançou a cabeça.

– Ao menos o senhor Hawking tem uma justificativa pro comportamento estranho dele.

– Não seja tão duro com Tudd. Pelo que ouvi, ele já foi considerado pra posição de Roosevelt. Em vez disso, preferiu agir em sigilo. Capturar seu pai

sozinho poderia ter compensado, na cabeça dele. Não é uma desculpa, mas... – falou Emeril.

Carver suspirou.

– Pelo menos, quando eu levar a polícia pra sede, o senhor Tudd não terá nenhum motivo pra *não* entregar a carta.

– Pode ter certeza de que a sede estará vazia. E tenha em mente que não precisa lembrar o *nome* de ninguém. Já é ruim o bastante que, em vez de heróis, vamos parecer um bando de imbecis desajeitados bloqueando a investigação policial sobre o crime do século.

– Eu não acho que vocês sejam imbecis... como um todo, pelo menos – declarou Carver. – Emeril, você acha que, fazendo isso, realmente ajudarei a capturar o assassino?

– Sim – assentiu Emeril –, é nossa melhor chance. Na última contagem, cinco pessoas tinham confessado os assassinatos, uma das quais está no corredor da morte há anos. Os homens estão fazendo fila só pra ficar no centro das atenções. A polícia precisa *muito* da história verdadeira.

Ele caminhou até a porta.

– Preciso ajudar a desobstruir o andar. Os detetives virão conversar com você daqui a pouco. Um policial ficará na porta, se precisar de alguma coisa – disse ele, oferecendo a mão para Carver. – Foi um prazer, Carver Young. Lembre-se que, mesmo não podendo escolher seus pais, você talvez possa escolher seu futuro.

– Obrigado – agradeceu Carver.

– Enfim, foi bom chefiar as coisas por alguns dias – brincou Emeril, arqueando a sobrancelha.

Ele respirou fundo e saiu porta afora.

Carver espiou a figura inerte de Hawking, imaginando o que ele teria a dizer. Na parede, os ponteiros de horas e minutos estavam alinhados no número 12. As janelas estavam fechadas, mas Carver podia ouvir claramente os sinos da igreja vizinha. Contou as badaladas.

Por volta da décima, Albert Hawking abriu os olhos.

53

Carver deu um grito e quase caiu da cadeira.

Quando Hawking tentou se sentar, Carver correu para detê-lo.

– O senhor precisa de repouso...

Com uma força surpreendente, seu mentor o jogou de lado.

– Nunca use a palavra “precisa” quanto ao meu comportamento. Ajude-me a levantar, não a deitar! Preciso chegar ao saguão antes que a polícia descubra que estou acordado.

Carver estreitou os olhos.

– O senhor estava acordado esse tempo todo? Por que não contou pro Emeril?

– Ele já tem problemas demais. Além disso, você ouviu o que ele falou sobre segredos. Por que complicar a situação dele? – indagou Hawking, sentando-se e colocando os pés no chão. – Pegue as minhas roupas!

Carver se sentia, ao mesmo tempo, aliviado e furioso.

– O senhor pretende fugir? Mas não pode...

– Não fugir – disse Hawking, irritado. – Assumir o controle. Não perca tempo – completou, antes de apontar para as roupas penduradas ao lado da porta. – *Obedeça*, rapaz. Obedeça! Quando eu tirar essa camisola de hospital dos infernos, você fará o White ou quem quer que seja levar você pra fazer xixi. Eu cuido do resto.

– Mas, senhor Hawking... – começou Carver, enquanto caminhava para pegar as roupas.

– Sem perguntas – interrompeu Hawking. – Não temos tempo.

Com as roupas em mãos, Carver parou no meio do caminho.

– Não.

Seu mentor olhou feio.

– *O que* você disse?

Carver insistiu.

– Eu estou sentado do seu lado há horas, como num funeral! Eu pensei que o senhor tivesse morrido. Exijo saber o que está acontecendo. Ao menos me diga o que aconteceu na Leonard Street. Foi meu pai quem atacou o senhor?

Hawking apertou os lábios, como se brigasse com si próprio.

– Você tem sorte de eu estar com pressa. Eu estava na Leonard Street pra proteger você. Não vi quase nada antes de ser derrubado.

Carver estreitou os olhos, cético.

– Pra me proteger? O senhor disse que iríamos juntos, com os agentes, mas nem mesmo tinha contado pro Emeril.

Hawking bateu a mão defeituosa no ar.

– Está bem, eu *menti* sobre a parte do Emeril porque não queria que você suspeitasse do que eu planejava. Era eu quem estava em contato com a falecida senhora Parker. Ela tinha alguma coisa pra fazer de manhã, mas estava livre essa noite e aceitou se encontrar *comigo*, e não com um bando de detetives secretos esquisitos. Então, decidi ir sozinho. Não quis colocar você em perigo, entendeu? Pronto, essa é a sua explicação. Roupas. Agora!

Meio insatisfeito, Carver as entregou. Depois de se vestir, Hawking pegou a bengala e testou os pés, careteando enquanto andava em círculos com dificuldade.

– Quando me trouxeram de cadeira de rodas, percebi que o banheiro mais perto estava em manutenção. O White terá de levar você até o outro lado do corredor, deixando o caminho pras escadas livre. Demore bastante, mas fique de ouvidos bem abertos, caso cheguem aqueles dois detetives que Emeril mencionou. Encontre-os no corredor, se possível. Com sorte, eles nem vão querer checar o quarto.

– O que faço depois?

– Já chego nessa parte! Se tudo ocorrer como o planejado, em algumas horas, estará de volta à nossa querida sede. Mas nem se importe em procurar a carta. Acho que sei onde ela está.

– Onde?

– Eu deveria ter imaginado antes. Lembra quando Tudd perguntou se você estava com a carta e eu lhe disse que você nunca ficaria longe de algo tão valioso?

– Então você acha que Tudd fez o mesmo?

– Exato. Provavelmente está costurada no forro do casaco ou então a teriam achado quando colocou o uniforme da prisão. A questão é que, por enquanto, você pode tê-la como perdida, mas eu não acho que isso lhe impeça de falar com o Roosevelt. Quando voltar, aproveite o tempo pra reunir suas anotações e, *na sequência*, vá falar com ele. Suspeito que, se estiver disposto a isso, pode até colocá-lo na pista certa *sem* revelar a Pinkerton.

– Como? O senhor estará lá pra me ajudar?

– Infelizmente, não. Estarei muito ocupado. Mas você precisará de alguém pra manter sua mente focada. Aquela reporterzinha, você confia nela?

– Delia? – perguntou Carver. – Ela nunca mentiu pra mim.

Hawking pestanejou.

– Tudo bem, leve-a com você. Pelo menos, ela manterá sua mente afastada da sua prostração interna, pra poder se concentrar no que dirá pro caubói engomadinho. Mas, se estiver enganado, nosso quartel-general estará na primeira página do *Times* amanhã. Espero que entenda o quanto estou disposto a sacrificar por você, rapaz.

– Obrigado – falou Carver, no primeiro agradecimento sincero que dizia ao detetive.

Hawking soltou um murmúrio, sem saber o que fazer com aquilo.

– Ah, sim... de nada, acho. Agora vai! Já estou atrasado.

– Atrasado pra quê?

– Vai!

54

Com toda a alegria em ver Hawking saudável esmaecida por um misto de adrenalina e confusão, Carver saiu pela porta, surpreso com o sucesso de Emeril em desobstruir o corredor. Estava vazio, exceto pelo guarda atarracado e profundamente aborrecido encostado à parede, lendo uma revista.

– Preciso ir ao banheiro – explicou Carver.

Com má vontade, o guarda acompanhou Carver até o banheiro no fim do corredor, como previsto por Hawking. White ficou perto da pia enquanto Carver entrou numa cabine. Enquanto o policial reclamava de sua lombar, Carver encostou a orelha à fria parede de azulejos. Ouviu o som distinto de arrastar pés de Hawking quando andava, uma porta se fechando e, na sequência, um som de caminhada mais distinto e constante. Aqueles deviam ser os detetives.

Carver deu descarga e saiu às pressas.

– Eis o nosso rapazola – disse um homenzarrão de cabelo loiro acinzentado e olhos verdes.

Seu colega, de cabelos ruivos emaranhados, assentiu, áspero. Ambos vestiam ternos e chapéus-cocos marrons, distinguindo-os como detetives de Nova York.

Dispensaram o guarda e escoltaram Carver até o elevador de serviço. Sob o comando do ascensorista grisalho, o elevador desceu com a graça e a velocidade de uma tartaruga sonolenta, fazendo Carver suspirar de saudades do harmonioso elevador pneumático. Por fim, as portas se abriram a um pequeno corredor. A saída dava para um beco nos fundos, onde se podia ver uma carruagem estacionada. Eles estavam prestes a sair quando perceberam um tumulto vindo do saguão.

Curiosos, os detetives caminharam em direção ao alvoroço. Carver os seguiu, até que todos tinham plena visão do saguão. Dezenas de repórteres estavam de olhos vidrados num homem de rosto fino e expressão maliciosa que vestia um elegante terno preto: Alexander Echols, promotor, o homem que Hawking descrevera como víbora.

Enquanto Echols pigarreava, Carver identificou Emeril no meio da multidão. Quase ao mesmo tempo, Emeril o viu. De olhos arregalados, o jovem detetive abriu caminho até o corredor dos fundos.

Echols sorriu, expondo-se à luz dos flashes.

– Creio que nosso comissário de polícia está mais preocupado em investigar

policiais do que assassinos. Portanto, assumi a responsabilidade de, com *meus próprios recursos*, contratar o único homem nesta cidade que *exibiu* algum sucesso na caça desse assassino selvático...

Echols apontou para alguém que estava ao seu lado, mas a visão de Carver estava bloqueada. Emeril o alcançou e imediatamente tentou puxá-lo de volta ao corredor.

– Que diabos você está fazendo? Saia já daqui! – murmurou.

Echols colocou o braço em torno de seu companheiro inobservado.

– Ele tem uma reputação singular e era um dos melhores detetives de ninguém menos do que Allan Pinkerton.

Ouvir tal descrição fez com que os dois se virassem imediatamente. De pé, ao lado de Echols, encontrava-se uma figura familiar, levemente corcunda, apoiando-se em sua bengala com uma mão e, com a outra, protegendo os olhos dos flashes.

– Senhor Albert Hawking.

– Pois é, ele é cheio de surpresas, não? – murmurou Emeril.

Depois de um instante de silêncio, uma torrente de perguntas encheu o ar: – O senhor viu o assassino?

– O senhor quer que Roosevelt seja demitido?

– O senhor trabalhará com a polícia?

Após terem se esforçado para ouvir a voz fina de Echols, todos recuaram ao potente som que jorrava da figura corcunda.

– Não! Não vi o assassino, mas *ele* me viu. Se todos os senhores puderem, por favor, *calar a boca*, economizarei seu tempo e responderei às perguntas óbvias. *Não* acho que o comissário Roosevelt seja incompetente. Acho apenas que ele não é *tão* competente quanto eu.

Uma onda de risadas contidas varreu a multidão.

Jerrik Ribe gritou:

– O que exatamente o senhor viu no número 27 da Leonard Street?

Ao se virar em direção a Ribe, Hawking avistou Carver. Antes de responder, sussurrou algo no ouvido de Echols, que assentiu e estalou os dedos.

– Quando cheguei, a senhora Parker já estava caída no chão. Pela natureza e pela extensão dos seus ferimentos, era fácil ver que estava morta ou que nenhuma assistência médica poderia salvá-la. Segundos depois, fui atingido pelas costas e, sem dúvida, teria morrido, caso meu brilhante pupilo não tivesse assumido a responsabilidade de me seguir, contra minhas instruções...

– Pupilo? Qual é o nome dele?

– Carver Young. Com "c".

– O garoto que estão detendo como testemunha?

Carver não ouviu o resto. Um homem musculoso, de grossos cabelos castanhos e cavanhaque aparado, agarrou-o e estava puxando-o para a saída de serviço. Apesar de também segurar uma bengala e uma resma de papéis, o homem se movia tão rapidamente que já estavam se aproximando da saída dos fundos quando Emeril e os detetives os alcançaram.

– Ei, você! – gritou alguém. – Ele está sob custódia policial.

O homem deu um giro gracioso, tirou a luva branca e estendeu a mão.

– Armando J. Sabatier, advogado. Fui contratado pelo senhor Echols pra representar este jovem. Existe alguma acusação contra ele?

O detetive foi pego de surpresa, como se pelo fulgor dos dentes brancos do advogado.

– Ele é uma testemunha e está cooperando! – declarou ele, antes de se voltar para Carver. – Você está cooperando, não é, rapaz?

O sorriso cínico do advogado se desfez num instante. Ele se virou para Carver e fez que não com a cabeça. Embora Carver não fizesse ideia de que tipo de jogo Hawking estava jogando, sentiu-se obrigado a responder: – Acho que... não.

– Você não pode simplesmente levá-lo. Terá de esperar o comissário.

– Muito pelo contrário. São os *senhores* que não podem prendê-lo – retorquiu Sabatier, direto, antes de entregar a Emeril um cartão que pareceu ter surgido do nada em sua mão. – O comissário pode entrar em contato comigo a qualquer momento pra programarmos uma ocasião adequada à discussão do caso. Nós iremos cooperar plenamente, porém devo insistir num lugar mais privado que o quartel de polícia. E, claro, eu estarei presente durante o interrogatório. Tenham um bom dia!

Antes que outra palavra fosse dita, Sabatier puxou Carver para o beco.

55

Carver e seu novo advogado se sentaram no mesmo assento da carruagem, que passou a se mover para o leste, de volta à Broadway. Sabatier continuou simpático, mas falando pouco. Carver não sabia bem o que dizer.

– Obrigado – arriscou.

– De nada – respondeu Sabatier.

– Então o comissário Roosevelt entrará em contato?

– Pode ter certeza disso.

– O senhor pode me dizer o que está acontecendo?

– Lamento, mas isso é mais do que já contei aos detetives. Mais do que isso, eu não sei. Portanto, não – disse, antes de abrir seu sorriso lustroso. – Sou muito bem pago pra saber apenas o que me mandam saber.

Carver assentiu e se recostou ao assento. O banco de couro era tão mais confortável que a cadeira de aço do hospital que quase caiu no sono. Pensando no que Hawking havia prometido, não ficou surpreso quando a carruagem estacionou ao lado da Devlin's.

– Mandaram que eu o deixasse aqui – anunciou Sabatier, tocando na aba do chapéu. – E, não, não sei por quê.

– Tudo bem, eu sei – respondeu Carver, descendo.

Depois que a carruagem sumiu de vista, desceu até o quartel-general. Se parecia vazio quando ele esteve ali pela última vez, agora estava completamente deserto. Ele andou pelo longo pátio, onde viu a cama de Hawking. Parecia tão confortável, e Carver não dormia havia pelo menos um dia inteiro. Ele queria ligar para Delia e dar início ao plano, mas ela estava no trabalho e só poderia sair mais tarde. Sem dúvida, uma sonequinha não faria mal a ninguém, não é?

Ele testou o estrado e deitou-se, pensando que descansaria só por uns minutos. Antes que se desse conta, foi dominado por um sono profundo e envolvido num estranhíssimo sonho.

Longe estavam todos os lugares que ele mais amava, todas as ruas de paralelepípedos, as calçadas de asfalto, as vigas de ferro, as multidões. Em vez disso, ele se achava completamente sozinho num campo infinito de grama amarelada e morta.

A única outra criatura viva no terreno vazio era um enorme e desairoso avestruz. Após fitar Carver por um instante, a ave começou a bater diversas vezes em seu ombro.

Tum! Tum! Tum!

Ele sequer conseguia levantar as mãos para se defender dos golpes.

Tum! Tum! Tum!

– Pare – gritou Carver –, deixe-me em paz, deixe-me em paz!

A grande ave recuou a cabeça e sussurrou:

– Acorde, moleque!

Carver abriu os olhos. Hawking estava em pé, ao lado da cama, cutucando seu ombro com a bengala.

– Pensei que precisaria arrancar sangue pra acordar você – disse ele.

– O senhor disse que não estaria aqui – respondeu Carver, levantando-se –, que estaria ocupado. Não que eu não esteja contente de ver o senhor...

Hawking se afundou na cadeira com uma expressão inusitada. Inusitada ao menos para Hawking. Ele parecia comovido, *triste*.

– Houve uma mudança de planos – comunicou ele, cavernoso.

– Que tipo de mudança? – inquiriu Carver.

– Septimus... – começou Hawking, parecendo ter problemas para falar. – Septimus Tudd. Ele foi... morto.

Carver se levantou de súbito.

– Morto? Mas ele estava preso!

Hawking mantinha o olhar duro fixado no chão.

– Não existe nenhuma lei dizendo que não se pode morrer na cadeia. Acontece a toda hora. Nesse caso, aconteceu uma rebelião. O corpo dele foi encontrado depois. Estrangulado. Meu palpite é que tentou ajudar a polícia.

O corpo de Carver se estremeceu de culpa.

– É quase como se *nós* o tivéssemos matado.

A bengala de Hawking atingiu a canela de Carver com força.

– Ai!

– Não! Garoto, *não* é. Eu sei como é, *eu* já matei. Com armas, facas, até com as minhas próprias mãos. *Você* nunca, pelo menos *ainda* não. Acredite, eu sou de longe muito mais responsável por isso que você. Mas Tudd fez suas próprias escolhas, decidiu seu próprio destino. Ele poderia ter dado aquela carta a Roosevelt *a qualquer* momento, aquele velhote teimoso! E, por mais que eu sinta muito pelo que aconteceu, não é hora de perder nossos objetivos de vista. Seu pai ainda está à solta, lembra? A próxima vítima dele ainda está lá fora também, *viva*, até onde sabemos. *Eles* podem ser salvos. É nisso que sua energia deve se concentrar. Entendeu?

Esfregando a canela, Carver respondeu:

– Sim, senhor.

– Bom – disse Hawking, fazendo uma careta enquanto se recompunha. – A

questão a que você tem de se dedicar agora é: o que pretende fazer a respeito?

– O que o senhor quer dizer? A soneca? Eu estava cansado e...

– Não, não a soneca – resmungou Hawking, antes de respirar fundo e explicar. – O que eu falei para você sobre a carta do seu pai?

– Que Tudd provavelmente ficava com ela o tempo todo, talvez costurada no forro do casaco...?

Hawking limpou os lábios.

– O corpo dele está no necrotério da prisão. Ele já está vestindo as roupas com que foi preso. Aquele seu aparelhinho deve dar conta das portas.

Carver parou de esfregar a perna.

– Como assim?!

Hawking girou a bengala, olhando para baixo, e murmurou: – Roubar pra capturar um ladrão, matar pra capturar um assassino – recitou, antes de levantar os olhos ainda lúgubres para Carver. – Eu nunca disse que seria fácil, mas, agora, você tem de se perguntar até que ponto, exatamente, está disposto a chegar pra capturar seu pai.

– O senhor está me pedindo... pra vasculhar o cadáver de Tudd?

– A carta é uma evidência – falou Hawking. – Escondê-la da polícia foi o verdadeiro crime aqui. Você mesmo disse isso. Esta é a sua chance.

– Não! – exclamou Carver. – Não podemos só pedir a Roosevelt pra procurá-la?

– Se eu estiver errado, você perderia sua credibilidade com ele pra sempre. É um corpo, Carver, um punhado de carne. Meu velho parceiro morreu, está desfrutando das vantagens da vida eterna, se é que existe alguma – disse, antes de voltar a olhar para Carver. – É hora de ver do que você é feito. Confie em mim, esse processo nunca é agradável, pra ninguém.

56

Do lado de fora, ainda era dia.

– Não deveríamos esperar até anoitecer? – perguntou Carver.

– Não temos tempo pra isso – disse Hawking, andando numa velocidade inesperada. – O atendente estará de folga na próxima hora. A seguir, transferirão o corpo pra uma casa funerária, para a cremação, e eu não sei o endereço.

Carregando uma pilha amarrotada de jornais vespertinos, Carver se esforçava para acompanhar o ritmo dele.

– Como o senhor sabe disso tudo?

– Emeril descobriu o que pôde.

– Ele está nessa? Isso não o incomoda?

– Ele sabe que é necessário.

Eles pararam na Varrick Street e olharam em direção às Tumbas.

– Apesar disso tudo – começou Hawking –, estamos perto do lugar do último assassinato de seu pai, e não acho que ele arriscaria um ataque em plena luz do dia.

Ver aquela rua fez correr um calafrio pelos ossos de Carver. A sensação aumentou quando passaram pelo lugar onde tinha visto seu pai e pela farmácia onde Hawking quase morrera.

Atravessaram em frente às Tumbas, sentindo o forte odor sulfúrico e, em seguida, um prédio menor, de três andares, cercado por uma grade de ferro.

– Cinco... seis... sete... lá – falou Hawking, recostando-se na grade. – Finja não estar olhando, mas o necrotério fica bem atrás de mim. Tudd estará numa maca, pronto pra ser transferido. Imagino que você lembre como ele se parece – disse, antes de apontar com a bengala quarteirão abaixo. – Existe uma entrada lateral vinte metros à minha esquerda. Quando tiver entrado, será um jornaleiro fazendo uma entrega que faltou.

– Senhor Hawking – começou Carver –, não sei se consigo fazer isso.

– Eu também não – comentou seu mentor –, mas vamos descobrir logo.

Carver recebeu seu fardo e saiu andando. Já estava com o abridor de fechaduras em mãos, sob um calhamaço de jornais, então, quando desceu os dois degraus que davam para a porta lateral do porão, destrancou-a com tanta facilidade que parecia que ela tinha sido deixada aberta para ele.

Do lado de dentro, segurou a porta com a parte de trás do calcanhar para que não batesse. Depois da delegacia e de suas aventuras prévias, invadir prédios

estava ficando fácil. A parte difícil viria a seguir, atrás da porta dupla assinalada com a palavra “Necrotério”.

Respirando fundo, empurrou as portas com a pilha de jornais. A grande sala era fria, ampla e um pouco iluminada pelo sol vespertino, que atravessava as janelas semicirculares. Um odor químico chegou a suas narinas. Era tão forte que lhe deu ânsia de vômito. Líquido de embalsamento. Numa parede, havia uma série de pequenas portas de madeira com maçanetas metálicas. Os freezers onde guardavam os corpos.

Pelo menos Carver não precisaria abrir nenhum daqueles. Lá estava, deitado sobre uma maca metálica perto da parede oposta, Septimus Tudd, que, de olhos fechados, mãos entrelaçadas sobre a barriga e chapéu-coco pousado torto sobre o peito, parecia dormir.

Carver colocou a pilha de jornais perto da porta e se aproximou. Quanto mais olhava, mais *morto* Tudd parecia. Seu peito, obviamente, não se movia, mas a pele no seu rosto de cão pastor estava ainda mais caída, de uma maneira terrivelmente insólita, e sua tez apresentava um tom de cinza azulado, exceto pelo roxo hematoma no rosto, onde Carver o acertara.

– Desculpe – disse ele, baixinho.

Por onde deveria começar? *Como* deveria começar?

Ele precisava se controlar e acabar com aquilo de uma vez, simples assim. Poderia se sentir mal depois. Reprimindo a ânsia causada pelo cheiro químico, pegou o chapéu de Tudd e o colocou de lado. Devagar, apalpou o lado esquerdo do terno de Tudd, enojado pela sensação fria do corpo sob ele, como se fosse de um objeto.

Foi ficando mais fácil depois, mas nem tanto. Com cuidado, vasculhou o terno, a camisa, as calças e até mesmo os sapatos. Nada. Então, olhou para o chapéu-coco.

Pegou-o com as mãos. Passando os dedos por ele, sentiu uma lombada irregular sob a aba. Eufórico, colocou os dedos na brecha e retirou um envelope dobrado. Isso!

Sua animação sumiu quando percebeu que aquele não era o envelope em que estava a carta de seu pai. Era mais grosso, e o remetente era “Scotland Yard”. Talvez, Tudd a tivesse colocado dentro daquele envelope para protegê-la melhor?

Dentro, havia uma folha de papel lisa e grossa. Ele a abriu. Era um papel fotográfico, um fac-símile, em que viu outra mensagem na caligrafia de seu pai.

25 de setembro de 1888

Caro Chefe,

Tenho ouvido dizer que a polícia me pegou, mas ainda não foi dessa vez. É hilário quando eles dizem que estão no caminho certo, achando-se muito espertos. Aquela piada sobre o Avental de Couro me deu um verdadeiro ataque de riso. Estou na cola das prostitutas e não vou parar de estripá-las até me prenderem de fato. Obra grandiosa foi o último trabalho. Não dei à mulher-dama nenhum tempo de gritar. Quero ver me pegarem agora. Adoro meu ofício e não vejo a hora de começar de novo. Em breve vocês ouvirão falar de mim e de minhas travessuras. Guardei numa garrafa de cerveja de gengibre um pouco do fino material vermelho do último serviço mas ficou grosso como cola e não posso usá-lo para escrever. Tinta vermelha deve ser tão boa quanto, espero, ha-ha. No próximo serviço, vou cortar as orelhas da mulher-dama e mandar para os policiais só de farra, que tal? Guarde esta carta até que eu tenha trabalhado mais um pouco, depois a divulgue imediatamente. Minha faca é tão bela e afiada que quero trabalhar agora mesmo, se eu tiver chance. Boa sorte.

A seu dispor,

Jack, o Estripador

57

Carver perdeu os sentidos. *Jack, o Estripador?* Seu pai era *Jack, o Estripador*?

O abismo de que Hawking o advertira se abriu. Ele se sentiu prestes a desabar. O cheiro do líquido de embalsamento estava deixando-o intoxicado. A sala começou a girar.

Uma pancada veio da janela. Era Hawking. Com esforço, Carver se arrastou até ela e abriu uma fresta.

– O que está acontecendo? – sussurrou Hawking.

– Meu pai... – começou Carver.

Ele se aproximou, com as pernas vacilantes. Arriscando ser descoberto, Hawking se virou e se ajoelhou, para que Carver pudesse ver seu rosto.

– O que você descobriu? Dê-me aqui.

Fraco, Carver entregou a carta. Hawking rangeu os dentes.

– O imbecil estava escondendo *isto*? Ele realmente esperava capturar o Estripador sozinho?

– O senhor sabia do que Tudd suspeitava? Por que não me contou?

– Claro que eu sabia da teoria maluca dele. E, pelas semelhanças, fico surpreso de você não ter suspeitado. Um aspirante a detetive que nunca tinha ouvido falar dos assassinatos de Whitechapel? Você tinha sete anos na época. Idade suficiente pra ler jornal. A carta do seu pai era de Londres, na época dos assassinatos. Tudo que precisava era fazer as contas.

Claro que Carver conhecia o nome de Jack, o Estripador. Sua matança hedionda era o caso não solucionado mais famoso de todos os tempos. Durante quatro meses, em 1888, ele havia assassinado prostitutas numa rua pobre de Londres. Certa vez, tinha chegado até a enviar à polícia um rim humano.

Ele nunca foi capturado. As mortes simplesmente pararam.

– A senhorita Petty proibiu jornais no orfanato na época dos assassinatos – afirmou Carver, rememorando. – Ela achava tudo horripilante demais. Eu *tentei* ler sobre isso, mas tudo o que sei foi o que o cozinheiro me contou.

Carver caiu de joelhos.

– Meu pai.

– Moleque! – sussurrou Hawking, da janela. – Não desmaie na minha frente! Eu nunca vou tirar você daí, rapaz! Levante-se! Levante-se agora! Saia. Saia já daí. Você precisa de ar. Vá!

Carver cambaleou, mas conseguiu se levantar em meio ao estupor e seguir os comandos de Hawking.

A voz de seu mentor continuou guiando-o.

– Isso. Atravesse a porta, desça o corredor. Eu encontro você, rapaz.

Depois, tudo de que Carver se lembrava era ser atingido no rosto por uma golfada de ar fresco, enquanto quase caía ao sair pela porta lateral. Transtornado, Hawking o segurou e o puxou rua afora.

– Isso não é uma história, rapaz – disse Hawking, enquanto caminhavam. – É a vida. Ela não mudou. Quem mudou foi você. Bem-vindo ao abismo. Agora você tem de decidir se cai ou não. Devo levar você pra Blackwell e mandar colocarem-no em sua própria cela acolchoada, como aquela pobre mulher da peça?

Carver respirou fundo.

– Talvez.

Hawking voltou a sacudi-lo, com mais força.

– Não seja ridículo. Eu não deixarei você arruinar todo meu trabalho duro. Você continuará, exatamente como continuou quando começou a suspeitar que seu pai não fosse tão íntegro quanto um Sherlock Holmes da vida. Lembra o que falei pra você na época?

– Eu não preciso ser igual a ele.

– Exato. Também falei que você pode ter herdado parte da astúcia dele. Se ele é o Estripador, você pode ser tão brilhante quanto. E, como mencionei antes, o mais indicado pra capturá-lo. Entende isso, rapaz? Você não queria ser um detetive? Esse não era seu maior sonho? Pronto, aqui está você. Um detetive no melhor laboratório criminal do mundo, com a possibilidade de capturar o mais famoso assassino de todos os tempos, desde que Caim matou Abel. Agora não é a hora de ser fraco.

Contudo, apesar de toda a rabugice, enquanto coxeavam rua abaixo, pela primeira vez era Hawking quem ajudava Carver a ficar em pé.

58

De volta ao quartel-general, Carver se afundou numa cadeira. Hawking andava a passos duros de um lado para o outro, cada vez mais irrequieto.

– Preciso sair. Echols está me esperando.

– Por que o senhor está trabalhando pra ele mesmo? – questionou Carver.

– Agora não! – exclamou Hawking. – Eu só não posso deixar você sozinho. No seu estado, sabe Deus o que você é capaz de fazer... A garota! Chame aquela reporterzinha. Encontre-se com ela lá fora. Não diga nada por telefone.

– Mas...

– Mas coisa nenhuma.

Fraco demais para argumentar, Carver pegou o auscultador do telefone.

– New York Times Building, por favor.

Enquanto aguardava, Hawking fez um aceno com a mão boa.

– A redação deve estar congestionada de ligações, pistas falsas, confissões forjadas. Peça pra falar com outro departamento. Onde ela trabalha? Diga que tem uma reclamação a fazer.

Quando a operadora atendeu, Carver disse:

– Eu... tenho uma reclamação sobre as palavras cruzadas de ontem.

– Vou passar sua ligação para o departamento responsável, senhor – respondeu uma voz trincada.

Enquanto aguardava, Carver fechou os olhos.

– Departamento de palavras cruzadas – atendeu uma suspensa voz juvenil.

– Delia?

A voz se transformou num sussurro:

– Carver, onde você está? O que está acontecendo?

Ele olhou para Hawking.

– Você pode me encontrar no parque daqui a uns cinco minutos?

– Cinco minutos? Meu almoço ainda é daqui a... Tudo bem. Eu encontro você.

Assim que desligou o telefone, Hawking o apressou de volta ao metrô.

– Ela ainda pode ajudar você com Roosevelt.

Carver soltou um suspiro.

– Eu não encontrei a carta. Sou um fracasso.

– Você não é um fracasso – retorquiu Hawking. – Se não encontrou a carta, é porque ela não estava lá. Você foi muito bem, como sempre foi e como

continuará sendo com o que virá pela frente.

Carver queria agradecer pelo elogio, mas seu choque o tinha emudecido em estupor. Os dois continuaram em silêncio, até saírem para a Broadway e Hawking chamar um cabriolé.

– Volto assim que puder – declarou seu mentor, enquanto entrava na carruagem.

Minutos depois, Carver estava caminhando com Delia pelo parque, pigarreando de embaraço enquanto a punha a par dos detalhes dos últimos dias. Ela franzia a testa enquanto ouvia e ele temia logo rever aquela expressão de repugnância nos olhos dela.

– Você mandou o homem em quem bateu pra cadeia e ele *morreu*? – indagou ela. – E a ideia foi sua?

Carver bufou.

– Delia, o que eu podia fazer? Foi *você* quem disse que era errado esconder uma evidência! Ele disse pro Roosevelt que eu era maluco! *Ele* estava escondendo a carta!

Ela se encontrava impassível.

– Pra que exatamente esse homem está treinando você? Pra uma vida de combate ao crime ou pra uma vida criminosa?

– Talvez tenha sido uma má ideia – disse Carver, tétrico, enquanto atravessavam a Broadway. – Se não fosse o senhor Hawking, eu ainda estaria preso. Ele arriscou a *vida* pra pegar meu pai.

– Isso só mostra que ele é tão maluco quanto ardiloso. E agora está trabalhando praquele... aquele... Echols.

Carver pestanejou.

– Ele deve ter um motivo. Talvez seja a desculpa de que precisava pra trabalhar no caso. Mas... isso não é o pior que tenho pra contar – disse Carver, hesitando ao se aproximarem da Devlin’s, sem saber por onde começar e temendo que ela o odiasse para sempre. – Você já ouviu falar de Jack, o Estripador?

– Então você soube das cartas?

– Soube. E parece que tem uma coisa. Meu pai... o assassino das Tumbas... e Jack, o Estripador... são a mesma pessoa. Talvez você esteja certa em me odiar. Afinal, sou filho do diabo em pessoa.

De súbito, o desagrado dela se transformou em empatia.

– Ah, Carver, sinto muito. Toda a redação está sabendo disso. Eles ainda estão discutindo se publicam ou não as cartas. Eu queria contar pra você, mas não sabia como entrar em contato. Posso imaginar como deve ser pra você ter... *aquilo* como pai. Carver... não sei nem o que dizer, eu me sinto de mãos atadas;

não gosto nada de me sentir assim. Eu *quero* fazer alguma coisa. Espere, o que você está fazendo?

– Tem uma coisa que você pode fazer.

Carver se ajoelhou ao lado de um dos canos de latão. Enquanto ela observava, como que hipnotizada, ele os girou e puxou na combinação certa. A porta atrás dela se abriu.

– Isso é demais! – murmurou ela.

– Espere só pra ver – retrucou ele, fazendo um sinal para que ela entrasse no elevador.

Quando estavam no metrô pneumático, Delia se encontrava tão fascinada que chegava a tremer. Sua empolgação era tão contagiosa que conseguiu tirar um pouco do abatimento de Carver.

– Este é o único? Quando foi construído? Por que não estão por toda a cidade?

Ele fez um sinal com a mão, para que ela parasse de inundá-lo de perguntas.

– Eu responderei todas as perguntas, mas quero que você veja uma coisa antes.

Ao saírem do vagão, a expressão no rosto dela, o rubor de suas bochechas e o brilho em seus olhos fizeram Carver se sentir quase orgulhoso.

– Fica melhor quando tem gente – observou ele.

– Bem, *nós* estamos aqui agora. Carver, *por que* estamos aqui?

Ele explicou nos termos mais simples que pôde:

– Eu não quero revelar a Nova Pinkerton, mas quero que a polícia saiba tudo o que sei. Sou a melhor ligação deles com o assassino e tenho de reunir o máximo de informações pra convencer Roosevelt. Você é escritora, então, precisarei de sua ajuda. Será difícil sem a carta do meu pai, mas, se der certo, podemos dar a história pro Jerrik primeiro. Acha que isso ajudará na carreira dele?

– Fará mais do que isso! – exclamou ela, radiante. – Obrigada por pedir isso pra mim, sério mesmo. Acho que nunca fiz algo tão importante na vida. Por onde começamos?

Ele a levou para o ateneu, do outro lado do pátio. O cavernoso lugar estava vazio, e as imponentes fileiras de livros metiam medo.

Mesmo não havendo a quem incomodar, Carver murmurou: – Acho que deveríamos começar descobrindo tudo o que pudermos sobre Jack, o Estripador.

59

Horas depois, a mesa de carvalho estava cheia de anotações, livros e artigos de jornais empilhados tão precariamente que Carver pensou nos berros que o senhor Beckley daria se visse aquilo. Com a biblioteca vazia, ele cogitou que poderia tentar usar a máquina analítica, explicando, entusiasmado, o sistema de cartões perfurados para Delia. Mas, além de não saber usá-la, por mais interessante que ela fosse, também não fazia ideia de como ela poderia ajudar.

Em vez disso, Delia se sentou à frente dele com a caneta-tinteiro em mãos, pronta para a ação, e começaram da mesma maneira como Carver tinha começado quando entrou lá pela primeira vez, listando o que sabiam: como ele encontrou a carta, onde ela estava, a data. Era um trabalho lento. Cada pergunta nova exigia folhear dezenas de páginas, e cada revelação era mais horripilante que a anterior. A cada quinze minutos Carver pensava em desistir, mas Delia continuava insistindo.

– Vamos, você precisa se esforçar – entusiasmou ela, antes de repetir a última pergunta: – A carta do seu pai data de 18 de julho de 1889. Bate com o fim dos crimes do Estripador? Sim ou não?

Aturdido, Carver acenou para a coleção de artigos que acabara de ler.

– Depende pra quem você pergunta. A última das cinco vítimas mais famosas, Mary Jane Kelly, foi morta em 9 de novembro de 1888, mas houve mais assassinatos depois disso que podem ou não ter sido obra do Estripador. Uma das últimas se chamava... McKenzie, acho. Eu lembro porque ela foi morta em 17 de julho de 1889, um dia antes de a carta que encontrei ser escrita.

Delia fez uma anotação e, em seguida, bateu com a caneta no queixo.

– Alguma outra conexão entre Whitechapel e o que está acontecendo aqui? Mesmo que óbvia?

Carver olhava fixamente para a escuridão.

– Carver?

Ele deu de ombros.

– São todas mulheres.

– Dizem que ele *odeia* mulheres – observou Delia.

– Sem dúvida, ele parece não gostar muito – concordou Carver. – Mas talvez...

– Talvez o quê?

– Não se ofenda, mas talvez fosse só mais *fácil*. Elas eram mais fracas. E as

mulheres em Whitechapel eram pobres, desesperadas, presas fáceis.

– Mas não aqui – lembrou Delia. – Ele escolheu duas *socialites* ricas.

Por quê? Ele se lembrou da imperativa de Hawking, pensar como um assassino, como seu pai. Por que faria uma mudança tão extrema? Pobre. Rica. Não podia haver diferença maior.

O que era? Era tão diferente de Whitechapel, era como se o assassino estivesse apontando para isso, a própria maneira como largou o corpo nas Tumbas apontava para isso. Era para chamar a atenção? Carver franziu a sobrancelha.

– Que foi? – perguntou Delia.

– Uma coisa que tanto Hawking como Tudd e Roosevelt disseram, e eles não são de concordar muito entre si. Eles achavam que tudo isso parecia uma espécie de jogo. Mulheres pobres, agora ricas, o corpo deixado nas Tumbas, a carta pra mim e pro *Times*, os nomes me levando de um lugar a outro...

– Nomes?

– Jay Cusack e Raphael Trone – esclareceu Carver. – Eu encontrei esses nomes enquanto buscava pelo meu pai, na época em que achava que ele poderia ser uma boa pessoa.

Ele a observou anotando-os.

– "Cusack" é com um s só – corrigiu ele. – E "Trone" é... Espere! Posso dar uma olhada nisso?

Ele pegou a folha de papel e observou o primeiro nome, com o "s" a mais riscado com esmero. Jay Cusack. Ele repetira esse nome para si mesmo inúmeras vezes, mas sentia como se estivesse olhando as letras individualmente pela primeira vez.

– Como se chama aquela charada que você escreve, em que as letras ficam embaralhadas? – indagou ele.

– Anagrama? – arriscou Delia.

– Isso! Olhe.

Carver começou a riscar as letras. Ele mal tinha encontrado a palavra "Jack" quando Delia exclamou:

– Saucy Jack! Jay Cusack é *Saucy Jack*?!

Carver fez que sim.

– O Estripador se referiu a si mesmo assim, como *saucy*, insolente, numa das cartas.[4] – disse ele, tirando um dos arquivos de jornal da pilha e folheando-o até chegar a uma página marcada. – Aqui. Foi um cartão-postal enviado à Central News Agency. Não mostra a caligrafia, mas fala isto:

Não era um código, caro velho Chefe, quando dei a dica. Você terá notícias do trabalho do Saucy Jack amanhã evento duplo desta vez uma gritou um pouco não consegui matar logo. Não tive tempo de cortar as orelhas para a polícia obrigado por esconder a última carta do público até eu voltar ao trabalho.

Jack, o Estripador

– “Saucy Jack”, e “Chefe” de novo – comentou Delia. – Quem você acha que é o Chefe?

Carver deu de ombros.

– Ele usa essa palavra nas cartas que a Scotland Yard achava que poderiam ser verdadeiras. Eu pensei que pudesse ser alguém pra quem ele trabalhasse mesmo, um chefe de verdade.

Enquanto Delia examinava o artigo, Carver voltou a olhar as anotações dela. “Raphael Trone”. Ele começou a riscar as letras novamente, e, dessa vez, quase caiu da cadeira.

– “Raphael Trone”. *Leather Apron*, Avental de Couro. É o primeiro apelido que os jornais de Londres deram pro assassino. Isso *é* um jogo.

– Entre ele e a polícia?

Sentindo-se enojado, Carver fez que não.

– Talvez fosse, em Whitechapel. Agora acho que é entre mim e ele.

– Como assim?

A voz dele parecia distante.

– Por que enviar aquela primeira carta pro orfanato? Será que ele *quer* que eu saiba quem ele é e o que já fez? Ele quer aparecer? Você diz que eu não sou como ele, mas olhe o que fiz com o senhor Tudd.

– Você nunca matou ninguém, Carver – consolou ela, olhando-o nos olhos. Ela pestanejou e olhou por cima dos ombros dele. – Ah, olha a hora. Sinto muito, Carver, mas preciso voltar. Você acha que isso é suficiente pra convencer Roosevelt?

– Sem a carta do meu pai? Você acha que chega a ser suficiente pra levar ao Jerrik Ribe?

– Não, mas nós podemos voltar amanhã. Eu posso pelo menos dar alguma dica pro Jerrik? Ficará mais fácil voltar pra cá.

Carver encolheu os ombros.

– Faça o que achar melhor. Vamos, eu levo você até a saída.

– Eu odeio deixar você sozinho. Você ficará bem? Tem ideia de quando o senhor Hawking volta?

– Ele não disse, mas não se preocupe. Não existe lugar mais seguro que

uma base secreta, não é?

---

[4] *Saucy*, em inglês, pode ser traduzido por “insolente”. [N.T.]

60

Algumas horas mais tarde, pela segunda vez no dia, Hawking o chacoalhou até que ele acordasse.

Carver pestanejou, coçou a cabeça e tomou impulso para se sentar.

– A garota ajudou?

– Sim, nós descobrimos...

– Não com o caso, com *você*.

– Sim.

– Ótimo. Consegui uma folga do Echols e dos fotógrafos dele. Conte o que descobriram e então tire suas dúvidas comigo.

Hawking não demonstrou se estava impressionado com as pistas encontradas por Carver. Ele só assentia. Quando Carver terminou, Hawking disse: – Sua vez. Faça as perguntas que quer fazer.

– Há quanto tempo o senhor sabe sobre meu pai?

– Mais ou menos desde quando *você* deveria saber.

– Por que o senhor está trabalhando pro Echols?

– Pelo mesmo motivo por que todo mundo trabalha: dinheiro.

Carver estreitou os olhos.

– O senhor disse que ele era uma víbora. Precisa tanto de dinheiro assim?

Hawking se deixou cair na cadeira e olhou em volta, com uma expressão estranha.

– O dinheiro não é pra mim, imbecil. É pra você.

– Eu não preciso de dinheiro – afirmou Carver. – Eu só quero...

– Eu sei o que *você* quer. Eu estou falando do que *eu* quero pra você – retorquiu Hawking. – Não me restam muitas economias e, nos últimos tempos, elas quase acabaram. Echols me deu um adiantamento significativo, o suficiente pra ajudar você mesmo se a Nova Pinkerton acabar. Mesmo depois que eu partir...

– Partir pra onde? O senhor pretende ir a algum lugar?

– Pra onde eu vou ou deixo de ir é problema meu – disse Hawking, parecendo ainda mais lúgubre que de costume. – Mas acho que o restante não. As coisas ficaram ainda mais sinistras do que você imagina, e não estou falando só sobre ter um pai que é o bicho-papão. O *Times* decidiu publicar a carta hoje à tarde, junto com aquela outra, da Scotland Yard. Saiu há algumas horas, na

edição vespertina.

– O pânico... – começou Carver.

– Eu avisei que as noites ficariam mais longas – advertiu Hawking. – Tudd estava meio certo quando disse que eu fiquei pra trás. *Nós dois* ficamos pra trás. Nós somos velharias. Você sabe o que está acontecendo lá fora? Eu sempre falei que a cidade era um verdadeiro hospício, e agora isso está se comprovando. Estão sendo formados comitês de vigilância – contou, olhando para Carver. – Colocarei você no olho do furacão. Se tudo der certo, os ventos ascenderão você acima de tudo. Se não, bem, ao menos você terá o dinheiro do Echols pra fazer valer meus esforços.

Carver meneou a cabeça.

– Mas eu não quero – disse ele. – Eu não quero esse dinheiro. Tudo o que quero é...

– Não estou pedindo sua opinião.

O telefone tocou. Seu mentor atendeu e ouviu atenciosamente.

– Claro – falou Hawking. – Obrigado, senhor Echols. Estou indo pra lá imediatamente.

Ele pousou o fone de volta no gancho e olhou para Carver, com a expressão funesta.

– Você quer deitar pra não desmaiar quando eu contar o que ele disse?

Carver fez que não.

– Tudo bem, pode dizer.

– Outro corpo foi encontrado.

Havia uma fruteira na escrivaninha, ao lado do telefone. Hawking pegou uma maçã, esfregou-a no terno e, então, depois de pensar melhor, colocou-a no bolso para mais tarde.

61

Após chamarem um cabriolé de aluguel que descia pela Broadway, Carver perguntou:

– Onde encontraram o corpo?

Hawking respondeu para o cocheiro:

– Mulberry Street, número 300.

– No quartel de polícia? – exclamou Carver, ajudando o velhote a entrar no cabriolé. – O senhor está levando a gente pro quartel de polícia?

Hawking ignorou a pergunta, recostou-se no banco e fechou os olhos.

– Eu gostava mais quando você tinha medo de mim, rapaz. Não me faça pensar em quebrar alguma coisa só pra merecer um tom respeitoso. Eu não frustro você sem motivo. Só não quero prejudicá-lo com as teorias bocós de ninguém, nem mesmo com as minhas. Você tem seus próprios olhos e poderá fazer bom uso deles daqui a pouco.

Mais estorvado que calmo, Carver se aquietou. Com seu mentor de olhos fechados, aproveitou a oportunidade para lhe dar uma boa olhadela. Carver notou que tinha sido mais difícil colocá-lo no cabriolé do que normalmente. Ele estava mais trôpego. Teria sido o dia longo? O golpe na cabeça? Quão forte fora o impacto da morte de Tudd? Por que estava falando em partir?

Um pai de cada vez. O assassino ainda estava à solta, mais audacioso que nunca. Outro corpo, encontrado agora na Mulberry Street. Será que Tudd estava certo sobre ele ser movido por um impulso demoníaco? Não, aquilo era muito bem pensado, muito complexo. Parecia outra manobra no jogo. Mas qual era o motivo? Seu pai estava se mostrando para que Carver quisesse ser como ele? Se fosse isso, o efeito era o contrário. Mais que nunca, Carver queria capturá-lo. Além de deter as mortes, provaria que não se parecia em nada com ele. Podia ser, também, a única maneira de expiar a culpa, não só quanto a Tudd, mas também porque estava tão envolvido com os assassinatos que se sentia de algum modo responsável.

Ao se aproximarem do destino, a rua estava tão escura quanto qualquer outra. O cabriolé diminuiu a velocidade, com o percurso bloqueado por carruagens manobrando para frear e por uma multidão crescente. Carver olhou pela janela, levantou os olhos e observou ao redor.

Apesar do nevoeiro pálido sobre o telhado, os vultos em movimento lhe mostraram que estavam em plena atividade.

– Ele deixou o corpo lá em cima – constatou ele.

Hawking abriu um olho.

– Deixou? Você não acha que ele a matou lá?

A resposta veio com uma naturalidade alarmante.

– Não, alguém teria ouvido. Ele deve tê-la levado lá pra cima, talvez deixado no meio da neve.

Hawking bateu com a bengala no teto do cabriolé.

– Cocheiro! Vire à esquerda na Mott e nos deixe no Departamento de Saúde – pediu, antes de apontar para a janela. – Rapaz, olhe bem e tente contar os vultos. Os terraços para todo lado estão cheios de repórteres. O Departamento de Saúde é contíguo à sede da polícia; será nossa melhor chance de ver de perto. Você terá de me ajudar com as escadas.

Ao fazer a curva fechada, a carruagem virou a esquina e os deixou em frente ao enorme prédio da instituição, cujas pedras castanhas refletiam um noturno tom de preto e cinza. Depois de encontrar uma porta lateral aberta, Carver ajudou Hawking a entrar. O detetive gemia alto a cada degrau.

No entanto, seu raciocínio tinha a mesma perspicácia de sempre. O terraço às escuras, ao qual logo chegaram, proporcionava uma vista perfeita do iluminadíssimo número 300 da Mulberry Street, cujo terraço ligeiramente mais baixo parecia outro palco teatral abarrotado. Ocultos por uma longa chaminé atijolada, aproximaram-se.

Havia uns dez detetives de terno e gravata na cena do crime, além de cerca de vinte oficiais fardados e, claro, no centro do palco, a figura maciça de Theodore Roosevelt, que andava de um lado a outro. Todas as atenções estavam voltadas para o novo corpo. Desprovido de cor ou humanidade pela luz forte, encontrava-se envolto em algum tipo de pano. Um braço e um rosto redondo e delicado se projetavam em ângulos estrambóticos, e o restante do corpo estava semiencoberto por uma montanha de neve.

Os flashes de pólvora da câmera do fotógrafo da polícia se somavam à luz das lâmpadas de arco voltaico.

– Raios que o partam! Pro diabo! Estava aqui o tempo todo! – gritou Roosevelt.

Carver virou para Hawking e murmurou:

– O tempo todo?

– Echols disse que eles acham que essa mulher foi morta na mesma noite em que Rowena Parker. Duplo homicídio – sussurrou Hawking.

Duplo homicídio. Parecia familiar. Carver pegou no ombro de Hawking.

– Foi como os jornais chamaram os assassinatos de Elizabeth Stride e Catherine Eddowes, em Whitechapel, as duas mortas na mesma noite.

Hawking fez que sim, num gesto de confirmação ou parabéns, e apontou de volta à cena.

Roosevelt mal podia se conter.

– Nós nunca a teríamos descoberto sem aquela carta. Eu disse que era verdadeira! O jornaleiro poderia ter identificado a caligrafia. Isso é uma afronta à decência. Já temos o nome da mulher?

– Outra carta? – questionou Carver.

– Quieto! Não precisa repetir o que acabou de ouvir. Eu quero saber o nome da mulher, se eles souberem – recriminou Hawking.

– Petko? Reza? É russo isso? Encontrem os parentes dessa pobre coitada imediatamente – ordenou Roosevelt.

Ele se aproximou do corpo e balançou a cabeça.

– Parker e Petko – declarou, voltando-se para seus detetives. – Os dois nomes começam com *P*. Isso nos diz alguma coisa? Hein?

Os detetives baixaram a cabeça juntos. Eles continuaram submetidos ao olhar expectante de Roosevelt, até que um se arriscou.

– Ele poderia estar seguindo pela coluna social? Em ordem alfabética?

– É uma ideia, pelo menos – respondeu Roosevelt, levantando a mão e avistando os vultos em movimento nos terraços vizinhos. – Parece que estamos concedendo uma entrevista pra todos os jornais da cidade! – Ele deu um tchauzinho. – Olá, senhor Ribe! Daqui eu consigo ver o senhor melhor que um elefante rosa na selva. Vão pra casa, todos vocês! Todos terão de esperar o relatório oficial! Vou aprender a falar com discrição um dia, mas, quando aprender, prometo que carregarei também um cassetete bem grande!

Ele levou todos os detetives para o fundo do terraço, longe de onde estavam os repórteres, mas perto de onde Carver e Hawking se escondiam. Também cumpriu a promessa de abaixar a voz. Enquanto se aglomeravam, as últimas palavras que Carver pôde ouvir foram:

– E ninguém sabe ainda que...

Se ao menos estivesse mais perto! Ele se aproximou da beirada, encostou-se à chaminé e se ergueu. Não teria feito barulho algum se seu sapato não houvesse esbarrado em um tijolo solto, que caiu voando com estrépito no terraço, a menos de dois metros de Roosevelt.

62

Com uma força inesperada, Hawking puxou Carver para trás da chaminé e se levantou para a beirada.

– Moleque – sussurrou ele –, fique quieto!

Quando o homem disforme surgiu no terraço que pensaram estar vazio, os cerca de vinte oficiais fardados sacaram as pistolas. Apesar de seu equilíbrio parecer precário, Hawking não se moveu.

– Excelentes reflexos, rapazes – parabenizou Roosevelt. Carver estava perto o bastante para ver o vapor d'água saindo da boca dele. – Mas vamos trabalhar o raciocínio de vocês. Abaixem as armas e apontem uma luz em direção a ele.

Com um estalido metálico, uma lâmpada de arco voltaico foi direcionada para Hawking.

– Inclinem um pouco. Não queremos cegar ninguém!

A luz diminuiu um pouco. A expressão de Roosevelt demonstrava reconhecê-lo.

– O senhor é o meu rival, não é? O grande detetive do Echols? Que trabalhou pro Pinkerton?

Hawking respondeu com um aceno de cabeça quase imperceptível.

O comissário arreganhou os dentes.

– Conheço um pouco do trabalho. Em Medora, Dakota do Norte, há mais de dez anos, eu era vice-xerife. Cacei os três bandidos que roubaram meu barco. Capturei-os e podia ter enforcado os pilantras, de acordo com a lei, mas os guardei por quarenta horas, até que chegasse assistência. Li Tolstói pra ficar acordado. Fiz isso porque tenho fé no sistema, não nessa coisa de *vigilantes*. Fui claro?

– Tolstói me dá sono – afirmou Hawking, num tom igualmente sonoro. – Prefiro *Crime e castigo*, de Dostoiévski. Especialmente a parte do castigo.

Ele apoiou sua bengala no terraço ligeiramente mais baixo da Mulberry Street e desceu com dificuldade.

– Ah, mas pra castigar o *culpado*, o senhor precisaria capturar o criminoso, não é? Foi pra isso que Echols me contratou.

Carver já havia visto Roosevelt furioso, porém nunca daquele jeito. Ele apontou o indicador para Hawking.

– Na América, o senhor Echols é livre pra dizer o que quiser, tanto pra imprensa como pra seus subordinados. Mas ele não tem o direito de agir contra a

lei. Não tolerarei nenhuma interferência nesta investigação.

Hawking abaixou o tom de voz.

– Não é essa a minha intenção, comissário. De maneira alguma.

Roosevelt estreitou os olhos.

– Como, então, o senhor pretende cumprir sua obrigação a seu empregador?

– Quando o senhor era um pobre garoto asmático, seu médico o aconselhou a evitar uma vida estressante, não foi? O senhor rejeitou esse conselho e obteve excelentes resultados. Por isso, imagino que conheça a expressão “não fique aí parado apenas, faça alguma coisa”, certo?

– É meu preceito de vida – respondeu Roosevelt.

– Mas o senhor não conhece o *meu* lema, já que fui *eu* que o inventei, “não faça apenas alguma coisa, fique aí parado”. Senhor, essa é a minha intenção.

Para Carver, aquilo era a coisa mais estranha que seu mentor já havia dito. Não fazia o mínimo sentido.

Os pequenos olhos de Roosevelt faiscavam ao examinar a expressão de Hawking, medindo-o como Carver vira Hawking fazer dezenas de vezes. De súbito, como se tivesse topado com algo inesperadamente repugnante, o comissário recuou, limpou o bigode com a mão grossa e, a seguir, voltou a se endireitar.

– Eu o julguei mal. O senhor não está no caminho da investigação, não é absolutamente *nada* pra ela. O senhor não tem motivação alguma. Não faz perguntas, não fornece informações. Se eu achasse que ele fosse me dar ouvidos, aconselharia Echols a pegar o dinheiro de volta e gastá-lo com um cão de caça mais útil, um sabujo. Qualquer animal, na verdade, seria bem melhor.

Era o pior insulto que Carver poderia imaginar. Roosevelt pausou, esperando uma reação, mas não houve nenhuma.

– Seu advogado nos informou que o senhor e seu pupilo estarão no escritório dele às nove horas da manhã pra um interrogatório completo. Se não comparecer, mando prendê-lo. Se continuar aqui agora, também mando prendê-lo, aí o senhor poderá se sentar e fazer nada à vontade numa das melhores celas da nossa prisão.

Roosevelt deu meia-volta e se reuniu com os detetives. Hawking subiu com dificuldades pela beirada do terraço.

– Hora de ir pra casa, rapaz – sussurrou Hawking para Carver. – Temos de nos apressar antes que os repórteres deem a volta no quarteirão.

Carver estava, no mínimo, confuso.

– É só isso? Nós mal olhamos a cena do crime. Deve ter alguma pista do meu pai aqui. E o que foi aquilo sobre não fazer nada? O senhor está bem?

– O que precisamos saber estará nos jornais. Tem muita gente e muita luz

aqui.

Hawking andou a passos lentos para a escada. Carver o seguiu.

– Parecia que o senhor não pretende encontrar o assassino.

– Eu *não* pretendo encontrar o assassino – declarou Hawking, sem sequer diminuir a velocidade.

Confiante de que não estavam sendo ouvidos, Carver disse:

– Como assim? Como o senhor pode ficar parado... Como o senhor pode... falar uma coisa daquelas, como se fosse óbvio, como se fosse somar dois mais dois? As pessoas estão morrendo! Isso é um tipo de jogo pro senhor também?

Como se Carver nem estivesse lá, Hawking calmamente se recostou à parede e tirou a maçã do bolso. Ele cortou um pedaço e o atirou à boca.

Enquanto mastigava, falou:

– Um jogo pra *mim*? Não, rapaz, de jeito nenhum. Como você mesmo disse, esse jogo é pra *você*. Quer maçã?

63

Carver e Hawking quase não abriram a boca no caminho de volta à sede abandonada da Nova Pinkerton. Carver tinha vontade de gritar, pegar a bengala de Hawking e bater nele até ele dizer algo que fizesse sentido. Em vez disso, só se sentiu enjoado. Será que o golpe na cabeça ou a morte de Tudd haviam deixado o velhote louco de vez? Carver não podia fazer aquilo *sozinho*. Ele precisava de ajuda.

Depois de uma noite inquieta e de um café da manhã igualmente silencioso, os dois seguiram para o escritório do advogado Sabatier, na Centre Street. Hawking sequer tinha dito a Carver como agir no interrogatório.

A tensão nas ruas era ainda mais palpável. A notícia do quarto homicídio se espalhara rapidamente. O medo parecia estampado na testa das pessoas em letras tão garrafais quanto as das manchetes. Os pedestres andavam acelerados, empurrando-se rudemente, parecendo dispostos a brigar pela menor provocação. Os jornaleiros gritavam diatribes, declamando, palavra por palavra, a carta enviada diretamente à polícia:

Caro Chefe,

Foi um verdadeiro dois por um. Não tive tempo de cortar as orelhas pra você dessa vez. Obrigado por esconder a última carta do público até eu voltar ao trabalho. Perto do fim, agora, mas prenda-me se for capaz.

A seu dispor,
Jack, o Estripador

Seu pai sequer se importava mais em esconder a identidade. Pelo que tinha lido, Carver sabia que a parte do meio era quase que uma citação do cartão-

postal do “Insolente Jack”, que o Estripador enviou a Londres em 1º de outubro de 1888. Ele estava furioso demais para mencionar isso a Hawking. Não queria incomodá-lo enquanto ele estava tão ocupado “fazendo nada”.

Echols os esperava no saguão de mármore do escritório de advocacia. Embora não estivesse cercado por fotógrafos, como de costume, tampouco estava sozinho. Finn estava a seu lado. Foi uma surpresa constrangedora. Carver não via o robusto ruivo desde a noite em que ele o ajudara a invadir o escritório do editor. Tanto tempo se passou e tanta coisa aconteceu que não tinha ideia de como reagir diante de seu velho rival.

– Acredito que não tenhamos com o que nos preocupar aqui, certo, senhor Hawking? – disse Echols, oferecendo a mão.

Hawking se equilibrou sobre a bengala e ofereceu a mão esquerda.

– Preocupação alguma – afirmou Hawking.

Os dois começaram a cochichar e seus murmúrios ecoaram pelo saguão áureo. Carver queria tentar ouvir o que diziam, mas um puxão súbito no braço o fez se voltar para Finn.

Eles resmungaram um “oi”. Finn parecia tão desconfortável quanto Carver. Delia disse que o valentão tinha mentido para protegê-los. Por isso, Carver achava que devia uma desculpa por, acima de tudo, tê-lo colocado em confusão, mas as palavras não saíam.

Com um olhar de escárnio, Finn apontou para Hawking.

– Então, aquele é o melhor detetive do mundo? O único motivo por que meu... o senhor Echols... o contratou foi pra conseguir mais fotos no jornal. Ele pouco se importa em capturar seu pai. Então, o que está acontecendo?

Apesar de zangado com o próprio Hawking, Carver não ligou para o tom de Finn. A última coisa que queria era confidenciar a seu antigo atormentador o discurso bizarro de Hawking na noite anterior.

– Nada – respondeu Carver.

Finn parecia confuso.

– Nada? Nós invadimos aquele escritório por nada?

Muitas sensações diferentes tentavam dominar Carver.

– Nós? Pra mim, pareceu que *você* invadiu a sala pra impressionar a Delia. Além do mais, quando foi que você começou a achar errado roubar?

Carver percebeu que estava sendo ridículo. Ele pensava em alguma maneira de dizer isso quando Finn se moveu para dar um murro em seu ombro. Como não era mais um garotinho assustado, Carver bloqueou o punho carnudo.

Se Finn estava surpreso, não demonstrou.

– Você está ajudando o Echols e ainda está mentindo sobre eu ser um ladrão?

Ele empurrou Carver com as duas mãos. Carver o empurrou de volta.

– *Você* roubou aquele medalhão. Por que não admite de uma vez por todas?

– Você *ainda* não contou pra ninguém sobre a carta do velho, não é? O que isso faz de você?

Sem pensar, Carver disparou um soco no queixo de Finn. Com isso, sentiu uma dor aguda passando de seus dedos por toda a mão e ao longo do braço. Mas foi o queixo de Finn que sentiu o pior do golpe. A cabeça do grandalhão virou para o lado, e seus olhos se esbugalharam, descrentes e furiosos.

Depois disso, tudo aconteceu tão rápido que os adultos demoraram para reagir. Em resposta, Finn o lembrou exatamente do que significa ser *magrelo*. Ele o puxou pelo cinto e pela lapela, levantou-o e *jogou-o* contra a parede, a três metros. As costas de Carver bateram com força, fazendo-o perder o fôlego. Ele caiu, mas se levantou cambaleante, ainda pronto para lutar.

Finn avançou com um direto de esquerda. Seu punho carnudo mal arranhou o queixo de Carver, porém ele continuou com uma cabeçada na barriga dele. Em seguida, colocou os braços em torno da cintura de Carver, pensando em jogá-lo contra os rígidos e caros ladrilhos de mármore.

Carver se recusava a cair fácil. Ele acotovelou as costas largas de Finn, atingindo as costelas embaixo das escápulas e fazendo com que os dois caíssem de lado. No chão, continuaram se atracando.

Um soco leve de Finn não era nada desprezível. Um deles atingiu a orelha de Carver, fazendo-o ouvir um zumbido surdo. Ele, então, devolveu com um belo golpe no nariz de Finn.

Sobre eles, ouviam-se os sons abafados de vozes adultas. Ao se dar conta, Finn estava sendo puxado pelo piso de mármore. Carver se sentiu erguido pelos ombros.

– Parem com esse disparate agora! – vociferou uma voz masculina.

Carver virou a cabeça e viu que estava sendo segurado por ninguém menos que o comissário Roosevelt. Será que haveria algum momento, pensou ele, em que não pareceria um ladrão, um mentiroso ou um idiota para o homem que tinha de convencer a respeito de seu pai?

Dois detetives seguravam Finn; o jovem espumejante parecia impotente contra eles. Echols se precipitou.

– Soltem-no agora! Soltem meu filho!

Quando o soltaram, o ricaço apontou um dedo esquelético contra o rosto de Finn.

– Como se atreve a causar uma cena dessas? Você tem sorte de a imprensa não estar aqui ainda! Devia atirá-lo de volta na sarjeta, onde o encontramos!

Finn, enrubescido de vergonha e fúria, murmurou:

– Estaria me fazendo um favor.

– O senhor pode soltá-lo agora, comissário – disse Hawking, avançando penosamente na sua bengala. – Não haverá mais confusão. Certo, rapaz?

Carver levantou os olhos para seu mentor.

– Certo.

Mas Roosevelt ignorou Hawking e continuou segurando Carver até que o magrelo Echols empurrasse Finn porta afora. Ao ser solto, Carver andou alguns passos e arrumou as roupas.

– Sinto muito – desculpou-se ele, ainda ofegante.

– É bom mesmo – falou Roosevelt. – Só tem gente louca por aqui. É bom você parar de enlouquecer, rapaz – aconselhou, antes de se voltar para Hawking. – E o senhor é um exemplo de preceptor tão ruim quanto é de detetive!

Os lábios de Hawking mal se mexeram.

– Não voltará a acontecer.

Roosevelt pareceu estranhamente desapontado, como se esperasse que Hawking revidasse.

– É bom mesmo, então.

Eles entraram no elevador; o ascensorista fechou a porta. Carver estava perto o bastante de Hawking para ouvi-lo murmurar:

– Veremos que mau exemplo eu sou.

Tendo-o ouvido ou não, o comissário assumiu um tom mais respeitoso:

– Hawking, andei lendo sobre o senhor. É de conhecimento que o senhor trabalhou com Septimus Tudd na Pinkerton.

– O interrogatório já começou? – indagou Hawking.

– Não – respondeu Roosevelt. – Só gostaria de oferecer minhas condolências. Como o homem que o prendeu, não consigo deixar de me sentir um tanto culpado pelo destino dele. Mas sei o que o ouvi dizer ao telefone: “Ele acha que eu sou completamente leal. Não existe um laivo de evidência que me ligue...”. Se ele ao menos tivesse confessado, poderia estar vivo hoje.

Carver se encolheu.

Aquilo não seria nada fácil.

64

– O assassino é seu pai e você faz parte de uma organização secreta de detetives?

– Sim.

– Na loja de departamentos Devlin’s? – perguntou o detetive, pela milionésima vez.

Dentro dos gabinetes luxuosos, Carver e Hawking foram separados. Ao ser levado embora, seu mentor mal lhe lançara um olhar de soslaio. Carver decidiu contar a verdade, o que, no entanto, revelou-se mais difícil que mentir.

– Debaixo da loja. A sede foi construída como extensão do metrô pneumático de Beach – contou Carver.

– Talvez os senhores tenham andado nele quando crianças, não? – acrescentou Sabatier, sem nunca deixar de sorrir. – Eu andei.

Seus olhos verdes alternavam do detetive a Carver e a Roosevelt.

– Tenho certeza que duas mentes tão brilhantes quanto as suas podem ao menos fazer perguntas novas. – instigou o advogado.

O detetive disparou um olhar severo ao elegante Sabatier.

Roosevelt respirou fundo.

– Ele está certo. Isso não está levando a lugar nenhum. Sabatier, eu gostaria de conversar sozinho com o rapaz por um momento. Sem toda essa... formalidade.

Sabatier meneou a cabeça.

– Sinto muito, mas não posso permitir que...

– Tudo bem – interrompeu Carver. – Qualquer coisa é melhor do que ficar aqui sentado repetindo as coisas.

O advogado se levantou polidamente.

– Sou contra, mas o senhor sabe que qualquer conversa em particular não será admissível no tribunal, certo?

Roosevelt fez que sim. Sabatier se voltou para o detetive: – Posso lhe pagar um uísque?

– Não bebo em serviço – retrucou ele.

– Talvez o senhor possa me acompanhar enquanto eu bebo um, então – disse Sabatier, levando-o consigo. Antes de fechar a porta, voltou a olhar para Roosevelt e disse: – Dez minutos. Nada mais que isso.

Roosevelt se aproximou de Carver.

– O rapaz com quem você brigava era muito maior que você. Você tem o costume de enfrentar forças impossíveis ou conhece o garoto?

– As duas coisas – respondeu Carver. – Eu o conheço do Orfanato Ellis.

– Você acertou uns bons golpes. Foi impressionante, mas aquilo não foi certo.

– Eu pedi desculpas.

– Por bater nele?

– Não... pelas circunstâncias.

Roosevelt soltou uma risada marota.

– Valentão. Então você prefere fazer alguma coisa a ficar aí parado como o senhor Hawking, não é? Nem precisa responder. O motivo de pedir pra você repetir a história era tentar revelar inconsistências. Você sabe disso, não sabe?

– Sim – respondeu Carver.

– Não houve nenhuma, o que significa que ou as mentiras foram muito bem preparadas ou que você acredita no que está falando. O falecido senhor Tudd queria me fazer acreditar que você estava maluco, mas também queria me fazer crer que era fiel a mim. Sei que isso não era verdade, e você me parece saudável mentalmente. Você interrompeu a festa no *Times* porque encontrou a carta no andar superior e ficou convencido de que ela era do seu pai?

– Sim.

– Na casa dos Ribes, você estava pronto pra me contar toda a história, mas Tudd impediu você?

Carver fez que sim.

– Alice ficou impressionada com você – comentou Roosevelt, estreitando os olhos. – Eu não, pelo menos não ainda. Estar são não significa que você esteja falando a verdade. Os anagramas que você descobriu estão baseados num rastro que começou a partir de uma carta que, pelo que você contou, desapareceu.

Ele juntou as mãos atrás de si e caminhou gravemente pelo escritório.

– Faz parte da minha profissão conhecer bem meus inimigos. O Echols é uma víbora traiçoeira. Você concorda?

– Sim – afirmou Carver, surpreso por Roosevelt usar a mesma expressão que seu mentor tinha usado.

– Ele está tentando me destruir em parte porque deve muito à corrupção que estou combatendo e, em parte, só porque adora atenção. Mesmo assim, você quer me fazer crer que, ao contrário do senhor Hawking, Tudd *não* estava trabalhando pra Echols. Em vez disso, ele permaneceu em silêncio pra defender a existência de uma organização extraordinária. Ao mesmo tempo, na sala ao lado, seu mentor não disse nada a respeito deles ou de sua relação com o assassino. Por quê?

– Não sei – respondeu Carver.
– Consegue adivinhar?
Ele não queria dizer o que estava pensando, que, nos últimos tempos, seu mentor parecia cada vez mais desequilibrado.
– Ele está me... protegendo? Quer que eu seja a pessoa a mostrar isso a você? Ele imagina um grande futuro para mim.
– Mesmo? A prisão não é um grande futuro, rapaz. Você deveria considerar suas oportunidades com mais cuidado.
Carver franziu a testa.
– Nem todos temos oportunidades iguais, senhor.
Roosevelt assentiu.
– Tem toda a razão.
Ele inclinou a cabeça chata e os olhos brilhantes.
– Não sei o que fazer com você. Você é inteligente, parece ter princípios, mas existe algo em você que não consigo identificar. Você é como uma criatura misteriosa com a qual um caçador se depara às vezes. Contudo, estou caçando coisas maiores agora e não posso me distrair. No fim das contas, é simples. Meus detetives vão levá-lo à Devlin's e você poderá mostrar esse seu quartel-general mágico, se é que ele existe.
Carver respirou fundo e sorriu abertamente.
– Obrigado.
– Tenho muitos motivos pra torcer que ele exista – retomou Roosevelt. – Uma organização como essa poderia ser valiosíssima. Se não existir, se você estiver tentando me enganar por algum motivo, assim que tivermos capturado o assassino e eu puder gastar um tempinho, vou me certificar de processar você por interferir numa investigação policial.
Apesar de Roosevelt querer assustá-lo, Carver não deixou de sorrir.
– Não se preocupe. Ela existe.
Roosevelt deu um longo aceno de cabeça e saiu.
Por um motivo misterioso, Hawking ficou para trás, mas logo Carver, Sabatier e dois detetives de Roosevelt estavam ao lado da Devlin's.
Animado por pensar que as últimas palavras de Roosevelt significavam que a Nova Pinkerton poderia ter um futuro afinal, Carver se ajoelhou ao lado dos quatro canos de latão recurvados. Os detetives se posicionaram cada um de um lado do retângulo de cimento destoante. Sabatier se ocupou lixando as unhas.
– É um tipo de combinação secreta – anunciou Carver.
– Continue.
Segurando o tubo com as duas mãos, ele o girou e... nada.
Não se moveu. Tornou a empunhá-lo e a girá-lo, com mais força dessa vez.

Será que estava emperrado? Tentou uma terceira vez, girando-o com força, até suas mãos escorregarem pela superfície fria.

Os detetives trocaram olhares.

– Está aqui! – gritou Carver.

– Como uma combinação secreta, não é?

– Está bem aqui! Vocês não entendem? Alguém mudou a combinação!

Carver chutou e puxou todos os quatro tubos, mas nenhum se moveu. Foi só quando uma pequena multidão se aglomerou para observar que ele finalmente se deteve.

Enquanto um detetive sinalizava para que os curiosos circulassem, o outro se voltou para Sabatier: – Nós vamos contar ao comissário. Ele fará bem em instaurar aquele processo.

– Que bom que o rapaz tem um excelente advogado, então, não é? – ironizou Sabatier, com seu sorriso radiante.

– Não entendo – disse Carver, puxando os tubos com força.

Sabatier esperou que a carruagem dos detetives saísse de vista e, a seguir, tirou do bolso do terno um envelope branco e o entregou a Carver.

– Pra você.

– O que é isso?

– Não faço ideia.

– De quem é?

Tocando a aba do chapéu em cumprimento, ele disse: – Tenha um bom-dia, senhor Young.

Então, desapareceu na multidão do meio-dia.

Furioso, confuso e envergonhado, abriu o envelope e desdobrou a única folha de papel que havia dentro, em que, meticulosamente datilografada, letra por letra, estava a nova combinação.

65

Houve um tempo em que Carver gostava do silêncio do elevador pneumático, mas agora ele queria que algum som o distraísse da batida acelerada de seu coração. Ele avançou pelos corredores a passos duros, andou pelo metrô e, então, parou no meio do pátio deserto e gritou. Seu brado ecoou por todos os cantos vazios da sede do melhor laboratório criminal do mundo.

“Esse jogo é pra você.”

Não existia mais jeito de provar nada a Roosevelt, a menos que ele solucionasse o caso sozinho. Seria isso que Hawking tinha em mente para fazer Carver ascender por sobre o caos? E onde *diabos* estava o detetive maluco agora? Mancando de volta ao Octógono para contar o dinheiro de Echols? Haveria alguém no mundo todo em que ele pudesse confiar?

Após outro grito, pegou o telefone e discou para o *New York Times*.

– Está dizendo que você *mentiu* pro Roosevelt? – questionou Delia, num tom abafado.

– Na verdade – retorquiu Carver, rangendo os dentes –, eu me meti em apuros porque tentei contar a verdade pra ele. Você pode vir pra Devlin’s? Estou ficando maluco, preciso de um pouco de ajuda e de... companhia.

– Considerando que todo mundo está na redação falando sobre o último assassinato e que eu estou presa aqui tentando criar charadas, estou *louca* pra fazer qualquer outra coisa. Só mais quinze minutos e eu termino o anagrama de hoje. Pra ser sincera, qualquer macaco poderia fazer um.

A linha caiu, mas Carver sentiu parte do enorme peso que carregava se aliviar um pouco.

Ao abrir a porta do elevador que dava para a rua, ela já estava à espera.

– Que rápido – disse ele.

Ela lhe lançou um sorriso conspiratório e entrou ao seu lado.

– Tenho uma ou duas horas, no máximo. Todo mundo está tão distraído que acho que ninguém percebeu quando eu disse que estava indo almoçar. Então, quais são as novidades?

Carver a pôs a par o mais rápido que pôde.

A primeira coisa que ela disse foi:

– Coitado do Finn.

– Coitado do *Finn*? – retrucou ele, surpreso. – Ele ofendeu o senhor Hawking!

– Ele só disse o que *você* estava pensando. Foi por isso que você me chamou pra cá, pra sentir pena de você?

Ele queria dizer: “Sim, claro”.

– Não... mas... o que *você* acha do Hawking?

– Imaginando que você não vá me bater por concordar, você provavelmente está certo. A concussão e, depois, a morte do senhor Tudd podem ter soltado uns parafusos dele. De um jeito *muito* esquisito e *terrivelmente* perigoso, ele parece estar tentando te dar uma lição.

– Fazendo Roosevelt pensar que sou um mentiroso? – indagou Carver, enquanto entravam no ateneu vazio.

– Bem – respondeu Delia –, pelo menos ele deixou uma bela biblioteca pra você.

No começo, ele só queria vê-la, mas olhar a mesa de trabalho fez Carver ter vontade de fazer algo em vez de “ficar parado”. Ele puxou uma cadeira para ela.

– Grande coisa. Todos os livros do mundo são inúteis se você não sabe o que fazer com eles. Meu pai tem deixado pistas sobre a identidade dele, anagramas de seus nomes, mas esse não é exatamente um endereço que possamos procurar. Não temos ideia de onde ele esteja ou quem será a próxima vítima... a menos que... ele tenha deixado uma pista sobre isso também.

Delia o fitou, desconfiada.

– Teria de ser uma pista *muito* boa. Existe mais de um milhão de pessoas nesta cidade.

Carver se jogou na cadeira.

– O senhor Hawking me ensinou a estreitar a lista com base no que sei. Nós sabemos que o Estripador só atrai mulheres, certo?

– Então isso corta pra meio milhão – respondeu Delia.

– Mas não são mulheres quaisquer, certo? – continuou Carver. – Em Londres, ele pode ter se concentrado em prostitutas. No entanto, aqui, em Nova York, está indo atrás só de mulheres da alta sociedade. Isso diminui bastante, não? O que mais sabemos? Qualquer coisa, mesmo o mais óbvio.

– O mais óbvio? Ele gosta de pistas de palavras e anagramas, ao menos com o nome dele.

– O nome dele. Essa é uma boa – elogiou Carver. – E os nomes das vítimas?

Ele puxou um calhamaço encadernado de jornais de 1889 e o abriu numa página marcada.

– Esse repórter tentou descobrir onde o Estripador morava. Partindo do princípio de que ele tinha de morar em algum lugar de Whitechapel, ele fez esta lista das vítimas e dos locais em que foram mortas.

Ele empurrou o jornal para ela e apontou a lista:

Mary Ann Nichols – Buck’s Row
Annie Chapman – Hanbury Street
Elizabeth Stride – Dutfield’s Yard
Catherine Eddowes – Mitre Square
Mary Kelly – Miller’s Court

– Certo, mas o que exatamente você está procurando? – perguntou Delia.

– Não sei. Você é a especialista em charadas aqui. Vê algum tipo de padrão nos nomes? Nas datas, nas palavras, qualquer coisa...? – indagou Carver.

– Você quer dizer que talvez ele esteja duplicando os crimes originais de algum modo? – perguntou Delia. – Não é um aniversário. As datas não batem...

– Houve um duplo homicídio – disse Carver. – Ele até citou a carta original. Stride e Eddowes foram mortas no mesmo dia, como Parker e Petko. Roosevelt percebeu que os sobrenomes das duas começavam com a letra *P*, mas o que isso poderia significar?

Eles analisaram a lista por muito tempo, sem resultados. Delia rompeu o silêncio:

– Talvez estejamos fazendo o contrário.

– Tudo bem, farei a lista das novas vítimas – disse Carver.

Ele tinha acabado de escrever quando fez uma careta.

– Que foi? – questionou Delia.

Ele virou o bloquinho para ela e apontou para a lista de nomes das vítimas:

Elizabeth B. Rowley
Jane H. Ingraham
Rowena D. Parker
Reza M. Petko

– Não entendi – falou Delia. – Eu...

Confiante de que ela perceberia a qualquer momento, Carver esperou. Antes que pensasse em dizer outra coisa, os olhos dela se iluminaram.

– Ai, minha Nossa Senhora! R, I, P, P... Os sobrenomes das vítimas estão formando “*Ripper*”, o mesmo que “Estripador”. É o nome dele, de novo!

– Só falta um *E* e um *R* – assentiu Carver. – Outro jogo estúpido. E mais dois assassinatos.

– Não acredito que ninguém se deu conta disso – exclamou ela.

Carver deu de ombros.

– Talvez alguém tenha percebido; talvez a polícia esteja trabalhando nisso agora. Eu falei pro Roosevelt sobre os anagramas. Ele teria acreditado em mim se Hawking não tivesse mudado a... Aonde você vai?

Delia estava correndo para as estantes.

– Se estivermos certos – disse ela –, a próxima vítima será uma mulher rica cujo sobrenome começa com *E*.

Ela voltou com um volume de um diretório social recente, folheando as páginas enquanto caminhava. Diminuiu a velocidade e parou, desapontada.

– Edders, Egbert, Eldwin... há *centenas*.

Lembrando-se da própria sensação de desânimo quando começou a busca por seu pai, Carver disse:

– Antes isso que meio milhão.

– Se não conseguirmos salvá-la – começou Delia, pousando o livro sobre a mesa –, dará na mesma, não é? Será que existe alguma outra coisa? Algum outro tipo de padrão? – arriscou ela.

– Que tal os lugares?

– A biblioteca Lenox, as Tumbas, o quartel de polícia – disse Carver, encolhendo os ombros. – Prédios da cidade.

Num beco sem saída, examinaram as listas de vítimas, novas e antigas, várias e várias vezes. Nesse trabalho, a mente cansada de Carver divagou, porém ele gostava tanto de ter Delia por perto que não queria dizer nada. Flagrou-se observando a pele dela, as bochechas, especialmente quando ela se recostava no assento e alongava o pescoço.

Ela parou de se espreguiçar e olhou para ele. Seus olhares se cruzaram.

– Preciso voltar – anunciou Delia. – Talvez consiga sair antes escondida e possamos tentar de novo. Pelo menos, posso dizer a Jerrik que os nomes soletram *RIPP*. Essa é uma informação que eles não vão ignorar.

Enquanto se levantava, Carver sentiu uma urgência súbita de impedi-la. Nervoso, virou o rosto, voltando a pousar os olhos sobre a lista de novas vítimas, com Elizabeth B. Rowley no topo.

B. Rowley, B. Rowley. Havia algo familiar nesse nome, mas o quê?

– Buck's Row! – exclamou ele.

– O que tem?

– B. Rowley. B. Row. Buck's Row. Foi onde Mary Ann Nichols, a primeira vítima, foi morta. O B é parte do nome do meio de Rowley, a primeira vítima aqui.

Delia se endireitou e voltou a se sentar.

– Não só o nome do meio. É costume as mulheres usarem a inicial de seus nomes de solteira.

Eles voltaram a observar a lista.

– Jane H. Ingraham. Será que conseguimos descobrir o nome de solteira dela? – perguntou Carver.

Eles pegaram os artigos que tratavam da morte de Ingraham, quase rasgando as páginas na pressa de abri-los.

– Aqui! – gritou Delia, com sua voz ecoando pelo ateneu vazio. – No obituário. Jane *Hanbury* Ingraham!

– Annie Chapman, segunda vítima original do Estripador, morta em Hanbury Street – disse Carver. – Então, deve ter mais, certo?

Apesar de não terem conseguido encontrar nada que dissesse o nome do meio de Reza M. Petko, Carver descobriu um anúncio social que listava o pai de Rowena Parker como John Dutfield. Elizabeth Stride havia sido morta em Dutfield's Yard.

– Isso quer dizer – anunciou Delia – que a próxima vítima terá um sobrenome de casada que comece com *E* e um de solteira que comece com *M*, por causa de Miller's Court.

Carver fez que sim.

– Que foi onde Mary Kelly, a última vítima do Estripador em Whitechapel, foi encontrada. De todas, ela foi... a vítima morta com mais violência. Mesmo assim, teríamos de passar por todos os nomes que começassem com *E*. Isso levaria horas, talvez *dias*.

– Devemos começar agora, então – concluiu Delia, pegando o diretório da mesa.

– Espere – interrompeu Carver, estalando os dedos. – A máquina analítica. Emeril disse que ela contém a maior parte dos cidadãos da classe alta da cidade, e não há ninguém aqui pra nos impedir de tentar.

Delia fechou a cara.

– Mas você nem sabe como fazê-la funcionar. E não teríamos de criar nosso próprio cartão perfurado pra fazer a pergunta primeiro?

Carver caminhou para a escrivaninha de Beckley.

– Eu sei onde fica o manual de instruções. Poderíamos, pelo menos, dar uma olhada. E você é boa com charadas! Um macaco conseguiria fazer, certo? O que de ruim pode acontecer?

66

Apesar dos protestos de Delia, Carver lhe entregou um grosso manual que explicava como criar um cartão perfurado. Aparentemente, não era tão difícil quanto ela temia.

– Hum... – disse ela. – Os cartões parecem um pouco com os padrões usados num tear automático. Eu vi um uma vez, no Garment District. Em vez de formar uma figura, cada furo nas duas primeiras fileiras representa uma letra. As outras são o tipo de informação a que se refere, primeiro nome, sobrenome, rua e assim por diante...

Mas Carver não prestava atenção. Ele estava muito ocupado, atracando-se com o segundo manual, que explicava como fazer o labirinto de fusos, hastes e engrenagens escuras funcionar.

Em menos de meia hora, Delia produziu um cartão que, tinha quase certeza, perguntava sobre todas as mulheres cujo sobrenome começava com *E* e o do meio com *M*, e estava ansiosa para testar. Carver, porém, ainda estava ocupado lendo.

– Você consegue ou não? – perguntou ela.

Carver franziu a sobrancelha, ficou olhando e, então, de súbito, abriu um largo sorriso e disse:

– Sim!

– Tem certeza?

– Não – respondeu. – Certeza nenhuma.

Pegando o cartão de Delia, caminhou para uma das extremidades da máquina titânica, posicionando os orifícios circulares na grossa cartolina sobre uma série de peças metálicas equivalentes. Antes de tentar ligar a máquina, como dizia o manual, verificou se a engrenagem principal não se achava emperrada e se a caldeira estava com água suficiente.

Enquanto Delia observava, Carver colocou papel e carvão na pequena fornalha ao lado da caldeira e acendeu um fósforo. À medida que o fogo aquecia a água, os calibradores de pressão subiram. Em pouco tempo, a engrenagem principal passou a girar.

– É isso! – comemorou Carver, extremamente satisfeito consigo mesmo.

– Mas ela não está fazendo nada – observou Delia, apontando para o restante da máquina.

– Ainda não – respondeu Carver –, porque preciso engatar a engrenagem.

Quando a agulha do calibrador chegou ao verde, Carver puxou uma alavanca que diminuiu a velocidade de giro da engrenagem. Por um instante, temeu que nada fosse acontecer, mas toda a máquina estremeceu. Suas peças começaram a se mover. Ele entendeu na hora por que Beckley odiava aquele som. Era terrível, como se estivessem trancados num armário junto com uma locomotiva, mas, ainda assim, era deslumbrante ver aquilo funcionar.

Os fusos, com as rodas de aço em que estavam impressos letras e números, giraram. As peças cilíndricas subiam e desciam, prendendo-se nisso e naquilo. Dentro da estrutura, dezenas de cartões perfurados se moviam, cada vez mais rapidamente, quase como bolinhas de gude rolando num labirinto. Hipnotizados pelo movimento das peças, pelas cartas que pareciam se embaralhar magicamente, Delia e Carver demoraram alguns minutos para notar que o ateneu estava se enchendo de fumaça.

Os olhos de Carver se voltaram rapidamente para a caldeira. Nuvens grossas de fumaça vinham de debaixo dela.

– O fogo está sem ventilação! – gritou ele, correndo para a caldeira.

Assim que escancarou a portinhola de ferro, uma golfada de fumaça o fez cambalear para trás. Ele só tinha piorado as coisas. Agora, centelhas também voavam a partir da chama. Se uma única brasa incandescente atingisse um livro ou folha de papel, todo o lugar seria consumido por chamas. Ótimo. Primeiro, ele quase tinha destruído a base com uma inundação e, agora, estava prestes a completar o serviço com um incêndio.

– Água! Pegue um balde d’água! – gritou ele para Delia, mas sequer conseguia ver onde ela estava.

Com os olhos lacrimejando, voltou à caldeira com esforço. Envolvendo a mão na camisa, conseguiu fechar a porta. Em seguida, segurando a respiração o máximo que pôde, voltou à máquina, na esperança de encontrar algo que se parecesse com um cano de chaminé.

Mas ele não conseguiria segurar a respiração por muito mais tempo, e o tempo estava se esgotando. *Precisava* haver algum respiradouro; *precisava*. Por fim, seus olhos lacrimejantes avistaram um cilindro de estanho que partia de detrás da fornalha, sobre o qual havia uma maçaneta. Ele avançou em direção a ela, girou-a e recuou.

Sob o ruído da rede de engrenagens, ouviu um zumbido elétrico discreto. Cambaleou para trás, respirando um ar ligeiramente mais puro, tossindo e arquejando, enquanto Delia avançava às pressas, derrubando água da bacia que carregava.

Entre arquejos, ele a deteve:

– Espere... acho que...

Enquanto falava, o ar já parecia mais puro. Em pouco tempo, embora ainda houvesse uma névoa forte, quase toda a fumaça tinha se desvanecido.

– Ufa – disse ele.

Delia parecia igualmente aliviada, mas, então, apontou para a máquina analítica.

– As engrenagens ainda estão girando, mas as cartas pararam de se mexer. Será que quebrou?

Carver foi até a extremidade da máquina.

– Acho que significa que acabou – disse ele, abaixando-se e pegando um cartão grosso com vários orifícios recém-perfurados. – E esta é nossa resposta.

– Um cartão? – perguntou Delia.

Ele encolheu os ombros. Depois de triar *centenas* de Jay Cusacks, de fato parecia estranho.

– Talvez a lista esteja incompleta. A máquina pode estar quebrada ou, talvez, só tenha mesmo uma possibilidade.

– O que diz?

Ele lhe entregou o cartão.

– Você que terá de me dizer.

Delia parecia ter se esquecido completamente que precisava voltar ao *Times* enquanto trabalhava estudando a tabela de decodificação. Alguns minutos mais tarde, empalideceu.

– Que foi? – questionou Carver.

– Samantha Miller Echols – disse ela, roucamente. – A mãe do Finn.

67

Carver tentou ligar para os Echols, mas o mordomo se recusou a colocá-lo na linha.

– Eu trabalho com o senhor Hawking! – exclamou ele, transtornado.

– Já recebemos dezenas de trotes sobre os assassinatos – respondeu a voz, aborrecida. – Por que os operadores não conseguem demonstrar o mínimo de bom senso em relação às ligações que passam?

A linha foi desligada do outro lado.

Na esperança de conseguir fazer Hawking telefonar, Carver ligou para Blackwell, mas seu mentor não estava lá. Será que o havia abandonado de vez? *Logo agora?* Carver caminhava furiosamente de um lado para o outro, cada vez mais agitado.

Preocupada, Delia tentou acalmá-lo.

– Pode *não* ser a senhora Echols. Você mesmo disse que a máquina podia estar quebrada.

– Claro que é ela! – retorquiu Carver. – Você não entende? Ele sabia que eu estava no Ellis. Foi pra lá que ele enviou a carta. Isso significa que ele deve saber sobre o Finn também. E, graças aos Echols, o rosto de Finn está em todos os jornais. É uma ligação à imprensa, aos ricaços, às pistas *e* a mim! Eu preciso ir até lá. Eles reconhecerão meu rosto, pelo menos.

– Então vamos – respondeu ela.

Eles saíram da Devlin's um pouco depois das cinco da tarde. As ruas estavam apinhadas na hora do *rush*; a fila de espera dos cabriolés, tão repleta quanto o tráfego de pedestres. Enquanto atravessava a Broadway, com Delia atrás dele, Carver quase a empurrou à frente de um bonde em movimento.

– Carver! – resmungou ela. – Você *precisa* se acalmar!

– Os Echols moram na esquina da Fifth com a 84ª – disse Carver. – Podemos pegar a Third Avenue, subir a Fulton Street e seguir por ela. Esse é o caminho mais rápido.

Delia avistou o Times Building.

– Espere! Posso contar pro Jerrik! *Ele* sim pode ligar pros Echols.

Carver fez que não com a cabeça.

– O Echols não gosta de *ouvir* repórteres; ele gosta é de *falar* pra eles.

– A polícia, então – falou Delia.

– Não! Eles já têm uma opinião formada sobre mim e sobre minhas

histórias graças ao senhor Hawking, lembra? – respondeu ele, antes de parar para fitá-la. – Delia, não quero perder você. Você é... a única pessoa que me resta, mas pode fazer o que achar certo. Se preferir ir falar com o Jerrik e ver o que ele pode fazer, tudo bem. Preciso encontrar o Finn.

Ela meneou a cabeça.

– Então eu vou com você.

Eles atravessaram a multidão, desviando de um lado para o outro das pessoas e correndo sempre que possível. Passaram por baixo das vigas de aço dos trilhos elevados exatamente quando uma locomotiva rotunda, seguida por seus quatro vagões de passageiros, parou logo acima deles, soltando malhas de ferrugem, como numa chuva laranja calcinada.

Ao subirem as escadas, apressados, Carver disse:

– Não temos tempo pra comprar bilhetes. Vamos ter de pular o portão. Pronta?

– Não será a primeira vez. Também sou órfã, lembra? – declarou Delia, com um curioso orgulho.

A multidão facilitou as coisas. Eles pularam para a plataforma e embarcaram no vagão mais lotado, onde não haveria espaço para um condutor se mover, que dirá verificar os bilhetes. O alto silvo e o balanço brusco do trem ao sair da estação fizeram Carver pensar num dragão negro cuspidor de fogo que havia visto num quadro certa vez, sendo morto por um tipo de santo. E o dragão o fez lembrar seu pai.

Ele foi empurrado contra um executivo que tentava ler o jornal vespertino. O vagão era um mar de jornais abertos, todos com manchetes espalhafatosas sobre Jack, o Estripador, e o cadáver encontrado no terraço do número 300 da Mulberry Street. Na última vez que estivera em um trem, as pessoas liam, mas também conversavam entre si. Agora, o único som era o chic-chic da fumaça escapando pela válvula do cilindro enquanto o pistão empurrava a maquinaria do trem.

Logo chegariam, mas como abordar Finn? Em seu último encontro, tinham se socado sem pensar no que faziam. Toda a briga parecia estúpida agora. O que importava se Finn havia roubado aquele medalhão? Afinal, *tinha devolvido*. E Carver fizera coisas piores desde então. Delia estava certa.

No entanto, ela parecia sempre ficar do lado de Finn. Ah, o que importava se ela sentia alguma coisa por ele, se o próprio coração de Carver era uma bagunça? Afinal, ele não tinha muito a oferecer, além de sua linhagem dantesca. Pela mente de Carver, passaram imagens de cadáveres, de seu pai no beco, de sua força, velocidade, e o desalento esquelético de seu próprio corpo. Ele precisava se acalmar e não perder a cabeça, ou então tudo estaria perdido.

Assim, mal se deu conta quando o trem finalmente parou na 84th Street. Delia o puxara para a plataforma, onde os passageiros se dispersavam rapidamente no desembarque, ansiosos para chegarem às suas casas.

Havia escurecido; os sobretudos se camuflavam nas sombras, e os rostos eram matizados pela luz elétrica dos postes. Delia e Carver não estavam malvestidos, porém, tampouco estavam adequados à região, repleta de lojas de roupas e chapéus sofisticados, peleiros, tabacarias, restaurantes grã-finos e casas elegantes. Nem mesmo os cavalos cheiravam mal.

Ao caminharem, suas roupas eram notáveis o bastante para chamarem atenção, não da polícia, mas de um grupo de homens de terno e gravata, que marcharam como se fossem soldados em direção a eles. Carver e Delia abaixaram os olhos e tentaram passar por eles, mas foram detidos quando o cano de um rifle foi apontado para o queixo de Carver.

Os outros formaram um semicírculo em torno dos jovens; alguns pousaram as mãos na cintura, revelando coldres de pistolas. Carver colocou a mão no bastão de atordoamento, mas havia muitos deles.

– O que vocês vieram fazer por aqui? – perguntou um rapaz, sério e carrancudo, de olhos fundos.

– Viemos visitar um amigo, mas não é da sua conta – respondeu Delia.

– Delia – acautelou Carver, sem tirar os olhos do rifle.

– A senhorita deveria ter mais cuidado por onde anda. Várias mulheres têm aparecido mortas nos últimos dias, caso não leia o jornal.

– Eu não só *leio* os jornais – começou Delia, encarando-o – como também sou filha de Jerrik Ribe, o repórter que está cobrindo os assassinatos pro *Times*.

– Ah, é? – retorquiu o rapaz.

– Vocês estão com a polícia? – questionou ela. – Se não, o que pretendem interrogando a gente?

– Polícia? – zombou ele. – Se os policiais fizessem o trabalho deles, não estaríamos na rua agora, tentando manter nossas casas seguras.

Antes que Delia dissesse mais uma coisa para irritá-los, Carver interveio:

– Eu trabalho com Albert Hawking. Ele também acha que os policiais são um bando de idiotas.

Os olhos do homem se arregalaram.

– Hawking? O detetive que Echols contratou? Que dupla famosa, então. Que sorte a minha topar com vocês. Eu sou sobrinho do Abraham Lincoln!

Os homens riram.

– Meu nome é Carver Young – apresentou-se Carver. – Olhe o jornal, se quiser. Fui eu quem encontrou Hawking no local do crime, na Leonard Street. Estamos indo pra casa do Echols, com uma mensagem dele.

O líder voltou os olhos para os demais. Um rapaz magro com um jornal sob o braço assentiu.

– Tudo bem, então. Mandem nossos cumprimentos ao senhor Echols. E tomem cuidado.

– Nós vamos tomar – respondeu Carver.

Ele segurou o braço de Delia e saiu andando, apressado.

Ela se voltou para ele, exasperada:

– Milícia nas ruas? Isso é loucura! Eles são mais perigosos que o Estripador.

– Antes fossem. Antes fossem... – disse Carver.

68

Com medo de que outro grupo ou a polícia os detivesse, Delia e Carver seguiram apressados pelas casas, uma mais suntuosa que a outra. Empregados perscrutavam por detrás das cortinas de cetim, fechando-as e escurecendo subitamente as janelas altas. Nenhum dos dois havia estado na casa de Echols antes e, por isso, passaram pela enorme mansão de mármore duas vezes, pensando que algo tão gigantesco deveria ser um museu ou galeria. Por fim, reconheceram o número e subiram os largos degraus, ajustando as roupas para parecerem mais apresentáveis.

– O que diremos? – indagou Carver. – O mordomo não acreditou em quem eu era ao telefone.

Delia tomou a dianteira.

– Deixa que eu falo. Consigo ser mais diplomática.

– Como foi com a milícia? – zombou Carver.

Ignorando-o, ela bateu a maçaneta, fazendo tocar uma leve campainha. A larga porta preta abriu uma fresta e o carrancudo mordomo os olhou de cima a baixo.

– Pois não?

Delia limpou a garganta.

– Boa noite. Somos amigos do Phineas.

– São? – perguntou ele, desconfiado. – Vocês não parecem catadores de lixo.

– E por que diabos a gente pareceria? – respondeu Delia, já parecendo irritada. – Ele está ou não?

Carver revirou os olhos.

Sem se importar com o tom, o mordomo estava prestes a mandá-los embora quando ouviu uma voz: – Delia!

O mordomo pareceu ainda querer fechar a porta, mas, com um suspiro afetado, acabou a escancarando. Um luxuoso saguão de entrada e uma enorme escadaria surgiram atrás dele. Finn estava no quinto degrau, parecendo, se é que era possível, ainda mais deslocado que Delia e Carver.

Ele desceu as escadas desajeitadamente, fazendo ecoar seus passos pesados. Ao ver Carver, parou de súbito.

– Eu não vim aqui pra brigar – apressou-se Carver, esperando que isso bastasse, mas Delia o cutucou pra que ele falasse mais. – Desculpe por... tudo

aquilo – acrescentou, de má vontade. – Viemos aqui pra conversar com você sobre um assunto importante.

– *Muito* importante – acrescentou Delia.

O olhar de Finn alternou de um para o outro, mudando de expressão dependendo de em quem recaía. Fitando Delia, fez que sim com a cabeça.

– Tudo bem. Entrem, mas não façam barulho. O senhor Echols está no escritório.

Eles entraram pelo piso ladrilhado de mármore e levantaram os olhos, embasbacados, para o candelabro de cristal dependurado no forro de pé-direito alto.

– É da Europa, ou sei lá de onde – resmungou Finn, que, depois de um olhar irritado para o mordomo, que obviamente escutava a conversa deles, apontou para um corredor à direita da escadaria. – Tem um jardim. É frio, mas dá pra conversar em particular.

– O senhor não vai querer nenhum refresco, então – escarneceu o mordomo.

– Ele não gosta de mim – declarou Finn, enquanto passavam por uma série de quadros, estatuetas e vasos delicados. Ele olhou um vaso antigo em particular, como se quisesse esmagá-lo. – Ele acha que sou um sala... sala...

– Salafrário? – arriscou Carver.

Finn olhou para ele como havia olhado para o vaso.

No centro da mansão, chegaram ao batente de uma porta dupla com aberturas envidraçadas. Finn sequer se importou em girar a maçaneta finamente ornamentada; ele simplesmente a empurrou, quase quebrando a madeira e adentrando um pátio com jardim, cujos leitos de flores e fontes permaneciam cobertos para os meses de inverno.

Delia parou ao lado da porta para fechá-la cuidadosamente.

– Você teve sorte de aquele gigante ter me afastado de você – disse Finn para Carver.

Carver se entesou.

– *Eu*...? Eu... desculpa por tudo aquilo – pediu ele, ainda sem parecer muito sincero.

Finn se deixou cair numa cadeira, parecendo aborrecido. Com o rosto e o corpo taurino meio cobertos pelas sombras, perguntou: – O que vocês querem?

– Talvez eu devesse começar – falou Delia.

Carver soltou um grunhido.

Enquanto ela falava, Carver olhou em volta. Era uma noite fria, que, no entanto, parecia mais aconchegante e calma naquele lugar protegido. Altas colunas subiam até o topo da construção de três andares, formando um retângulo no céu. As luzes das janelas ofuscavam as pequenas estrelas, mas não a lua, que

estava cheia e brilhante, semiescondida por trás de uma chaminé de formato bizarro.

Era difícil saber em que Finn pensava ao ouvir Delia. Carver achou que ele fosse ficar chateado, aflito ao ouvir sobre a ameaça, mas sua reação foi mínima. Delia, que o conhecia melhor, pausou várias vezes para perguntar: – Você acredita em nós, não acredita?

Ele assentia, entorpecido.

Será que ele sequer se importava? Carver sabia que Finn estava infeliz, mas será que odiava tanto os pais adotivos que parte dele preferia vê-los mortos?

No entanto, quando ela terminou, Finn se levantou, bloqueando a vista que Carver tinha da lua e da chaminé.

– Ela está aqui. Vou contar pra ela. Só não sei se *ela* acreditará em *mim*. Mas eles podem pensar que seria uma ótima maneira de conseguir ainda mais fotos nos jornais.

– Phineas – começou ela, antes de se recordar da promessa que tinha feito e se corrigir: – Finn, você quer que a gente vá com você?

– Não – respondeu ele, olhando para Carver. – Vocês deviam ir embora.

Eles se postaram, constrangidos.

– Talvez possamos ajudar – disse Carver. – Eles sabem que sou o pupilo do Hawking.

– Não! – vociferou Finn, mas ele não parecia nervoso; parecia... envergonhado.

Pela primeira vez, Carver percebeu como os Echols faziam o brutamontes se sentir estúpido. Depois de anos sendo o maioral no Ellis, ele não gostava de parecer frágil. Carver se sentia igual perto de Hawking, ainda mais ultimamente. Será que eles eram tão diferentes assim?

– Finn, escute. No escritório do advogado, você estava tentando ajudar. Eu estava... sendo idiota.

– Não seria a primeira vez – retrucou Finn.

Carver suspirou.

– Estou tentando dizer que sinto muito, mesmo. Desculpe por ter irritado você e ter batido em você. Estou tentando dizer que sei mais ou menos como você se sente. Além do meu pai, também tenho meus problemas com o senhor Hawking.

Finn reconheceu a oferta de paz, mas não soube o que fazer com ela.

– Eu não roubei o medalhão.

Carver lutou contra a vontade de revirar os olhos. Temendo dizer algo que os fizesse voltar a brigar, ele levantou os olhos, pousando-os sobre a estranha chaminé. Ela não era apenas um pouco esquisita... suas bordas adejavam ao

vento, como se não fosse chaminé coisa nenhuma.

Então, ela desapareceu.

69

– O Estripador! – exclamou Carver, apontando. – Ele está no telhado!

Ele correu para as portas janeladas. Seu pai estava assistindo o tempo todo, ouvindo, esperando ser visto.

– Cadê sua mãe? – perguntou Delia a Finn, com a voz cheia de pânico.

– Ela não é minha... Lá em cima, no quarto dela.

Finn parecia surpreso pela comoção súbita, como se ainda não tivesse se dado conta do perigo. Antigamente, Carver caçoava do raciocínio lento do valentão, mas, agora, tinha pena dele. O que quer que os três fizessem nos próximos minutos poderia mudar a vida deles para sempre.

Com a mão na maçaneta dourada, Carver notou que ele próprio não estava pensando rápido o bastante. Voltou-se para Finn e perguntou: – Qual é o caminho mais rápido?

– Por aí não – respondeu ele.

Captando a urgência na voz deles, correu, não para uma porta ou janela, mas para uma das colunas de pedra de dez metros.

– Quê...? – disse Carver.

A menos de um metro, Finn saltou, envolvendo os braços e as pernas em torno do cilindro gélido. Sem pensar, começou a escalar em direção ao topo.

– Finn, não! – advertiu Carver. – Não sozinho!

– Já fiz isso mil vezes – gritou Finn.

Ele já estava a três metros acima e subia cada vez mais.

No entanto, Carver não estava com medo que ele caísse. Finn era forte, mas o Estripador era sobre-humano. Ele não teria a mínima chance.

Carver correu para a coluna mais próxima. Jogou o peito contra a superfície fria e se impulsionou com os pés. Ele era muito menos veloz que Finn, mas estava subindo.

Ao fundo, ouviu o grito desamparado de Delia:

– Eu não consigo subir nisso!

– Vá buscar ajuda – gritou Carver, pensando que ela, pelo menos, poderia fazer algo inteligente.

Por não a ouvir mais, supôs que ela estivesse fazendo o que ele sugeriu. Suas atenções, agora, estavam voltadas à escalada e a vigiar Finn. Quando Carver chegou ao meio da coluna, Finn já se encontrava na calha, trepando com dificuldades para a beirada. Ele atravessou o telhado angulado de dois metros de

terracota como uma aranha ruiva gigante e logo desapareceu no centro plano.

Carver levaria menos de um minuto para chegar ao topo, mas quanto tempo alguém leva para ser assassinado?

Suas mãos alcançaram a calha, porém, quando tomou impulso, ela quase se rompeu. Ele estendeu o braço para encontrar um ponto mais firme em que se segurar, então encontrou um e tomou impulso para as telhas finas. De algum lugar acima dele, ouviu um ruído abafado e um gemido.

Ele queria levantar os olhos para ver, mas precisava manter a cabeça baixa, para não descer rolando pelo telhado. O mais rápido que pôde, agarrou-se com as mãos e os pés, fazendo estalar as telhas de cerâmica, até se alçar ao nível plano e negro como piche.

Com esforço, levantou-se, sacou o bastão de atordoamento e pressionou o botão.

Schick!

O zumbido do peso vibratório em suas mãos teria lhe dado confiança caso enfrentasse qualquer outra pessoa. No entanto, pela exaustão e pelo medo, Carver estava tão sem fôlego que se sentiu zonzo. Olhou ao redor. Sem as luzes das janelas, as estrelas brilhavam e a lua reluzia. Tudo mais eram trevas.

– Carver – gemeu Finn de algum canto.

Segurando a ponta de cobre estrepitante à sua frente, perscrutou por entre as silhuetas.

– Finn, você está bem? Ele cortou você?

– Não – disse Finn, fraco. – Mas acho que ele quebrou meu braço. Não consigo... não consigo mexer. Está doendo...

– Onde ele está? – perguntou Carver.

Ouvindo passos sobre a manta asfáltica, ele ziguezagueou o bastão de um lado para o outro.

– Finn – repetiu ele –, *onde ele está?*

Dois volumosos retângulos estavam a uns quatro metros dele, um de cada lado do terraço plano. Sua alvenaria refletindo a luz da lua lhe garantiu que, definitivamente, eram chaminés.

Uma sombra recurvada se moveu atrás de uma delas.

Antes que Carver pudesse reagir, o assassino surgiu à sua frente. Um único salto levou seu corpo excelso a um passo do garoto caído. Ele fitou Carver.

“Meu pai.”

Alto e rijo, envolvido por uma capa preta, com uma cartola na cabeça. Como um mágico que realizasse um truque, tirou do bolso uma longa e afiada faca de talho, que zuniu como uma espada sacada da bainha e, então, pareceu flutuar no ar: a única coisa brilhante num mundo cinza de trevas.

Então, ele girou no ar e avançou contra Finn.

– Não! – gritou Carver.

Carver avançou correndo, atingindo o ombro do assassino.

Kzt!

O assassino soltou um uivo estranho. Carver esperava que ele caísse, mas ele não cedeu. Em vez disso, com um murro, fez o bastão de atordoamento voar para longe das mãos de Carver, desarmando-o. Sabendo, porém, que, se desistisse agora, Finn estaria morto, Carver avançou, jogando o peso de seu corpo contra o ombro do assassino. No entanto, por mais que Carver fizesse, seu pai parecia ser feito de pedra. Com um leve grunhido, o assassino envolveu o peito de Carver com o braço esquerdo e o jogou para longe.

O ombro direito de Carver sentiu o peso da queda, caindo sobre um tijolo solto da chaminé com um estalido abafado. Uma mão bruta o virou de barriga para cima, fazendo-o sentir ondas de agonia pelo corpo.

O vulto se assombrou acima dele. Pela primeira vez, Carver pôde ver claramente seu rosto, tão famígero, voraz e fervoroso. Nenhum pesadelo lhe faria jus. Ele era alto e forte, quase como ele imaginava Sherlock Holmes, só que mais jovem, com um cabelo grosso e ondulado e um sorriso discreto mas demoníaco. Seus olhos eram grandes bolas infladas de uma espécie de fúria dissoluta. Não bastasse o terror, Carver notou algo estranhamente familiar em seu semblante, algo que não podia – ou não queria – identificar, talvez porque o fizesse lembrar de si próprio.

Finn gemeu, plangentemente.

– Corra! – gritou Carver. – Dê o fora daqui!

O Estripador meneou a cabeça lentamente e disse: – Não.

Carver sabia o que ele queria dizer. Finn não correria. Não mais.

Alteando sua lâmina, o assassino se voltou ao vulto indefeso do rapaz, que, muitíssimo tempo antes, era quem Carver mais temia no mundo.

Sem tempo para buscar o bastão nas sombras, agarrou com a mão esquerda o tijolo sobre o qual havia caído. Com um longo e estridente grito, como se ele próprio também fosse uma besta-fera, levantou-se e cravou o tijolo com toda a força contra a cabeça do pai.

POF!

– Aghhhh!

O Estripador continuou em pé. Seu sorriso cedeu lugar à fúria; ele cambaleou para trás, ferido. Uma grossa gota luzidia escorreu por seus cabelos negros.

– O que vai fazer agora? – inquiriu Carver. – Matar seu próprio filho?

Carver nunca viria a saber. Do chão, Finn lançou um forte chute contra o

joelho direito do Estripador. Carver jurou ter ouvido um osso se quebrar, embora pudesse ser o som da lâmina caindo sobre o telhado.

Pulando sobre a outra perna, o Estripador apanhou a arma novamente. A essa altura, Finn já estava em pé, recuando um passo, mas cerrando os punhos, pronto para lutar.

O vulto olhou de um rapaz para o outro. Avançou, como se estivesse testando a distância. Porém, quando sua perna quase vacilou, virou-se e pareceu saltar do telhado.

Carver e Finn trocaram olhares por um instante. Então, correram para a beira do terraço, a tempo de ver o Estripador subir o muro externo. Ele tinha levado um choque e sido ferido duas vezes, mas ainda escalava com o dobro da velocidade de Finn, chegando a saltar os últimos metros, correr rua abaixo e se perder entre as sombras.

Quando estavam certos de que ele havia ido embora, quando o único som que ouviam era o de suas respirações ofegantes, Finn se voltou para Carver e disse: – Você salvou a minha vida.

– E você, a minha.

70

Ao ouvir a história, a senhora Echols parecia ter bebido demais, em vez de ter ficado cara a cara com a morte. O senhor Echols queria contatar a imprensa antes da polícia, mas, depois que Carver observou o quanto isso *pareceria* feio, mandou seu mordomo ligar para Mulberry Street. Ninguém expressou o mínimo de gratidão ao trio.

Em vez de Emeril, apenas um detetive foi enviado, um gorducho de olhos verdes acinzentados que pareciam apáticos, fosse por sono ou excesso de bebida. Enquanto ele e vários outros policiais entravam, o senhor Echols fez questão de insistir que houvesse um interrogatório o mais rápido possível. Delia pensou que ele estava sendo gentil, até que Finn lhe explicou que ele só queria desobstruir a casa para os fotógrafos. Carver estava contente só por ter encontrado o bastão de atordoamento.

Pelo tom e pelo teor das perguntas do detetive, Carver percebeu o dano que Hawking causara ao mudar a combinação secreta da agência. Claramente, o detetive pensava que aquilo também era algum tipo de blefe. Delia sequer foi questionada. Em vez disso, coube a ela apenas telefonar a seus pais em meio ao labirinto de linhas telefônicas ocupadas, algo a que só obteve permissão após contar a Echols que eles trabalhavam para o *Times*.

Em menos de uma hora, o detetive fechou o bloco de anotações.

– Já acabou? – perguntou Carver.

O detetive arqueou a sobrancelha fina.

– Os repórteres ficarão felizes em conversar com vocês. Era isso que vocês queriam, não era?

– Não! Aconteceu de verdade! – contestou Finn.

– Eu não disse que não aconteceu, mas estava escuro, não estava? Podia ser qualquer um, certo? Mas ele foi embora, não foi? Tenho outro chamado e o dono da casa quer que eu vá embora logo, então...

Ele se dirigiu até a porta.

Na sequência, com o ombro de Carver ainda dolorido e o braço de Finn possivelmente quebrado, posaram para os fotógrafos que o senhor Echols tinha conseguido chamar. Para a tristeza de Delia, o *Times* não estava presente. Ela não havia conseguido falar com os Ribes, e o editor de expediente provavelmente concluiu, assim como a polícia, que se tratava de mais um dos muitos blefes que estavam seguindo.

Depois que a imprensa foi embora, os Echols desapareceram. Carver, exausto e se sentindo muito mais velho, e Finn, acabrunhado, logo se encontravam em um grande salão, deitados em *chaises longues* cor-de-rosa, onde, por fim, tiveram seus ferimentos tratados por um médico. Como não encontrou nada quebrado, ele prescreveu um antibiótico e deixou os rapazes sozinhos.

Após um longo silêncio, Finn questionou:

– O que era aquela coisa com que você bateu nele?

Carver tirou o bastão do bolso e o levantou.

– É um bastão de atordoamento. Tem um tipo de bateria nele.

– Onde você conseguiu?

– Eu... roubei.

Finn pareceu surpreso por um instante e, então, começou a rir. Carver riu junto.

Quando pararam, o rosto de Finn ficou sério.

– Eu realmente não roubei aquele medalhão.

– Não importa.

– Foi o Buldogue.

Carver o fitou.

– Você estava dando cobertura pro Buldogue?

Finn encolheu os ombros.

– Ele vivia roubando coisas, principalmente de lojas. Parecia que não conseguia evitar. Quando eu soube que o medalhão da Madeline tinha desaparecido, sabia que ele tinha alguma coisa a ver com aquilo. O único jeito de fazê-lo devolver era prometer que eu devolveria no lugar dele.

– Finn – disse Carver, surpreso –, isso foi... nobre. Eu sempre achei...

– Eu sei o que você sempre achou. Você não consegue guardar suas opiniões pra si. Apesar de eu não ligar pra isso, você tem uma língua mais afiada que uma *faca* e nem se dá conta disso.

– Buldogue. O Buldogue é um ladrão.

– Não mais. Na semana passada, enquanto eu estava preso aqui, ele roubou a carteira do homem errado, levou um soco no queixo e foi parar na cadeia. O senhor e a senhora Echols não ajudarão. Nem me deixam visitar o moleque.

– Sinto muito.

Finn encolheu os ombros.

– Eu mal via o Buldogue nos últimos tempos. Eles não me deixam trazer os meninos pra cá. Não tenho mais muitos amigos. Não desde o Ellis.

Ele arriscou um olhar para Carver, que se mostrou estoico: – Eu também não.

Uma risada feminina os fez se voltarem para a porta, onde estava Delia. Ela tinha chorado havia pouco, estava com o rosto marcado por lágrimas secas, mas, agora, cobria a boca para não gargalhar.

– Desculpe. Eu sei que isso é sério – disse ela, tentando se conter. – Tomara que vocês não estejam muito machucados... é que... vocês dois... nessas cadeiras *rosas*...

Carver levantou uma xícara de chá vazia, também rosa, e fingiu beber um gole, com o dedo mindinho arqueado.

– Um ou dois torrões de açúcar? – caçoou Finn, levantando o açucareiro.

– Nenhum, obrigado!

Delia soltou uma longa gargalhada, até que uma voz grossa do lado de fora a fez parar para ouvir. As portas, abertas desde que ela entrou, davam-lhes uma boa visão do saguão de entrada, onde Echols, visivelmente agitado, vociferava ordens a um criado que não conseguiam ver.

– Em nenhuma circunstância permitirei que Roosevelt entre em minha propriedade! Pouco me importa se ele tem um mandado de prisão – gritou Echols.

– Senhor – respondeu uma voz mais fraca –, ele só quer...

– Chega! Ele só quer o nome dele perto do meu no jornal. Onde está o Hawking?

– Ainda sem atender ao telefone.

Echols começou a puxar os cabelos.

– Pra que eu estou pagando aquele corcunda? Ele deveria estar aqui, pra falar com os repórteres. Você viu como eles pensaram que estávamos inventando tudo? Aqueles policiais estavam conversando quando saíram correndo. Eu vi você ouvindo. O que eles disseram?

Quando o empregado começou a sussurrar, os três órfãos levantaram a cabeça para ouvir.

– Outro corpo foi encontrado.

Os olhos de Echols se arregalaram, eufóricos.

– Por que você não disse de uma vez? Mande a imprensa voltar! Preciso preparar um discurso e...

– Senhor, a vítima foi Amelia Edwin. Ela foi... assassinada cruelmente, como as outras.

O comportamento de Echols mudou subitamente. Ele se enrijeceu e então procurou algo em que se apoiar.

– Nós jogamos bridge com os Edwins... Vi Millie ontem mesmo...

Ao ver as portas abertas, Echols, visivelmente pálido, fechou-as. As últimas palavras que ouviram foram: – Eu... não quero que Samantha saiba ainda. Minha

mulher... ela *poderia* ter sido morta?

A notícia sugou toda a alegria do trio.

Carver foi o primeiro a falar:

– Ele encontrou outro “E”. Amelia Edwin provavelmente tem alguma conexão com Miller’s Court também.

– Já sei qual é – declarou Delia. – O senhor Echols a chamou de “Millie”. É um pouco diferente, mas ele possivelmente teve de improvisar, depois que vocês o afugentaram.

– Mas agora acabou, não é? – questionou Finn. – Ele terminou. Vocês disseram que as vítimas originais do Estripador eram cinco, certo? Amelia Edwin foi a quinta.

– Você está esquecendo de uma coisa – sussurrou Delia. – De uma coisa muito importante.

– O quê?

– Ele está formando a palavra “RIPPER”. E ainda precisa de um “R”.

71

O antipático mordomo, que tinha tentado mandá-los embora, informou Delia e Carver que passariam a noite ali, na casa.

– Caso a imprensa volte.

Carver foi levado a um quarto do tamanho de uma sala de aula do Ellis, em que havia uma cama de dossel e uma pequena lareira. Ele queria ficar acordado para colocar em ordem os pormenores da noite, mas, após uns pensamentos nebulosos sobre a última carta do Estripador, e antes que se desse conta, a luz do sol acalentava seu rosto. Ao bocejar, sentiu o cheiro de torradas e ovos. Uma bandeja prateada de café da manhã havia sido colocada sobre a mesa.

Ele levantou da cama, mas, ao tentar se espreguiçar, uma dor aguda no ombro o fez lembrar de seu pior ferimento, o que, porém, não o impediu de comer vorazmente. Os Echols podiam não ser muito gentis, mas a comida deles era ótima.

Enquanto comia, ouviu uma batida na porta.

– Entre – disse ele.

Era o mordomo, segurando uma bandeja. Carver torceu para que fosse mais comida, mas era um telefone.

– É bom vê-lo acordado, jovem – disse o mordomo. – Seus amigos estão tomando café em seus quartos. Suas roupas estão sendo lavadas, mas deixei algumas coisas de Phineas no guarda-roupa, as menores que pude encontrar. No momento, porém, o dono da casa tem um pedido.

Carver deu de ombros.

– O senhor Echols? O que é?

– Ele está tendo dificuldades pra entrar em contato com seu... com o senhor Hawking – disse ele, antes de se aproximar, pousar a bandeja sobre uma mesa de canto e conectar o fio a uma tomada na parede. – E gostaria que você o informasse que deve falar com o senhor Echols imediatamente.

– Farei o possível – afirmou Carver.

Ele também tinha algumas coisinhas a dizer para Hawking.

O mordomo deu meia-volta e saiu. Carver pegou o fone e pediu para falar com o Hospício Blackwell. Passados alguns instantes, uma voz desconhecida de mulher atendeu.

– Alô?

– Aqui é Carver Young. Poderia chamar o senhor Hawking, por favor?

Houve uma pausa antes da resposta.

– Carver Young?

– Sim. Quem fala, por favor?

– Meu nome é Thomasine Bond – disse ela, com um sotaque britânico. – É o meu primeiro dia. O senhor Hawking não está, mas ele deixou uma mensagem pra você. Desculpe, mas, primeiro, ele pediu que me *certificasse* que é mesmo você. É só uma pergunta que ele datilografou. Um instante... Quem é... não, espere, desculpe-me, as letras estão borradas; quem *deveria* ser o seu detetive favorito?

Carver sorriu. Talvez seu mentor não o tivesse desertado por completo.

– Auguste Dupin. Qual é a mensagem?

– “Agora é por sua conta”.

O queixo de Carver caiu.

– É isso?

Então, o homem que tinha começado a considerar como pai realmente pretendia abandonar a cidade ameaçada para que seu pupilo solucionasse o caso. Ele fora abandonado de novo. Carver desligou o telefone, rangeu os dentes e pensou em pedir a Finn para lhe ensinar alguns palavrões novos. Abriu o guarda-roupa e encontrou uma camisa e uma calça de alfaiataria, ambas tão desproporcionais que ele teve de dobrar as bainhas para não tropeçar.

Levou quinze minutos para encontrar o gabinete, onde Finn, vestido num terno que lhe fazia parecer um executivo júnior, caminhava de um lado para o outro. Delia, num gigantesco vestido, obviamente emprestado da senhora Echols, estava sentada à mesa, lendo os jornais matinais.

– Você está tão ridículo quanto acha que está – caçoou Finn, amigável.

Delia levantou a cabeça.

– Não é nenhuma novidade.

– Os Ribes sabem que estamos aqui?

– Sim – afirmou ela, com um tom de satisfação na voz. – Eles ainda acham que você e os Echols não são de confiança, mas acreditam que aqui é mais seguro que em qualquer outro lugar *e* querem que eu fique de olho em qualquer coisa que valha a pena virar notícia. Delia Stephens Ribe, repórter criminal. Eu gosto como isso...

Sua expressão ficou aflita.

– Que foi? – perguntou Carver.

– *Ribe*. Eu sei que eles não são ricos, mas começa com “R”. Se ele veio atrás da mãe do Finn porque ela está conectada a você, por que não iria atrás da minha?

Ela se levantou, sobressaltada.

– Calma, Delia – falou Carver. – Ligue, mas eu não acho que eles corram perigo. Como você mesma disse, eles não são ricos e todas as outras eram. Nós não estamos falando de mulheres bem de vida, mas de milionárias – disse ele, acenando para o salão enorme. – Como isto aqui. Estava pensando na última carta dele, onde ele diz que está perto de "você" e do "fim". O fim é o fim do nome dele, certo? Também parece que o plano dele é chegar perto do "Chefe". Quem quer que seja, não creio que seja um repórter.

Depois de logo relaxar, Delia disse: – Existe outro "R" óbvio que se encaixa na descrição.

– Qual? – perguntou Finn.

Mas Carver sacou instantaneamente em quem Delia pensava.

– E ele *é* um chefe – comentou Carver, tétrico. – O maior de todos os chefes nisso tudo. Ele é rico, influente e também é um caçador. O homem que ele vem provocando e *insultando*, deixando os corpos tão fáceis de serem encontrados.

– Quem? – voltou a perguntar Finn.

– Como podemos avisá-lo? – questionou Delia. – Ele é a última pessoa no mundo que acreditaria em nós!

– Avisar *quem*? – gritou Finn.

– Roosevelt – disse Carver.

– Mas ele só mata mulheres – discordou Finn. – Vocês acham que ele vai atrás da mulher dele?

– Da segunda esposa, Edith – respondeu Delia. – Deve haver uma conexão entre ela e as vítimas de Whitechapel.

A ideia súbita atingiu Carver com tanta força que ele se levantou num salto, quase tropeçando nas roupas desmedidas.

– Não! Finn teve a ideia certa. Ele estava correndo atrás das cinco vítimas mais famosas de Whitechapel, mas existiram outras depois de Mary Kelly, lembra? Uma delas era *Alice* McKenzie. Alice é o nome da primeira mulher de Roosevelt – disse Carver. Sua intuição lhe dizia, com firmeza, que ele desvendara a última pista. – Ela morreu. Mas a filha de Roosevelt, Alice Lee, está vivíssima. Ao menos por enquanto.

72

Sabendo que a polícia ia rir e desligar na cara deles antes de ouvir as complexas pistas, Delia tentou ligar para Jerrik Ribe. Só depois de gritar e quase começar a chorar que o apoquentado operador do *New York Times* passou a ligação para o pai adotivo dela.

– É *claro* que tenho certeza; eu não faria ninguém perder tempo sem... mas você vê, não vê? Eu já expliquei sobre a lista dos nomes das vítimas. Esquece o Carver e escute! É tão óbvio! Se você pudesse fazer *alguém* dar ouvidos... Mas... Está tudo bem aqui. Eu quero ficar.

Por fim, desligou o telefone.

– Ele acreditou em mim, mas, desde que o *Times* publicou aquela carta, eles viraram *persona non grata* pro comissário. Ele tentará falar com o comissário, mas acha que os argumentos serão ignorados. Haverá uma festa esta noite no City Hall. O senhor Overton e Roosevelt estarão presentes; Alice também. Jerrik pedirá pra falar pessoalmente com o comissário.

– Como eles podem dar uma festa com tudo isso acontecendo? – perguntou Carver.

Delia deu de ombros.

– As pessoas se sentem mais seguras em grupo? A vida continua?

– Os Echols estarão nesse baile – contou Finn.

Carver olhou para ele.

– Então... talvez... o senhor Echols pudesse avisar Roosevelt?

– O Echols sequer deixa Roosevelt entrar na casa dele – contestou Delia. – Além disso, a polícia acha que o ataque aqui foi uma balela publicitária.

– Exatamente – concordou Carver. – Roosevelt pensa que Echols é louco por publicidade. Mas, se ele o advertisse em particular e prometesse *não* falar com a imprensa...

– Por que ele prometeria isso? – questionou Finn.

– Porque é a coisa certa a fazer? – arriscou Delia.

Finn bufou.

– Será que não vale a pena tentar? – estimulou Carver. – Não acho que custaria muito. Se houver a *mínima* chance de a família dele ser ferida, acredito que Roosevelt a protegeria. Você pode pelo menos tentar, Finn?

Finn aceitou:

– Não será a primeira vez que dou murro em ponta de faca.

Sabendo que Finn não era exatamente respeitado na casa, ensaiaram o que ele diria até que ele soubesse de cor. Nesse ínterim, suas roupas foram devolvidas, e os jovens fizeram uma pausa para se trocar.

O mordomo olhou desconfiado quando questionado, mas lhes informou que o senhor Echols estava no escritório. Na porta, Finn empalideceu. Carver ficou surpreso por como ele tinha se tornado tímido. Delia esfregou suas costas largas enquanto Carver rangia os dentes ao ver a cena e se esforçava para dizer frases encorajadoras.

Finn bateu, mas não obteve resposta. Carver acenou para que abrisse a porta. Quando Finn se recusou, Carver mesmo virou a maçaneta e empurrou, escancarando a porta.

Por trás de uma gigantesca escrivaninha coberta de telefones, Echols, sempre frágil, parecia uma criança adoentada. Com o rosto pálido, levantou os olhos lentamente para eles. Ele parecia enfermo ou recém-saído de um sonho.

– Phineas – disse ele.

– Preciso pedir uma coisa importante – começou Finn, mas Echols mal pareceu ter notado a presença deles.

– Eu tinha certeza que vocês estavam mentindo – disse Echols, devagar. – Achei que Hawking tinha colocado o pupilo dele nessa pra me assustar e me fazer pagar mais. Pensei que você estava nessa também, afinal, vieram do mesmo orfanato. Mas eu entrei na onda pela imprensa. Então, Millie... foi morta... estripada a meia dúzia de quarteirões daqui. Edwin, com a mesma inicial, exatamente como você contou pra polícia. Samantha, sua mãe, poderia ter *morrido*.

Trêmulo, Echols se levantou e abraçou Finn com força, deixando-o desnorteadíssimo.

– Você *salvou* a vida dela.

Esquecendo-se de seu discurso preparado, tudo o que Finn conseguiu fazer foi recuar do abraço e, extremamente sem jeito, dar um tapinha no ombro do pai adotivo.

– Hum... valeu.

Carver estava prestes a trazer o assunto da festa à baila quando Echols acenou para os telefones.

– Tentei ligar pro Roosevelt, pra fazê-lo acreditar que o Estripador esteve aqui, mas eles não atendem às minhas ligações. A polícia acha que sou um mentiroso e parece que eu estava falando a verdade.

Echols não conseguiria ajudá-los a convencer ninguém. Hawking estava certo. Eles estavam sozinhos nessa.

73

Às seis da tarde, era impossível chegar à entrada do City Hall. Multidões de pessoas no parque e na calçada se espalhavam pela rua. Cabriolés e carruagens particulares faziam fila, bloqueando a Broadway. A aglomeração das classes altas tinha atraído todo o medo da cidade, reunindo as pessoas da rua, as quais acreditavam que, de alguma forma, poderiam participar da grande multidão, observando-a pelas janelas. A única vantagem de estar preso entre tanta gente era que eles estavam protegidos do vento e da garoa gélida.

Finn havia assumido a liderança, empurrando as pessoas de cabeça abaixada, tal o touro como Carver sempre o imaginou. Delia segurava o casaco de Finn com uma mão e o braço de Carver com a outra. Uma onda na multidão, provocada pela chegada da carruagem do prefeito, jogou o trio contra as barricadas de madeira que cercavam a entrada. Carver sentiu as costas serem esmagadas contra a madeira e a distensão em seu ombro pulsar.

– Por baixo! – gritou Delia, desaparecendo sob os casacos sem rosto.

Carver se ajoelhou. As pessoas avançaram apressadas para o aparente vão, forçando-o a passar de lado sob a barricada. Delia e Finn o aguardavam. Separados da multidão, ficaram de quatro e engatinharam até os fundos do prédio, onde o mármore elegante dava lugar a um arenito mais rústico.

Uma árvore solitária crescia à frente das janelas do primeiro andar. Aos pés dela, levantaram-se para recuperar o fôlego.

– É impossível – disse Delia. – A polícia está aqui atrás também. Não tem como chegarmos até a porta.

– Mas, se não conseguirmos entrar, o Estripador também não conseguirá, certo? – perguntou Finn.

Carver sacudiu a cabeça.

– Se o plano dele for atacar hoje, ele já deve estar lá dentro.

Finn levantou os olhos para a janela mais próxima. Cortinas repartidas revelavam um amplo escritório repleto de armários.

– Aquela sala está vazia. Por que não subimos pra lá?

Delia fez que não.

– A ideia é boa, mas com certeza deve estar trancada.

– E daí? – disse Finn.

– Você também sabe abrir fechaduras agora? – perguntou Carver.

– Não precisa.

Ele subiu com dificuldades, jogou o peso do corpo contra o arenito e empurrou o caixilho. Após um rápido e alto estalido metálico, a janela se abriu.

– Mais fácil que aquela porta do jornal – disse Finn, entrando pela janela. – Dois a um, Carver.

– Mas... não importa.

Com a ajuda de Carver, Delia foi a próxima a subir. Esforçando-se para se segurar ao peitoril, ele escalou na sequência, incomodado ao ver Delia ajustando delicadamente a gravata de Finn e endireitando o terno dele.

Ao notar Carver observando, Delia falou:

– É uma festa. Temos de parecer apresentáveis. Sua vez.

Mas, ao se aproximar, ela franziu a sobrancelha.

– É mais fácil com roupas de alfaiataria – disse ela, puxando o terno dele com força. – Isso não estava limpo até agora há pouco?

– Eu estava rastejando! – defendeu-se ele.

Ela arrancou o chapéu de caça da cabeça de Carver e o enfiou no bolso dele, esfregou seus ombros e passou os dedos pelo cabelo dele. Essa parte foi a mais agradável.

Ela se endireitou e deu um passo para trás.

– Minha vez. Como estou?

Ele se aproximou e removeu um único fio de cabelo preto caindo sobre a bochecha dela.

– Perfeita.

Ela pareceu envergonhada.

– Tomara que esteja certo. É melhor irmos andando.

Eles seguiram para o salão em direção à festa. A rotunda do pavilhão central era um lugar deslumbrante, com uma grandiosa escadaria de mármore que levava ao segundo andar, onde dez colunas sustentavam a abóbada, que lembrou a Carver o Octógono, só que vinte vezes maior.

A multidão era igualmente gigantesca. As mulheres usavam chapéus excêntricos, joias caras e vestidos ondeantes. Os homens, vestidos em variações muito menos pitorescas de marrom e preto, pareciam ter como profissão manter as roupas alinhadas. Carver teve de se perguntar se os endinheirados sequer *possuíam* alguma roupa simples.

Até Roosevelt estava todo emperiquitado, ostentando uma bengala de cabeça dourada, costeletas recém-aparadas, uma cartola alta e um elegante par de calças, que rutilavam sobre os sapatos. Perto do centro do saguão, cercado por um grande grupo, sua voz retumbante, como de praxe, era facilmente ouvida.

– Quando eu era xerife, trabalhei certa vez com um rapaz de Dakota que era membro da força policial de Bismarck. Quando perguntei por que ele saiu,

explicou que tinha atirado na cabeça do prefeito com uma pistola. O prefeito o perdoou, mas o chefe de polícia insistiu que fosse demitido. Em resumo, isso é politicagem.

Não havia poucos detetives de Roosevelt, os quais eram fáceis de identificar, por seus ternos e chapéus-cocos mais baratos. Carver chegou a reconhecer alguns rostos da Nova Pinkerton.

– Vamos nos separar – instruiu Carver. – Se pegarem um de nós, os outros podem continuar tentando.

– O que digo pro Roosevelt? – indagou Finn, preocupado.

– Esqueça Roosevelt – disse Carver. – Tente encontrar a Alice.

– Isso é fácil – afirmou Delia. – Olhem só o vestido dela!

Carver voltou os olhos para onde Delia apontava. De fato, ao lado do grande piano, estava a garota que ele tinha conhecido na casa dos Ribes. Seus cabelos pretos se encontravam inusitadamente encaracolados, sob um arco que combinava com seu ondeante vestido branco e amarelo.

– Uau! – exclamou Carver. – Ela está tão... adulta.

O olhar de Delia endureceu:

– Mas *não é* – censurou ela.

Carver Young, detetive júnior, sequer notou o tom acusatório na voz dela.

74

Alice Roosevelt exibia um olhar travesso enquanto sussurrava, eufórica, ao ouvido do pianista. Ele protestou, mas ela pareceu ganhar, pois não demorou para que uma nova música preenchesse o salão. Era uma canção popular entre as classes média e baixa, mas extremamente inapropriada para a multidão milionária. Com uma expressão um tanto inquieta, o pianista começou a cantar:

Sweet Lorraine gets right inside your mind.
Sweet Lorraine puts you down and leaves you behind.

Alice observou a multidão, divertindo-se com as reações de surpresa. O olhar dela encontrou o de Carver. Ela sorriu e acenou para que ele fosse até ela.

– Vou sozinho – advertiu Carver aos demais.

– E o que vamos fazer? – perguntou Delia. – Ficar olhando?

Enquanto ele se aproximava, Alice dançava ao som da música.

Carver precisava falar rápido. Enquanto ele tentava permanecer oculto, o objetivo dela era chamar a atenção. Seu pai, em particular, olhava-a de tempos em tempos.

– Sabia que as garotas sempre se apaixonam por ladrões e mentirosos? – declarou ela, sorridente.

O comentário deteve Carver.

– Mas eu não sou nem um nem outro.

– Que pena – disse ela, antes de lhe dar um tapinha no braço ao vê-lo atônito. – Não fique tão sério! Só estou treinando meus flertes. Terei de começar algum dia, sabe, e você parece uma pessoa legal e confiável, apesar de tudo o que ouvi por aí.

– Claro... eu... sabia... mas, Alice... eu preciso contar uma coisa pra você... – gaguejou ele, aproximando-se para murmurar: – Tenho motivos pra crer que você esteja correndo grande perigo.

– Perigo de quê? – perguntou ela, ainda sorridente. – Morrer de tédio? É uma consequência do dinheiro, presumo...

– Não. O assassino... é uma longa história... eu...

Ela se enrijeceu. Seus olhos vívidos revelaram uma faísca sagaz que fez Carver se lembrar do pai dela.

– Isso tem alguma coisa a ver com aquele seu devaneio sobre uma agência

de detetives secreta?

Antes que ele pudesse explicar, uma mulher baixa, com um sorriso nervoso, fez sinal para que o pianista parasse. Esquecendo-se de Carver, Alice se voltou para ela.

– Com licença, *eu* pedi aquela música!

– E seu *pai* pediu pra pará-la – respondeu a mulher. – Ele também me pediu pra que eu levasse você ao bufê, pra comer alguma coisa.

O comissário estava bem ao lado do bufê. Carver não teria a chance de começar, que dirá terminar a história.

Alice apontou para Carver.

– Mas este jovem cavalheiro estava prestes a me contar algo fascinante.

A mulher a afastou dele.

– Jovens damas sempre acham que jovens cavalheiros têm coisas fascinantes a dizer.

Alice abriu um largo sorriso ao falar alto enquanto a mulher a afastava dele.

– Talvez possamos nos encontrar novamente? Digamos, daqui a uns quatro anos?

Carver pestanejou. As pessoas começaram a olhar para ele. Ele recuou, tentando se esconder. Havia acabado de chegar a uma das colunas quando uma mão segurou seu ombro.

– Não diga nada – entoou uma voz familiar.

Carver se virou.

– Emeril!

– Shhh! Fique de costas pra mim e eu farei o mesmo.

Carver fez como ele pediu, prostrando-se atrás da coluna.

– Vamos fazer isso rápido – murmurou Emeril. – Hawking deixou um bilhete datilografado sob o capacho do meu apartamento hoje de manhã, dizendo que você estaria aqui, mas não mencionou o porquê.

– Então, ele está falando mais com você do que comigo – ironizou Carver. – Honestamente, acho que ele enlouqueceu.

Sussurrando, Carver explicou o que tinha acontecido e por que fora ao baile.

A princípio, Emeril observou a multidão discretamente. Ao longo da história de Carver, foi ficando tão surpreso que desistiu de ocultar a conversa deles.

Emeril fitou Carver com uma expressão grave.

– Os detetives chefes analisaram as iniciais, claro, mas não acredito que tenham imaginado as pistas nos nomes das vítimas! Um jogo dentro do jogo. Isso mostra por que a Nova Pinkerton era necessária. Siga-me, rápido.

Sentindo que poderia finalmente chegar a algum lugar, Carver seguiu Emeril pelas escadas sinuosas. No caminho, buscou com os olhos Delia e Finn na multidão, mas não conseguiu encontrá-los. No segundo andar, o jovem detetive abriu uma porta que dava para a primeira sala e fez um sinal para que Carver entrasse, dizendo apenas: – Espere aqui.

Então, saiu às pressas.

Subitamente sozinho, Carver caminhou de um lado para o outro, nervoso demais para prestar muita atenção ao seu redor. Impaciente, abriu a porta para ver o que estava detendo Emeril por tanto tempo. Ficou boquiaberto. Dois detetives municipais permaneciam de guarda à porta. Será que Emeril o tinha entregado?

Não. Longe disso. Momentos depois, o comissário Roosevelt entrou, fechou a porta atrás de si e removeu a cartola e as luvas, pousando-as sobre a mesa lateral. Pronto. Emeril tinha lhe dado a chance de que precisava para fazer sua defesa.

– Os jovens – começou Roosevelt – costumam ser muito bons em entrar furtivamente onde não são bem-vindos. Mas você parece ser profissional nisso.

Carver gelou, sem saber por onde começar. Roosevelt se aproximou.

– Você tem motivos pra crer que o assassino atacará minha Alice.

– Sim.

– Por que daria valor à opinião de um rapaz que acredita num quartel-general de detetives subterrâneo?

– Os sobrenomes das vítimas...

– Emeril me contou isso tudo. Eu não duvido do seu raciocínio. Nós nos demos conta do anagrama hoje de manhã. No entanto, não fizemos a conexão importantíssima com a pobre Alice McKenzie, já que ela não costuma ser considerada uma vítima do Estripador, motivo pelo qual devo muito a você. Enquanto conversamos, meus homens estão tentando tirar minha filha da festa discretamente. Como já a conheceu, pode imaginar a dificuldade.

Ao ouvir que Alice estava sendo protegida, Carver voltou a respirar. Roosevelt puxou uma cadeira de assento alto de detrás de uma escrivaninha e a colocou diante de Carver.

– Sente-se.

Enquanto Carver obedecia, Roosevelt desabotoou o terno e colocou as mãos atrás do quadril.

– O que estou lhe perguntando é outra coisa. Quero saber por que eu deveria *confiar* em você. Eu o conheci, a princípio, como um moleque de rua amalucado com um tio traiçoeiro, e depois, como o pupilo de um detetive fajuto. Hoje, você é o valoroso herói que sabe mais sobre este caso que meus próprios

detetives. São identidades demais pra uma única pessoa. E isso não gera confiança.

Ao que Carver nada respondeu, Roosevelt acrescentou:

– Não sou indiferente a isso. Eu mesmo já tive muitas identidades.

Carver engasgou.

– Eu... não sei como responder, senhor.

– Entendo – disse Roosevelt, puxando outra cadeira de assento alto à frente de Carver e sentando-se. – Os homens conhecem uns aos outros por suas palavras e por seus atos. Você veio me avisar, um ato valoroso. Agora quero palavras. Comecemos com coisas simples. O que acha... do senhor Albert Hawking?

– Esse é seu conceito de pergunta simples? – questionou Carver, meneando a cabeça. – Não sei. Às vezes ele parece genial, às vezes... meio doido.

– O Estripador, o homem que você acredita ser seu pai, o que você acha dele?

Carver se recostou à cadeira.

– Ele me dá nojo. A minha vida virou um pesadelo desde que descobri quem ele era. E ele parece ter deixado todas essas pistas pra me insultar.

– Temos isso em comum. Ele também me enoja e me insulta – disse Roosevelt. – Essa ameaça contra Alice, alguma ideia de quando possa se concretizar?

Carver meneou a cabeça mais uma vez.

– Você acha que ele pode atacar esta noite?

Carver refletiu, tentando imaginar como seu pai estava pensando.

– Nós o machucamos no telhado. Ele está furioso. Não acho que esperará muito.

Roosevelt deu um tapinha no joelho de Carver.

– Valentão! Esse lampejo nos seus olhos enquanto você estava pensando. É nisso que eu me vejo em você. Você tem um furor dentro da cabeça, rapaz, mas eu gosto da sua coragem. Seu pai, Deus do céu... não sei como eu lidaria com um sangue ruim daqueles em minhas veias.

Carver olhou para ele, indefeso.

– Eu também não.

Roosevelt assentiu.

– Como poderia? Um jovem precisa de alguém pra lhe inspirar ideias, orgulho e coragem. Esse tipo de vazio não pode ser reparado facilmente – articulou ele, parecendo ponderar sobre a questão por um momento, antes de voltar a dizer: – Não posso lhe dar um novo pai, mas talvez possa lhe emprestar o meu. Não houve uma única decisão em minha vida em que não tenha me

perguntado o que ele teria feito. Eu também tive uma infância difícil, por motivos diferentes dos seus. Sofria de asma, sonhava que um lobisomem me atacava no quarto. A vida parecia um pesadelo pra mim naqueles tempos. E meu pai me disse: não se detenha pelas trevas dentro de você, saia e *aja*. É assim que tenho tentado levar minha vida desde então.

Carver estava surpreso.

– O senhor está me dando um *conselho*?

– Sim. Gostou? – indagou Roosevelt.

– É... bom – respondeu Carver.

Roosevelt abriu um sorriso cheio de dentes.

– Claro que é!

Uma batida veio da porta. Um dos detetives colocou a cabeça para dentro e acenou.

O comissário se levantou.

– Alice está pronta pra ser levada pra casa. Preciso ir.

Carver estava aliviado de ter feito seu trabalho, mas Roosevelt fez um aceno para que o acompanhasse.

– Gostaria que você viesse conosco. É hora de parar de se esconder na escuridão e vir pra luz, não acha, senhor Young?

– Sim, senhor – respondeu Carver, levantando-se. – Obrigado, senhor.

– Não me agradeça ainda. É *você* quem sentará ao lado da Alice.

75

A garoa fina de antes dera lugar à névoa. Tudo se achava tão cinza que as grandes luzes da cidade, elétricas e a gás, eram apenas manchas difusas. A névoa estava tão espessa que girava em torvelinhos ao se passar através das luzes. O mundo parecia tão fantasmagórico que encheu Carver de terror.

Alice, terrivelmente confusa, estava sentada na elegante carruagem estacionada aos fundos do City Hall, ao lado de duas outras carruagens de polícia, ambas cheias de detetives armados e oficiais uniformizados.

Roosevelt marchou em direção à carruagem, pausando para absorver o cenário lúgubre.

– Isto – disse ele, pisando sobre o degrau da carruagem – é o que chamam de *clima suicida*. Senhor Young, entre pelo outro lado.

– Mas, pai, eu não quero... – resmungou uma voz surpreendentemente meiga de dentro da carruagem.

– Está decidido, Alice. Edith e seus irmãos já estão a caminho pra nos encontrar. Você ficará livre pra descarregar toda a sua raiva em Sagamore Hill – anunciou ele, ao entrar e fechar a porta.

Carver caminhou para o outro lado às pressas, mas o banco era feito apenas para duas pessoas. Com o largo Roosevelt e Alice no vestido esvoaçante, foi preciso se apertar muito para entrar.

Alice fez careta e soltou um suspiro. Com os ombros num ângulo bizarro, Roosevelt disse, num tom paternal:

– Agradeça ao jovem por possivelmente ter salvado a sua vida, Alice.

– Obrigada por possivelmente ter salvado a minha vida – entoou Alice.

– Agora, sugiro que tentemos desfrutar a névoa.

Ele bateu a mão no teto e as três carruagens dispararam Broadway afora. Com o baile em plena atividade, a multidão tinha se dissipado, e o tráfego, voltado a se movimentar. Roosevelt tentou se recostar no banco, mas pareceu ainda mais desconfortável.

Eles mal haviam percorrido meio quarteirão quando o cabriolé chacoalhou, como se algo pesado o tivesse atingido. Roosevelt avançou para ver o que acontecera, empurrando Alice contra Carver nesse intento. De imediato, a carruagem retomou a velocidade, jogando todos para trás.

– Que diabos? – disparou ele, olhando pela janela. Cadê a escolta? Devia haver policiais aos nossos lados!

Roosevelt não tinha a intenção de esperar por uma resposta. Apesar da velocidade crescente, escancarou a porta da carruagem e se inclinou para o ar cinzento e gélido do lado de fora.

– Você está bêbado, imbecil? Estacione a carruagem imediatamente! – vociferou.

A carruagem virou de um lado para o outro, costurando trânsito afora. Roosevelt levantou os olhos para o motorista e gritou:

– Young, tire Alice daqui, agora!

Carver estava prestes a puxar Alice quando suas atenções se voltaram para a porta aberta. Em um segundo, Roosevelt, em toda sua força e coragem, desapareceu, chutado por pernas musculosas vindas do teto do carro.

Alice soltou um grito.

– O Estripador – disse Carver.

Torcendo para ser rápido o suficiente, colocou um braço sob o ombro de Alice e tentou empurrar a porta. Antes que conseguisse, um vulto surgiu no lugar antes ocupado por Roosevelt e entrou ao lado deles. Seus cabelos, caindo por debaixo do chapéu, eram pretos como uma pantera, e seus olhos negros eram mais monstruosos que os de qualquer lobisomem.

Dessa vez, Alice não gritou. Usando Carver como esteio, chutou o intruso com os calcanhares em seus sapatos caros, açoitando-o freneticamente com os pés. Um dos chutes atingiu a cartola do Estripador, fazendo-a voar noite afora. Havia um largo ferimento na testa dele, onde Carver o atingira com o tijolo.

– O joelho direito! Chute! – gritou Carver, lembrando-se de onde Finn o chutara.

Mas, quando ela pausou um instante para mirar, o Estripador agarrou os calcanhares dela e rosnou.

Sentindo a força enquanto o assassino puxava Alice, Carver finalmente abriu a porta. O chão enlameado ziguezagueava sob ele. O Estripador devia ter amarrado as rédeas e deixado os cavalos correndo desenfreadamente. Carver sabia que não tinha escolha. Puxou Alice com toda a força, tentando escapar, com ela, para os paralelepípedos enevoados.

O assassino segurava as pernas de Alice e, por um tempo, ficaram detidos num bizarro cabo de guerra. Quando Alice voltou a gritar, Carver não soube se era por medo ou porque os puxões a estavam machucando.

Ele tornou a puxar, surpreso pela facilidade com que ela vinha em sua direção. Será que ela tinha se soltado do assassino com outro chute? Eles estavam quase do lado de fora. Só precisavam pular e estariam na rua.

Mas, de repente, Alice foi puxada de volta e avançou tão rapidamente que Carver abriu as mãos. Ele saiu voando da carruagem, sozinho. Ao cair nos

paralelepípedos, deu-se conta que seu pai havia usado o corpo dela para empurrá-lo para fora da carruagem.

Ouvindo o som de cascos galopando atrás de si, Carver se ajoelhou e mal conseguiu desviar da primeira carruagem de polícia em perseguição. Em vez de correr atrás de Alice, porém, ela fez uma curva e estacionou.

Roosevelt, esbaforido, estava a meio quarteirão, mas subia rapidamente. Correu a toda velocidade até o meio da rua, enquanto o tráfego guinava para desviar dele.

– Alice! Alice! – gritava Roosevelt.

Mas até o som de sua voz ribombante era abafado pela névoa enquanto a carruagem que levava sua filha e o assassino desaparecia na espessa nuvem cinza da noite escura.

76

A segunda carruagem de polícia bandeou atrás do Estripador. Roosevelt correu em direção à primeira. Em vez de subir a bordo, soltou os arreios freneticamente.

– Avise adiante! Bloqueiem a rua! Quero esta cidade parada, está me ouvindo? – gritou ele.

– Comissário, o que o senhor está fazendo? – perguntou o cocheiro.

– Pegando um cavalo pra mim, rapaz! – respondeu Roosevelt, desatando uma égua acastanhada da carruagem, despindo seu sobretudo e o paletó, e os atirando ao chão. – Já cavalguei sem sela mil vezes. É o único jeito de capturar aquele diabo!

Ao ouvir essas palavras, Carver pensou em *outro* jeito. E correu em direção à Warren Street.

– Hyahh! – Ouviu Roosevelt gritar.

A égua empinou e galopou adiante.

Enquanto isso, Carver correu para a garagem ao lado da Devlin's, onde Emeril e Jackson haviam deixado a carruagem elétrica. Animado por vê-la no mesmo lugar, retirou as mantas e subiu para o assento do motorista. Com as mãos sobre o volante, como vira Emeril fazer, girou chaves e apertou botões, até que um deles soltou um zumbido elétrico e deu uma guinada. A carruagem elétrica seguiu adiante, empurrando os portões e avançando rua afora.

Emeril tinha *mesmo* dirigido devagar. Carver já estava se movendo rápido, porém o veículo continuou tomando velocidade. Ele precisava ser ainda mais rápido para alcançar a carruagem, mas, quando moveu o volante para virar na Broadway, a carruagem quase capotou.

Puxar uma das alavancas diminuiu a velocidade no meio da curva. Ele podia ver os olhares dos detetives municipais, que não tinham uma carruagem sem cavalos para si.

Quando voltou a se mover em linha reta, empurrou a alavanca o máximo que pôde. Seu peito guinou para trás. A névoa fria o atingia em uma velocidade vertiginosa. Ultrapassou com facilidade os cabriolés de aluguel, a carruagem de polícia em perseguição e até mesmo um bonde. À sua frente, viu a silhueta de um homem sobre o dorso de um cavalo.

Ele alcançou Roosevelt. Apesar de seu pânico visível, o comissário lhe arreganhou os dentes.

– Esplêndido! – gritou ele.

Carver lhe deu um aceno.

– Pule aqui!

Roosevelt tentou aproximar a égua, que, de tão assustada, não parava de empinar.

– Esqueça! Vou seguir em frente! – gritou Carver.

– Vai o diabo! – respondeu Roosevelt.

Trazendo a égua acastanhada o mais perto que pôde, saltou a distância restante, caindo sobre o assento do passageiro. A carruagem elétrica sacudiu, mas Carver conseguiu endireitá-la.

– Acho que estou começando a acreditar na sua agência de detetives subterrânea! – disse Roosevelt, inclinando-se à frente, a fim de vasculhar por entre a névoa. – Vamos conseguir capturar aquele diabo?

– Não só isso como colocaremos terror no coração dos cavalos dele!

Carver empurrou a alavanca novamente, fazendo a carruagem zunir adiante.

– Yii-hiie! – gritou Roosevelt. – Alice! Estamos chegando!

Carver percebeu imediatamente que estava sendo otimista demais. Tudo que o Estripador precisava fazer era virar uma rua para que o perdessem de vista. Ao passarem a toda velocidade pela Prince Street, porém, Roosevelt apontou para o leste e gritou:

– Ali.

Sem questionar, Carver diminuiu a velocidade para a curva. Nisso, seguindo a larga avenida, viu primeiro fragmentos cobertos de névoa e, depois, em sua inteireza, uma carruagem negra, sacolejando freneticamente enquanto um vulto alto tentava controlar os dois cavalos e uma silhueta se debatia ao seu lado.

– Rápido! – berrou Roosevelt, mais como um apelo que como uma ordem.

Carver empurrou ainda mais a alavanca.

Enquanto aceleravam, Roosevelt se levantou.

– Apenas se aproxime o suficiente; vou pular.

– Espere! – disse Carver.

Ele queria explicar que poderia ultrapassar o Estripador e direcionar os cavalos para a calçada, mas Roosevelt já havia subido para a frente do carro elétrico.

Quando estavam a um metro de distância, o comissário saltou de novo, dessa vez se agarrando à traseira da elegante carruagem com uma das mãos. Sem ter muito onde se segurar, a força de seu pulo ameaçou atirá-lo ao chão.

Enquanto Roosevelt se engalfinhava, Carver alcançou a carruagem. Seu assento não era tão alto quanto o de seu pai, porém estavam perto o bastante para

trocarem olhares de soslaio. O sorriso selvagem e o olhar repulsivo e cintilante não eram menos aterrorizantes, mas a ausência da cartola o fazia parecer mais vulnerável. Mais uma vez, Carver viu algo familiar em seu rosto.

Alice se debatia com força, mas o Estripador agarrava-a com firmeza com um braço, enquanto o outro segurava as rédeas. Sua capa esvoaçante revelava a longa lâmina de talho. Engolindo em seco, Carver percebeu que, se o Estripador não tivesse de guiar a carruagem, Alice já estaria morta a essa altura.

Ele girou o volante, avançando e aproximando sua carruagem, não do Estripador, mas dos cavalos, que, ao verem o estranho veículo anômalo, relincharam e empinaram.

O sorriso perverso desapareceu da face do assassino. Ele manteve o controle, mas com dificuldades.

Enquanto isso, Roosevelt estava no topo da carruagem, engatinhando e segurando um dos suportes que tinha arrancado do carro, pronto para usá-lo como porrete.

Mais uma vez, Carver jogou sua carruagem contra os cavalos, que novamente se assustaram e empinaram. Seus cascos galopantes e relinchos assustados quase abafaram o som das imprecações do Estripador.

Roosevelt estava de joelhos, prestes a atacar, mas o Estripador o viu, sacou a faca habilidosamente e se preparou para o combate. Carver guinou o carro de novo, atingindo, dessa vez, a carruagem. Os cavalos relincharam e se precipitaram para a calçada, levando a carruagem consigo. O eixo das rodas traseiras cedeu, jogando o comissário para trás.

Carver não conseguiu desacelerar a tempo de não ultrapassar. Quando parou o veículo e fez uma curva fechada, o Estripador tinha erguido Alice, saltado da carruagem capotada e avançado, coxo, para um beco. Seu joelho direito ainda parecia machucado.

Roosevelt, ferido na queda, agarrou um longo pedaço de madeira da carruagem quebrada e se precipitou atrás dele. Carver, atrás na perseguição, dirigiu até o beco onde estava o Estripador, com sua longa faca apoiada contra a garganta de Alice.

Roosevelt avançou, segurando seu pedaço de madeira como se fosse uma espada.

– Deixe a garota ir embora! – ordenou ele.

– Eu não quero *você* – vociferou o assassino, com sua voz inacreditavelmente grave.

– Você não ficará com a Alice! – gritou o comissário.

– Não é ela que eu quero! Eu quero o garoto!

Nesse momento, Alice avançou o rosto e mordeu com força o punho do

Estripador. Enquanto ele gritava, ela se soltou e correu para trás de seu pai.

– Afaste-se, Alice – ordenou Roosevelt, avançando e brandindo seu pedaço de pau.

O Estripador aparou os golpes com sua faca como se fosse uma espada. Ela cortou um grande pedaço da madeira, mas não o bastante para inutilizar o porrete. Ele recuou, mancando beco adentro.

Roosevelt compeliu sua vantagem, acometendo o Estripador até que as costas do assassino se encostassem a um muro tijolado sob uma escada de incêndio. O comissário se enrijeceu, pensando ter vencido.

Mas, então, o Estripador riu.

Aos olhos de Carver, seu pai ergueu os braços e se agarrou ao degrau mais baixo da escada de incêndio. Içando-se, chutou com força o peito de Roosevelt, que, com um estrondo, caiu de costas no chão.

Com Roosevelt caído, o Estripador ergueu a faca para apunhalar.

– Pare! – gritou Carver, de cima da carruagem.

O Estripador levantou os olhos. Os dois sabiam que, até ele descer da carruagem, Roosevelt já estaria morto. Instintivamente, Carver sacou o bastão.

Schick!

O Estripador voltou os olhos à ponta do bastão, lembrando-se do choque que tinha levado.

– É uma arma de criança – disse, meneando a cabeça. – Nem pode matar.

– Não precisa matar – respondeu Carver.

Quando seu pai se moveu para atacar, Carver a atirou como se fosse um dardo, mirando a lâmina da faca. Os metais colidiram. Houve um leve ruído seguido de um lampejo. O Estripador berrou, derrubando a lâmina e pondo a mão em torno do punho.

Mas de novo, livrando-se do choque de algum modo, ele recuperou a faca ainda fumegante e fixou o olhar em Carver.

– E agora? – questionou o Estripador. – Vai atirar alguma outra coisa? Não?

O Estripador avançou contra o comissário caído. Sem outra opção, Carver empurrou a alavanca o máximo que pôde. O veículo acelerou a toda velocidade. Carver torceu para que as rodas do carro fossem altas o bastante para não acertarem Roosevelt.

No momento do impacto, não conseguiu ver direito o que havia ocorrido, porém soube que tinha atingido as costas do pai e o jogado contra o muro de alvenaria. Em seguida, ele próprio foi compelido para fora da carruagem e contra o mesmo muro.

Depois disso, o resto foi silêncio.

77

Houve lampejos de luz, zumbidos, ruídos surdos, como se Carver tivesse sido lançado dentro do motor intrincado da carruagem elétrica. A princípio, não houve dor alguma, no entanto, quando ela veio, dominou tudo. Era como se as partes de seu peito não se encaixassem mais, como se algo pontiagudo, como uma farpa afiada, trespassasse seus pulmões.

Ele despertou com o cheiro de flores e a sensação de um vento frio. Ao abrir os olhos, achou que estava sonhando. De que outro modo estaria sentado no quarto de hospital de Hawking, deitado em seu leito, cercado por mesas cobertas de flores e pilhas de jornais?

Com a cabeça doendo ao se mover, Carver forçou a vista, para decifrar uma das manchetes:

MAIS JOVEM PINKERTON SALVA FILHA DO COMISSÁRIO

Então era *mesmo* um sonho. Ninguém sabia sobre a Nova Pinkerton. Além do mais, estava muito frio para ser um hospital. Será que ele ainda estava no beco? Será que Alice estava bem?

Os lençóis grossos pareciam de verdade, e estavam úmidos também, empapados de suor. Até seu cabelo parecia úmido. Voltando o olhar em direção à brisa, viu a causa dela: um ventilador elétrico ao lado da janela aberta. Sobre o parapeito, parecia haver... neve?

– Você acordou!

A voz era de um homem magro e jovial, num jaleco médico. A mão cálida que pousou sobre a testa de Carver o fez sentir um arrepio correndo espinha abaixo. Carver sentia que estava morrendo.

O médico parecia contente:

– A febre diminuiu. Que bom.

Ele desligou o ventilador e fechou as janelas.

– Você estava com quase 41 graus de febre. Mais uma hora, eu teria de dar um banho de gelo. Precisava diminuir essa temperatura de algum jeito.

Carver só conseguiu responder um queixume seco.

– Não tente falar. Você quebrou duas costelas, rapaz. Uma se fragmentou, então precisei operar pra retirar as lascas. E, daí, você pegou uma infecção. Ainda doerá por algumas semanas, mas se sentirá muito mais disposto nas

próximas horas – disse o médico. – Avisarei a família Roosevelt agora mesmo que nosso mais novo herói se recuperará.

Carver apontou debilmente para a manchete do jornal.

– Alice?

– Ela está ótima. Descanse. Tudo está bem – respondeu ele, antes de sair.

Foi bom receber notícias de Alice, mas ele também queria saber o que aconteceu com seu pai. Isso teria de esperar. Como se obedecendo ao médico, uma onda de exaustão tomou seu corpo e ele voltou a dormir.

Ao acordar, Carver sentiu um doce afago na bochecha. Abriu os olhos e viu o rosto sardento de Delia, que passou os dedos sobre a testa e o cabelo dele, como tinha feito no City Hall. Sonolento, segurou a mão dela, sentindo a pele tenra dos dedos dela contra a palma de sua mão. Mover-se já não doía tanto, e ele percebeu que os lençóis estavam macios e secos.

Delia, que sequer tirara seu casaco de inverno, sentou-se de lado na cama.

– Carver – falou ela –, pensei que você fosse morrer... Eles disseram que poderia acontecer, mas você não vai morrer, vai? Eu fiquei tão... tão...

Impulsivamente, ela se inclinou e pressionou os lábios contra os dele. Enquanto o toque do médico lhe trouxera arrepios, o beijo de Delia fez seu corpo todo se aquecer. Depois de se deixar ficar por um instante, ela recuou, mas Carver, encontrando mais energia, levantou a cabeça para manter seus lábios entrançados. Ela correspondeu. Eles permaneceram assim até que uma tossidela no fundo da sala os deteve.

Delia se sentou, sorrindo.

– Finn também quer dizer oi.

– Mas é só um aperto de mão – declarou ele, aproximando-se por trás de Delia. – Como está se sentindo?

Carver teve de pensar. Havia uma bandagem grossa em torno do seu tórax, mas as dores não eram tão terríveis. O médico estava certo: a maior parte do desconforto era por culpa da febre. Um ronco no estômago lhe fez dar a resposta mais curta:

– Com fome.

– Você deve estar morrendo de fome – disse Delia. – Você ficou em coma por uma semana.

Finn olhou ao redor.

– Acho que tem uma bandeja de comida em algum lugar aqui.

– Uma semana? – indagou Carver, recostando-se nas almofadas. – O que aconteceu?

– Depende do jornal que você lê – disse Delia, com um sorriso irônico. – De acordo com o *Sun*, Roosevelt perseguiu o Estripador a cavalo e você o

encurralou num beco sem saída, usando um tipo de carruagem elétrica.

– Hum... na verdade... foi isso mesmo que aconteceu – afirmou Carver.

Delia entortou o rosto, sem saber se ele estava brincando.

– Enfim, todos dizem que você é um herói. Afugentou o assassino, resgatou a donzela.

Contudo, Carver não estava pensando em Alice.

– Meu pai? Capturaram o Estripador? Ele...?

Delia franziu o cenho.

– Tinha muito sangue, mas nenhum corpo.

O coração acelerado de Carver se pressionou contra as bandagens.

– Aconteceu outro assassinato? Um “R” diferente?

– Aí é que está. Não aconteceu nada – contou Delia, rapidamente. – Eles acham que ou ele rastejou pra morrer em algum outro canto ou está ferido demais pra machucar outra pessoa.

Carver sacudiu a cabeça.

– Ele é forte, Delia.

Finn assentiu.

– Você não o viu. Ele deve estar lambendo as feridas agora.

Delia revirou os olhos.

– Ele *não* é o bicho-papão e você o feriu *muito*. Toda a cidade está diferente; dá pra sentir o alívio no ar. É por isso que os jornais estão dando tanta ênfase à sua história, com a bênção de Roosevelt.

Finn encontrou uma bandeja com frutas frescas e um sanduíche. Carver pegou uma maçã enquanto Finn pegou o sanduíche e apontou para os jornais.

– Você gosta de ser famoso? – perguntou Finn. – Eu nunca gostei.

– Não sei ainda – respondeu Carver, dando de ombros. – Eu estava inconsciente. Mas que história é essa de eu ser um Pinkerton?

– É por que você é o assistente do Hawking – disse Delia. – Ele trabalhou com a Pinkerton e a imprensa insistiu nessa ideia.

– O senhor Hawking. Onde ele está? Ele passou por aqui?

– Não sei – respondeu Delia. – O médico disse que você teve algumas visitas. Talvez ele tenha sido uma.

– Finn, o Echols o viu? – perguntou Carver.

A ideia de que seu antigo mentor o havia abandonado ainda doía, mais que sua costela fraturada.

– Não, e ele está furioso. Disse que teve de contratar um detetive pra encontrar o detetive dele.

– Nós poderíamos dar uma olhada nos cartões estimando melhoras – sugeriu Delia.

Carver franziu a sobrancelha.

– Ele nunca foi do tipo sentimental. A menos que tenha algum bilhete com uma palavra só datilografada em algum canto.

Os três passaram o restante da visita olhando os cartões. Muitos eram de pessoas que Carver sequer conhecia. Ele ficou contente ao encontrar um pacote de livros da senhorita Petty, mas não havia nada de seu mentor. Talvez ele tivesse partido à caça do Estripador ou, então, seu comportamento excêntrico havia se tornado tão extremo que virou um dos pacientes do hospício.

Ainda fraco, Carver pediu que Delia ligasse para o Octógono. Thomasine Bond garantiu a ela que Hawking ainda não tinha retornado.

– Assim que eu receber alta, vou pra lá. Ele deve ter deixado uma pista, um bilhete, alguma coisa! – exclamou Carver.

– Nós vamos com você – disse Delia.

No dia seguinte, Carver conseguiu ficar de pé; no outro, sentia-se quase cem por cento, não fosse a dor nas costelas. Mas o médico ainda não lhe dera alta. Com o passar dos dias, além das visitas frequentes de Delia e Finn, Emeril deu uma passada, dizendo-lhe que tinha "dado um jeito" na carruagem elétrica. Carver cedeu uma longa entrevista exclusiva a Jerrik Ribe, durante a qual não fez menção alguma à Nova Pinkerton e insistiu que a carruagem sem cavalos era fruto da imaginação delirante de alguém que leu muitos romances baratos.

Mentir era mais fácil do que ele imaginava.

Numa manhã bem cedo, para evitar a imprensa, apareceu o comissário Roosevelt. Sua gratidão parecia não ter limites. Com o mesmo entusiasmo jovial que demonstrava em todas as facetas de sua vida, falou sobre mandar Carver para a faculdade, colocá-lo na política, ou:

– Se você insistir, faço você virar detetive. Você parece ter jeito pra coisa.

Ele mostrou a Carver as páginas recém-datilografadas de um livro que estava escrevendo e uma carta escrita à mão por Alice, em que reclamava de como andava entediada e pedia para que ele fosse visitá-la logo. Recordando-se do gosto de Carver por invenções, tinha levado consigo um protótipo de um novo tipo de algemas da Bean Manufacturers. Ele pretendia só mostrá-las, mas vendo como Carver gostou delas, achou melhor deixá-lo ficar com elas.

Enquanto Carver testava o fecho e a força das algemas, Roosevelt esfregou as mãos, numa maneira atipicamente constrangida.

– Senhor Young, se você estiver disposto, mal posso esperar pra conhecer seu quartel-general. O senhor Tudd morreu pra proteger seus segredos, portanto, dou minha palavra que, apesar da minha posição, irei guardá-los também.

– O senhor não está... bravo? Depois do que o senhor disse sobre vigilantes?

– Bravo? Estou furioso que a corrupção nesta cidade seja tão profunda que Allan Pinkerton sentiu a necessidade de uma força secreta. Mas ele estava certo. Meu trabalho está longe de ser suficiente, e não consigo não me sentir culpado por Tudd. Não sei o que poderia ter feito de diferente. Eu gostaria que ele tivesse confiado em mim. Eu poderia tê-lo ajudado. Ainda posso. Talvez, com o tempo, *você* possa ressuscitar a organização.

– Eu?

– Claro. Estou lutando pra transformar nossa polícia numa força mais organizada, como o exército. Quando nós contratamos agora, buscamos homens de temperamento resoluto, sensatos, diligentes e autoconfiantes, com um forte desejo de se aperfeiçoarem. Você tem todas essas características, rapaz, e muitas mais. Além disso, é inteligente, entusiasmado e tem um forte senso moral. Quem melhor que você?

Parecia que o sonho de Carver e os planos de Hawking haviam, por fim, se concretizado.

Na manhã seguinte, removeram sua bandagem, e suas costelas não doíam mais. No dia que se seguiu, o médico disse que lhe daria alta. Carver estava se sentindo tão bem que, no fim da visita vespertina de Delia, atreveu-se a tomá-la nos braços e apertá-la com tanta força que ela riu até se desvencilhar.

– Eu não consigo respirar! – disse ela, com as bochechas tão enrubescidas como no dia em que ele a viu na lavanderia do Ellis, muito tempo atrás. Embaraçada pelos seus sentimentos, correu em direção à porta. – Vejo você amanhã de manhã, com o Finn – declarou ela. – Ele nos levará pra um restaurante chique, por cortesia dos Echols. Talvez o Delmonico’s!

– Após irmos a Blackwell – disse Carver.

– Claro.

Por muito tempo depois de fechada a porta, a sensação do corpo dela contra o seu formigou na memória de Carver.

Não houve mais nenhuma notícia do Estripador. Talvez seu pai realmente tivesse morrido em algum canto; talvez o pesadelo tivesse terminado, enfim.

Ao cair da noite, pôs-se a ler o manuscrito de Roosevelt. Carver estava com tanta energia que leu durante horas antes de finalmente apagar a luz e cair num sono profundo e sem sonhos.

Ele não tinha como saber por quanto tempo dormira quando um leve estalido na porta o fez se levantar, sobressaltado. Sonolento, virou-se de lado e viu um vulto escuro ao lado da porta, um contorno encurvado familiar, tremendo levemente enquanto se apoiava na bengala.

– E então, o que achou das minhas aulas, rapaz? – perguntou Albert Hawking.

78

– Senhor Hawking! – exclamou Carver. A princípio, sentiu-se contente e aliviado, mas, então, percebendo que seu mentor não parecia menos saudável, sua raiva voltou. – O senhor me abandonou.

O velho detetive se aproximou, iluminado pela luz da rua que atravessava a janela.

– Tolice. Eu lhe ensinei a voar, coisa que você nunca teria feito se eu estivesse lá pra sustentar você.

– Tinha vidas em risco – disse Carver, severo. – Da senhora Echols, da Alice... a *minha*.

– Elas estão bem, não estão? Quanto a você, por vezes são as cicatrizes que formam um homem. Sei que você acha difícil admirar seu pai, mas você tem a energia dele, acredito, e sua própria inventividade. Até usou algumas maquininhas, pelo que ouvi dizer. Você foi muito bem. E então, eles estão cuidando melhor de você nesta espelunca? Você está bem?

Carver sentiu uma onda de orgulho e sua raiva esmoreceu. Apesar de tudo, Hawking se importava com ele. Ele fez que sim.

– Recebo alta amanhã de manhã.

Hawking resmungou:

– Aquele cirurgião estúpido quase matou você. Agora, tentará levar crédito pela habilidade de seu corpo de se curar sozinho.

Era outra surpresa.

– Você está me monitorando.

Mais perto agora, ele fitou Carver. Seu olhar penetrante não parecia tão frio como de costume. Com a mão deformada pousada sobre a bengala, esticou a mão esquerda e tocou a testa de Carver.

– Cada movimento.

Carver não tinha ideia de como reagir. Hawking lhe deu um tapinha na cabeça, recuou e, com dificuldade, serviu-se da água de um jarro.

– Por onde andou? – questionou Carver.

Segurando o copo com a mão deformada, ele o ofereceu a Carver.

– Beba, você parece rouco.

Apesar de estar na metade, o copo tremia tanto que a água ameaçava cair. Obediente, Carver pegou o copo, levou-o à boca e bebeu. Sua garganta *realmente* estava seca.

– Eu ainda quero uma resposta – insistiu Carver.

– Então é *você* quem manda agora? – ironizou Hawking.

Ele pousou o jarro na mesa, caminhou de lado até a cadeira de aço e se deixou cair nela.

– Meu pupilo – começou ele, voltado para o nada – é um detetive tão famoso quanto qualquer personagem de romance policial. Uma família extremamente poderosa está em dívida com ele e ele sabe a combinação secreta pro melhor laboratório criminal do mundo. Mas ele demonstra gratidão? Claro que não. Ele quer mais.

– Claro que eu estou grato, mas...

– E *tem* mais. O dinheiro de Echols está agora numa conta em seu nome. Você encontrará os documentos no Blackwell. Mas não *me* encontrará. Vou embora de verdade desta vez.

A mente de Carver começou a ficar tonta. Ele estava tendo dificuldades em decifrar as palavras.

– Não entendi. Pra onde o senhor está indo? O senhor ainda não falou onde esteve.

– E você ainda não perdeu o hábito de fazer perguntas logo antes de ouvir as respostas! Eu estive ajustando umas pontas soltas, certificando-me de que tudo funcionaria da melhor maneira possível. Agora está quase tudo pronto, só falta uma coisa. Coisa minha, não sua. As lições acabaram, então, perguntarei novamente: o que achou delas, rapaz?

Carver sentiu lágrimas brotando nos olhos, mas as conteve. Em vez disso, manteve o olhar firme.

– O senhor apareceu só pra fugir mais uma vez?

– Não me venha com esse olhar, rapaz, ou esse tom de voz. Você quer que eu troque suas fraldas, por acaso?

Hawking apoiou a bengala no chão e se levantou. Ele tremia mais que de costume e, pela primeira vez, Carver percebeu que seu rosto parecia ainda mais acabado.

– Eu estou *orgulhoso*. E contente por ver você de novo.

Seu tom atipicamente emotivo encheu Carver de preocupação.

– O senhor está bem? Não me dirá o que está acontecendo?

Hawking hesitou.

– Recebi algumas notícias. Alguém que pensei estar morto pode estar vivo ainda. Preciso descobrir, de um jeito ou de outro. Talvez precise de umas viagens.

– Meu pai? – perguntou Carver. – O senhor está atrás do meu pai?

Hawking o fitou.

– Não se preocupe. Não haverá mais assassinatos do Estripador em Nova York. Irei me certificar disso.

O que ele queria dizer? Será que Hawking planejava *matar* o Estripador? Mas ele parecia tão frágil. Tinha algo errado, insanamente errado. A sala girava. Ele colocou a mão sobre a mesa para se estabilizar.

– Eu não me sinto bem.

– É o efeito do hidrato de cloral que coloquei na sua água – disse Hawking. – “Boa-Noite, Cinderela”. Talvez eu esteja ficando sentimental, mas queria vê-lo antes de partir e tinha de garantir que não me seguisse. Você nunca me verá dizendo isso novamente, mas talvez eu tenha ensinado você bem *demais*, e esse era o único jeito.

79

– Carver! Carver!

Sua cabeça doía como se tivesse sido atingida por um porrete. Alguém o chacoalhava pelos ombros, tentando acordá-lo, mas o movimento só piorava a dor.

Ele se debateu com as mãos.

– Parem!

Delia e Finn estavam diante dele. A luz matinal entrava pela janela.

– Você estava tendo um pesadelo? – perguntou Delia.

Carver se levantou de um salto.

– Foi o Hawking! Ele me drogou.

– Por quê? – perguntou Finn.

– Acho que ele encontrou meu pai – respondeu Carver, antes de se levantar e começar a andar de um lado para o outro. – Acho que ele matará o Estripador.

– Quê? – exclamou Delia. – Isso é loucura!

O médico entrou.

– Está tudo bem por aqui?

– Estou ótimo – respondeu Carver. – Mesmo. Só um sonho ruim.

O médico o observou por um instante.

– Que bom. Está quase na hora da alta. Você precisa assinar alguns papéis e eu mostro a saída pra vocês.

Depois que o médico foi embora, Carver começou a tirar a camisola hospitalar, pausando apenas um instante para que Delia virasse de costas enquanto se trocava.

– O médico vai querer que eu passe pela imprensa, mas preciso ir pro Hospício Blackwell. Deve haver alguma pista lá, alguma coisa que o Hawking pesquisou. Que horas são? Quando sai a próxima barca?

Delia pegou o jornal.

– Vou olhar os horários das barcas.

Finn se precipitou para a porta.

– Vou chamar um cabriolé e encontro vocês nos fundos.

Quase pronto, Carver pegou as algemas que Roosevelt lhe dera.

Antes que o médico voltasse, Delia e Carver desceram pela escadaria lateral, encontraram o corredor de serviço e saíram pelo beco dos fundos. Finn já esperava no cabriolé.

No caminho para o cais, Carver não parou de falar um instante: – Ele o enfrentará pessoalmente, tenho certeza. Talvez veja isso como sua última grande batalha. Mesmo que ninguém mais saiba, *ele* saberá que foi ele quem matou Jack, o Estripador.

– E eu achava os *meus* pais estranhos – comentou Finn.

Na pressa de se vestir, Carver chegou a pegar o bastão de atordoamento e o abridor de fechaduras, mas esqueceu seu sobretudo novo. Não estava tão frio no cabriolé, mas, com o vento gélido que vinha do Rio East sobre a barca balouçante, pensou que fosse congelar. Ele se aconchegou a Delia, o que, porém, não ajudou tanto quanto esperava.

No Octógono, um guarda os advertiu para que andassem mais devagar, entretanto, quando Carver o ignorou, e ele não pareceu interessado em se esforçar para detê-los. Carver se precipitou para a escadaria circular, equilibrando-se ao longo do corrimão. O estranho era que a porta no topo se encontrava trancada. Carver nunca tinha ganhado uma chave; não era preciso. Seu abridor deu conta do serviço rapidamente.

O grande quarto octogonal estava uma bagunça, quase como uma fotografia de como era antes de Hawking forçar Carver a limpá-lo. Mal se via sua cama em meio às caixas e aos livros caídos. A escrivaninha estava coberta de lixo. Num instante, Carver soube que Hawking tinha *sim* ficado ali, trabalhando o tempo todo.

Delia e Finn subiram atrás dele, ofegantes, enquanto Carver estudava o quarto, tentando entender o que havia acontecido ali. Como poderia encontrar o rastro do velhote? Ele precisava se colocar no lugar de Hawking. O que era importante para seu mentor?

A máquina de escrever desaparecera. A engenhoca ferroviária de bronze também lhe veio à mente. Carver correu para a mesa e viu alguns parafusinhos no chão. Ela também não estava mais lá. Tampouco as roupas de Hawking.

– Ele foi embora – constatou Carver. – Delia, vá lá pra baixo e tente encontrar uma mulher chamada Thomasine Bond. Ela é inglesa, acho que é uma das enfermeiras.

Ainda ofegante, ela respondeu:

– Você quer que eu *desça* as escadas correndo agora?

– Por favor. Lembre a essa mulher de que conversamos por telefone. Diga que eu sei que ele ficou aqui nas últimas semanas. Pergunte como era o tom da voz dele quando falava com ela. É importante. Rápido.

Delia fez que sim e, então, voltou para as escadas.

– O que posso fazer? – indagou Finn.

Carver caminhava de um lado para o outro.

– Empilhar as coisas. Colocar os móveis de volta no lugar. Reunir os papéis. Se encontrar um livro aberto numa página, não feche. Empilhe com a página aberta.

– Tudo bem. O que vou procurar?

– Não sei. Anotações sobre Jack, o Estripador. Anotações sobre... viagens.

Finn se pôs a trabalhar, movendo as caixas mais pesadas com facilidade. Carver continuou andando de um lado para o outro, olhando de esguelha um ou outro livro aberto. Viu o velho sobretudo que Hawking tinha lhe emprestado pendurado sozinho no cabide, e observou sua cama sendo lentamente descoberta pelo trabalho de Finn.

– Carver – chamou Finn, segurando uma longa folha de papel. – Você falou de viagem.

Era um mapa das ferrovias elevadas de Manhattan, incluindo dos trens suburbanos para fora da cidade, que partiam do Grand Central Terminal, com os horários em anexo. Ele tinha visto aquilo em algum lugar antes, mas não lembrava onde.

– Serve de alguma coisa? – perguntou Finn.

– Não sei – respondeu Carver. – Talvez o Estripador tenha fugido da cidade e Hawking descobriu o destino. Onde você encontrou isto?

Finn apontou para uma pilha de papéis que cobria parte de uma máquina quebrada. Carver estava errado; a máquina de escrever ainda permanecia ali, irreconhecível por estar em pedaços. Parecia que Hawking a tinha destruído num ataque de fúria. Carver sentou no chão e fitou as letras mutiladas.

Delia surgiu à porta, ofegando tanto que parecia prestes a desmaiar.

– Carver, não *existe* nenhuma Thomasine Bond aqui e ninguém se lembra de ter passado mensagem alguma pra você. Mas disseram ter visto Hawking ir embora hoje de manhã, na barca antes da nossa.

– Então, com quem eu conversei? – perguntou Carver, antes que um lampejo o lembrasse do instante em que ele invadiu o painel telefônico e seu mentor lhe disse pra fazer uma voz mais fina, a fim de soar mais feminina. – Como não percebi isso antes? Thomasine Bond *era* Hawking. Na barca antes da nossa? Isso dá uma vantagem pra ele, mas, se planeja pegar o trem pra fora da cidade, ainda poderíamos alcançá-lo, se soubéssemos pra onde ele está indo. Continuem procurando!

Finn, ainda arrumando a bagunça, pegou a máquina de escrever pelo chassi. Quando a levantou, o berço se soltou e se estatelou no chão.

– Ele vai precisar de outra máquina de escrever.

– Outra... Finn! – gritou Carver.

– Quê? Desculpa... eu...

– Não, você é um *gênio* – disse Carver.

Ele entregou a Delia o horário e então correu escada abaixo, até a porta estreita que levava à sala de observação. Recordou-se de *onde* tinha visto aquele horário antes. Ali, no pequeno escritório abarrotado, a segunda máquina de escrever continuava intacta. As anotações, porém, pareciam ser todas sobre pacientes. O rolo.

Ele abriu espaço sobre a mesa e procurava por papel e caneta quando seus amigos chegaram.

– Por favor, por favorzinho, chega de escadas – implorou Delia. – O que você está fazendo?

– Hawking leu minhas anotações no ateneu esfregando um lápis contra a página em branco seguinte de um bloquinho. Ele *esmurrou* as teclas dessa máquina de escrever. As impressões mais recentes são as mais profundas, então, talvez a mesma técnica funcione com o rolo desta máquina.

Suas primeiras tentativas geraram algumas palavras isoladas, como “idiotas”, mas, quando girou o rolo e tentou novamente, alguns números surgiram.

– 10:10 e 870. Delia, isso bate com algum dos horários dos trens?

Ela passou os olhos rapidamente pela lista.

– Sim! Tem uma locomotiva da New York Central Lines de número 870, que sai da cidade às dez e dez.

– Um trem elevado parte do cais da 34th Street pra Grand Central – disse Carver. – Conseguimos chegar às dez horas fácil.

– Esse trem é quase só pros turistas que vão e voltam do Brooklyn e de Long Island. Ele só sai de hora em hora – lembrou Delia. – Talvez ele ainda esteja esperando na plataforma.

Enquanto corria para a porta, Carver viu que Delia segurava o velho casaco do seu mentor.

– Você precisará disto – disse ela. – Está frio lá fora.

Olhando para seus amigos, Carver se sentiu, pela primeira vez, menos órfão.

80

A barca foi rápida. Graças ao velho casaco de Hawking, Carver conseguiu ficar em pé sobre o convés superior ao lado de Delia e Finn e observar a terra firme se aproximando.

Mesmo se alcançassem seu mentor, o que eles fariam, além de algemá-lo a um poste? Mas Carver não poderia deixá-lo enfrentar o Estripador sozinho. Apesar de ferido e encurralado, seu pai havia sobrevivido a uma colisão frontal. E seu mentor parecia mais fraco a cada dia.

– Aquele deve ser o trem – arriscou Finn, apontando para uma fumaça ascendente.

O trem ainda não estava em movimento, porém logo estaria. O capitão gritou com eles quando pularam os últimos metros para o cais e correram para as escadas. No momento em que chegaram à plataforma, o motor soltou um silvo agudo. As portas fecharam, travadas por segurança. Com uma golfada de vapor, o trem partiu.

– Tarde demais – disse Finn, diminuindo o passo. – Mas, se eu der uma gorjeta gorda pro motorista de um cabriolé, conseguiríamos chegar à Grand Central antes.

Carver examinou os passageiros pelas janelas do trem em movimento.

– Tudo bem, vamos...

No meio da frase, avistou um contorno disforme conhecido. Antes que Carver conseguisse pensar em se esconder, Hawking levantou os olhos e o viu. Descontente, fez uma careta e meneou a cabeça.

– Droga! – gritou Carver. – Ele me viu! Ele vai descer na próxima estação e encontrar outro jeito de sair da cidade. Nunca vamos encontrá-lo. *Precisamos* subir naquele trem.

– Como? – investigou Delia. – Você não pode simplesmente pular nele em movimento.

Carver levantou os olhos para a cobertura de chapas metálicas que pendiam sobre a plataforma e disse:

– Por que não?

Subindo num balaústre, conseguiu tomar impulso para a cobertura. Enquanto se equilibrava no alto, ouviu Delia gritar seu nome, exasperada, e, em seguida, os passos pesados de Finn atrás dele.

O trem ainda tomava velocidade lentamente enquanto começava a sair da

estação. Ele poderia conseguir. Com passos duros, Carver correu mais rápido que nunca. Na beira do telhado, deu um longo salto e pousou sobre a superfície lisa do segundo dos cinco vagões de passageiros. Suas costelas ardiam, mas, depois de uma rápida agitação, pôde se equilibrar em pé. Atrás dele, Finn também pulou, e o impacto de seu corpo volumoso deixou um entalhe no topo do trem.

Antes que conseguissem pensar no que fazer em seguida, avistaram Delia na cobertura da estação. Ela estava correndo, segurando firmemente com uma mão o gorro de lã na cabeça. O trem tomava velocidade. Ela não conseguiria.

– Não! – gritou Carver. – Pare!

Mas, a essa altura, ela já havia pulado. Carver prendeu a respiração, vendo-a voar pelo ar, e espirou somente quando ela aterrissou sobre o centro do quinto e último vagão. Ela se ergueu, ainda segurando o gorro, cambaleou um pouco e, então, avançou a passos resolutos. Carver e Finn trocaram olhares, atônitos e aliviados.

O alívio teve vida curta. Um solavanco súbito nos trilhos quase os derrubou do trem. Carver sabia que aquele não seria o último solavanco. Os trilhos fariam uma curva fechada à direita na Third Avenue e, depois, na 42ª antes da parada final, na Grand Central Station.

– Precisamos entrar! – disse ele, acenando para Delia e apontando para baixo.

Ignorando-o, ela correu para a ponta de seu carro e pulou para o seguinte.

– Acho que ela não gosta de ser deixada pra trás – comentou Finn.

Carver meneou a cabeça. Agachando-se para se equilibrar, engatinhou até a frente do carro em que havia pousado, pensando que seria fácil descer e entrar.

Abaixo dele, viu uma multidão de executivos e operários frenéticos avançando e empurrando uns aos outros para sair do primeiro vagão e entrar no segundo. Finn se agachou ao lado de Carver e franziu a sobrancelha.

– O que está acontecendo? – perguntou-se em voz alta.

– Esperem por mim! – gritou Delia, atrás deles.

Ela já estava no terceiro vagão. Sentindo que tinha algo errado, ele tentou acenar para que ela voltasse para trás, mas ela só fez uma careta.

Ele olhou adiante.

– Estamos chegando à parada da Second Avenue. Quando o trem diminuir a velocidade, descemos e tentamos deter Hawking – disse Carver a Finn.

Mas o trem acelerou, deixando a multidão na estação confusa e contrariada. Definitivamente, algo estava errado.

Enquanto os últimos passageiros corriam do primeiro para o segundo vagão, Carver se tensionou, preparando-se para descer. Antes que conseguisse,

um vulto alto, de cartola e capa pretas, surgiu na porta traseira do primeiro vagão, apressando os passageiros.

Seu pai. O Estripador.

Ele devia ter descoberto que Hawking estava atrás dele e decidiu revidar. Carver rangeu os dentes. Em vez de medo, sentiu fúria. Ele precisava pôr um fim àquilo de uma vez por todas. Precisava.

Um estrondo fez o trem tremer. O assassino pestanejou, olhando para sua perna esquerda, que quase fraquejou. Ele ainda estava ferido, pelo menos. Com Finn ali e Hawking embaixo, os três poderiam capturá-lo.

No instante em que o último passageiro entrou no segundo vagão, o Estripador tirou algo longo e brilhante do bolso do capote. Carver franziu o cenho. Aquela não era a lâmina dele; era o equipamento de bronze em que Hawking tinha trabalhado tanto tempo para montar. Ele abafou um soluço. Como o Estripador havia conseguido aquilo? Será que Hawking já estava morto?

Apesar do apito do trem e do som estridente do maquinismo, o assassino pareceu ter ouvido o soluço abafado de Carver. Ele levantou os olhos e, com um sorriso ferino, segurou o mastro entre os vagões e o girou. Com uma piscada e um aceno de chapéu, voltou a entrar no vagão.

Carver sentiu um balanço brusco enquanto a velocidade do vagão diminuía. O primeiro vagão, com a locomotiva, continuou acelerando. O Estripador tinha desengatado os vagões. O vão entre eles aumentava. Seu pai estava fugindo.

Carver se levantou, cambaleante. O espaço era de uns trinta centímetros, então sessenta...

– Meu pai está naquele carro! Preciso pular! – exclamou Carver.

– Você está doido? – perguntou Finn, levantando-se atrás dele.

– Você nunca conseguirá! – gritou Delia, alcançando-os. – E, se conseguir, estará sozinho com ele!

Um metro. Um metro e meio.

Carver se voltou para Finn.

– Você terá de me jogar!

– Quê?

– Como fez no escritório de advocacia! No três, eu pulo, você me joga!

– Finn, não faça isso! – pediu Delia.

– Eu vou pular de qualquer maneira! – disse Carver. – Um... dois...

– Não! – gritou Delia.

Finn segurou a gola do casaco de Carver com uma mão e seu cinto com a outra.

– Três!

Carver saltou. Os braços fortes de Finn estavam erguidos. Sua respiração

forçada fazia todo seu corpo doer. A parte de trás de seu casaco se rasgou, mas, no instante em que suas pernas estavam totalmente estendidas, Finn o jogou e Carver estava no ar.

81

Carver caiu de barriga. Por um instante pensou ter conseguido, mas o trem estava se movendo muito mais rápido do que quando partiu da estação. Sem poder se manter firme, ele caiu rolando do teto. Agarrando-se ao mastro de metal, segurou com firmeza, e, então, cambaleou para o pequeno espaço nos fundos do vagão.

Seu pai estava lá dentro. Hawking também, a menos que já estivesse...

O vagão em alta velocidade chocalhava violentamente. Ofegante enquanto se equilibrava, Carver tentou achar alguma minúscula gota de calma no oceano de fúria e pavor dentro de si. Não havia nenhuma. Não havia nada a pensar ou a fazer senão abrir a porta.

Do outro lado do vagão, Albert Hawking estava sentado; seu contorno era corcunda e difuso, em razão do movimento alternado de luz e sombra, à medida que o trem passava sob os prédios e o céu acima deles. Uma manta velha cobria seu peito e seus ombros.

Ele jazia inerte como um cadáver.

Segurando a respiração, Carver examinou o espaço entre eles. Sobre os assentos, divisou casacos, maletas e marmitas, todos deixados pelos passageiros em fuga. Sobre algumas mesas entre os assentos, havia lanches e bebidas, muitas entornadas pelos solavancos do trem. De resto, o vagão parecia vazio.

Carver ansiava violentamente chegar até Hawking, mas sabia que qualquer erro que cometesse naquele momento poderia ser o último. Deu um passo hesitante e, então, parou. O espaço entre as mesas parecia pequeno demais para esconder alguém maior que uma criança pequena, mas o Estripador tinha de estar escondido em algum lugar.

– Não pare agora, rapaz. Você chegou tão longe!

Hawking, subitamente reanimado, levantou a mão deformada e gesticulou que ele se aproximasse.

Carver caminhou, olhando, aflito, de um assento a outro.

– Ele está aqui? O senhor está bem?

Hawking murmurou para si mesmo:

– Benfeito pra mim. Os jornais disseram que você estava bem, mas eu tinha de conferir pessoalmente. Encontrou a outra máquina de escrever, não foi? Bem, não fique esperando os parabéns.

Um bule tampado pousava diante de seu mentor, trepidando ao lado de uma

xícara vazia. Hawking abriu os dedos de sua mão deformada, esticando-os por completo. Apesar dos sacolejos do trem, levantou a xícara com perfeito equilíbrio e a segurou com firmeza.

– Um pobre cidadão deixou isso aqui – disse ele, servindo-se de uma xícara. – Não tem por que desperdiçar.

Com a xícara cheia, Hawking consertou a postura. Por um instante, estava na estatura curvada em que Carver costumava vê-lo. Então, com um estalo ósseo, endireitou a coluna, ganhando uns quinze centímetros de altura. Ele parou um momento para passar a mão pelo cabelo, fazendo cair o pó branco e revelando o negrume por baixo dele.

Carver tentou encontrar um sentido no que presenciava, mas parecia não haver sentido algum.

Hawking se contorceu novamente e se ergueu mais, deixando cair o lençol que o cobria e revelando a capa e o traje a rigor preto.

– Você não tem ideia de como é difícil ficar nessa posição – declarou ele, com a voz mais grave e ressoante. – Especialmente depois que seu amiguinho delinquente destruiu meu joelho, e meu próprio filho me atingiu com um tijolo, deu-me dois choques com aquele bastão dos infernos e me atropelou com uma carruagem elétrica!

Boquiaberto, de olhos arregalados, Carver conseguiu balbuciar:

– Não pode... ser...

Seu mentor pareceu incomodado.

– *Não*? Não pode haver caminhões de bombeiro no palco? Sério, moleque: se não consegue lidar com o monstro, não olhe embaixo da cama.

Ele abaixou a cabeça, pressionou duas costeletas negras ao longo das bochechas e alongou sua mandíbula. Quando voltou a levantar os olhos, em vez do rosto envelhecido de Hawking, Carver reconheceu o largo sorriso malicioso de Jack, o Estripador.

Tão rápido quanto surgiu, o semblante demoníaco esmaeceu, fazendo-o voltar a se parecer mais com o velho Hawking de olhos estreitos, não fossem as costeletas e o cabelo negro.

Ele passou os dedos por sua capa e seu terno pretos.

– Sabe, eu nem me vestia assim em Londres. Foi assim que um bando de artistas sensacionalistas me retratou. Um personagem de romance policial barato, pra mentalidades baratas. Uma fantasia – disse ele, com um fastio evidente, antes de tirar uma cartola de trás de uma mesa e oferecê-la a Carver: – Quer experimentar?

Carver não sabia se gritava ou soluçava.

– Eu vi você nocauteado no apartamento da Leonard Street! – disse ele,

como se a razão pudesse, de algum modo, fazer aquela imagem diante dele desaparecer.

Seu pai se irritou.

– Tem certeza que você não consegue deduzir *nada*, agora que tem a resposta? O fato de eu usar a máquina de escrever pra que ninguém reconhecesse minha letra? Mesmo assim, você não saberia a diferença antes de eu estar ferido. Quanto à Leonard Street, Rowena Parker estava mais preocupada com seu chapéu de pena de avestruz do que com a morte. *Ela* me jogou um relógio na cabeça. Quase desmaiei antes de matá-la.

– Era você. Você matou aquelas mulheres... – acusou Carver.

– E o senhor Tudd. Não se esqueça do querido Septimus.

– Ele também?

Hawking pareceu arrependido por um instante.

– Foi mais difícil do que eu imaginava. Não tecnicamente. Você não faz ideia de como é fácil começar uma rebelião depois de se infiltrar na cadeia. Mais fácil ainda é enforcar alguém no meio daquele belo caos. Ele nunca nem soube que era eu. Melhor assim, não acha?

– Seu próprio parceiro... – disse Carver.

– Um fato interessante: a maioria dos assassinatos é cometida por pessoas que a vítima conhece. Tudd deu o palpite mais sortudo da carreira dele, mas eu não poderia deixar que ele descobrisse o resto antes de *você*. Mas você ajudou, não foi? A armar pra ele? Até remexeu no cadáver dele – falou, com um sorriso. – Você tem meu sangue correndo nas veias.

Carver hesitou.

– Eu não sou nada como você.

– Já conversamos sobre isso. Claro que é. Ainda que um pouco bruto. E eu sou muito mais divertido – disse ele, antes de afinar a voz para soar como Thomasine Bond: – Desculpe, o senhor Hawking não está aqui. – Ele estalou o pescoço. – Thomas Bond foi o único legista que tinha certeza que Alice McKenzie também era vítima do Estripador. Nunca sacou essa pista, não é?

– Por quê? Por que o senhor fez isso?

– Já conversamos sobre isso também. Era um jogo pra *você*. Planejado desde o momento em que descobri que você estava vivo. Depois de Whitechapel, eu não poderia mais ser o detetive que queria ser, mas meu *filho* poderia. Por que não deixar que *ele* capturasse o maior assassino do mundo? Fingi que era inglês; quando desembarquei, assinei meu nome como Jay Cusack, tornei-me Raphael Trone, enviei aquela última carta pro Ellis e, então, esperei até que você estivesse pronto pra me encontrar. E aqui está você, na beira da grandeza. Poderia ter ficado lá, se não tivesse me seguido...

O trem se jogou para o lado. Eles estavam virando na Third.

– Você era um grande detetive! – gritou Carver. – Você ajudou a impedir uma tentativa de assassinato contra o presidente! O que de tão horrível pode ter transformado tanto você?

Hawking esmurrou a mesa com toda a força, fazendo o bule pular.

– Você não tem ideia, rapaz, não tem *ideia*! Eu pensei que você e sua mãe estivessem mortos, mutilados de maneira muito mais terrível que qualquer vítima do Estripador, e eles me fizeram crer que *eu* havia feito aquilo! *Aquele* foi meu abismo. Sobrevivi a isso, ou pensei ter sobrevivido, até o último tiroteio. Os melhores médicos de Londres me curaram depois daquilo. Eu fiquei mais forte, mais esperto, mas eles não poderiam curar minha alma. Isso, eu tive de fazer por conta própria. Matar foi o único modo que encontrei de voltar a mim! Mas você não teria como entender isso. Não *ainda*, pelo menos.

82

Carver recuou com repugnância. Ele avistara, plenamente, o abismo àquela hora. Estava ali, bem diante dele.

Seu pai se consternou.

– Eu ia morrer por você, morrer como o Estripador, deixar que Albert Hawking desaparecesse como um herói mal compreendido. Mas aquilo foi antes. Agora, como mencionei, tenho outra coisa a fazer. O jogo acabou, Carver. Deixe que eu vá embora; não vou voltar. Você tem minha palavra de pai.

– Não posso – disse Carver.

Hawking se levantou.

– Por que não? É só mais um passo. Estou disposto a deixar *você* ir.

– Eu não sou um assassino.

– Mas você terá de me matar pra me impedir.

– Não. Acho que não.

Schick! O bastão se expandiu, soltando faíscas de sua ponta de cobre.

– De novo esse negócio? Muito bem – falou ele, sacando do bolso do capote sua longa faca de talho. – Vá em frente, rapaz, detenha-me.

Na esperança de acabar logo com aquilo, Carver levantou o bastão, apontando a extremidade contra o rosto de seu pai. Ele avançou, mas Hawking se esquivou. Com a lâmina da faca, atingiu o centro do bastão com tanta força que quase o fez voar das mãos de Carver. Segurando o bastão com mais firmeza, Carver tentou de novo.

Swack! Ping! Clack!

Os dois voltearam, desviaram, apararam golpes. Hawking não só sabia algo sobre esgrima como era mais rápido e muito mais forte. Por mais que tentasse, Carver não conseguia aproximar a ponta de cobre de seu pai. Mas... ele não precisava tocá-lo, precisava? Da última vez, Carver teve apenas de tocar a lâmina. O choque elétrico havia sido transmitido pelo metal, forçando-o a derrubar a faca no chão.

Na esperança de surpreender seu pai novamente, apontou para a lâmina. Com uma velocidade ofuscante, o Estripador levantou a lâmina, fazendo o bastão passar ao largo. No último instante, aparou para baixo.

Ssp! Crec.

Carver reprimiu um grito. O bastão tinha sido cortado tão habilmente que parecia feito de papel. A ponta de cobre caiu no chão. Ondas de fumaça subiram

da extremidade rachada.

– Viu? Você me fez quebrar seu brinquedinho. É uma pena.

Carver alternou os olhos da faca para o olhar de seu pai.

– Você vai me matar?

– Não, mas não posso deixar você me seguir. Então, último jogo. Sua aparição aqui me forçou a improvisar, mas acho que fiz bem – declarou ele, apontando com a faca para a locomotiva atrás deles. – O maquinista está inconsciente. Além de ser útil em desacoplar vagões, meu aparelho está segurando a alavanca pra baixo. É uma boa metáfora da vida. *Ninguém conduz o trem*. Ele *vai* parar quando chegar à Grand Central, mas, então, nosso pobre maquinista será esmagado sob toneladas de aço detonado e carvão incandescente, sem mencionar o que acontecerá às pessoas que estiverem na *frente* do trem.

Impassível, jogou a lâmina de uma mão à outra.

– Então, eis o que você pode fazer: passar reto, salvar o maquinista e o trem, ou continuar lutando comigo, causando a morte de *todos* nós.

– Você acabou de dizer que não me mataria.

– Mas nunca disse que impediria você de se matar. Algumas coisas são quase impossíveis de deter. Um pouco como... – começou ele, com a expressão voltando ao semblante irascível do Estripador – um trem desgovernado?

Carver rangeu os dentes. As algemas que Roosevelt lhe dera chocalhavam em seu bolso. Ele envolveu as mãos em torno delas, para impedir o barulho.

– Pronto, sairei do caminho pra você passar – disse ele, abaixando a lâmina e abrindo espaço. – Se você é tão diferente de mim como gosta de pensar que é, só tem uma opção.

Carver estava inerte, com os pensamentos em total desordem.

– Vamos, rapaz, não resta tanto tempo assim! Decida... decida... decida!

Carver fixou os olhos na porta e, tentando não olhar o vulto sombrio, caminhou a passos firmes. Passou por Hawking, pousou a mão esquerda sobre a porta e a abriu, fazendo o vento invernal e o vapor abafado entrarem com tudo. Seu pai pareceu aliviado.

– Você será um grande detetive – profetizou ele. – O segundo melhor, depois de mim.

Carver abriu a boca, como se para responder. Em vez disso, tirou as algemas do bolso e apertou uma em torno do pulso de Hawking. Mesmo sendo pego de surpresa, os reflexos de seu pai eram assombrosos. Rapidamente, ele deu um passo para trás, mas um solavanco súbito do trem o forçou a jogar o peso do corpo sobre a perna ferida. Enquanto caramunhava, deixou cair a lâmina. Com Hawking levemente desequilibrado, Carver fechou a outra algema ao redor

do braço metálico do assento.

Tudo o que faltava era sair do seu alcance. Carver se lançou para trás através da porta aberta, tentando ficar em pé enquanto chegava ao pequeno espaço entre o vagão e a locomotiva. Furioso, Hawking lançou seu corpo adiante. Vagalhões de vapor subiam ao redor deles, fazendo ondular a capa preta do Estripador.

Carver continuou recuando, batendo de costas contra a traseira do compartimento de carvão. Os longos e fortes dedos de Hawking quase o agarraram, mas ele foi detido pelas algemas. Capturado, o assassino deu um solavanco, como se pretendesse arrancar a própria mão. Ele agarrou o braço, rangeu os dentes e soltou um grito ferino que pareceu mais alto que o martelado do motor, mais alto que o alarido do maquinismo contra os trilhos de aço.

Então, inesperadamente, soltou uma gargalhada.

– Excelente, rapaz! Você algemou o demônio! Agora, o que fará com ele?

83

Deixando a sonora gargalhada de seu pai para trás, Carver subiu pela carvoeira. A fumaça escura cobriu seus olhos, enchendo sua boca como um líquido repulsivo. Tendo feito a última curva, o trem se embarrilou pela 42nd Street. Ele pôde ver os cumes arredondados das três grandes torres da Grand Central à distância, que marcavam o fim da linha.

Agachou-se até a porta da cabine aberta. A fumaça de carvão subia e ele cuspiu para tentar se livrar da fuligem e do gosto pútrido na boca. Dentro da cabine degradada pelo calor, ficou surpreso com a destruição que seu pai causara em tão pouco tempo.

O maquinista, um velhote baixo, cujo cabelo ruivo se mesclava com manchas escuras no rosto, estava jogado num canto, refastelando-se perigosamente com os sacolejos do trem. Em sua testa, salientava-se um inchaço reluzente, mas sua respiração espasmódica mostrou a Carver que ele ainda estava vivo.

Ele se voltou para os controles, uma série de alavancas estranhas e um painel de aferidores, cujos ponteiros apontavam para uma zona vermelha. Carver não precisava conhecer muito para saber que a caldeira poderia explodir antes mesmo que o trem colidisse. Ele vasculhou a cabine, a princípio sem sequer reconhecer o curioso instrumento de bronze de Hawking, uma vez que se adequava tão perfeitamente ao projeto do trem.

Ele envolveu as mãos em torno da estaca de bronze e a puxou. Ela não se moveu. Ao encontrar um pé de cabra, volteou-o contra a estaca. Nada ainda. Cunhou a extremidade lisa do pé de cabra sob ela e a empurrou com todas as suas forças. Sua mão escapou. A estaca de bronze não se movimentou.

Em linha reta agora, o trem deixou de balançar e acelerou. Sob o trilho elevado, os pedestres levantavam os olhos, pasmos e embasbacados. Gritar para eles seria inútil, mas ele precisava de ajuda.

Voltou-se para o maquinista caído e o chacoalhou.

– Acorde! Acorde!

A cabeça do homem se deixou cair, como se mal estivesse ligada ao pescoço. Havia uma marmita no chão, sobre a qual repousava uma garrafa. Carver a pegou, abriu e derramou o líquido sobre a cabeça do maquinista, percebendo, tarde demais, que se tratava de uísque.

Com o uísque se esparramando sobre o nariz vermelho e a boca do

maquinista, faíscas da caldeira ameaçavam pô-lo em chamas. Desesperado, Carver tentou secar o líquido com a camisa. Nisso, o homem despertou em sobressalto. Ao ver Carver, gritou e sacou uma pistola do bolso grosso do macacão.

Carver se assustou.

– Não fui eu! Eu não ataquei você! Você precisa me ajudar a parar o trem!

O homem olhou extremamente desconfiado, até que Carver apontou para a estaca de bronze enfiada sob a alavanca. Juntos, agarraram-na e puxaram-na. O maquinista era baixinho, mas seus braços eram fortes e musculosos. Com o esforço, seus olhos se arregalaram tanto que pareciam prestes a saltar.

Bufando, eles soltaram a estaca de bronze, que ainda não se movera.

– Esqueça! – exclamou o maquinista, olhando para a porta e para os trilhos indistintos, e, então, à frente. O grande terminal parecia maior a cada segundo. – Teremos de pular.

Carver fez que sim, mas então se lembrou de seu pai algemado. Ele era um assassino vil e insano, porém também tinha sido seu mentor e, de um modo perverso e doentio, tentou cuidar dele. Deixar que morresse preso a um trem desgovernado parecia mais algo que o Estripador pudesse fazer.

– Deixei alguém pra trás! – gritou Carver.

– Pegue a pessoa, rápido! – disse o maquinista, preparando-se para pular.

Carver o puxou para trás.

– Posso ficar com sua arma?

O maquinista deu de ombros e lhe entregou a pistola. No instante seguinte, seu corpo pequeno e musculoso rolava e saltava pelos trilhos. Carver não fazia ideia se o homem chegou a sobreviver, tampouco tinha tempo de se perguntar isso agora. A Grand Central estava a menos de quatro quarteirões de distância.

Ele saiu da cabine abafadiça, de volta ao ar gélido e fumacento. Com a pistola em mãos, erguida e pronta para atirar, voltou ao vagão de passageiros.

Formou um plano. Ele jogaria as chaves para seu pai, que poderia abrir a fechadura sozinho, e eles saltariam juntos. Não era um ótimo plano, mas era tudo que ele podia fazer.

Porém, o vão ocupado pela porta estava vazio, bem como o restante do vagão. Seu pai tinha desaparecido; a porta do outro lado do vagão pendia aberta. Só ficaram as algemas, uma presa ao braço do assento, a outra chacoalhando livremente, com um grosso aro de sangue escurecido banhando o metal.

Será que ele tinha quebrado a própria mão para escapar? Adiante, o túnel ferroviário que levaria o trem para dentro da Grand Central se avolumava como a boca escancarada de um monstro. Pelos vislumbres turvos que Carver teve, as pessoas estavam correndo para sair do caminho. Ele se precipitou para a porta

que seu pai deixara aberta. No instante em que o trem adentrou a escuridão, saltou, sem fazer ideia de onde pousaria.

84

Mais que cair com estrépito, Carver deslizou sobre os trilhos, ricocheteando como uma pedra atirada em um lago. Ele subiu uma, duas, três vezes até ser parado por um encrespamento lateral da ferrovia. Ouviu um estrondo quando a locomotiva atingiu o fim da linha, destruiu o batente de concreto do alicerce e continuou seguindo em frente.

Foi o primeiro de muitos sons de estourar os tímpanos que ele ouviria.

Carver levantou a cabeça a tempo de ver a locomotiva mergulhar no fim do trilho, levando atrás de si o vagão de passageiros. Logo veio o segundo estrondo, mais sonoro que um trovão, quando a frente da locomotiva bateu contra o piso de mármore do terminal.

Quando o trem de passageiros subiu na plataforma, as pessoas estavam se esgoelando. O vagão não desapareceu completamente de vista. Em vez disso, com uma terceira batida, menor, parou, ficando de viés sobre o fim da linha. Carver só pôde supor que ele havia atingido a traseira da locomotiva capotada.

O quarto e último som foi o mais terrível. A caldeira da locomotiva, enfraquecida pela pressão, pela colisão, e, por fim, pelo vagão de passageiros, explodiu pelos ares. Foi um estrondo retumbante e colossal, uma única batida de um tambor titânico, seguida por uma torrente de ar quente, ondas de fumaça e chamas.

Para Carver, parecia que seu pai, num último ato de maldade, tinha aberto as portas do inferno.

85

Houve quarenta e sete feridos, mas, milagrosamente, nenhuma morte. Carver sofreu inúmeros ferimentos e hematomas profundos, mas nenhum que exigisse repouso. Timothy Walsh, o desafortunado maquinista, sofreu apenas uma fratura no punho. Quando Carver o visitou para devolver a pistola, ele lhe disse, jovialmente, que havia ganhado mais do que perdido. Agora, ele tinha uma grande história de aventura que poderia contar e recontar.

Uma semana depois, Carver se sentou ao lado de Delia, Finn e do comissário Roosevelt no pátio do quartel-general da Nova Pinkerton. O cheiro de fumaça da máquina analítica havia muito se desanuviara, e o ar estava relativamente puro. Era a primeira visita de Roosevelt e de Finn, e, mesmo uma hora após terem chegado, continuavam olhando de esguelha para o vagão de metrô pneumático parado silenciosamente na plataforma.

Carver tinha levado a confortável cadeira luxuosa de Tudd ao pátio para que Roosevelt se sentasse, mas o comissário preferiu se pavonear de um lado para o outro, de terno aberto e polegares nos bolsos da calça.

– É *de fato* um excelente lugar, senhor Young, muito elegante e silencioso – declarou Roosevelt. – Até agora, porém, ainda ouço o clamor da Mulberry Street, assim como se pode ouvir o som do oceano quando se coloca uma concha na orelha. O dever chama, e devemos obedecer.

Ele colocou um arquivo sobre a mesa e o empurrou para Carver.

– Como mencionei, entrei em contato com a Agência Pinkerton pra saber o que eles poderiam nos dizer sobre o senhor Hawking. Como você pediu, não mencionei o dinheiro que Allan Pinkerton legou pra fundar este lugar.

Carver pegou o arquivo e o folheou, afoito.

Delia queria espiar por sobre o seu ombro, mas acabou perguntando ao comissário: – O que o senhor descobriu?

Roosevelt encolheu os ombros.

– Indícios, senhorita Stephens... ecos. Hawking conhecia bem a vida dupla. Os Pinkertons empregaram-no como agente secreto na Guerra Civil contra gangues criminosas e, quando a agência se expandiu, contra gangues de malfeitores em Nova York. No final dos anos 1870, pediram a Hawking que se infiltrasse num grupo responsável pelo sequestro e abuso de mulheres. Ele viveu entre eles durante muitos anos, agindo como um deles, avisando a agência dos crimes mais hediondos da gangue. Com o passar do tempo, contra o conselho do

próprio Pinkerton, ele se casou. Em 1881, o líder da gangue descobriu a identidade de Hawking.

Carver se enrijeceu.

– O ano em que eu nasci.

Roosevelt abrandou o tom de voz.

– De acordo com o arquivo, foi também o ano em que a mulher de Hawking foi brutalmente assassinada. Ela estava grávida na época.

– Minha mãe – reagiu Carver. – Hawking disse que eles deram um jeito de convencê-lo que *ele* tinha feito aquilo.

– Se acreditava ser o assassino, ele não confessou. O relatório diz que se tornou errático, excêntrico, mas que continuava sendo um detetive genial. Tirando o que você me contou sobre a fundação da Nova Pinkerton e o último tiroteio que o deixou ferido, isso é tudo que sabemos. – Roosevelt ficou em silêncio um instante. – Se eu fosse homem de apostar, diria que a morte da mulher dele quase o destruiu, mas que a batalha final o atirou no fundo do poço e o transformou num assassino cruel. – Roosevelt olhou para Carver intencionalmente. – Mas, no que concerne a algo tão importante como a identidade do mais execrado assassino do mundo, não é de bom-tom apostar.

– Não, não é – concordou Carver. – Deve existir mais alguma coisa.

Na esperança de enxergar algo novo, Carver rabiscou rapidamente uma linha do tempo:

1881 Eu nasço. Hawking, infiltrado, acredita minha mãe e eu mortos
1885 Tudd e Hawking abrem Nova Pinkertons Nova York
1888 Hawking, ferido combate, viaja pra Europa/Londres se recuperar
1888 Ago/Nov Assassinatos Estripador Whitechapel
1889 Julho Hawking descobre que estou vivo, escreve carta que eu encontro. Inicia plano
1895 Maio Primeira morte Nova York

Ele fitou o que tinha escrito, mas, ao contrário das pistas que seu pai deixara, nada lhe vinha à mente de pronto.

– Vamos ter de nos contentar com isso, por enquanto. Tendo concretizado seu objetivo, talvez Hawking desapareça como prometeu. Mas minha experiência diz que esse tipo de selvageria não pode ser refreada por muito tempo. Em algum momento, ele encontrará outro motivo pra voltar a matar. Contudo, se fizer isso nesta cidade, estaremos aqui pra detê-lo, armados de coragem, aliados e informações.

– Eu preciso rastreá-lo – disse Carver.

– Entendo sua vontade, mas não vejo como conseguir isso. Como não temos nem suspeita do paradeiro dele, sinto dizer que a próxima jogada será dele. Até ele agir, aconselho você a esperar, estudar e se desenvolver – aconselhou Roosevelt, olhando Carver com admiração. – Você pode ser jovem, mas já é um grande homem.

Ele tirou o relógio do bolso.

– Preciso voltar. Quando eu sair, você pode começar a entrar em contato com as pessoas que trabalharam aqui e que julga confiáveis. Embora as identidades delas possam e devam permanecer secretas pra mim, você me manterá informado sobre suas atividades.

– Sim, senhor – assentiu Carver.

– Valentão! – disse Roosevelt, apertando a mão de Carver com firmeza. – Será bom poder recorrer a uma força como essa. Não bastasse o senhor Hawking, a corrupção nesta cidade continua vasta, variada e tão determinada a nos destruir quanto estamos determinados a destruí-la. Agora, digo com mais confiança do que nunca: ela está lutando uma batalha perdida!

Dito isso, o comissário de ombros largos se pavoneou em direção ao metrô.

– Lembre-se, senhor Young. Não se confine nas trevas dentro de você. Aja!

Com um aceno, entrou no vagão e fechou a porta.

Passados alguns instantes, a porta voltou a se abrir. Roosevelt pôs a cabeça chata para fora.

– Basta acionar aquela alavanca debaixo do banco e ele me leva de volta?

– Isso, senhor – respondeu Carver, com um sorriso.

– Excelente! Alice manda lembranças – disse Roosevelt.

Delia pestanejou, à menção desse nome.

Momentos depois, o vagão se moveu pelo túnel circular, silencioso como o suave ar que o propelia.

– Ele deveria se candidatar a presidente – comentou Finn, antes de se voltar para Carver. – Meus pêsames por sua mãe.

Carver encolheu os ombros.

– Nem sei como me sentir em relação a isso. Nunca cheguei a conhecê-la.

Quando Carver caiu num silêncio abrupto, Delia sinalizou para que Finn fizesse alguma coisa.

Obediente, o jovem grandalhão deu um soco no braço de Carver.

– Ai! – resmungou Carver. – Pelo que foi isso?

– Nada. Como é se sentir no comando das coisas?

Carver olhou ao redor.

– Eu não estarei no comando, na verdade. Serei mais como um agente de

ligação entre a Nova Pinkerton e Roosevelt. Não tenho ideia de como gerenciar um lugar desses.

– Pelo menos, não por enquanto – acrescentou Delia, que, sentada ao lado dele, começou a passar a mão sobre o velho casaco que Carver deixara sobre o assento da cadeira.

Carver abanou a cabeça, de volta ao momento.

– Vamos começar com Emeril. *Ele* é quem deve ficar no comando. Então, o senhor Beckley. *Alguém* precisa limpar o ateneu.

Carver estremeceu ao se recordar da bagunça que ele e Delia fizeram lá dentro.

Delia passou a mão pelos rasgos no velho casaco.

– Ainda não sei como me sinto mentindo pros Ribes sobre isso tudo. Mas *é* importante – disse ela, passando os dedos por um buraco maior. – Carver, por que você *ainda* usa esta coisa velha?

– Era dele – justificou Carver. – É uma lembrança.

Ela deslizou as mãos pelo tecido.

– Isso está caindo aos pedaços. Está fedendo a carvão. Você quer que eu costure alguns dos...

Ela se deteve e olhou para Carver.

– Que foi? – perguntou ele.

– Tem alguma coisa no forro.

Ele pegou o casaco e o colocou sobre a mesa. Pressionando o tecido, uma saliência retangular tornou-se visível. Sem esperar por uma faca ou uma tesoura, Carver rasgou a costura e tirou um pacote embrulhado.

– Não acredito – falou Carver.

– Não deveríamos buscar por impressões digitais? – indagou Delia.

Antes que ela terminasse a frase, porém, Carver havia aberto o embrulho, dentro do qual estava um volume de *Memórias de Sherlock Holmes*, de Arthur Conan Doyle.

– A nova coletânea – disse Carver, perplexo. – Ele me deixou um *presente*?

Folheando-o, três folhas de papel caíram no chão. Uma era a carta que Carver havia encontrado no Ellis. A outra, o fac-símile da carta "Caro Chefe" de Londres, que, no entanto, parecia ter sido arrancada de um livro. A terceira era nova, mas escrita com o mesmo garrancho.

Finn e Delia se aproximaram para lê-la.

Do abismo

Três souvenirs. O primeiro eu escrevi em Londres, quando planejei todo o jogo. O segundo, roubei de um livro da biblioteca. Que maldade.

Eu menti um pouco, mas não me culpe. Sua mãe nunca me perdoaria se eu fosse à forca sem dizer oi. A surpresa é que ela pode estar viva.

A seu dispor,

. . . você sabe quem

Carver olhou longamente.

– Meu pai.

– ... é doidinho da cabeça – completou Finn.

Delia apontou para o arquivo que Roosevelt deixara.

– Ao menos agora você sabe que ele já foi um homem bom.

– Acho que isso é o que mais me preocupa – observou Carver. – Se ele pôde mudar tanto, o que garante que eu também não possa?

– Você não vai – afirmou Delia. – Não importa o que aconteça, você sempre será Carver Young.

NOTA DO EDITOR

A notícia a seguir foi, de fato, publicada pelo

The New York Times

em 20 de janeiro de 1889

"JACK, O ESTRIPADOR" ESCREVE PARA AVISAR QUE ESTÁ PRESTES A AGIR EM GOTHAM

A seguinte mensagem, escrita em caligrafia precária, foi recebida pelo capitão Ryan, do posto da East Thirty-Fifth Street, na tarde de ontem:

"Capitão Ryan:
Vocês pensam que 'Jack, o Estripador' está na Inglaterra. Mas não: estou bem aqui, e pretendo voltar a matar na próxima quinta-feira. Portanto, preparem as pistolas, mas saibam que tenho uma faca muito mais capaz. A próxima notícia que receberão será a de uma mulher morta. A seu dispor,
Jack, o Estripador"

O capitão recebeu a carta por volta das duas horas da tarde de ontem, pelo correio, e o envelope portava dois selos, além de uma taxa de dois centavos. O capitão Ryan não descobriu onde a carta foi postada e, depois de fazer uma cópia, enviou-a ao quartel de polícia.

Glossário de personagens e invenções

Ei, *muitos* autores de ficção tomam liberdades com a história para tornar sua própria história mais interessante. Mudamos alguns detalhes sobre pessoas famosas, inventamos novas tecnologias, imaginamos guerras, alienígenas, monstros, o que for, tudo para manter o leitor colado à página.

E, embora este humilde autor seja culpado de tal acusação, ao fazer minhas pesquisas para Jack, o *Estripador em Nova York*, muitas vezes descobri que a realidade era fascinante por si só. Por isso, muitas das invenções, além de detalhes sobre personagens históricos que aparecem no romance, são realmente verdadeiros. O que era real e o que não era? Algumas respostas podem surpreender você!

Jack, o Estripador
Sim, o primeiro *serial killer* mundialmente famoso de fato existiu, nunca foi capturado e sua identidade continua sendo um mistério que alimenta inúmeros livros, romances e filmes. Os detalhes sobre os crimes hediondos em Londres são todos verdadeiros, incluindo a suposta sexta vítima, Alice McKenzie. Duas das cartas que o assassino teria escrito aparecem nesta obra integralmente. Os homicídios em Nova York são totalmente fictícios, mas, em 1895, Jack ainda permanecia na memória da população. Vários jornais da época se perguntavam se esse ou aquele assassinato era obra do velho Jack; além disso, a carta de 20 de janeiro de 1889 de fato existiu. Até onde se sabe, porém, ele nunca teve filhos, e, dada sua atitude em relação às mulheres, isso seria muito improvável. O Estripador chegou a ir a Nova York? Talvez. Um dos suspeitos, Francis Tumblety, voltou para lá após os homicídios de Whitechapel, e, a pedido da Scotland Yard, a polícia o manteve sob vigilância.

Allan Pinkerton
A interessantíssima carreira do primeiro detetive particular dos Estados Unidos é quase igual à descrita pelo senhor Hawking, incluindo o derrame debilitante, sua extraordinária recuperação e suas batalhas legais contra os próprios filhos pelo controle da agência que ele mesmo criara. Fora isso, inventei a parte sobre o senhor Pinkerton ter deixado uma generosa quantia para que os agentes fictícios Hawking e Tudd fundassem a Nova Pinkerton, mas gosto de pensar que a ideia o teria agradado.
Teddy Roosevelt

Ao ver o impetuoso homem de sorriso largo – cujo nome deu origem ao ursinho de pelúcia Teddy Bear –, representado em filmes como *Uma noite no museu*, sempre imaginei que toda aquela bravura e extravagância eram um exagero. Não, não eram. O Teddy Roosevelt da vida real é o personagem mais interessante sobre quem já tive o prazer de ler. Mantive os detalhes sobre ele e sua vida verdadeiros, citando-os quando possível. Ele de fato trabalhou como comissário de polícia em Nova York e, de fato, colocava a cabeça para fora da janela do quartel na Mulberry Street e gritava “Yieee!” para chamar a atenção da imprensa. Posteriormente, tornou-se secretário-assistente da marinha, vice-presidente e, quando o presidente McKinley foi assassinado, presidente dos Estados Unidos. Tudo isso ainda é só metade da história. Um grande caçador, ele chegou a participar de uma expedição em busca de um *monstro*.

Alice Roosevelt

Com uma personalidade extravagante, que sempre causou problemas ao pai ao longo da vida, a filha mais velha de Teddy Roosevelt é muitas vezes citada por falar: “Se você não tem nada de bom pra falar de alguém, pode vir se sentar ao meu lado”. Acredito que essa frase resuma bem sua história, embora duvide que ela a tenha dito originalmente na mesma tenra idade em que diz no livro. É possível, porém, que uma jovem tão vivaz possa ter praticado a frase com alguém como Carver. Ela também é famosa por declarar: “Tenho uma filosofia simples. Encha o que está vazio. Esvazie o que está cheio. E coce o que estiver coçando”.

Metrô pneumático de Alfred Beach

O quartel-general da Nova Pinkerton é uma criação minha. O incrível trem que leva até ele, não. O Sistema de Transporte Pneumático de Beach existiu exatamente como descrito. Em 1870, realmente era possível entrar nele pela Loja de Departamentos Devlin’s, na esquina da Broadway com a Warren Street. Em seu primeiro ano, mais de quatrocentos mil passageiros foram transportados na curta linha sem ramais. Houve rumores de que Beach nunca obteve financiamento para continuar com o sistema por não ter podido subornar o governo corrupto. No entanto, fontes mais confiáveis afirmam que ele não conseguiu apoio financeiro em parte por causa da queda do mercado acionário. O primeiro metrô norte-americano foi imortalizado pela canção à moda dos Beatles “Sub-Rosa Subway”, da banda Klaatu, além de ter feito uma breve aparição no filme *Os Caça-fantasmas 2*.Apesar de não existir mais, em 1912, a estação e a linha foram escavadas para dar lugar a um novo metrô. Com algumas buscas, fotos do vagão cilíndrico podem ser encontradas na internet.

Elevador pneumático
Eu *pensei* ter inventado isso. Mas parecia uma extensão tão natural do metrô pneumático que eu não tinha como ter certeza. Então, quando estudava para montar este glossário, dei uma olhada na internet e descobri várias empresas que de fato fabricam máquinas assim. O nome utilizado é “elevadores a vácuo”, porém o princípio é o mesmo. Eles costumam ser usados em casas, para transportar uma única pessoa. Contudo, não há registros de que tenham existido por volta de 1895.

Tubo acústico
O tubo acústico no escritório de Tudd, na Nova Pinkerton, era um meio de comunicação comum em navios e escritórios desde 1700. Feitos de metal, borracha ou até linho, continuaram sendo muito usados até o início do século XX.

Periscópio de escritório
Carver ficou impressionado com a vista da rua propiciada por meio de um espelho embaçado que Tudd descreveu como periscópio. Embora o espelho retrovisor, os tubos curvados descritos e a distância envolvida sejam licença literária, os periscópios, constituídos de espelhos angulados dentro de um compartimento, existem há séculos. Johann Gutenberg, mais conhecido pela criação da imprensa, vendia-os na década de 1430 a peregrinos, para que pudessem ver sobre as cabeças da multidão em festivais religiosos.

Tubo pneumático
A ideia de entregar objetos utilizando ar para sugá-los através de um tubo foi inventada por William Murdoch, por volta de 1799. Todos adoraram, mas não foi muito útil até a invenção da cápsula, em 1846, quando passou a funcionar de verdade. Os tubos pneumáticos logo se tornaram populares em empresas e continuaram em uso até cerca de 1960.

Fonógrafo
Houve alguns precursores fascinantes, porém a famosa invenção de Edison para gravar e tocar sons data de 1877. Muito em voga por volta de 1895 e usado por executivos para gravar ordens, o público geral costumava vê-los mais nos salões descritos por Carver, onde as pessoas ouviam músicas gravadas num cilindro em troca de um níquel.

Bastão de atordoamento

Em termos de tecnologia disponível, o bastão de atordoamento de Carver é o único anacronismo verdadeiro. Para atordoar uma pessoa, são necessários cerca de dois milhões de volts, e não existiam baterias capazes de suportar uma carga dessas na época em que se passa esta história. Para uma comparação, a bateria de zinco-carbono, que passou a ser comercializada em 1896, produzia apenas 1,5 volt. Foi apenas na década de 1970 que surgiram os bastões de atordoamento. Mas, ei, um laboratório secreto com muitos recursos? Quem sabe o que se pode conseguir...

Abridor de fechaduras automático

A arte de arrombar fechaduras é tão antiga quanto as próprias fechaduras (isto é, tem mais de quatro mil anos), mas, até onde sei, eu inventei o utilíssimo abridor de fechaduras automático de Carver. Hoje em dia, existem abridores de fechaduras elétricos no mercado que aceleram o processo, então, não há motivo para crer que não fosse possível uma versão mecânica. No entanto se ele viesse num kit com as peças soltas, eu odiaria ter de montá-lo.

Carruagem elétrica/carro elétrico

Embora possa ser algo do futuro, o carro elétrico também fez parte do passado. Poucos sabem, mas houve uma competição entre os barulhentos e fétidos motores a gasolina e suas contrapartes silenciosas a bateria. A batalha durou uns trinta anos, da década de 1890 à de 1920. Após vários ajustes, o motor a gasolina passou a gerar velocidade e alcance tão melhores que acabou vencendo a competição. Os carros elétricos que apareceram no livro surgiram inicialmente em Nova York apenas dois anos depois, em 1897, mas, se uma agência secreta não conseguisse alguns modelos avançados, quem mais conseguiria?

Equipamento ferroviário de Hawking

O equipamento de bronze, com tantas peças e parafusos, que Albert Hawking passou horas limpando e montando com diligência, infelizmente, é completamente ficcional. Apesar disso, não me parece impossível. Antigamente, os maquinistas mudavam de trilho golpeando a alavanca do alternador com qualquer estaca velha, e não há nenhum motivo por que os vagões não pudessem ser desacoplados com uma ferramenta no formato certo.

Pistolas automáticas

Viagem minha. Os motores e a mecânica necessários para construir essas armas certamente existiam na época, mas uma pistola de dar corda me parece algo

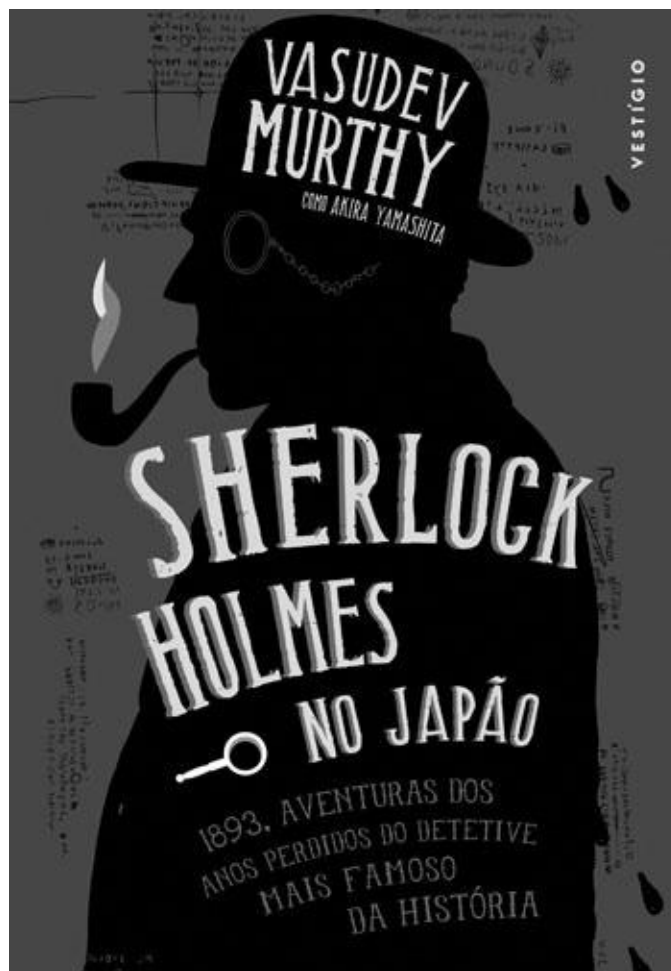
estranhamente *perigoso* para se ter por perto.

Painel telefônico do quartel de polícia
Como o livro menciona, depois que a patente de Alexander Bell venceu, houve uma competição tresloucada entre as empresas que ofereciam o serviço, mais ou menos como as atuais operadoras de celular. A grande diferença era que eram necessários *fios* para conectar os telefones. Grandes escritórios, como o quartel de polícia, iam à loucura para não ficar para trás. A versão que Carver usa é um dos primeiros modelos da época, descrito num velho catálogo que descobri durante minhas pesquisas.

Máquina analítica
Apesar de eu ter tomado certas liberdades ao visioná-la operando com um banco de dados tão grande, a máquina analítica, o primeiro computador de uso geral, movido a vapor, é real, pelo menos no papel. Ela foi projetada em 1837 pelo matemático inglês Charles Babbage, que, infelizmente, nunca chegou a construí-la. De acordo com os projetos, o programa receberia dados por meio de grossos cartões de cartolina perfurados (utilizados na época em teares automáticos, como o cilindro de uma pianola). Na saída, a máquina teria uma impressora e um sininho para indicar quando o serviço estivesse terminado. Babbage montou pequenas partes dela até sua morte, em 1871. Em 1910, seu filho, Henry, construiu uma máquina bem maior e a usou para imprimir uma resposta (incorreta) a um problema matemático. Foi apenas em 1991 que o Museu de Ciência de Londres fez uma versão em pleno funcionamento. Existem fotos na internet e, para dar a minha opinião pessoal, é a coisa mais legal que já vi em toda a minha vida de estudos retrofuturistas.

Agradecimentos

Jack, o *Estripador em Nova York* foi uma viagem ensandecida e maravilhosa através do tempo e do mito, cuja passagem me foi entregue por três pessoas igualmente insanas e magníficas. Joe Veltre faz um excelente trabalho como representante dos meus livros há anos, e foi especialmente formidável pondo-me em contato com o intrépido e sempre entusiasmado Pete Harris e o astuto Michael Green, editor da Philomel. O apoio de Pete e a orientação de Michael tornaram o trabalho neste livro muito gratificante.

Explorar a história e a tecnologia do século XIX também me levou a esplêndidas obras de referência. Estudei mapas antigos, horários de trens, manuais de painéis telefônicos, além de milhares de outras coisas. Em termos de realidade, houve o peremptório *The Complete History of Jack the Ripper*, de Philip Sugden (Constable & Robinson, 1994), e o evocativo *Commissioner Roosevelt*, de H. Paul Jeffers (Wiley & Sons, 1994). No campo ficcional, dois romances ambientados em Nova York, nos anos 1890, foram-me muito úteis, *The Alienist*, de Caleb Carr (Random House, 2006) [publicado no Brasil como *O alienista* (Record, 1999)], e o menos conhecido, mas não menos interessante, *The Midnight Band of Mercy*, de Michael Blaine (Soho Press, 2004).

VASUDEV MURTHY
Tradução: Ana Carolina Oliveira

SHERLOCK HOLMES NO JAPÃO
1893, aventuras dos anos perdidos do detetive mais famoso da história

Páginas: 224 **Formato:** 16 cm x 23 cm

Os jornais de 1893 trazem, entre outras, as seguintes manchetes: "Rei Kamehameha III, do Havaí, declara o Dia da Restauração da Soberania", "Tensão entre China e Japão cresce por causa da Coreia", "Sacerdote sênior do Templo Kinkaku-ji é encontrado morto em circunstâncias misteriosas".

O Dr. John H. Watson recebe uma estranha carta de seu amigo,

supostamente morto, e parte para Tóquio. No navio, seu calmo e distinto colega de cabine é assassinado a apenas uma porta de distância. Ao mesmo tempo, nas casas de ópio de Xangai e nos becos de Tóquio, homens sinistros fazem planos malignos. E o Professor Moriarty monitora o mundo por meio de suas redes criminosas, elaborando um mapa para a dominação mundial.

Apenas um homem pode confrontar o diabólico professor. Apenas um homem pode salvar o mundo. E esse homem sobreviveu às Cataratas de Reichenbach!

Sherlock *Holmes no Japão* segue a tradição de muitos livros que preenchem uma lacuna da cronologia oficial de Holmes, após Reichenbach e antes de ele ressurgir em Londres, três anos depois. No entanto, este romance sério-cômico aumenta radicalmente as apostas – com Sherlock Holmes e Dr. John H. Watson encontrando um competidor (ou competidora) à altura. Uma perseguição emocionante, que vai deixar você sem fôlego.